



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Gloria Sônia Mattoso Quêlhas

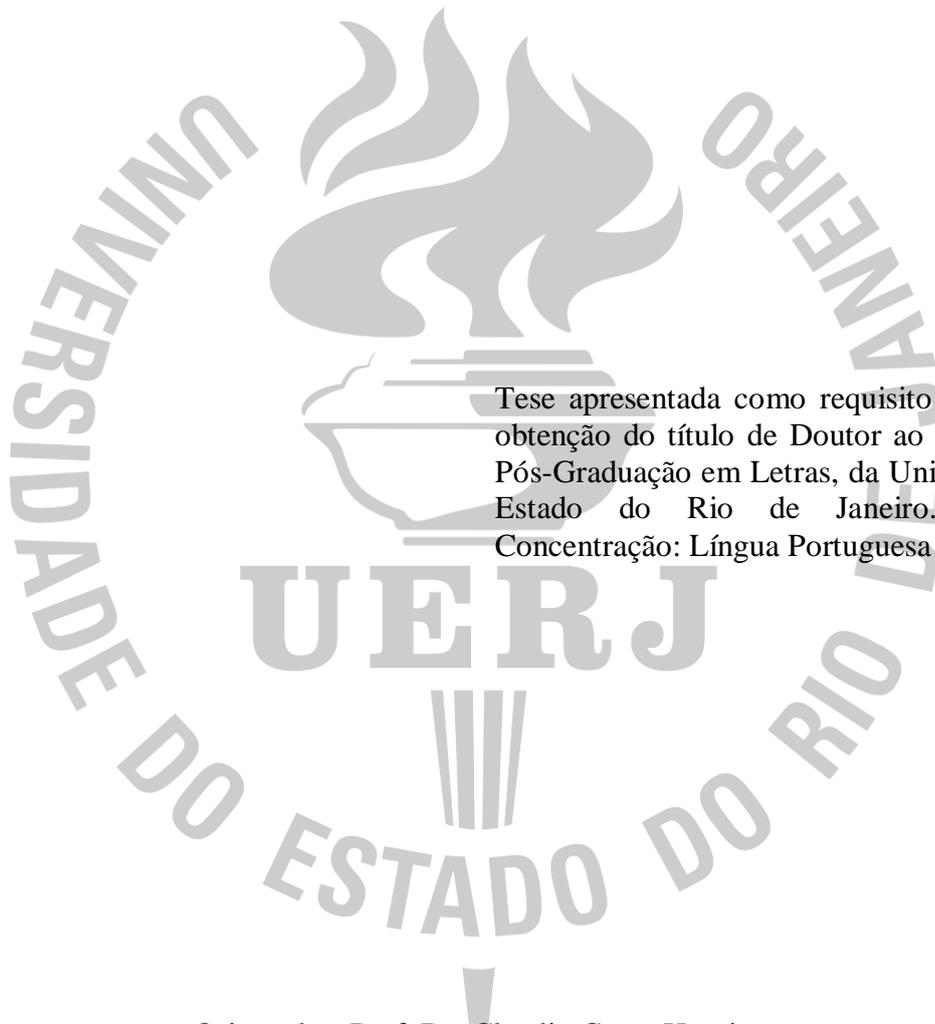
**Anglicismos da área de economia
na mídia contemporânea**

Rio de Janeiro

2017

Gloria Sônia Mattoso Quêlhas

Anglicismos da área de economia na mídia contemporânea



Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Língua Portuguesa

Orientador: Prof. Dr. Claudio Cezar Henriques

Rio de Janeiro

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

Q3 Quélhas, Glória Sônia Mattoso.
Anglicismos da área de economia na mídia contemporânea / Glória Sônia
Mattoso Quélhas. – 2017.
268 f. : il.

Orientador: Claudio Cezar Henriques.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de
Letras.

1. Língua portuguesa - Estrangeirismos - Teses. 2. Jornalismo – Linguagem
– Teses. 3. Economia – Teses. 4. Lexicologia - Teses. I. Henriques, Claudio
Cezar, 1951-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras.
III. Título.

CDU 806.90-316.3

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese,
desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Gloria Sônia Mattoso Quêlhas

Anglicismos da área de economia na mídia contemporânea

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Língua Portuguesa.

Aprovada em 15 de março de 2017.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Claudio Cezar Henriques (Orientador)

Instituto de Letras – UERJ

Prof. Dr. André Crim Valente

Instituto de Letras – UERJ

Prof. Dr. Flávio Aguiar Barbosa

Instituto de Letras – UERJ

Prof^a. Dr^a. Fátima Maria de Oliveira

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

Prof. Dr. Luiz Claudio Valente Walker de Medeiros

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2017

DEDICATÓRIA

A minha mãe Dorothéa, que sempre me
incentivou a ir mais além, e ao meu pai,
João, pelo carinho que sempre me dedicou.
(*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

A Claudio Cezar Henriques, que me conduziu com serenidade ao término deste trabalho, através de seu apoio, dedicação e incentivo.

A todos os professores da Coordenadoria do Curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UERJ, pelo apoio proporcionado durante o curso.

Aos colegas de turma e aos funcionários da Secretaria da Pós Graduação do Instituto de Letras da UERJ, que sempre colaboraram para o êxito do curso.

Aos professores e amigos do CEFET-RJ, em especial, a Kátia Cilene Cunha de Aguiar, Flávia Silveira Dutra, Ângela Norte, Antônio Ferreira Júnior, Leandro Cristóvão e Ricardo Benevides pelo apoio e incentivo durante todo esse processo.

À querida irmã, Lúcia Quêlhas Cardoso, obrigada pela sua presença carinhosa e maternal e pelo incentivo para a conclusão deste trabalho.

Aos amigos e parentes, representados por Eneida Silva Simão, Creusa Mattoso de Almeida e Rose Mary Rangel Nunes Bezerra, que me acolhem com carinho e amor, vocês me fazem forte e feliz.

A minha sobrinha Carolina Mattoso de Almeida, economista, cujo incentivo foi fundamental na realização desse trabalho.

A Leonardo Brafman, pela ajuda técnica na confecção do trabalho.

À Roberta Gatts Sertã e à Tatiana de Souza Barbosa, por terem trazido ao mundo as pessoas mais preciosas, meus netos, Júlia e Matheus, e também por seu carinho e amor com meus filhos e netos.

Aos meus filhos, Bruno e Rafael, que sempre foram a minha grande motivação, na esperança de lhes servir de exemplo ao demonstrar que as nossas conquistas resultam, invariavelmente, de renúncias e sacrifícios.

Aos meus queridos netos Júlia e Matheus, cuja vinda foi um presente muito especial, e que com sua presença e convivência alegam muito a minha vida.

Devemos aceitar o que é impossível deixar de acontecer.

William Shakespeare

RESUMO

QUÉLHAS, Gloria Sônia Mattoso. *Anglicismos da área de economia na mídia contemporânea*. 2017. 268 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

No contexto da consolidação crescente da língua inglesa como língua franca, este trabalho tem por objetivo principal detectar e analisar a incidência de estrangeirismos, em especial dos anglicismos, na redação de textos, em *corpora* de divulgação jornalística da área de Economia. Estudamos as estratégias de apresentação adotadas e os recursos da língua que são ativados para a legitimação da apresentação de estrangeirismos. Neste trabalho, registramos termos da Economia, em inglês, coletados exaustivamente nos números quinzenais da revista EXAME e nos números mensais da revista CONJUNTURA ECONÔMICA, de setembro de 2014 a agosto de 2015. Coletado em um *corpus* de divulgação dirigido a leitores não especialistas, mas interessados nas atividades econômicas, este trabalho se destina a esse público e aos especialistas em assuntos do léxico.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Economia. Estrangeirismos. Anglicismos.

ABSTRACT

QUÉLHAS, Gloria Sônia Mattoso. *Anglicisms in the area of economics in contemporary media*. 2017. 268 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

Due to the growing consolidation of English as the *lingua franca*, this research aims mainly at detecting and analyzing the presence of English words in texts that are present in *corpora* of journalistic diffusion in Economics. We have also studied the presentation strategies that have been used by journalists and also the language resources that are activated towards the certification of the introduction of the English terms. In this research we have registered the economics terms in English that have been exhaustively collected in the biweekly issues of EXAME magazine and in the monthly issues of CONJUNTURA ECONÔMICA magazine from September, 2014 to August, 2015. Since it has been collected in a diffusion *corpus*, aimed at non specialized readers, but that are interested in the economic activities, this work is dedicated to this public and to the specialists in lexicon matters.

Keywords: Portuguese. Economics. Foreign words. Anglicisms.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Tirinha sobre globalização cultural.....	23
Figura 2 – Charge sobre anglicismos no mundo dos negócios.....	26
Figura 3 – Programas de ondas curtas dos EE.UU. para o Brasil.....	32
Figura 4 – Pôster da Feira Internacional de Nova York (1939).....	33
Figura 5 – Foto de Vargas com Roosevelt, em Natal, em 1943.....	35
Figura 6 – Tirinha do personagem Grump.....	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Fatores que podem determinar a atribuição do gênero feminino.....	63
Tabela 2 - Palavras importadas do inglês com significado restrito em português.....	64
Tabela 3 - Exemplos de derivação com base em radicais originários do inglês.....	67
Tabela 4 - Relação de alguns xenoconstituintes em uso no português.....	68
Tabela 5 – Termos do inglês geral na mídia pesquisada.....	95
Tabela 6 – Termos da tecnologia na mídia pesquisada.....	98
Tabela 7 – Termos da economia na mídia pesquisada.....	100
Tabela 8 – Anglicismos Selecionados.....	103

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Gráfico dos termos do inglês geral por revista.....	96
Quadro 2 – Fluxo dos anglicismos na língua portuguesa.....	97
Quadro 3 – Gráfico dos termos do inglês da área tecnológica por revista.....	99
Quadro 4 – Gráfico dos termos do inglês da área econômica por revista.....	101
Quadro 5 – Gráfico do total de anglicismos coletados por revista.....	101

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABS	Anti-locking braking system
ADR	American Depositary Receipt
App	Application
BIM	Building Information Modeling
BRT	Bus Rapid Transit
CDO	Chief Digital Officer
CDS	Credit Default Swap
CE	CONJUNTURA ECONÔMICA
CGO	Chief Growth Officer
CIO	Chief Information Officer
CMO	Chief Marketing Officer
CRM	Customer relationship management
CRO	Chief Revenue Officer
DA	Dicionário Aurélio
DES	delivered ex-ship
DH	Dicionário Houaiss
E	EXAME
EIU	Economist Intelligence Unit
EPA	Environmental Protection Agency
FDA	Food and Drug Administration
Fax	Fax (imile transmission)
FED	Federal Reserve Bank
Forex	Foreign Exchange
Glam	Gays and lesbians at McKinsey
GMAT	Graduate Management Admission Test
GPS	Global Positioning System
Lan	Local area network
MBA	Master of Business Administration
MIT	Massachusetts Institute of Technology
NFC	Near Field Corporation
PAC	Political Action Committee
PC	Personal computer

PDA	Personal Digital Assistant
Ph.D.	Philosophiae Doctor
RFS	renewable fuel standard
SDK	software development kit
Sitcom	situation comedy
SUV	Sport Utility Vehicle
TPP	Trans-Pacific Partnership
WEB	Worldwide Web
Wi-fi	Wireless Fidelity
WWW	World Wide Web

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 ECONOMIA E GLOBALIZAÇÃO	20
1.1 Globalização Cultural	22
1.2 Língua Inglesa, a Língua Franca	26
1.3 Breve Histórico das Origens da Americanização do Brasil	29
2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	40
2.1 Língua, Linguagem e Idioma	40
2.2 Processos de Ampliação do Léxico	41
2.3 Política Linguística	46
2.4 Empréstimo, Estrangeirismo e Anglicismo	50
2.5 Empréstimos linguísticos: Processo de Criação Vocabular	52
3 A INTEGRAÇÃO DOS ESTRANGEIRISMOS AO PORTUGUÊS	59
3.1 Primeira Fase: Transformações Imediatas	61
3.2 Segunda Fase: Transformações Progressivas	65
3.3 Terceira Fase: Integração no Léxico	66
4 APRESENTAÇÃO DOS ANGLICISMOS NO JORNALISMO ECONÔMICO	73
4.1 O Uso da Metalinguagem	73
4.2 O Discurso de Especialidade	79
4.3 Tradução dos Anglicismos	84
5 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	91
5.1 Identificação do <i>corpus</i>	91
5.2 Critérios	92
5.3 Fichas Lexicográficas	107
CONCLUSÃO	204
REFERÊNCIAS	207
ANEXO A – Capas das revistas pesquisadas seguidas pela listagem cronológica dos anglicismos – Revista Exame.....	213
ANEXO B – Capas das revistas pesquisadas seguidas pela listagem cronológica dos anglicismos – Revista Conjuntura Econômica.....	245

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata da análise da presença dos estrangeirismos – especificamente, dos anglicismos - na mídia brasileira, a partir das escolhas lexicais utilizadas em *corpora* de periódicos na área de Economia, a saber: as revistas EXAME e CONJUNTURA ECONÔMICA, de setembro de 2014 a agosto de 2015. A pesquisa parte da constatação de que existe uma quantidade expressiva de anglicismos na mídia de economia e objetiva avaliar os desdobramentos desse uso no português.

Coletado em um *corpus* de divulgação dirigido a leitores não especialistas, porém interessados nas atividades econômicas, este trabalho destina-se a esse público e aos especialistas em assuntos do léxico.

As discussões teóricas em torno da definição de “estrangeirismos” dadas por diferentes autores, como veremos, são convergentes, sendo a análise e a interpretação da ocorrência de estrangeirismos na língua portuguesa nosso foco principal.

O levantamento e a análise se justificam pela preocupação com o estudo da língua portuguesa e pela discussão acerca de seu “enriquecimento” ou “progresso”, sem deixar de atentar para a tentativa de desqualificar a resistência ou o preconceito encontrável em várias camadas da sociedade quanto a este assunto, negando a vitalidade da língua ou condenando-a ao risco da estagnação.

Como fundamentação teórica, recorreremos às teorias de autores representativos da bibliografia linguística que, com suas contribuições sobre o estudo e uso da língua portuguesa, subsidiaram a interpretação da natureza dessas ocorrências, sua evolução na língua portuguesa e conseqüente concorrência para a instituição de uma “miscigenação linguística” que, segundo alguns, arriscaria a existência do nosso idioma.

A supremacia de uma língua costuma estar relacionada à posição de destaque que o país onde ela é usada ocupa no cenário mundial. No século XIX e início do século XX, o francês era considerado a língua culta, a língua da diplomacia, da elite, sendo de “bom tom” conhecê-la, pois a França representava o modelo que todos os outros países deviam imitar.

Com o advento do imperialismo americano sobre todo o mundo, após as duas grandes guerras mundiais, o inglês passou a ocupar o lugar de língua internacional. Aquela sociedade moderna, com máquinas possantes no estilo James Dean, com aparelhos funcionais dentro de casa, com músicas quentes como o *rock n´roll*, fascinava o mundo. Para ratificar tudo isto,

ainda havia uma moeda forte, o dólar. Assim, o inglês foi se firmando cada vez mais como uma ferramenta necessária para todas as pessoas que queriam se comunicar no planeta.

Atualmente, a língua inglesa é condição *sine qua non* para qualquer interessado em acompanhar o que se passa no mundo. O inglês é a principal língua de livros, jornais, aeroportos, comércio internacional, conferências, ciência, tecnologia, diplomacia, esportes, competições internacionais, música e propaganda. E dessa forma, à medida que as culturas e economias mundiais se tornam cada vez mais interconectadas e interdependentes, de maneira política, social e tecnológica, observa-se, então, uma globalização econômica nos padrões de comunicação, que é mediada pela linguagem.

A decisão de pesquisar termos na área de Economia se justifica pelo fato de que as atividades econômicas sempre desempenharam um papel importante em todas as sociedades. A necessidade de trocas e o comércio entre os povos tornaram essas atividades imprescindíveis e ocasionaram o desenvolvimento da Economia como ciência, que consiste, assim, na produção, distribuição e consumo de bens e serviços. O termo *economia* vem do grego οικονομία (de οἶκος, translit. *oikos*, 'casa' + νόμος, translit. *nomos*, 'costume ou lei', ou também 'gerir, administrar': daí "regras da casa" ou "administração doméstica" (HARPER, 2001).

Nelly Carvalho (2009, p. 76) diz que a Economia se destaca como um dos saberes mais requisitados na atualidade. E acrescenta que sua dupla condição de ciência exata, pela matemática financeira, e de ciência humana, por ditar e explicar as normas para trocas materiais entre homens, torna-a uma ciência interdisciplinar. É inegável que a influência da Economia no cotidiano das nações e dos indivíduos é sentida a cada momento, a cada medida governamental.

A partir da segunda metade do século XX, com a rapidez e a acessibilidade das comunicações entre os povos de todos os países, observamos a inserção das atividades econômicas nesse cenário globalizado. Segundo ADDA (2004, p. XI-XIII), a globalização apresenta-se como processo que implica uma mudança que repercute nos diferentes povos do mundo, em maior ou menor escala, dependendo do grau de desenvolvimento de cada país.

Renato Ortiz (2006, p. 17-18) afirma que não existe uma cultura global ou homogênea e que o processo de globalização não é sinônimo de homogeneização ou americanização, mas sim uma condição em que as hierarquias e as linhas de força existem e são desiguais. Em sua opinião, as línguas participam de uma situação de globalização marcada por relações de poder. Ele faz distinção entre *globalização* e *mundialização*, o primeiro termo remete à economia e à tecnologia; o segundo, à cultura:

Uma cultura mundializada não implica o aniquilamento das outras manifestações culturais, ela coabita com elas e delas se alimenta. Um exemplo: a língua. (ORTIZ, 2000, p. 27)

O autor justifica suas colocações utilizando-se da situação de uso cada vez mais disseminado do idioma inglês e prefere dizer

que o inglês é uma ‘língua mundial’. Sua transversalidade revela e exprime a globalização da vida moderna; sua mundialidade preserva os outros idiomas no interior desse espaço translógico. (ORTIZ, 2000, p. 30)

Francisco Labate (2008, p. 4) acrescenta que o inglês também vem se consolidando como língua global em virtude da financeirização. Os ativos financeiros adquiriram uma importância sem precedentes na história do capitalismo mundial. Esse processo extrapolou as economias nacionais, intensificado pela liberalização dos mercados cambiais e pela desregulamentação dos fluxos de capitais. A transnacionalização das aplicações financeiras faz também com que uma gama fundamental de informações circule pela internet no idioma em destaque, o inglês.

Podemos constatar essa globalização da língua inglesa com alguns exemplos retirados de um *corpus* da seção de Economia em duas edições dominicais do jornal “O Globo”:

Crise? Que crise?

Noites de Ibiza espantam a recessão

[...] Mas, naquele dia de agosto, em plenas férias de verão, os barcos dos milionários lotavam os portos e o *nightclub* estava abarrotado. [...] No ano passado, a Pacha abriu o restaurante-cabaré El Lio, que se tornou *point* do *jet set*.” (in “O Globo, Economia, p. 36, 16/09/2012)

Consumidor está mais bem informado

Baixo desemprego e mobilidade social favorecem a expansão do varejo no país

[...] Carlos Pires, sócio responsável pela área de *Consumer Market* da KPMG, concorda que as oportunidades para aquisições e fusões estão na regionalização, e vê na investida dos fundos de *private equity* (...) um obstáculo a mais no caminho de novos grupos varejistas estrangeiros.

[...] Claudio Felisoni, do Instituto Pró Varejo (Provar), da USP, lembra que hoje o varejo vende “*commodities*”, cujos preços são facilmente comparados pelo consumidor pela *internet* e, conseqüentemente, levando a margens muito baixas.

(O GLOBO, Economia, p. 38, 23/09/2012)

A relevância da pesquisa proposta está na contribuição para o desenvolvimento dos estudos de língua portuguesa nos seguintes itens: a estruturação do sentido (palavra, frase, texto e contexto) e a constituição formal do vocabulário e seus registros lexicográficos, já que nossa proposta é estudar a influência estrangeira no léxico do português, tratar dos processos de escolha e de formação de palavras, interpretando o tratamento dado aos estrangeirismos, em especial aos anglicismos, e sua adaptação e integração ao sistema da língua portuguesa.

Devido à consolidação crescente da língua inglesa como língua global, o trabalho tem por objetivo geral detectar, analisar e interpretar a incidência de anglicismos, a partir de uma comparação entre o significado original do vocábulo e o seu uso no português.

As unidades lexicais tomadas como exemplo são palavras introduzidas no português de maneira peculiar. Apesar de serem encontradas em artigos especializados de livros, revistas e jornais, ainda são desconhecidas de muitos dos falantes. O objeto de análise conterà os vocábulos presentes nas revistas que compõem o *corpus*, em sua grafia de origem, ou seja, sem estarem aportuguesadas.

Os objetivos específicos visam a entender os processos de escolha e interpretar a relação entre a forma de apresentação do estrangeirismo e seu grau de integração na língua portuguesa.

O tema da pesquisa em tela, além de abordar os aspectos linguísticos ou lexicográficos, atinge por extensão outros questionamentos, tais como:

- Devemos combater a introdução de estrangeirismos em nosso vernáculo, concordando com projetos autoritários que proibam o uso de empréstimos?
- Existe uma ameaça de extinção da língua portuguesa devido ao uso constante de anglicismos? O uso de anglicismos afeta o léxico do língua portuguesa?
- Um idioma perde as suas características ao se apropriar de uma forma estrangeira que não tem correspondência na língua pátria? A adoção de empréstimos contribui para um aumento de seu léxico, acompanhando os avanços da sociedade nas áreas de tecnologia e pesquisa, do consumo de negócios, da mídia da informação, do entretenimento e da publicidade?

O estudo está organizado em cinco capítulos. O primeiro apresenta uma discussão a respeito da relação entre economia e globalização, com desdobramentos presentes na dimensão de uma globalização cultural, bem como a sua conceituação, a partir de uma visão de homogeneização cultural, pretendendo-se também demonstrar a distinção entre globalização, que remete a economia, e mundialização, que remete a cultura. Nesse capítulo também serão apresentadas as razões por que a língua inglesa é considerada uma língua franca e será traçado um breve histórico das origens da americanização no Brasil.

O capítulo 2 delinea os processos de ampliação do léxico, o conceito de evolução, as mudanças e o aspecto criativo da linguagem, cujo acervo é enriquecido a partir dos empréstimos linguísticos, em especial dos anglicismos, objeto desta pesquisa. A legislação e as associações ligadas à política linguística serão mencionadas, visando a se tentar estabelecer um quadro sobre a maneira específica como o país lida com esse tipo de ocorrência na língua.

O capítulo 3 fornece um entendimento do processo de integração dos anglicismos, por meio de transformações imediatas, progressivas e finalmente a sua integração no léxico.

O capítulo 4 introduz e analisa algumas estratégias de apresentação dos anglicismos, no *corpus* pesquisado, por meio do uso da metalinguagem e da tradução, abordando, também o tema do discurso de especialidade.

No capítulo 5 é feita a identificação do *corpus* e da metodologia adotada. A seguir, organiza-se esse *corpus*, em ordem alfabética, construindo-se um glossário de anglicismos, grafados em língua inglesa, da área da Economia, composto de fichas lexicográficas, onde consta a palavra, seu significado na língua de origem, a ocorrência na língua portuguesa e a situação no português.

Ao final, são apresentadas a conclusão, as referências e o anexo, onde apresentamos as capas das revistas pesquisadas, seguido das lexias estrangeiras de acordo com a ordem em que apareceram nas revistas, por página e cronologicamente.

As revistas EXAME e CONJUNTURA ECONÔMICA, doravante E e CE, são voltadas para a área econômica. Assim, a contribuição deste trabalho reside, sobretudo, no desenvolvimento e ampliação dos estudos referentes ao léxico da economia e vem de encontro à sugestão de John Schmitz (2010) que diz:

Seria de grande utilidade, sem dúvida, identificar os estrangeirismos e sua frequência nos textos técnicos nas áreas de economia, informática, administração, esportes e agricultura. (SCHMITZ, 2010, p. 99)

Toda língua viva tem seus mecanismos de ampliação do léxico, que resultam de dois processos: o processo de criação dentro de si mesma e o processo de adoção e adaptação de um termo de língua estrangeira, isto é, o empréstimo (CARVALHO, 2009, p. 34- 35). A autora acrescenta que, no caso do português do Brasil, os empréstimos vêm através dos Estados Unidos da América, país que é tomado como paradigma de desenvolvimento.

Nesta pesquisa, parte-se da hipótese de que a discussão sobre os anglicismos presentes na língua portuguesa é relevante porque os termos da tecnologia, inseridos no mundo do consumo e dos negócios, contribuem para enriquecer nosso idioma. É preciso considerar então que receber palavras de origem inglesa em forma de empréstimo não tem vínculo com as noções de soberania política ou econômica e, conseqüentemente, linguística.

John Schmitz (2000), no artigo “Língua Pasteurizada” (título que descreve, segundo o autor, a sua visão de linguagem e das línguas do mundo, todas misturadas ou “pasteurizadas”), em 06/01/2000, na Folha de São Paulo, já afirmava:

Para outros especialistas, o inglês é um "carrasco" que se infiltra em outras línguas e culturas. Há várias perguntas que devem ser feitas. O influxo de palavras de língua inglesa (ou de outra nacionalidade) está contribuindo nos dias de hoje para a decadência do português? A "invasão" de itens lexicais de origem estrangeira é a causa da queda de qualidade da produção oral e escrita do idioma nacional por parte de jovens brasileiros? Como resposta às duas perguntas, eu diria que não. [...], a língua portuguesa está bastante saudável, graças ao número significativo de usuários, que se expressam muito bem oralmente e que redigem com clareza e até com criatividade. (SCHMITZ, 2000)

Partimos, portanto, do pressuposto de que os idiomas são palcos de mestiçagem e de interculturalidade e não devem ser encarados como fortalezas de nacionalidade. Assim, a presença dos anglicismos na língua portuguesa não ameaça a cultura brasileira.

Nossa hipótese é que a presença de anglicismos da área de Economia na mídia contemporânea é um fenômeno importante do ponto de vista informativo e comunicativo, mas também o é do ponto de vista expressivo e lingüístico.

1 ECONOMIA E GLOBALIZAÇÃO

Estamos vivendo em uma época e em uma sociedade em que, ao menos na superfície, o aspecto econômico assume precedência sobre o político e o cultural, ou se coloca como referencial das esferas políticas e culturais. (ALVES, 2001, p. 7)

As atividades econômicas sempre exerceram um papel preponderante em todas as sociedades. As necessidades de trocas, o comércio entre cidadãos e entre diferentes povos tornaram essas atividades imprescindíveis e promoveram o desenvolvimento da Economia como ciência.

A partir da segunda metade do século XX, as atividades econômicas foram se inserindo num mundo em que as comunicações foram se tornando mais rápidas e acessíveis aos cidadãos de todos os países. O conceito de globalização, ou mundialização traduz as mudanças por que passou a sociedade.

Moita Lopes (2008) apresenta duas leituras do projeto de globalização. A primeira aceita pelos que entendem ser esse um processo iniciado com as conquistas de Portugal e Espanha no final do século XV e no século XVI.

Esse é o caso do historiador Robbie Robertson (2003) e do crítico cultural Couze Venn (2000). Venn (2000) se refere a tal processo como o de construção do ocidentalismo ou o da construção da Europa como ocidente, resultado de um grande movimento de colonização e subjugação do chamado mundo novo, no qual esteve envolvida a maioria das nações européias, tendo tido o Império Britânico papel especial como uma das maiores forças hegemônicas de colonização e imperialismo. Esse processo tem prosseguimento com a revolução industrial até a Segunda Guerra Mundial, quando o mundo, durante a chamada Guerra Fria, passa a ser dividido em dois grandes blocos de interesse, União Soviética e Estados Unidos, com a vitória do segundo, como grande força imperial, a partir do século XX. (MOITA LOPES, 2008, p. 318)

Moita Lopes (2008) acrescenta que os Estados Unidos tomam as rédeas do mundo, na continuação desse grande processo de ocidentalização, principalmente com a criação de três instituições econômicas internacionais (o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio), que ajudaram a construir a economia global, seguindo quase que completamente os princípios de mercado da economia americana.

Esse projeto atual de globalização é particularmente proporcionado pela tecnologia da informação, possibilitando que o dinheiro vá de um lado para o outro do globo ao se apertar uma tecla. Como Milton Santos (2000, p. 24) indica, “a cada evolução técnica, uma nova etapa histórica se torna possível”, ou como Jameson (1998, p. 55) ressalta, a globalização é “um conceito comunicacional que mascara e transmite significados culturais e econômicos”. (MOITA LOPES, 2008, p. 319)

A outra leitura, acrescenta Moita Lopes (2008, p. 319), é radicalmente diferente daquela representada na visão do imperialismo e cita autores que argumentam que o processo que rege o planeta atualmente não tem nada a ver com imperialismo, mas com Império (com letra maiúscula). Nessa versão o imperialismo acabou. A compreensão da desterritorialização do poder, principalmente depois dos anos 90, chama a nossa atenção para o papel das corporações transnacionais na construção desse novo poder, o qual, segundo Hardt e Negri (2000), citados pelo autor, não se encontra em um território fixo, mas é orquestrado com as nações ricas e as instituições financeiras internacionais.

Da mesma forma, Kumaravadivelu (2006, p. 130) afirma que o conceito de globalização tem significados diferentes para pessoas diferentes em épocas diferentes e acrescenta que o sociólogo norte-americano Steger (2003) define globalização como

uma série multidimensional de processos sociais que criam, multiplicam, alargam e intensificam interdependências e trocas sociais no nível mundial, ao passo que, ao mesmo tempo, desenvolve nas pessoas uma consciência crescente das conexões profundas entre o local e o distante.

Conforme constatou o *United Nations Report on Human Development* (1999, p. 29), a globalização mudou a paisagem do mundo de três modos distintos:

- com a diminuição da distância espacial, as vidas das pessoas (seus empregos, salários e saúde) foram afetadas por acontecimentos, que geralmente desconheciam, no outro lado do mundo;
- com a diminuição da distância temporal, os mercados e as tecnologias mudaram com uma velocidade sem precedente, impactando a vida das pessoas que viviam longe;
- as fronteiras nacionais desapareceram, não somente em termos de comércio, capital e informação, mas também em relação a ideias, culturas e valores.

Isso significa que as vidas econômicas e culturais das pessoas no mundo ficaram mais intensa e imediatamente interligadas, de um modo que nunca ocorreu antes.

A internet, então, se apresentou como o traço mais distintivo da globalização, sendo o motor principal que dirige os imperativos da economia, assim como identidades culturais / linguísticas. Conforme constata Kumaravadivelu (2006, p. 131), o crescimento econômico e a mudança cultural não teriam ocorrido, sem a comunicação global “em uma velocidade vertiginosa e com um alcance surpreendente” (*Human Development Report*, 1999, p.30).

Assim, através de um desenvolvimento sem precedentes na história humana, a internet tornou-se uma fonte singular que imediatamente conecta milhões de indivíduos com outros,

com associações particulares e com instituições educacionais e agências governamentais, tornando as interações à distância e em tempo real possíveis. O inglês, a língua da globalização, é sua mediadora, ou seja, a língua, que neste contexto, representa a ferramenta de interação, comunicação e informação.

1.1 Globalização Cultural

O impacto da globalização nas vidas socioculturais de muitas pessoas em todo o mundo é a tal ponto extraordinário, que o tópico “globalização cultural” é assunto de debate entre os estudiosos de várias disciplinas (KUMARAVADIVELU, 2006, p. 131-132). Como consequência disso emergiram três escolas de pensamento que se sobrepõem. A primeira escola é representada por Barber (1996), teórico político, e por Ritzer (1993), sociólogo, que acreditam que algum tipo de homogeneização cultural está ocorrendo e que, nela, a cultura norte-americana de consumo constitui o centro dominante. Veem uma equação simples e direta: globalização = ocidentalização = norte-americanização = mcdonaldização.

Para fundamentar a homogeneização cultural, apontam que os ideais do individualismo e do consumismo norte-americanos circulam mais livremente e são mais amplamente aceitos como evidenciado por jovens que usam calças Levis e tênis Nike em várias partes do mundo, [], moletons do Chicago Bulls, assistem a clipes na MTV e aos sucessos de Hollywood, comem nas lanchonetes do McDonald’s e da Pizza Hut. Eles também enfatizam que tal homogeneização cultural é facilitada pela indústria de comunicações globais, controlada principalmente pelos interesses norte-americanos (KUMARAVADIVELU, 2006, p. 132).

A segunda escola de pensamento é representada pelo sociólogo Giddens (2000), o crítico cultural Tomlinson (1999) e outros que acreditam que certo tipo de heterogeneização cultural está ocorrendo. Com isso a cultura local e as identidades religiosas estão sendo fortalecidas, principalmente como resposta à ameaça representada pela globalização.

A terceira escola de pensamento, representada pelo crítico cultural Arjun Appadurai (1996) e pelo sociólogo Roland Robertson (1992) entre outros, se apoia na frase: “o problema central da interação global de hoje é a tensão entre homogeneização cultural e heterogeneização cultural” que resume a posição desse grupo. Eles acreditam que, pelo fato de a homogeneização e a heterogeneização estarem acontecendo simultaneamente, o mundo

está mergulhado em uma tensão caótica que resulta no que Robertson chamou de glocalização, onde o global está localizado e o local está globalizado. Segundo eles, a transmissão cultural é um processo de dois modos, no qual as culturas em contato se modelam e remodelam umas às outras direta ou indiretamente. Afirmam que as forças da globalização e as da localização são tão complexas que não podem ser compreendidas na perspectiva limitada de uma dicotomia centro/ periferia. O global está em conjunção com o local, e o local é modificado para acomodar o global (KUMARAVADIVELU, 2006, p. 134).

Citam como exemplo de mercantilização global bem sucedida, que envolve a micromercantilização, na qual os produtos são modelados para se adequar a exigências religiosas, culturais e étnicas, a rede de comida rápida norte-americana Mc Donald's que se sensibiliza aos hábitos locais de alimentação, condicionados por crenças e práticas culturais e religiosas. Serve comida *kosher* em Israel, seguindo as leis do judaísmo, ou comida *halal* em países islâmicos, seguindo tradições religiosas islâmicas, ou comida vegetariana na Índia, onde a maioria das pessoas não come carne (Kumaravadivelu , 2006, p. 134).

Robbie Robertson (2003), um dos membros do terceiro grupo, tem esperança de que a busca por identidades globais e locais, em última análise, evidenciará “signos dinâmicos de vida no grande concerto desse planeta globalizado”. Ainda de acordo com Kumaravadivelu (2006, p. 134-135), solicitando a criação de estratégias efetivas que deem conta do desafio da globalização cultural, ele estimula os educadores a buscarem todas as alternativas possíveis para preparar nossas disciplinas acadêmicas, assim como nossos alunos a enfrentarem o mundo globalizado.

A tirinha seguinte, extraída de um exemplo de Fernandes (2010, p.3), bem exemplifica os sinais da globalização cultural, no mundo que nos envolve, principalmente no universo do consumo e dos negócios, onde há uma avalanche de anglicismos causando ideias controversas na mente do aluno que se vê confuso na hora de executar a tarefa que a professora passou.



FIGURA 1

Fonte: FERNANDES, 2010, f. 3.

O inglês pode ser observado em todos os lugares – em fachadas de loja, em letreiros luminosos, campanhas publicitárias, jornais e revistas. Observando-se o termo “*SALE*”, no último quadrinho, conclui-se ser evidente que ele chama mais a atenção do que o termo “liquidação”, de acordo com o público-alvo visado pelo publicitário. Ao optar pelo termo em inglês, a palavra *sale*, fica estabelecida uma relação de poder e demarcação de classes sociais. Em outras palavras, as classes média e alta buscam por *sales*, pois nesse termo há uma conotação de preços atrativos associados com sofisticação. Por outro lado, a classe baixa identifica-se com as *liquidações*, por essa palavra se identificar com a ideia de preços baixos e produtos oferecidos a sua condição econômica (OLIVEIRA, p. 2010, apud SCHMITT, 2010, p. 4). Portanto, as palavras, anglicismos ou não, são escolhidas conforme os textos, de acordo com a mensagem que se pretende transmitir e com o público que se pretende atingir.

Garcez & Zilles (2010, p. 22-23) afirmam que o apelo da máquina capitalista globalizante é forte demais para que a mídia da informação, do entretenimento e, principalmente, da publicidade possa ou queira deixar de explorar as associações semióticas entre a língua inglesa e o enorme repositório de recursos simbólicos por ela mediado. Eles acrescentam que na sociedade brasileira, onde a disparidade na capacidade de consumo dos cidadãos é imensa, a classe social consumidora se espelha no modelo norte-americano e, dessa forma, o anglicismo marca a diferenciação competitiva entre quem dispõe desse capital simbólico e a massa não consumidora.

David Crystal (2010b, p. 358) advoga que às vezes não compensa traduzir, fato que o mundo dos negócios já sabe há muito tempo, pois as vendas podem se beneficiar se for dado um nome estrangeiro a um produto. O autor cita o caso de uma firma finlandesa, em 1960, que distribuía café enlatado para o mercado doméstico, usando rótulos escritos em finlandês. As vendas não alavancavam. A firma, então, mandou fazer novos rótulos com um texto em inglês nas mesmas latas e as vendas explodiram.

Conforme já mencionado anteriormente, o sociólogo Renato Ortiz (2000, p. 17-18) postula que a globalização é uma condição em que as hierarquias e as linhas de força existem e são desiguais. Em sua opinião, a causa disso é o fato de as línguas participarem de uma situação de globalização marcada por relações de poder. Como vimos, ele distingue *globalização* e *mundialização*, o primeiro termo remetendo à economia e o segundo à cultura.

No processo de mundialização da cultura, conforme o autor, o inglês se transforma em algo estruturante que o transcende. Ele se desterritorializa, se desenraiza de sua americanidade para se tornar uma língua “bastarda adaptada às distorções que as culturas lhe infligem” (ORTIZ, 2000, p. 192). Ao se tornar língua mundial, o inglês se institui como uma peça a ser

legitimamente apropriada, modificada, ressignificada nos diversos contextos de sua utilização e “a diversidade de sotaques é o preço pago por sua hipercentralidade” na galáxia linguística (ORTIZ, 2000, p.29). Ele prefere dizer

que o inglês é uma ‘língua mundial’. Sua transversalidade revela e exprime a globalização da vida moderna; sua mundialidade preserva os outros idiomas no interior desse espaço transglóssico. (ORTIZ, 2000, p. 30)

O autor acrescenta que o desenvolvimento de um espaço transglóssico não abole a função veicular das línguas locais, ele a setoriza. As situações concretas irão determinar os domínios nos quais o inglês evolui. Em alguns casos, ele será preponderante (tecnologia, mídia e educação superior); em outros, estará ausente, ou terá um peso menor (família, religião). (ORTIZ, 2000, p. 29)

Supondo-se que há uma relação estreita entre economia e questões linguísticas, e que a língua inglesa exerce a função de língua internacional nesse mundo globalizado, seu uso passa a ser de suma importância no ambiente dos negócios.

A charge seguinte, destacada por Fernandes (2010, p. 4), ilustra a presença maciça e incontestável dos anglicismos no mundo dos negócios, onde expressões como *coffee break*, *feedback*, *stress tests*, e as siglas *ASAP* (*as soon as possible*- o mais cedo possível) e *DBA*, (*Database Administrator*- Administrador de Bancos de Dados) têm se tornado frequentes nos mercados interno e externo. A integração dos termos é refletida na naturalidade com a qual as personagens os usam, não os identificando como estrangeiros, mas sim, como sendo do português.



Depois do *coffee-break* dá-me o *feed-back* ASAP dos *runs* dos *stress tests* que os DBAs andam a fazer.

FIGURA 2

Legenda: Depois do *coffee-break* dá-me o *feed-back* ASAP dos *runs* dos *stress tests* que os DBAs andam a fazer.

Fonte: FERNANDES, 2010, f. 4.

1.2 Língua Inglesa, Língua franca

David Crystal (2010a, p. 3) afirma que “uma língua alcança *status* verdadeiramente global quando desenvolve um papel especial reconhecido em todos os países”. Claramente, o inglês alcançou tal papel. Tornou-se a *língua franca* do mundo. Por causa de sua associação com a economia global, entende-se que é “a escolha natural para o progresso” (CRYSTAL, 2010a, p. 75), pois é vista como uma chave para abrir portas para a mobilidade social dentro e através de fronteiras nacionais.

Já dissemos que, a supremacia de uma língua costuma estar relacionada à posição de destaque que o país onde ela é falada ocupa no cenário mundial. Cada período histórico teve sua língua franca, ou seja, uma língua internacional que serviu como instrumento auxiliar de comunicação entre pessoas de lugares, culturas e línguas diferentes.

O latim se tornou uma língua internacional por todo o império romano devido ao poderio de Roma. Mais tarde, com o declínio do Império Romano, o latim permaneceu por

mais um milênio como a língua internacional da educação, graças a um tipo diferente de poder - o poder eclesiástico do catolicismo romano.

Conforme o artigo “Língua Pasteurizada”, que John Schmitz (2000) escreveu, em 06/01/2000, na Folha de São Paulo:

A presença no português do Brasil de vocábulos de origem inglesa reflete a condição do inglês como idioma internacional falado nos quatro continentes, por mais de 427 milhões de pessoas que o consideram a sua língua materna. Para alguns especialistas no campo dos estudos linguísticos, o inglês é o "latim do século 21", fadado a continuar a ser, num mundo cada vez mais internacionalizado, o veículo transportador de conhecimento tecnológico-científico-cultural. (SCHMITZ, 2000)

David Crystal (2010a, p. 7) postula que há ligações intrínsecas entre o domínio linguístico e o poder cultural. Sem uma forte base de poder, seja político, militar ou econômico, nenhuma língua pode progredir como um meio internacional de comunicação. A língua não existe independentemente de seus falantes. Assim, quando são bem sucedidos no cenário internacional, o mesmo acontece com a sua língua.

Dessa forma, o grego se tornou uma língua de comunicação internacional há mais de 2000 anos, impulsionado pelos exércitos de Alexandre; o latim, pelas legiões do Império Romano; o árabe veio a ser amplamente falado no norte da África e no Oriente Médio devido à expansão do Islã, apoiado pelos exércitos mouros do século VIII. E o espanhol, o português e francês também se infiltraram nas Américas, na África e no Oriente Médio, graças às políticas dos reis e rainhas da Renascença e da forma pela qual suas políticas foram implementadas pelos exércitos e navios por todo o mundo conhecido.

Como se pode observar, a história de uma língua global pode ser traçada através das expedições bem sucedidas de seus falantes soldados e marinheiros. Da mesma maneira, o inglês não foi uma exceção. (CRYSTAL, 2010a, p. 9)

No entanto, David Crystal (2010a) acrescenta que o domínio internacional de uma língua não é apenas o resultado de força militar. Pode ser para estabelecer a língua, mas tem que ser também uma nação economicamente poderosa para mantê-la e expandi-la.

O crescimento dos negócios e de uma indústria competitiva trouxe uma explosão internacional do *marketing* e do *business*.[...] A tecnologia, principalmente na forma do cinema e dos discos, canalizou as novas indústrias de entretenimento de massa, o que teve impacto mundial. O impulso no progresso da ciência e da tecnologia fomentou um ambiente internacional intelectual de pesquisa, conferindo ao conhecimento acadêmico um alto nível de desenvolvimento. Qualquer língua, no centro de tamanha explosão de atividade internacional, teria sido repentinamente alçada a um status global. (CRYSTAL, 2010a, p. 10, minha tradução)

Assim, vale repetir, uma língua atinge esse status genuinamente global quando desenvolve um papel especial que é reconhecido em todos os países (CRYSTAL, 2010a, p. 3). Para atingir tal status, ela tem de ser aceita pelos outros países por todo o mundo, que têm de decidir lhe conceder um lugar especial dentro de suas comunidades.

David Crystal (2010a, p. 4-5) advoga que há duas maneiras pelas quais isso acontece: ser a segunda língua do país, como acontece com o inglês em Ghana, Nigéria, Índia, Cingapura, por exemplo, ou pode ser transformada em uma prioridade no ensino de língua estrangeira de um país, mesmo sem ter *status* oficial: o inglês é a língua estrangeira mais ensinada em mais de 100 países, tais como China, Rússia, Alemanha, Espanha, Egito e Brasil. E, na maior parte desses países, é a língua estrangeira frequentemente escolhida para ser ensinada como prioridade nas escolas, destituindo outras línguas no processo. Em, 2013, por exemplo, o inglês foi a língua escolhida pela comunidade do CEFET-RJ, onde esta autora atua, em detrimento do espanhol.

A história nos mostrou que o imperialismo político da Inglaterra lançou o inglês pelo mundo, durante o século XIX, de tal forma que era a língua “*onde o sol nunca se põe*”. Durante o século XX, esta presença global foi mantida e promovida, quase que unilateralmente, através da supremacia da nova superpotência anglófona, os Estados Unidos, cuja língua se impunha por detrás do dólar americano.

Depositária privilegiada dos conhecimentos modernos – espécie de biblioteca viva de um século de avanços científicos e técnicos – a língua inglesa ocupa um lugar sem paralelo no universo lingüístico. Dentre todas, foi a que mais se expandiu na história do nosso planeta, a ponto de ser hoje utilizada pelo menos por um habitante do globo em cada sete. (COSTA, 2000, p. 78-79)

O fato é que o inglês não depende mais dos Estados Unidos ou da Inglaterra. Está agora sendo moldado por um mundo cuja segunda língua é o inglês, e cujos pontos de referência cultural são expressos em inglês, mas sem referência às suas origens inglesas ou americanas (*Newsweek, June 21, 2010*).

Não se tem hoje uma língua inglesa (*English*), mas variedades do inglês, *Englishes*, como usa David Crystal (2005, p. 9).

Não existe nenhum precedente na história humana para o que está acontecendo com as línguas em tais circunstâncias de mudanças rápidas. Nunca houve uma época em que tantas nações precisaram se comunicar tanto. Nunca houve uma época quando tantas pessoas desejassem viajar para tantos lugares. Nunca houve tanta dependência colocada nos recursos convencionais de traduzir e interpretar. Nunca houve a necessidade de que o bilingüismo fosse maior para facilitar a carga colocada nos poucos profissionais. E nunca houve uma necessidade mais urgente de uma língua global. (CRYSTAL, 2010a, p. 14, minha tradução)

1.3 Breve Histórico das Origens da Americanização no Brasil

Os empréstimos linguísticos são uma das formas pelas quais se verifica a presença de uma língua estrangeira em outra língua. A globalização aumenta ainda mais a transmissão de palavras entre línguas, pois as modernas tecnologias produzem objetos, técnicas e até novos conceitos que passam de um país a outro, carregando consigo os vocábulos que os designam. Dessa forma, as mudanças linguísticas ocorrem para atender as necessidades de seus usuários.

Apesar de esse fato ter se intensificado atualmente, ele já é conhecido e verificado há tempos.

No caso da língua portuguesa, observam-se influências bem mais antigas, como nos anos que se seguiram à Idade Média até o início do século XX, que foi quando o francês dominava, já que a França era tida como o modelo de civilização. Após a Primeira Revolução Industrial, essa influência passou à Inglaterra, devido à importação de meios de transporte, comunicação e prestação de serviços ligados aos ingleses.

Nelly de Carvalho (2009, p. 68) cita a Inglaterra, como a primeira nação poderosa a conceder empréstimos ao Brasil e a vir “solícita” e “cuidadosa” instalar os primeiros serviços públicos de transportes (urbanos e interurbanos) e comunicações (telefone e telégrafo).

Além dessas contribuições, a língua portuguesa também recebeu uma grande influência do espanhol, devido mais à vizinhança territorial do que à proximidade linguística. Verificam-se também influências do italiano, alemão e japonês, localizadas ou ligadas à gastronomia, que foram trazidas pelos imigrantes durante as duas guerras mundiais.

Observa-se, também, um grande número de empréstimos do tupi-guarani.

Mas, a grande influência, que suplantou a da Inglaterra foi a norte-americana, por causa de fatores econômicos, tecnológicos e sociais.

Atualmente, o Brasil é um país que tem grande influência norte-americana, fato que pode ser observado no uso de palavras inglesas que impregnam diversos setores como a publicidade, a informática e a economia.

Constatamos que é na área econômica que a influência americana é visível, pois a maior parte da economia brasileira depende da americana. É de lá que nos vêm os empréstimos financeiros, da mesma forma que as palavras que nomeiam as operações.

EXEMPLO: Há um risco não trivial de que o Brasil perca o grau de investimento das agências de *rating*, o que provocará forte desvalorização do câmbio, a ser contida com

a venda de reservas e mais *swaps*. (CE, volume 68, nº11, de novembro de 2014, pág. 11)

E assim, hoje, por novos meios de difusão, é o inglês norte-americano que fornece as lentes para filtrar a realidade. Segundo Nelly de Carvalho (2009, p. 68), são lentes poderosas, instaladas com o auxílio das tecnologias de ponta da moderna sociedade de consumo, que oferece uma visão de mundo através do *lobby*, do *know how*, do *establishment*. Da mesma forma, as novidades do mundo da economia são nomeadas em inglês, sobretudo como forma de ganhar prestígio. (CARVALHO, 2009, p. 77)

Corroborando essa constatação, citamos Garcez & Zilles (2010, p. 22-23), conforme já foi mencionado, que afirmam ser o apelo da máquina capitalista globalizante forte demais para que a mídia da informação, do entretenimento e, principalmente, da publicidade possa ou queira deixar de explorar as associações semióticas entre a língua inglesa e o enorme repositório de recursos simbólicos por ela mediados.

Ao se voltar no tempo para procurar encontrar as razões dessa influência e para resgatar que recursos simbólicos seriam esses, encontramos a pesquisa de Antonio Tota (2000), que situa o Brasil como ponto estratégico na disputa com o Eixo e que se transformou, durante a Segunda Guerra Mundial, numa das prioridades da política externa americana. Para o presidente Roosevelt, garantir o apoio do país era indispensável para manter a soberania do continente e, por consequência, dos Estados Unidos.

Com esse propósito foi criada uma agência especial comandada pelo multimilionário Nelson Rockefeller, cujo objetivo era promover o estreitamento das relações entre americanos e brasileiros – principalmente através dos meios de comunicação. A agência organizou um verdadeiro “bombardeio ideológico” ao país, divulgando, através do rádio, do cinema e das revistas, um mundo atraente de consumo e progresso. Não podia ser diferente: encarnado por astros como John Ford, Walt Disney ou Orson Welles, o *american way of life* tornava-se quase irresistível.

Tais acontecimentos ocorreram durante a década de 1930, em meio à recessão trazida pela crise financeira de 1929, quando estava em vigor o *New Deal*, que era o plano de recuperação econômica lançado pelo presidente Franklin Delano Roosevelt (1882-1945), inspirado nas ideias do economista inglês John Maynard Keynes (1883-1946), e que se constituiu no período mais intervencionista da história econômica americana.

O rádio como um meio de comunicação moderno foi a ferramenta utilizada pelos americanos para dar conta de duas importantes incumbências da citada agência: difundir entre

os americanos uma imagem positiva dos países latino-americanos, em especial do Brasil, e convencer os brasileiros de que os Estados Unidos sempre foram amigos do Brasil.

Antonio Tota (2000) relata que a programação das emissoras americanas de ondas curtas era publicada em diferentes revistas e jornais brasileiros, como parte do esforço de guerra, e, como ilustração dessa programação, inclui a Figura 3, a seguir.

A figura 3 mostra que os programas de notícias “O Mundo Hoje”, “Resumos dos Programas”, “Resenha dos Programas”, “Notícias” e “Resumo das Notícias” são intercalados com muitos programas de músicas americanas, como “Sinfonia da NBC”, “Melodias da Broadway”, “A Vida em Hollywood”, “Música da América”, “Orquestra Filarmônica de Nova York”, etc. e com transmissões de programas e de músicas de cantores brasileiros ou latinos, como “Magia Tropical”, “Serenata Tropical”, “Caravana Tropical”, “Olga Coelho e Trio Charro Gil”, “Reinaldo Henriquez e a Orquestra Panamericana”, “Eva Garza e Trio Charro Gil”, etc.

Constatamos então que os meios de comunicação, no período estudado por Antonio Tota (2000), foram usados pedagogicamente buscando americanizar o Brasil. Conforme o autor postula, houve um projeto de americanização com ações deliberadas e planejadas visando a um objetivo. A existência desse projeto não exclui o processo de americanização conduzido pelas forças de mercado. Ao contrário, há evidências da imbricação dos dois processos.

Antonio Tota acrescenta que nossa americanização não se deu de forma passiva. Houve uma interação entre a cultura americana e a brasileira. O “choque cultural” provocado pela forte presença dos meios de comunicação norte-americanos não destruiu nossa cultura, mas acabou produzindo novas formas de manifestação cultural (TOTA, 2000, p.191).

O autor acrescenta que um povo só incorpora um determinado valor cultural de outro povo se isso fizer sentido no conjunto geral de sua cultura, o que significa que a assimilação cultural não se faz por imitação, mas por um complicado processo de recriação. Dessa forma, um povo não aceita todos os elementos culturais do outro, mas apenas uma parte, dando a ela novos sentidos. Portanto, essa assimilação envolve uma escolha e uma recriação. Abaixo uma citação de Tota (2000), fazendo referência ao livro *Sociologia do açúcar (Pesquisa e Dedução)*, p. 393, de Luís da Câmara Cascudo:

Resistência, antropofagia, condição e sincretismo ocorrem simultaneamente. Ou seja, a assimilação cultural não é uma simples imitação, como acentuam alguns de nossos críticos marxistas. A americanização “não é reprodução, nem repetição [...]”. Ela forma uma unidade, mas mantém a distinção. “unidos mas distintos, como soldados de pelotão.” (TOTA, 2000, p.193)

Cabe mencionar aqui que a nossa intenção, ao resgatar todo esse processo histórico, é a de entender o uso dos anglicismos na mídia pesquisada como um processo de escolha e recriação, por parte dos usuários, dos termos em língua inglesa da área de economia.

PROGRAMAS DE ONDAS CURTAS
em português
DOS EE.UU. PARA O BRASIL

Transmitindo simultaneamente das seguintes estações:

WCBX - 17.83 Mgcs. (Faixa de 16 ms.)	das 18.00 às 20.45	★
" - 9.49 " (Faixa de 31 ")	das 21.00 às 24.30	
WRCA - 15.15 " (Faixa de 19 ")	das 18.00 às 24.30	★
WGEA - 11.85 " (Faixa de 25 ")	das 18.30 às 24.30	

Hora do Rio Domingo

18:00 Eulália de NBC
19:00 **O Mundo Hoje**
19:10 **Resumo dos Programas**
19:15 Melodias de Broadway
19:30 A Vida em Hollywood
19:45 Seleções de Overture
20:00 **Rádio Jornal**
20:05 Sálvio de Concerto
20:15 Música Semi-Classica
20:45 **Resenha dos Programas**
21:00 **Notícias**
21:15 Música de América
21:45 Bandas Militares
22:00 **Notícias**
22:15 Clara Coelho e Trio Cherro Gil
22:15 Trio Cherro Gil e Orquestra Panamericana
23:00 **Notícias** Filarmônica de Nova York
23:15 Orquestra Filarmônica de Nova York
00:00 **Resumo das Notícias**
00:15 Devaneto Musical
00:30 Encerramento

Hora do Rio Segunda

18:00 **Resumo dos Programas e Notícias**
18:15 Música Tropical
18:30 A Semana em Revista
18:45 Divertidos e Conscios
19:00 **Notícias**
19:15 Teatros Musicais das Américas
19:30 **Rádio Jornal**
19:45 Música de Jazz e sua Orquestra
20:15 **Resenha dos Programas**
20:45 Música Semi-Classica
21:00 **Notícias**
21:15 Orquestra de Walter Gross
21:30 **Notícias**
21:45 Orquestra de Walter Gross
22:00 **Notícias**
22:15 Orquestra de Walter Gross
22:30 **Notícias**
22:45 Orquestra de Walter Gross
23:00 **Notícias**
23:15 Trio Cherro Gil
23:30 **Resumo das Notícias**
00:00 **Resumo das Notícias**
00:15 Orquestra de Raymond Scott
00:30 Encerramento

Hora do Rio Terça

18:00 **Resumo dos Programas e Notícias**
18:15 Canções das Nações Unidas
18:45 **Resenha Literária**
19:00 **Notícias**
19:15 Chopiniana
19:30 Cabeça Nova York
20:00 **Rádio Jornal**
20:15 Enoch Light e sua Orquestra
20:45 Fred Waring e sua Orquestra
21:00 **Resenha dos Programas**
21:00 **Notícias**
21:15 Orquestra de Raymond Scott
21:30 **Notícias**
21:45 Música por Tucci
22:00 **Notícias**
22:05 Andra Kostelanetz e sua Orquestra
22:30 Eva Garza e Orquestra Panamericana
23:00 **Notícias**
23:15 Trio Cherro Gil
23:30 A Orquestra Municipal de St. Louis
00:00 **Resumo das Notícias**
00:15 Orquestra Panamericana
00:30 Encerramento

Hora do Rio Quarta

18:00 **Resumo dos Programas e Notícias**
18:15 Valsas Famosas
18:45 Serenata Tropical
19:00 **Notícias**
19:15 Seleções de Overture
19:45 Dinah Shore - canções
20:00 **Rádio Jornal**
20:15 Contrastes Musicais
20:30 Associação Americana
20:45 Música Semi-Classica
21:00 **Resenha dos Programas**
21:00 **Notícias**
21:15 Orquestra de Walter Gross
21:30 **Notícias**
21:45 Concertos de Jazz
22:00 **Notícias**
22:15 Eileen Farrell e a Orq. da CBS
22:30 Renaldo Henriques e a Orquestra Panamericana
23:00 **Notícias**
23:15 Eva Garza e Orquestra Panamericana
23:30 Música de Manhattan
00:00 **Resumo das Notícias**
00:15 Quarteto Golden Gate
00:30 Encerramento

Hora do Rio Quinta

18:00 **Resumo dos Programas e Notícias**
18:15 O Clube do Swing
18:30 Música Norte Americana
19:00 **Notícias**
19:15 Orquestra "Pops" de Boston
20:00 **Rádio Jornal**
20:15 Enoch Light e sua Orquestra
20:45 Fred Waring e sua Orquestra
21:00 **Resenha dos Programas**
21:00 **Notícias**
21:15 Orquestra de Raymond Scott
21:30 **Notícias**
21:45 Casper Calhoun par A América do Norte Canta
22:00 **Notícias**
22:15 Clara Coelho e Eva Garza, Trio Cherro Gil e Orquestra Panamericana
22:30 **Notícias**
22:45 Trio Cherro Gil
23:00 **Resumo das Notícias**
00:00 **Resumo das Notícias**
00:15 Devaneto Musical
00:30 Encerramento

Hora do Rio Sexta

18:00 **Resumo dos Programas e Notícias**
18:15 Momento Musical
18:45 Revista Cultural
19:00 **Notícias**
19:15 Música do Novo Mundo
19:45 Música de Dança
20:00 **Rádio Jornal**
20:15 A Pipina feminea
20:45 Música Semi-Classica
21:00 **Resenha dos Programas**
21:00 **Notícias**
21:15 Orquestra de Walter Gross
21:30 **Notícias**
21:45 Cartes em Revistas
22:00 **Notícias**
22:05 Palcos Sencilhos de Moises
22:30 **Comentário**
22:35 R. Henriques e Orq. Panamer.
23:00 **Notícias**
23:15 Trio Cherro Gil
23:30 Orq. de Concertos CBS e Selistas
00:00 **Resumo das Notícias**
00:15 Orquestra de Paul Barron
00:30 Encerramento

Hora do Rio Sabado

18:00 **Resumo dos Programas e Notícias**
18:15 Orq. de Alfred Wallentzen
18:45 **Ballet, Latino-Americano**
19:00 **Notícias**
19:15 Chopiniana
19:30 Música Popular
20:00 **Rádio Jornal**
20:15 Caravana Tropical
20:45 Fred Waring e sua Orquestra
21:00 **Resenha dos Programas**
21:00 **Notícias**
21:15 Orquestra de Raymond Scott
21:30 **Notícias**
21:45 Bandas Militares
22:00 **Notícias**
22:15 **A Hit Parade**
22:45 R. Henriques e Orquestra Panamericana
23:00 **Notícias**
23:15 Orquestra de Variedades
23:30 Música de Hope e Othen
00:00 **Resumo das Notícias**
00:15 Orquestra de Herry James
00:30 Encerramento

TRANSMISSÕES EM "ONDAS DIRIGIDAS" PARA O BRASIL.

28. A programação das emissoras americanas de ondas curtas era publicada em diferentes revistas e jornais brasileiros, como parte do esforço de guerra.

FIGURA 3

Fonte: TOTA, 2000.

O laboratório experimental do projeto radiofônico foi a Feira Internacional de Nova York, que contribuiu, em parte, para a americanização da sociedade brasileira. Os brasileiros que, a partir de abril de 1939, visitaram a Feira, ou que consultaram jornais e revistas, ficaram maravilhados diante de aparelhos de barbear, máquinas de lavar roupas, primitivos aparelhos de televisão e robôs. Enfim, os *gadgets* exerceram tamanho fascínio que, ao voltar ao Brasil,

esses visitantes incorporaram a idéia de que a modernização brasileira deveria seguir o modelo americano. (TOTA, 2000, p.95)

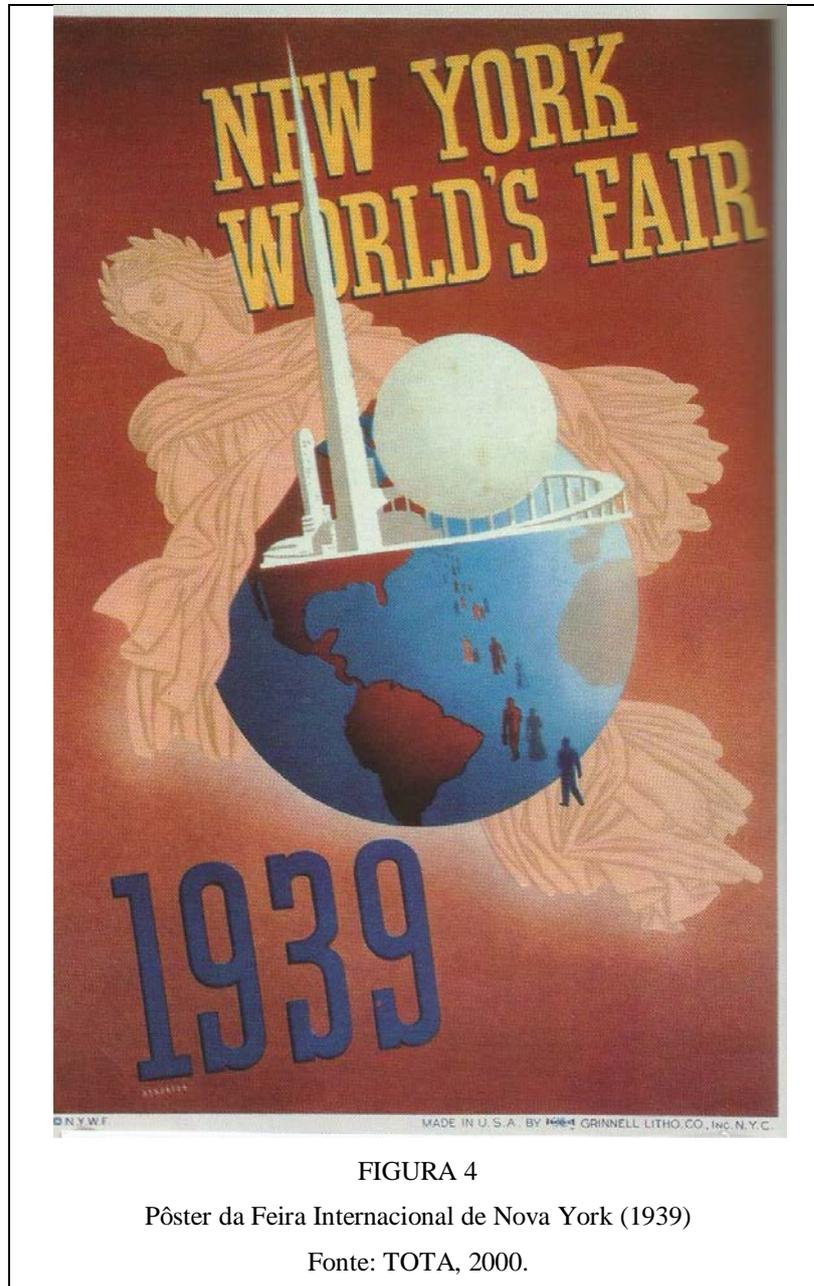


FIGURA 4

Pôster da Feira Internacional de Nova York (1939)

Fonte: TOTA, 2000.

A Feira, como se vê na ilustração anterior (Figura 4), havia sido planejada por homens de negócios americanos, com a intenção de criar uma visão otimista do futuro e abrir novas possibilidades para o progresso material. No pavilhão Futurama, da General Motors, o visitante subia num avião e, num voo simulado, viajava para o futuro, percorrendo todo o território dos EUA, no distante ano de 1960. Nessa Terra do Futuro – o slogan da Feira era *The World of Tomorrow* – o viajante passeava por grandes autoestradas com pontes suspensas

controladas por rádio. E, no final da jornada, o visitante recebia um *button: I have seen the future*. (Eu vi o futuro). (TOTA, 2000, p. 95)

Já no pavilhão da Westinghouse havia um desfile de aparelhos para o lar: fantásticas máquinas de lavar pratos prometiam às donas de casa o fim de desgastantes trabalhos domésticos. Um robô, chamado Eletro, prenunciava a extinção da própria dona de casa.

A inauguração oficial da Feira, em 30 de abril de 1939, foi televisionada pela RCA-NBC *Television Service*, mostrando Roosevelt em visita ao pavilhão da Westinghouse, onde os visitantes puderam presenciar esse “milagre”. Apesar de a voz do presidente já ser bem conhecida pelo rádio, esta era a primeira vez que se usava a palavra *telegênico* em referência à simpatia de Roosevelt. Em suas palavras, a Feira era o lugar “onde o sonho se torna realidade” (*where dreams come true*), como disse, num programa de rádio, Groven Whalen, presidente do evento. (TOTA, 2000, p. 96)

Outro fato relatado por Antonio Tota foi um resultado da convivência de americanos com brasileiros nordestinos na base aérea americana em Natal, conhecida como Parnamirim Field, em meados de 1942. Os mecânicos levantavam os polegares, *thumbs up*, para os pilotos quando os motores, depois de revistos, funcionavam bem. Dessa forma, esse gesto popularizou-se no Brasil depois de 1942, trazido pelos americanos, transformando o *thumbs up* em sinônimo de concordância, de amizade, de beleza, de interrogação, de bom-dia, boa-tarde e boa-noite. Serve para quase tudo. De Parnamirim Field, nos anos 40, o gesto que simboliza a nossa americanização espalhou-se pelo Brasil (e pelo mundo).

Assim, diante da conjuntura mundial de 1940, na visão da política externa norte-americana, o Brasil era visto como um importante parceiro no hemisfério. Dessa forma, a pacífica americanização do Brasil era considerada a forma mais segura para garantir essa parceria. (TOTA, 2000, p. 18-19)

A imagem seguinte (Figura 5) ilustra outro instantâneo dessa americanização, registrado numa fotografia tirada no Rio Grande do Norte, em janeiro de 1943. O presidente Roosevelt, que voltava da Conferência de Casablanca, aparece sorrindo num jipe, de terno de linho branco e chapéu panamá, acompanhado por um Getúlio Vargas também sorridente e confiante. Era a nova imagem sedutora transmitida por Roosevelt aos brasileiros.



FIGURA 5

Roosevelt, Vargas e militares americanos e brasileiros na base americana em Natal, conhecida como Parnamirim Field. Neste encontro, realizado em 1943, negociou-se a participação militar do Brasil na guerra.

Fonte: TOTA, 2000.

O tema da “americanização” do Brasil transformou-se em verdadeira polêmica. Quase sempre associado à modernização, é objeto de perene discussão. Acadêmicos, intelectuais e artistas já esgotaram, e ainda esgotam consideráveis argumentos a favor e contra, pois os *links* entre cultura e dependência econômica são bem evidentes nas análises. (TOTA, 2000, p. 10)

Cabe aqui mencionar a pesquisa de Aguinaldo Pereira (2013) que informa que na década de 1940, com a campanha de nacionalização do Governo Vargas foi instaurada uma política de perseguição aos falantes de línguas estrangeiras no Brasil. Uma das ideias era homogeneizar o idioma, fazendo do português a única língua do brasileiro. Dornelles (2011, p.28) menciona que “essa ação encapsulou a contradição entre a calorosa recepção aos imigrantes e a rejeição ofensiva às suas línguas”. Conforme afirma a autora, isso pôde garantir “a idealização da unidade linguística, assim como a mão de obra necessária para a expansão econômica.”

No começo dos anos 30, o carioca Lamartine Babo compôs o foxtrote “Canção para inglês ver”. Nos versos, a maioria das palavras tinha homofonia com o inglês:

Ai Love iú
Forget isclaine maine Itapiru
Forget faive ander uda ai shel
No bonde Silva Manuel (money well)
 [...]

Ai, Jesus!
Abacaxi, whiskey of chuchu
Malacacheta independencin day
No strit flash me estrepei (step away)
Delícias do inhame
Elixir de inhame
Reclame de andaime
Mon Paris, jê teme
Oh! Yea! Mai veri gud nait [...]

(TOTA, 2000, p. 14)

O próprio título, “Canção para inglês ver”, está ligado à tradicional relação entre luso-brasileiros, de um lado, e ingleses, de outro. A expressão teria nascido da frase de D. João, príncipe regente, quando, em 1808, chegou a Salvador, toda iluminada para recebê-lo: “Está bom para inglês ver”. (CASCUDO, 1970, apud TOTA, 2000, p. 14)

Pode-se observar, através da grafia das palavras, num inglês aportuguesado, a tendência dos anos 20 de crítica aos estrangeirismos. Não se encontra em nenhum dicionário de inglês o significado de algumas palavras que Lamartine Babo usou nessa canção. A crítica ao estrangeirismo adquire um caráter quase antropofágico (no sentido modernista): o uísque (*whiskey*) era feito de chuchu, ingrediente de pratos populares, e não do malte escocês ou do milho americano do Kentucky. O “*Ai Love iú*” rima com a palavra *Itapiru*, de raiz tupi-guarani (TOTA, 2000, p. 14).

Tota (2000, p.11), afirma que a corrente que responsabiliza a “americanização” por desestruturar e mesmo destruir a nossa cultura possui um arsenal teórico herdado do marxismo. Os argumentos desse grupo se fundamentam em modelos socioeconômicos que relacionam, quase sempre, a dependência cultural à economia.

No entanto, discussões acaloradas têm ofuscado uma investigação mais substancial da natureza da influência cultural americana exercida pelos meios de comunicação. Concordamos com Antonio Tota (2000), pois nem sempre podemos responsabilizar o imperialismo dos meios de comunicação pela influência e pela preponderância de outras culturas sobre a nossa, se fizermos assim, há o risco de fetichizar esses mesmos meios de comunicação.

Tota postula que o componente ideológico mais importante do americanismo é o progressivismo, fortemente arraigado na cultura americana. O termo (*progressivism*) não pode ser literalmente traduzido para o português, mas está associado ao racionalismo, à ideia de um

mundo de abundância e à capacidade criativa do homem americano (a chamada *American ingenuity*). Essa dimensão do americanismo enaltece o homem energético e livre, capaz de transformar o mundo natural. Graças a isso, o mercado podia oferecer em abundância vários produtos úteis e atraentes, criando uma nova forma de prazer: o prazer de consumir. E, já que esses produtos estariam ao alcance de qualquer pessoa, independentemente da posição na sociedade de classes, a vida ficaria muito mais fácil, agradável e enriquecedora (TOTA, 2000, p.20).

Tudo era ditado pelo ritmo do capital gerador do dinheiro. Irresistível. Eliminadas as dificuldades da vida no mundo moderno, estariam também removidas as fontes de insatisfação social. Paz social alcançada pela generalização do consumo. Algumas palavras adquiriram um significado mítico na ideologia do americanismo: *progresso, ciência, tecnologia, abundância, racionalidade, eficiência, gerenciamento científico e padrão americano de vida*. (TOTA, 2000, p.20)

De todos os componentes ideológicos do americanismo, o progressivismo, por seu caráter simples e direto (trabalhar, produzir, ganhar dinheiro e consumir), era adequado para “conquistar” as “outras Américas”. [...] Os outros componentes ideológicos do americanismo, atenuados, estavam embutidos e presentes no progressivismo. (TOTA, 2000, p.21).

Dessa forma, conforme se pode constatar, a chegada visível do “Tio Sam” ao Brasil culminou nos anos 1940 e tinha propósitos muito bem definidos. A presença econômica, menos visível, era bem anterior e certas manifestações culturais, como o cinema de Hollywood, já inculcavam valores e ampliavam mercados no Brasil. Essa década, então, é notável pela presença cultural maciça americana, entendendo-se cultura no sentido amplo dos padrões de comportamento, da substância dos veículos de comunicação social, das expressões artísticas e dos modelos de conhecimento técnico e saber científico. O traço comum às mudanças que então ocorriam no Brasil, na maneira de ver, sentir, explicar e expressar o mundo era a marcante influência que aquelas mudanças recebiam do *American way of life* (MOURA, 1984, p. 8, apud TOTA, 2000).

A revista *Seleções* era um exemplo disso:

Ah! A famosa *Seleções*. Embora a revista não fizesse parte diretamente do projeto de Rockefeller, desempenhou um papel importante na difusão do americanismo no Brasil. [...] No Brasil, foi lançada na primeira metade de 1942, no mesmo ano em que também chegaram a Coca-Cola e o sorvete Kibon. Na capa vinha escrito SELEÇÕES; logo abaixo, as palavras “Do *Reader's Digest*”. Eis aí uma quase redundância. Traduzindo: *digest* significa uma seleção de textos, mas também digerível. [...]

Editada em português nos Estados Unidos, em papel que garantia a qualidade das ilustrações, com ela os americanos esperavam conquistar o brasileiro urbano médio por meio de seus anúncios e de artigos que celebravam o *American way of life*. O próprio nome da revista é elucidativo de seu funcionamento. Seleção mensal de artigos publicados em outros veículos da imprensa americana. A ideia principal, a

filosofia da revista, revelava-se em seu subtítulo: “Artigos de interesse permanente”. (TOTA, 2000, p. 59-60)

Tota afirma também que o caráter digestivo da cultura de *Seleções* era enaltecido também por muitos intelectuais. Afrânio Peixoto achava que “num livro ou revista fico contente se há uma página a reter [a atenção], e numa página uma frase. Em um número de *Reader’s Digest* há dezenas dessas páginas [...]” (TOTA, 2000, p. 60).

Como podemos constatar, através do levantamento histórico feito neste capítulo, a difusão do inglês como língua mundial não foi fortuita nem inocente. Renato Ortiz, (2000, p. 28), afirma que são várias as causas que determinaram sua posição hegemônica no mundo atual: a existência da Inglaterra como potência colonizadora, o papel econômico dos Estados Unidos no século XX, a presença das corporações multinacionais, as transformações tecnológicas (invenção do computador e de uma linguagem informatizada), o peso de uma indústria cultural marcada por sua origem norte-americana.

O autor ainda acrescenta:

Seria inconseqüente imaginar que a imposição de uma língua se faz à revelia das relações de força. Como no passado, o árabe no mundo islâmico, o latim no Império Romano, o poder cumpre um papel central na sua difusão. (ORTIZ, 2000, p. 28)

Quando abordamos os anglicismos no contexto social brasileiro, constatamos que eles vêm através dos Estados Unidos, país tomado como paradigma de desenvolvimento, ou como Eldorado de emigração (CARVALHO, 2009, p. 68).

Dentre os padrões de comportamento citados acima, a língua portuguesa se inclui por ter sofrido a influência americana, como pode se constatar através da presença dos anglicismos na mídia pesquisada.

Para corroborar essa visão que os Estados Unidos provocam, citamos exemplo colhido em um dos artigos da revista EXAME: “QUEM TEM MEDO DO NETFLIX?”, com o seguinte comentário que destaca este país como formador de tendências que se tornam realidade por todo o mundo:

EXEMPLO: Um levantamento recente da empresa de pesquisa ComScore indica que no mercado americano os *millenials* – geração que está entre a adolescência e os 30 e poucos anos – passam um terço do tempo que destinam à TV assistindo a seus programas prediletos em computadores, tablets ou smartphones. “Nos Estados Unidos, o público da TV tradicional está envelhecendo”, diz Brad Adgate, da consultoria Horizon Media. “Alguns anos atrás, a idade média estava na casa dos 40 anos, agora está na dos 50. Os jovens estão em outras plataformas.” É verdade que esse fenômeno é mais claro nos Estados Unidos.

Mas, como o país costuma antecipar tendências que depois se tornam realidade mundo afora, vale a pena prestar atenção no que acontece na indústria americana de TV. (E, ed. 1085, ano 49, nº5, 18/03/2015, p. 34-35)

Segundo a classificação de Bloomfield (1961, apud CARVALHO, 2009, p. 79), os empréstimos do inglês americano seriam considerados culturais, por que resultam da influência de uma cultura sobre a outra, pela superioridade política da cultura exportadora. Esses empréstimos já fazem parte de nosso cotidiano, causados por um novo processo de colonização à distância que tem lugar no mundo moderno. Colonização essa considerada por Nelly de Carvalho (2009, p. 79) como mais prática, mais eficiente e menos incômoda, sem guerras nem perdas militares, a dominação cultural faz parte de nosso cotidiano.

A autora cita o exemplo de *lobby* da área da Economia, considerando-o um empréstimo dialetal que entrou na língua portuguesa pela terminologia especializada, e que passou, a seguir, a fazer parte da língua comum, como podemos constatar nos exemplos retirados de nosso *corpus*:

EXEMPLO: Por pressão do poder executivo e *lobby* dos bancos. (CE, volume 68, nº09, de setembro de 2014, pág. 17)

EXEMPLO: Se isso fosse verdade, teria havido *lobbies* fortíssimos em Brasília tentando forçar o governo a dar a guinada efetivamente ocorrida. (CE, volume 68, nº09, de setembro de 2014, pág. 15)

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

2.1 Língua, Linguagem e Idioma

A linguagem é uma das instituições humanas, pois resulta da vida em sociedade. Assim como as instituições humanas são passíveis de mudanças, também a linguagem varia conforme os hábitos, as tendências, as pressões e os momentos em que se insere, conforme explica Claudio Cezar Henriques (2011, p. 5).

A língua funciona na comunicação de uma coletividade, carregada de variações, consequência direta da diversidade de seus usuários. O que caracteriza a língua é o seu sistema gramatical e os componentes lexicais que atuam nesse sistema. Dessa forma, estudar a linguagem significa lidar com a língua em seu aspecto dinâmico. Então, sendo a linguagem um processo contínuo, não existe dicionário capaz de registrar todas as aquisições léxicas.

As línguas acumulam dois modos de expressão relacional: um recorre a indicadores com conteúdo semântico constante e explícito; outro explora as reações semânticas dos termos postos em contato num enunciado, segundo Irène Tamba-Mecz *apud* Henriques (2011, p. 7) acrescenta que, além de a língua desempenhar esse papel, que permite a compreensão mútua entre as pessoas, ela serve de suporte ao pensamento e permite que o homem se exprima por meio de palavras.

David Crystal afirma:

A língua, especialmente em sua forma escrita, contém poderes especiais, os quais só os iniciados podem entender ou controlar. (CRYSTAL, 2010b, p.8)

As línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes (CALVET, 2012).

Louis-Jean Calvet (2012, p. 27) postula que o mundo é plurilíngüe em cada um de seus pontos e as comunidades linguísticas se margeiam, se superpõem continuamente. O plurilinguismo faz com que as línguas estejam constantemente em contato, pelo indivíduo ou pela comunidade. Tal contato entre línguas ou formas diferentes de falar estabelece relações que vão além do plano psicológico, pois giram em torno do aspecto político, das relações de força e de poder.

Com relação aos empréstimos e interferências, o autor acrescenta que a palavra interferência designa um remanejamento de estruturas resultante da introdução de elementos

estrangeiros nos campos mais fortemente estruturados da língua, como o conjunto do sistema fonológico, uma grande parte da morfologia e da sintaxe e algumas áreas do vocabulário, que é o foco de nossa pesquisa que aborda as interferências lexicais.

Calvet (2012) afirma que a interferência lexical pode produzir o empréstimo, ou seja, ao invés de procurar na própria língua um equivalente a um termo de outra língua difícil de encontrar, utiliza-se diretamente essa palavra. Contrariamente à interferência, fenômeno individual, o empréstimo é um fenômeno coletivo: todas as línguas tomaram empréstimos de línguas próximas, como o inglês que pediu emprestado ao francês grande parte de seu vocabulário, fato que causou reações de nacionalismo linguístico em Quebec, na França e no Brasil, onde se desenvolveu um movimento oficial de luta contra os empréstimos (CALVET, 2012, p. 31), ponto ao qual retornaremos no item sobre Política Linguística.

2.2 Processos de Ampliação do Léxico

Léxico, originário do grego *lexicon*, é sinônimo de vocabulário. É o inventário completo dos vocábulos que constam sempre em dicionários de uma língua (CARVALHO, 2009, p. 19). A autora compara o léxico de uma língua a uma galáxia, pois vive em expansão permanente por incorporar as experiências pessoais da comunidade que a fala.

André Valente corrobora tal afirmação ao dizer:

O léxico tem caráter dinâmico e não estático. Sua dinamicidade decorre, principalmente, do fato de surgir a necessidade de se criarem novas palavras para se nomearem novos aspectos da realidade social, política, econômica, cultural etc. (VALENTE, 2012, p. 11)

O autor afirma ainda que o jornalismo é, atualmente, uma das maiores fontes de enriquecimento de nosso léxico, pois em suas diversas áreas (política, econômica, cultural etc.), o jornalismo –principalmente o impresso – cria novas palavras ou incorpora outras inventadas pelo povo (VALENTE, 2012, p. 21) e, podemos acrescentar aqui, adota e adapta termos de língua estrangeira.

Ele acrescenta:

A prática jornalística nos mostra como a língua é dinâmica, viva, e está em constante mutação. Nas manchetes, nos editoriais, nos artigos, nos primeiros cadernos, nos cadernos de cultura, de informática, de automóveis etc., encontram-se exemplos variados: [...] 3) A informática é, aliás, uma área em que a renovação linguística torna-

se constante. Sobre o assunto, Tina Melo em *O Globo* (09/12/91) fez uma matéria intitulada “Um novo neologismo na praça”. [...] *É uma briga perdida, naturalmente, porque, em princípio, quem cria tecnologia também cria terminologia.* (VALENTE, 2012, p. 22)

John Schmitz (2010, p. 95-96) postula que os jornalistas fazem parte de um grupo profissional que é muito criticado, pois precisam redigir uma variedade de textos e devem entregar as matérias num prazo de tempo muito curto e cita como exemplo alguns títulos retirados de diferentes jornais da cidade de São Paulo com os vocábulos estrangeiros em itálico:

Sites organizam vida do internauta
 O *topless*, em resumo, não me interessa: é cruel e narcisista
 EUA vão sobretaxar ação por *dumping*
 Tasso lidera *ranking*; Covas é o pior
Trekking é utilizado para reforçar trabalho de equipe. (SCHMITZ, 2010, p.95)

Tal fato também pode ser atestado pelos seguintes exemplos retirados de nosso corpus, com a presença dos anglicismos: *dumping*, *ranking* e *site*, citados pelo autor.

EXEMPLO: As regras da OMC limitaram o uso de subsídios industriais. Entre 1995 e 2013 foram abertas 335 investigações sobre direitos compensatórios (subsídios), um número 93% menor do que o das investigações de *dumping*. (CE, volume 68, nº11, de novembro de 2014, pág. 55)

“À primeira vista, a Universidade Tecnológica de Nanyang, em Singapura, não faz feio, mas também está longe de brilhar. No ranking das melhores instituições de ensino superior feito pela consultoria britânica QS, ela aparece na 39ª posição. (E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p. 80)

Os sócios Elon Musk e Peter Thiel, criadores do site de pagamentos PayPal, jamais deitaram na cama forrada pelo bilhão de dólares que ganharam após a venda da companhia. (E, ed. 1081, ano 49, nº1, 21/01/2015, p. 50)

John Schmitz acrescenta que “o mero fato de lançar os estrangeirismos nos jornais faz com que as palavras comecem a ingressar como parte do idioma. O processo é irreversível. Não se trata de um “uso gratuito” ou um abuso no emprego de empréstimos.” (SCHMITZ, 2010, p.96)

Portanto, o léxico representa toda a consolidação da vida material e espiritual de um povo, ou seja, depende em grande parte da realidade exterior, não linguística. Ele é formado de três maneiras: com palavras oriundas do idioma de origem, ou seja, o latim; os termos

formados a partir do próprio português e os empréstimos linguísticos que surgem devido aos contatos culturais entre os povos.

Como exemplo de empréstimos linguísticos, podemos lembrar os de origem árabe, povo que ocupou a Península Ibérica durante sete séculos. Alguns empréstimos são decorrentes do predomínio cultural de um país ou de uma região durante uma certa época, como ocorre com os italianismos que entraram no português durante o Renascimento. Outros ainda são resultantes do poder econômico de uma nação que, em função desse poder, consegue um grande desenvolvimento científico e tecnológico, divulgando assim sua língua, como é o caso do inglês americano, atualmente.

A história do léxico do português reflete a história externa da língua, pois é onde se situam as palavras que compõem o fundo originário do idioma, as palavras herdadas. Trata-se de um processo de continuidade lingüística. Os empréstimos íntimos surgiram, inicialmente, influenciando no latim e não diretamente na língua portuguesa, a partir do contato com povos nativos das regiões onde se deu a romanização. São os substratos – vestígios da língua do povo vencido na língua do povo vencedor. São poucos os exemplos: *balsa*, *manteiga*, *cachorro*, etc.

Com a invasão dos povos bárbaros, os germânicos, em especial, originaram-se os superstratos que também exerceram influência direta sobre o latim. Superstratos são vestígios da língua do povo conquistador na língua do povo conquistado, que conseguiu manter-se. Referem-se a objetos e costumes de guerra: *luva*, *elmo*, *guerra*, *roubar*.

Os adstratos resultaram da longa invasão dos árabes na Península Ibérica que impuseram sua língua como oficial, o que resultou nos adstratos árabes na língua portuguesa, como *álgebra*, *xarope*, *álcool*, *chafariz*, *zero*, etc. Os adstratos são, portanto, resultado do bilinguismo. Duas línguas convivendo por um período e se influenciando mutuamente.

Da mesma forma, Claudio Cezar Henriques advoga que quando duas línguas convivem no mesmo território ou em territórios vizinhos, “mas se influenciam reciprocamente” (cf. VIDOS, 1996, p. 177), temos o **ADSTRATO**. É o caso das regiões fronteiriças entre o Brasil e outros países sul-americanos, em que convivem o português e o espanhol. Ou de casos como o da Bélgica, onde o francês e o holandês têm o mesmo *status*, ou de Hong Kong, onde o cantonês, o inglês e o mandarim têm *status* similar. Há aí exemplos de adstratos mútuos. O autor acrescenta que não há necessidade de invasão física de um povo para que haja contatos linguísticos. O inglês, em nossos dias, atua como SUPERSTRATO em quase todos os idiomas do mundo. Nesse caso, a “invasão” quase sempre é apenas da cultura, da economia, sem tropas...

O Dicionário Houaiss diz que o ADSTRATO “moderno” ocorre quando uma língua, “devido a fatores políticos e/ou econômicos, influencia outra, falada em região que pode estar afastada geograficamente” e dá como exemplo a penetração da língua inglesa hoje, no mundo. Consideramos mais pertinente, porém, falar que o inglês atual é SUPERESTRATO nas línguas que influencia sobretudo no vocabulário, pois entendemos o ADSTRATO como um contato em contextos de reciprocidade.

Após esse resgate histórico do léxico do português, podemos considerar a presença dos empréstimos anglófonos no português do Brasil como um superstrato cultural, conforme Mattoso Câmara Jr. (1998), afirma:

Empréstimo é a ação de traços linguísticos diversos dos do sistema tradicional. O condicionamento social para os empréstimos é o contacto entre povos de línguas diferentes, o qual pode ser por coincidência ou contiguidade geográfica, ou, à distância, por intercâmbio cultural em sentido lato. A coincidência ou contiguidade geográfica determina os empréstimos íntimos e a língua a que é feito o empréstimo constitui um substrato, um superstrato ou um adstrato. Os empréstimos à distância são culturais. (CÂMARA Jr., 1998, p. 104-105)

Nelly Carvalho (2009, p. 21) afirma que a gênese do léxico de uma língua, para ser percebida em toda a sua extensão, não pode ser estudada por uma visão sincrônica da linguagem. É necessária uma visão diacrônica para se identificar a criação dos termos vernáculos e a adoção dos estrangeirismos.

A autora coloca que as mudanças políticas e culturais não causam transformações imediatas no sistema lexical e acrescenta que todas as mudanças no léxico resultam do uso da língua, pois é através da fala que se produzem as mudanças no sistema lexical, mudando as normas e, conseqüentemente, criando novas normas. (CARVALHO, 2009, p.21)

Os dicionários, os vocabulários e os glossários, em suas várias modalidades, buscam registrar lexias ou várias áreas de variado interesse. É através do registro em dicionário que se dá a “aprovação” que afasta qualquer censura oficial a um termo de formação vernácula ou importado de língua estrangeira, conferindo-lhe o *status* de elemento da língua e não apenas da fala.

José Carlos Azeredo (2000, p. 73) afirma que o conjunto de palavras que constituem o léxico português é composto de três grandes grupos de formas, que são as palavras provenientes do latim, outras, adotadas de línguas antigas e modernas – empréstimos e xenismos – e, por fim, palavras formadas a partir dos recursos morfológicos produtivos da língua no decorrer de sua existência.

A razão da busca por formas de expressão, por meio da inclusão de palavras estrangeiras, se deve às necessidades dos falantes. A causa dessa importação e a nacionalização de vocábulos alienígenas ocorreram em vista da insuficiência da língua em exprimir as ideias ou coisas novas que surgiram.

Sobre esse fenômeno, Ismael Coutinho comenta:

Instrumento vivo de comunicação de um povo, a que o destino reservou uma situação privilegiada na história, não podia o português restringir-se unicamente ao vocabulário que lhe fora transmitido pelo latim, mas teve necessidade de ampliá-lo para acompanhar o progresso que se foi desenhando, pelo tempo adiante, nas artes, na indústria, nas ciências, etc. (1993, p. 164)

Dessa forma, o emprego dos empréstimos lexicais, em especial os oriundos do inglês americano, no campo das linguagens das ciências e das técnicas, mostra que a transferência de tecnologia impõe, com frequência, uma consequente transferência de terminologia (ALVES; BEZERRA In: CARVALHO, 2009, p. 10).

Quando as formas linguísticas cobrem necessidades de comunicação mais amplas e seu sistema sintático se torna mais desenvolvido, Louis-Jean Calvet (2012, p. 34) cita o exemplo de *pidgins*, cujo primeiro exemplo é o inglês pidgin que se desenvolveu nos contatos comerciais entre ingleses e chineses ao longo da costa do mar da China, tomando o vocabulário emprestado ao inglês e sua sintaxe ao chinês. O autor acrescenta que a origem do termo *pidgin* seria a deformação do termo inglês *business*, um bom indicativo da função social dessa forma linguística (CALVET, 2012, p.34).

Como se pode observar, a renovação do léxico atende às necessidades culturais, científicas e comerciais de comunicação e a língua não pode ficar estacionária enquanto o povo que dela se utiliza muda seus hábitos, adota novas ideias e costumes. Dessa forma, ela vai se enriquecendo de novas palavras, visto que não há língua petrificada, paralisada e viva. Para manter-se, é necessário que ela se modifique e absorva elementos estranhos, num processo de transformação e progresso. A revitalização da língua vai ocorrer, então, pela adoção dos neologismos, criações novas que penetram por diversos caminhos, tais como a expansão semântica e os empréstimos.

O tema tem provocado discussões acaloradas na comunidade linguística, mas interessa a todos os setores. Na literatura, vários escritores se manifestaram acerca das relações entre língua e nacionalidade. Carlos Alberto Faraco (2010, p. 44) menciona Machado de Assis que, em uma de suas crônicas contra a cruzada antiestrangeirismo do médico Castro Lopes, comenta a excessiva influência da língua francesa sobre a língua portuguesa, no final do século XIX, precisamente numa publicação de 1879, expondo a sua visão progressista:

Não há dúvida de que as línguas se aumentam e alteram com o tempo e as necessidades dos usos e costumes. Querer que a nossa pare no século de quinhentos, é um erro igual ao de afirmar que a sua transplantação para a América não lhe inseriu riquezas novas. A este respeito a influência do povo é decisiva. Há portanto, certos modos de dizer, locuções novas, que de força entram no domínio do estilo e ganham direito de cidade. (ASSIS, 1962, p. 809)

Carlos Alexandre Gonçalves (2016, p. 12) cita José de Alencar (1864, p. 19), que se manifestou assim, sobre a criação de palavras novas:

Criar termos necessários para exprimir os inventos recentes, assimilar-se aqueles que, embora oriundo de línguas diversas, sejam indispensáveis, e sobretudo explorar as próprias fontes, veios preciosos onde talvez ficaram esquecidas muitas pedras finas, essa é a missão das línguas cultas e seu verdadeiro classicismo. (ALENCAR, 1864, p. 19)

Considerando-se a época em que foram escritos (século XIX), os trechos acima de Machado de Assis e de José de Alencar continuam exemplificando um posicionamento pertinente para nossas reflexões atuais.

2.3 Política Linguística

Política linguística é o conjunto de escolhas conscientes referentes às relações entre língua(s) e vida social e de planejamento linguístico, a implementação concreta de uma política linguística (CALVET, 2012, p. 133). No campo das relações entre língua e vida social, só o Estado tem o poder e os meios de planejar, de pôr em prática suas escolhas políticas.

Podemos então afirmar que não há um conhecimento neutro, pois ele sempre expressa o ponto de vista de uma classe a respeito da realidade. Todo conhecimento está comprometido com os interesses sociais. Este fato dá uma dimensão mais ampla ao conceito de ideologia; ela é uma “visão de mundo”, ou seja, o ponto de vista de uma classe social a respeito da realidade, a maneira como uma classe ordena, justifica e explica a ordem social. Daí podemos deduzir que há tantas visões de mundo numa dada formação social quantas forem as classes sociais. (FIORIN, 1997, p.29)

As múltiplas visões de mundo também estão presentes nas diferentes manifestações lingüísticas. Dessa forma, neste estudo, procuramos fazer uma abordagem do tema com ênfase nos aspectos sociais que fundamentam as políticas, situando-os ainda no contexto de globalização econômica. Esta abordagem insere-se no conceito de politologia lingüística, criado por Calvet (2002a). O objeto de estudo da politologia lingüística é constituído pelas intervenções em situações lingüísticas. Seu objetivo, segundo Calvet (2012, p.24) é o de caracterizar as políticas lingüísticas, avaliar não apenas os seus resultados, mas principalmente seus pressupostos, sua base ideológica, de mostrar finalmente que política encontra-se por trás de uma política lingüística.

Calvet (2012) postula que “Todo dia, em todas as línguas do mundo, aparecem novas palavras para designar coisas (objetos ou conceitos) que a língua não designava antes.” Uma das abordagens dos problemas da neologia ou do plurilinguismo, seria, então, conforme o autor, a abordagem do poder (CALVET, 2012, p. 135).

Considerando-se, então, que as camadas sociais conservam uma relação de poder entre si, cada uma atua como dominador ou dominado. A classe mais forte passa a ter o controle sobre os grupos menos favorecidos, impondo-lhes os seus valores e incluindo seu conceito de língua, conforme José Luiz Fiorin (1997) destaca:

Embora haja, numa formação social, tantas visões de mundo quantas forem as classes sociais, a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante. (FIORIN, 1997, p. 31)

Calvet (2012) aborda aspectos de mistura de línguas, alternâncias de código e estratégias lingüísticas que podem exemplificar essa relação de poder quando menciona um exemplo de alternância de código:

Na cidade de Montreal (Quebec), majoritariamente francófona, o inglês está em tal progressão que os francófonos se defendem com uma verdadeira bateria de leis lingüísticas. Uma das conseqüências dessas leis é que a administração deve ser bilíngüe, e a situação é tão complexa e tão crítica que o autor observa que comprar um par de meias se tornou um ato político... (CALVET, 2012, p. 37)

Também em relação aos problemas da neologia, existe a abordagem do poder, é a gestão *in vitro*, conforme Calvet (2012) afirma:

em seus laboratórios, lingüistas analisam as situações e as línguas, descrevem-nas, constroem hipóteses sobre o futuro das situações, proposições para regular os problemas; depois os políticos estudam essas hipóteses e proposições, fazem escolhas, aplicam-nas. [...] A política linguística suscita problemas de controle

democrático (não deixar os que tomam decisões fazer o que lhes der na telha) e de interação entre a análise das situações feita pelas instâncias de poder e a análise, quase sempre intuitiva, feita pelo povo. (CALVET, 2012, p. 135-136)

Conforme atesta Marcos Bagno (2016, p. 21), hoje em dia, observamos em nossa sociedade um combate ferrenho contra as mais variadas formas de preconceito. No entanto, esse combate não tem contemplado um preconceito muito comum na sociedade brasileira: o preconceito linguístico.

A linguagem exemplar rejeita mudanças, especialmente as que têm origem nas modalidades linguísticas provenientes das línguas estrangeiras, visto representarem uma ameaça ao vernáculo. Dessa maneira, desenvolveu-se uma política linguística preocupada em manter e em proteger a variedade tida como padrão. Há, portanto, no Brasil, o interesse político em garantir uma unidade, uma pureza linguística, elementos considerados essenciais para que a língua vernácula não se corrompa e siga fortalecida e perpetuada.

O debate a respeito da língua no país é considerado deficiente e dentre as instituições que dele participam, encontra-se a Academia Brasileira de Letras (ABL). No entanto, a ABL segue uma linha conservadora e seus membros não são especialistas da língua, mas sim, literatos, políticos, jornalistas, etc. (FREITAS, 2003)

Em termos de representação científica, podemos mencionar a Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), A Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB), a Associação Nacional de Pesquisadores em Língua e Literatura e o Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL). (FREITAS, 2003)

Quanto aos empréstimos estrangeiros, considerados por uma parcela da sociedade como uma ameaça ao português, surgiram organizações como o Movimento Nacional em Defesa da Língua Portuguesa (MNDLP), o grupo Linguistas Brasileiros para a Democracia, no Brasil, e a Sociedade da Língua Portuguesa (SLP), em Portugal, que defendem a opinião de quem se sente ameaçado diante dos anglicismos. (FREITAS, 2003)

Outra iniciativa partiu do deputado federal do PCdoB - SP, na época, Aldo Rebelo que apresentou o Projeto de Lei da Câmara (PLC) nº 050/2001 (ex-1676/1999).

Tal projeto provovou muita polêmica: uns advogavam uma possível perda da identidade nacional, devido à invasão dos anglicismos no português do Brasil; outros o consideravam um produto do preconceito xenófobo presente no imaginário brasileiro, pois para esses últimos a língua é dinâmica e pode administrar os anglicismos que não a corrompem, e sim são fontes de enriquecimento científico e cultural.

A ABRALIN, a ALAB e a ANPOLL pertenciam a esse último grupo e encaminharam ao deputado Aldo Rebelo e ao Senado, documento apresentando os principais contra-argumentos ao projeto de lei nº 1676/1999, um dos quais transcrevemos abaixo:

- interfere negativa e restritivamente nos processos normais de expansão do vocabulário do português brasileiro, por desconhecer a dinâmica linguístico cultural das sociedades humanas. (FARACO, 2010, p. 188)

John Schmitz foi um dos que também fez as seguintes colocações a respeito do citado projeto de lei, no artigo “Língua Pasteurizada”, cujo subtítulo destacava a frase significativa: “*A existência de palavras estrangeiras não coloniza o pensamento*”, em 06/01/2000, na Folha de São Paulo:

O projeto de lei apresentado pelo deputado Aldo Rebelo -tema da redação da Fuvest este ano- que "dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa" merece uma análise cuidadosa por parte de gramáticos, linguistas, jornalistas, escritores, professores e publicitários. [...] O que é preocupante no projeto do deputado Rebelo é a ameaça de multas e outras punições pelo descumprimento "de qualquer disposição desta lei". O artigo 5º do projeto obriga a substituição de "toda e qualquer palavra ou expressão em língua estrangeira posta em uso no território nacional" por uma palavra em português. Um usuário que ouse empregar uma palavra "não-autorizada" seria sujeito a multa? Qual seria o destino de "self-service", "topless", "check-up" e "outdoor"? O projeto não violaria o direito à liberdade de expressão? Numa sociedade democrática, pode-se impedir que o proprietário de uma agência de viagens escolha como nome "Bon Voyage Agência de Viagens e Turismo Inc."? É uma boa psicologia lembrar que o proibido, em certos casos, torna-se ainda mais atrativo, justamente por ser proibido. O projeto abre uma caixa de pandora repleta de possíveis processos jurídicos bastante onerosos para as partes envolvidas. Tais litígios contribuiriam para tornar ainda mais morosa uma Justiça já bastante assoberbada e para a possível burla da lei. À guisa de conclusão, afirmo que a presença de estrangeirismos não deve ser vista como uma invasão que compromete o idioma, mas como uma oportunidade para o desenvolvimento técnico-científico e cultural. A existência de palavras estrangeiras numa determinada língua não coloniza o pensamento nem tolhe o raciocínio, a criatividade e a originalidade dos que querem se expressar oralmente ou por escrito. (SCHMITZ, 2000)

Da mesma forma, as afirmações abaixo apresentam uma posição favorável à presença dos empréstimos estrangeiros na língua portuguesa e, por isso, contribuem para o tema deste trabalho, que estuda a influência estrangeira no léxico do português e interpreta o tratamento dado aos empréstimos lexicais, ou seja, aos estrangeirismos, em sua adaptação ao sistema da língua que os recebe. Nosso foco – lembramos – são os anglicismos.

Quero dizer que não há o menor sintoma de que os empréstimos estrangeiros estejam causando lesões na língua portuguesa. A maioria, aliás, desaparece em pouco tempo, e os que ficam são assimilados. O português, como toda língua precisa crescer para dar conta das novidades sociais, tecnológicas, artísticas e culturais, e

para isso pode aceitar empréstimos (“raviolé”, “pizza”, “chucrute”, “balé”) e também pode, e com maior frequência criar palavras a partir de seus próprios recursos (computador, ecologia, poluição) ou estender o uso de palavras antigas a novos significados (executivo ou celular). Isso está acontecendo a todo tempo com todas as línguas, e nunca levou nenhuma delas à extinção. (PERINI, 2004, p. 11-24)

Como também Viaro (2004), citado por Valadares (2014), destaca,

... da mesma forma que eram [os puristas] contra os galicismos até meados do séc. XX, são hoje contrários aos anglicismos. Não fomos nós, brasileiros, que inventamos a Informática, então por que rejeitar os termos do país em que se originou essa Ciência? Também não inventamos o *violino* e o *violoncelo* e usamos esses termos italianos desde o séc. XVI. Não inventamos a *pizza*, a *lasanha*, o *estrogonofe*, o *hambúrguer* ou o *sushi* e não me consta que precisemos de nomes alternativos para eles. [...] Longe de macular uma pretensa pureza lingüística (que obviamente não existe em nenhuma língua do Planeta Terra, nem no chinês, nem no islandês nem em qualquer língua indígena, os estrangeirismos enriquecem o vocabulário das línguas... (VIARO, 2004, p. 59-60)

E, finalmente, Marcos Bagno (2016):

Os galicismos, na passagem do século XIX para o XX, e os anglicismos, na virada do terceiro milênio, não têm a força destruidora tão temida pelos puristas e conservadores. A língua portuguesa, em todo esse período, se manteve muito bem, obrigada, falada e escrita por cada vez mais gente, produziu uma literatura reconhecida mundialmente, é propagada também em nível internacional pelo grande prestígio de que goza a música popular brasileira – entre tantas outras provas de sua vitalidade. E a avalanche (ai, um galicismo) de palavras estrangeiras tem de ser analisada da perspectiva da dependência político-econômica (e conseqüentemente cultural) do Brasil (e de Portugal) para com o centro hegemônico mundial de poder, que são os Estados Unidos da América. Não adianta bradar contra a “invasão” de palavras na língua portuguesa sem analisar essa dependência. É querer eliminar os efeitos sem atacar as verdadeiras causas. (BAGNO, 2016, p. 42)

2.4 Empréstimo, Estrangeirismo e Anglicismo

Margarita Correia e Lúcia San Payo de Lemos (2005, p. 52) afirmam que, dos processos disponíveis para a inovação lexical, aquele cujos resultados mais “chocam” o falante é, sem dúvida, a importação de palavras.

Em primeiro lugar, porque as unidades importadas são, normalmente, produzidas em sistemas lingüísticos distintos do nosso e, como tal, apresentam características formais que, além de as tornarem opacas, são violadoras do sistema lingüístico importador. Essas características tornam o seu uso difícil para o falante nativo que não tenha contacto com a língua-fonte dessas palavras, colocando-o, com

frequência, em situação de discriminação por não saber pronunciá-las “correctamente”, ou escrevê-las, ou por não as entender.”

Em segundo lugar, e a um outro nível, a importação em massa de palavras que muitas vezes substituem palavras vernáculas, pode descaracterizar o idioma receptor.

O impacto que essas palavras importadas provocam, porém, é limitado no tempo. Quem questiona hoje em português o estatuto de palavras como futebol, clube, bife, desporto, etc? (CORREIA & SAN PAYO DE LEMOS, 2005, p. 52)

As autoras acrescentam não ser possível evitar essa importação num mundo globalizado como o que vivemos, pois nos encontramos em contato direto com falantes de outras línguas e que, dado ao predomínio da língua inglesa como língua de comunicação internacional, pelo predomínio geo-estratégico de países de fala anglo-saxônica, a maioria das restantes línguas é importadora de palavras da língua inglesa.

Margarita Correia e Lúcia San Payo de Lemos (2005, p. 53) falam que nem todas as palavras importadas têm o mesmo impacto na comunidade e acrescentam que existem na língua inúmeras palavras importadas que não são sentidas como tal, pois provêm de línguas que possuem mecanismos de construção de palavras próximos dos nossos (francês, espanhol e mesmo inglês), pelo fato de não causarem estranheza aos falantes da língua portuguesa. Para exemplificar, citam *globalização*, *antiterrorista*, *iraquização*, *dolarização*, além dos milhares de termos científicos e técnicos compostos, morfológicos e morfossintáticos, presentes em linguagens de especialidade. Deste modo, é preciso esclarecer que as palavras importadas que mais perturbam são aquelas que são estranhas ao sistema lingüístico que as recebe, como por exemplo: *ketchup* em português.

Segundo as autoras citadas, o termo ‘empréstimo’, decalque do termo francês “*emprunt*”, é um termo polissêmico que é normalmente utilizado quando se fala de palavras importadas. ‘Empréstimo’ denota: um processo de transferência de uma unidade lexical de um registro lingüístico para outro dentro da mesma língua (‘empréstimo interno’), ou de uma língua para outra (‘empréstimo externo’); uma unidade que resulta do processo de transferência anteriormente descrito.

No entanto, a polissemia do termo ‘empréstimo’ não fica por aqui.

A gramática tradicional portuguesa estabelece uma distinção entre ‘estrangeirismo’ e ‘empréstimo’. De acordo com esta distinção, ‘estrangeirismo’ denota uma unidade importada de outra língua que não sofreu quaisquer adaptações à língua de chegada, ao passo que ‘empréstimo’ denota uma palavra estrangeira que se adaptou ao sistema lingüístico de acolhimento, ou seja, no nosso caso, que foi aportuguesada. (CORREIA & SAN PAYO DE LEMOS, 2005, p. 53-54)

Dessa maneira, de acordo com a origem das palavras importadas e independentemente de se tratar de empréstimos ou de estrangeirismos, é comum falar também em ‘galicismos’ (do francês), ‘anglicismos’ (do inglês), etc.

Conforme a gramática tradicional, uma palavra ao entrar num sistema estrangeiro, pode permanecer inalterada, ou seja, conservar as características fonológicas e ortográficas do seu sistema de origem, como por exemplo: *software*, *boom*; neste caso falamos de ‘estrangeirismo’; ou adaptar-se à língua de acolhimento. Ex: clube (do inglês *club*); neste caso estamos diante de um ‘empréstimo’.

Resumindo, neste trabalho, consideramos os termos da seguinte maneira: ‘empréstimos’ referem-se a qualquer palavra de origem estrangeira; ‘estrangeirismos’ são aquelas palavras grafadas nas línguas estrangeiras e ‘anglicismos’, apenas as grafadas em inglês.

2.5 Empréstimos Linguísticos: Processo de criação vocabular

Ieda Maria Alves (2007, p.5) afirma que o acervo lexical de todas as línguas vivas se renova, devido ao fato de as palavras se tornarem obsoletas ou pela criação por parte dos falantes de grande quantidade de unidades léxicas. A autora concorda com a afirmação de B. Quemada (1971), reconhecendo que

se tornou evidente, para a maioria dos usuários, que uma língua de cultura moderna, necessariamente científica e técnica, não deve ver na neologia lexical apenas um mal inevitável. É a primeira condição a partir da qual o idioma pode permanecer um instrumento de comunicação nacional, mesmo internacional, e não ser apenas uma língua viva. Deve até considerar a criatividade lexical como parte responsável pela sua riqueza imediata, como sinal evidente de sua vitalidade. Uma língua que não conhecesse nenhuma forma de neologia seria uma língua morta, e, em suma, a história de todas as nossas línguas constitui a de sua neologia.(ALVES, 1984, p. 119)

Nelly Carvalho (2009, p.34-35) também propõe dois mecanismos de ampliação do léxico: o processo de criação dentro da própria língua; e o processo de adoção e adaptação de um termo de língua estrangeira. No primeiro, inclui, entre outros, a inovação no significado, denominando-o neologismo conceitual.

Assim, chama-se *neologia* o processo de criação lexical e o elemento resultante, a nova palavra, é denominado *neologismo* (ALVES, 2007, p.5). A autora cita J. C. Boulanger

(1979) definindo como “uma unidade do léxico, palavra, lexia ou sintagma, cuja forma significante ou a relação significante-significado /.../ não estava realizada no estágio imediatamente anterior de um determinado sistema linguístico”. O neologismo constitui uma unidade lexical de criação recente, uma acepção nova que se atribui a uma palavra já existente ou, então, um termo recentemente emprestado a um outro código lingüístico (ALVES, 1984, p. 119), como é o caso da presente pesquisa, onde é abordada a neologia por empréstimo: neologismos que resultam da adoção de um lexema da língua inglesa.

Nelly Carvalho (2009) inicia sua obra sobre empréstimos linguísticos recontando uma fábula em que a senhora protagonista Língua Portuguesa convocara todas as palavras para uma assembléia, na qual solicitou “que quem não fosse completamente brasileiro se retirasse”. Diante do alvoroço formado, reformulou seu pedido, solicitando que se retirassem “as palavras que não fossem legitimamente vernáculas”. O novo distúrbio provocado a fez desistir de semelhante ideia.

Conclui Carvalho:

O empréstimo linguístico é tão antigo quanto a história da língua, ou melhor, quanto a própria língua. Eles marcam as influências que uma determinada língua, veículo de uma cultura, sofreu através dos tempos, pelos elementos linguísticos estrangeiros que adotou, retrato dos elementos culturais diversos, que também importou. (2009, p. 17)

Dessa forma, o léxico do português ampliou o seu acervo através de contribuições oriundas do latim, a derivação e a composição. Mas, além desses recursos, o português tem herdado unidades léxicas de outros sistemas linguísticos desde o início de sua formação: empréstimos advindos de contatos entre a comunidade portuguesa e outros povos (influência celta, fenícia, basca, germânica, árabe, africana e tupi) e empréstimos culturais (de origem provençal, francesa, espanhola e italiana).

Atualmente, é principalmente da língua inglesa que o português tem recebido empréstimos, particularmente abundantes nos domínios técnico, econômico e científico.

Ieda Maria Alves (2007) postula que o estrangeirismo costuma ser empregado em contextos relativos a uma cultura alienígena, externa à da língua enfocada. E, nesses casos, imprime à mensagem a “cor local” do país ou da região estrangeira a que ele faz referência. Acrescenta que, em consequência do efeito estilístico pela busca da cor local, itens léxicos de diferentes idiomas são empregados na imprensa brasileira. (ALVES, 2007, p. 72-73)

Dentre os vocabulários técnicos, nos quais os estrangeirismos são facilmente encontrados, podemos destacar as áreas de esportes, economia, informática, etc., mas eles

também ocorrem em outros tipos de linguagens especiais, como a publicidade e o colunismo social.

Assim, os estrangeirismos são recursos importantes na linguagem cotidiana e uma forma expressiva do uso da língua. A inclusão de termos de outros idiomas é outra forma pela qual se expande o vocabulário de uma língua. Certos vocábulos estrangeiros, quando empregados em outra língua, são percebidos rapidamente como estranhos ao vocabulário do idioma em que se inserem.

Segundo Rodrigues Lapa (1968, p. 43), o estrangeirismo observado no âmbito do vocabulário em todas as suas áreas de atividades é um fenômeno comum:

O estrangeirismo é um fenômeno natural, que revela a existência duma certa mentalidade comum. Os povos que dependem econômica e intelectualmente de outros não podem deixar de adotar, com os produtos e idéias vindas de fora, certas formas de linguagem que lhe são próprias.

No entanto, como lembra Nilce Sant' Anna Martins (2000), a utilização do estrangeirismo não é gratuita, tendo, ao contrário, um objetivo expressivo:

Há expressividade quando o estrangeirismo dá a fala ou ao texto um toque de exotismo, quando contribui para a autenticidade à referência a outras terras, ou outras gentes, ou ainda quando a palavra estrangeira, pela sua construção sonora, parece mais motivada que a vernácula. (MARTINS, 2000, p. 81)

Sobre esse tipo de vocábulo, cabe também citar estas considerações de Claudio Cezar Henriques:

Muitas vezes os estrangeirismos ocorrem sob a forma de palavras não vernáculas, empregadas – por necessidade linguística – em sua grafia original (“gnocchi”, “show”, “slogan”, “pedigree”, “download”) ou aportuguesada (“nhoque”, “xou”, “eslôgã”, “pedigri”).

Sejam vernáculos ou por empréstimo, o emprego de neologismos lexicais, porém, está sujeito a algumas indagações[...] : - Que argumento justifica o seu emprego? - Sua grafia está de acordo com a convenção ortográfica em vigor? (OU: - Por que se manteve a grafia na língua estrangeira?) (HENRIQUES, 2014, p. 144)

O autor dá outros exemplos, abordando o contraste entre o sistema ortográfico do português e o de outras línguas e prossegue seu questionamento com palavras como chucrute (<francês), cobalto (<alemão) e pulôver (<inglês), explicando ser razoável dizer-se que se trata de “empréstimos que exprimem uma realidade que não existe na nossa cultura”. A seguir, indaga:

Porém, até que ponto é possível dizer o mesmo para casos como os de *fast-food* e *shopping center* (<inglês)? Que sucedeu com as expressões *minuta* (aportuguesamento de um termo da gastronomia francesa à *la minute*) e *centro comercial*? (HENRIQUES, 2014, p. 144)

Após examinar mais alguns exemplos, afirma que a coexistência entre esses elementos estrangeiros contemporâneos, como *slogan*, *show*, *shampoo*, *download*, e as formas mais antigas da língua é também uma característica da linguagem de qualquer época.

Claudio Cezar Henriques (2011) ilustra com exemplos a distinção de três tipos de empréstimos feita por Sandmann (1992, p.72-74): o lexical que é caracterizado pela incorporação da palavra estrangeira em sua forma original, seja no aspecto fonológico-ortográfico (*pizza*, *ghost-writer*, *pole position*), só ortográfico (*clip*, *gauch*, *grid*) ou morfossintático (*campus/campi*, *lady/ladies*, *blitz/blitze*, *en*). Pode também já estar plenamente adaptado à língua portuguesa (*blecaute*, *copirraite*, *robe*) ou estar em processo de adaptação (*taliban*>*talibã*, *stand*>*estande*); o semântico (também chamado *decalque*) – marcado pela tradução ou substituição de morfemas, de modo a preservar a ideia que é importada (*hot-dog*>*cachorro-quente*, *mezzo-soprano*>*meio-soprano*, *haute-couture*>*alta-costura*) e o estrutural que consiste na importação de um modelo que não é vernáculo, como no caso da antecipação do determinante (*Líder Magazine*, em vez de “Magazine Líder”; *videoconferência*, em vez de “conferência por vídeo”; *Atlântico Praia Hotel*, em vez de “Hotel Atlântico Praia”; *Esporte Clube Pelotas*, em vez de “Clube Esportivo Pelotas”) (HENRIQUES, 2006, p. 141-142).

Biderman (2001) indica três tipos diferentes de estrangeirismos que ocorrem na língua portuguesa: *decalque* – versão literal do lexema-modelo concretizado, tendo em vista que tais palavras são calços literais da palavra estrangeira, por exemplo, retroalimentação, supermercado e cartão de crédito; *adaptação* da forma estrangeira à fonética e à ortografia brasileira, quando, em geral, o estrangeirismo já foi adotado há muito tempo pela nossa cultura, por exemplo, boicote (*boy-cott*), clube (*club*) e drinque (*drink*); *incorporação* do vocábulo com a sua grafia original, por exemplo: *hardware*, *software*, *check-up* e *best sellers*.

Evanildo Bechara, que também menciona as duas categorias, afirma que:

De modo geral, os estrangeirismos léxicos repartem-se em dois grupos: os que se assimilam de tal maneira à língua que os recebe que só são identificados como empréstimos pelas pessoas que lhes conhecem a história (guerra, detalhe, etc. a esses os alemães chamam *Lehnwörter*, “empréstimos”); mas há os que facilmente mostram não ser prata da casa, e se apresentam na vestimenta estrangeira (*maillot*, *ballet*, *feedback*, *footing*, etc.) ou se mascaram de vernáculos, como *maiô*, *abajur*, *tíquete*, etc. (são os, em alemão, *Fremdwörter*, “estrangeirismos”). O termo *empréstimo* abarca essas duas noções e se aplica tanto aos estrangeirismos léxicos quanto os sintáticos e semânticos. (BECHARA, 2009, p. 599)

Dessa forma, serão chamados de estrangeirismos se os termos não sofrerem mudanças ortográficas e a grafia da língua original for mantida, como por exemplo, *internet*, *van*, *home theater* e *fax*. O empréstimo pode ser entendido como o último estágio na incorporação do estrangeirismo ao sistema da língua que o toma emprestado (OLIVEIRA, 2010). *Connect* seria tido como um estrangeirismo e *conectar*, como já sofreu um processo de aportuguesamento, seria empréstimo. Como exemplos de empréstimos, pode-se mencionar *surfe*, *clube* e *picles*, que são anglicismos inseridos no léxico do português brasileiro que já sofreram mudanças quanto à grafia.

Os empréstimos ocorridos em uma língua não acontecem de forma constante (OLIVEIRA, 2010) e, além disso, o “termo emprestado não é considerado mais como tal desde que seja estudado no seio do sistema” (SAUSSURE, 2006, p. 31). Esse fenômeno acontece porque as palavras oriundas de outras línguas passam a fazer parte do sistema linguístico que o adotou (OLIVEIRA, 2010). Como exemplo, pode-se citar o termo *stress*, que atualmente está inserido no léxico do português e é considerado um empréstimo, pois no seu processo de aportuguesamento transformou-se em *estresse*. Portanto, os acréscimos de fonemas (vogais de apoio) foram necessários para atender aos elementos fônicos do português brasileiro.

A presença de estrangeirismos na língua portuguesa, como em qualquer outra, é resultado dos contatos lingüísticos que ocorrem de variadas formas. Por isso, o combate aos estrangeirismos não é uma novidade na história das línguas, como lembra Claudio Cezar Henriques (2014, p.146):

(...) o deputado [Aldo Rebelo] do PC do B de São Paulo informa que apresentou, “na Câmara dos Deputados, um projeto de lei para coibir o bilingüismo nocivo, antinacional e destruidor do idioma”, e acrescenta que quer “contribuir para o surgimento de um Movimento Nacional de Defesa da Língua Portuguesa”.
(...)

As propostas de hoje, que têm a invasão de anglicismos como alvo, praticamente repetem o ocorrido no final do século XIX, quando a mira eram os galicismos. Naquele contexto, o “bastião” de nossa língua era Antônio Castro Lopes (1827-1901). As propostas do ilustre médico, literato e latinista brasileiro consistiam em criar neologismos que pudessem substituir palavras e frases francesas que se alastravam em nossa língua. (...)

O autor (2014, p. 147) acrescenta que atitudes equivocadas de proteção da língua ressurgem de tempos em tempos, repetitivas e estereis, mas que, na maior parte das vezes, caem no ridículo ou servem de tema para a discussão metalingüística.

Vindo ao encontro desses argumentos, David Crystal (VEJA, 12/09/2007, p. 96), afirma que o inglês não pode ser considerado uma ameaça ao português. Segundo ele, palavras se incorporam a uma língua não para destruí-la, mas para permitir novas oportunidades de expressão. Se cada palavra que entra no português apagasse uma palavra

anterior, isso seria de fato um fenômeno estranho e indesejável, mas não é isso que ocorre. A nova palavra não substitui palavras preexistentes, ela passa a vigorar ao lado delas. A língua evolui desse modo e alcança uma gama expressiva mais ampla. Nesse sentido, pode-se dizer que os estrangeirismos não alteram as estruturas da língua, ou seja, a sua gramática, e por isso não são capazes de comprometê-la, já que eles atuam no léxico - nível superficial da língua.

Henriques registra ainda que fatores geográficos, culturais, políticos, econômicos podem acarretar influências de uma língua sobre a outra. Todas as línguas que estabelecem algum tipo de contato estão sujeitas a uma mútua interferência e isso deve ser visto como um fenômeno natural, embora passível da necessária reflexão sobre a validade e necessidade de uso.

Algumas décadas atrás, o acesso à língua inglesa era limitado às classes sociais mais elevadas, diferentemente de hoje, onde suas influências estão inseridas no cotidiano pelos meios de comunicação e atingem todas as classes.

Dessa forma, a discussão sobre o estrangeirismo no Brasil está mais centrada no uso dos anglicismos. Há falantes que se referem à incorporação dessas palavras como avanço e progresso; outros associam sua presença a valores negativos como submissão ao poder e à valorização cultural dos Estados Unidos.

Apesar de alguns verem com naturalidade a penetração de estrangeirismos em outras línguas, ou por serem inevitáveis ou por se constituírem em enriquecimento da língua-alvo, a noção de estrangeirismo, no entanto, conforme FARACO (2010, p. 15-16), confere ao empréstimo uma suspeita de identidade alienígena, carregada de valores simbólicos relacionados aos falantes da língua que origina o empréstimo. Desta maneira, FARACO (2010, p. 15-16) acrescenta que valores diversos são atribuídos às identidades ligadas aos falantes de outras línguas por diferentes grupos em uma comunidade. Tais valores podem muitas vezes ser conflitantes dentro da comunidade que faz o empréstimo. Por exemplo, os falantes do português brasileiro, tendo em mente a representação que fazem de certos falantes de inglês, associam a eles e, por extensão, à língua inglesa, valores que vão desde dinamismo progressista, consumo, comodidade, avanço tecnológico e poder, valores aos quais desejam se associar até conservadorismo retrógrado, grosseria, artificialidade insensível e poder nocivo, valores que desejam combater.

Assim, os vocábulos de todas as línguas são o resultado de uma história de interação com outros povos e culturas e, portanto, com outras línguas. Receber palavras de origem estrangeira sob forma de empréstimo não tem a ver com soberania político-econômica. Os

idiomas são propícios para o exercício e o desenvolvimento da interculturalidade e não faz sentido restringi-los aos limites de um país ou de uma nacionalidade.

De acordo com Ana Maria Zilles (2010, p. 169), é provavelmente um equívoco considerar o emprego de palavras estrangeiras como desnacionalização, por um lado, ou como empobrecimento, por outro. A autora acrescenta que uma análise um pouco mais cuidadosa mostraria que a “invasão” se limita a alguns nichos (lugares como os *shoppings* e campos lexicais como o da informática talvez choquem), que não representam nem de longe o país, apesar de sua visibilidade. Por outro lado, a tal invasão certamente não empobrece o português, pois tomada a língua como língua, o efeito é inverso: ela se enriquece. A autora insiste em dizer que as palavras estrangeiras usadas mais correntemente são pouco numerosas, apesar da sensação contrária.

3 INTEGRAÇÃO DOS ESTRANGEIRISMOS AO PORTUGUÊS

A integração dos estrangeirismos, em especial dos anglicismos, se processa por fases e a cada fase corresponde um determinado conjunto de fenômenos morfológicos e semântico-discursivos específicos, conforme sugerem FREITAS, RAMILO e SOALHEIRO (2005).

O objetivo deste capítulo é identificar e descrever esses fenômenos, discutindo-os enquanto critério válido para apurar o grau de integração de um estrangeirismo/anglicismo no léxico do português.

A neologia por empréstimo ocorre quando um elemento estrangeiro (expressão, conteúdo ou ambos) é utilizado numa determinada língua e passa a ser codificado por ela (ALVES, 1984, p.120). Mas nem sempre o emprego de um lexema num outro sistema linguístico supõe sua integração a esse idioma. Ieda Maria Alves afirma que E. Haugen dá o nome de “modelo” à unidade lexical da língua A que é empregada pelos usuários da língua B. Assim, pode ocorrer a importação, quando a unidade lexical recebida mantém-se inalterável na sua forma, ou a substituição do elemento modelo (ALVES, 1984, p. 120).

Nelly de Carvalho (2009, p. 56) advoga que a introdução de um termo estrangeiro consta de quatro fases:

- 1- Palavra estrangeira (existente na língua A)
- 2- Estrangeirismo (usado na língua B)
- 3- Empréstimo (adaptação de qualquer tipo na língua B)
- 4- Xenismo (ausência de adaptação para a língua B)

A autora acrescenta que David Crystal (1985) detalhou a classificação elaborada por E. Haugen (1972) da seguinte forma:

- *loan words* (empréstimos: minha tradução): importação de forma e significado com adaptações ao sistema morfológico: *esputinique, pulôver*;
- *loan blends* (empréstimos mesclados: minha tradução) – quando o significado é importado, mas só parte da forma é da língua-fonte: *goleiro, funkeiro*;
- *loan shifts* (variações dos empréstimos: minha tradução) quando o significado é importado, mas a forma é nativa: *computador, deletar*;
- *loan translations* (traduções dos empréstimos: minha tradução) quando a tradução é feita item por item: *super-homem* (português). (CARVALHO, 2009, p. 76)

Maria Helena Mateus e Margarita Correia (1998, p.71) afirmam que, de uma maneira geral, os termos importados poderão passar por um dos seguintes procedimentos, que após citados serão comprovados por exemplos retirados da mídia pesquisada:

-manutenção da sua forma inalterada em relação à língua de origem – ex: *commodity* (produto primário, de grande importância econômica no comércio internacional, como café, algodão, minério de ferro, etc., cujo preço é estabelecido pelas cotações dos principais mercados internacionais);

EXEMPLO: A lógica de operação do etanol de milho é distinta, pelo fato de o milho ser estocável, ser uma *commodity*. (CE, volume 69, nº 05, de Maio de 2015, pág. 16)

- adaptação parcial da forma original, de tipo meramente ortográfico – ex: *córner*, que será comentado mais adiante.

- a sua substituição por um sintagma explicativo do conceito associado à denominação.

EXEMPLO: A China está buscando uma maior integração com a Ásia, e com isso enfrentar a Parceria Trans Pacífico (TPP, na sigla em inglês, formada por 12 países da Apec, da qual a China não faz parte). (CE, volume 68, nº12, de dezembro de 2014, pág. 16)

- o decalque ou tradução literal do termo, mantendo, quando é o caso disso, o mecanismo semântico que lhe deu origem, geralmente uma metáfora.

EXEMPLO: No início do primeiro mandato de Dilma Rousseff, vários economistas e algumas publicações – EXAME em especial – chamaram a atenção para a necessidade de o presidente do Banco Central, Alexandre Tombini, ser implacável com a alta de preços. Usando expressões importadas dos Estados Unidos para classificar os economistas, Tombini, o escolhido de Dilma, estava mais para *dove* (pombo), que defende uma abordagem menos agressiva diante do perigo de inflação, do que para *hawk* (falcão). Resultado: a inflação anual média do primeiro mandato foi de 6,2%. (E, ed. 1086, ano 49, nº 6, 01/04/2015, p. 70)

Desse modo, serão observadas aqui as diversas transformações por que passam as palavras estrangeiras, fase a fase. Os fenômenos linguísticos descritos serão indicados com exemplos reais da língua.

A análise será iniciada com o estudo sobre o conceito de estrangeirismo e sobre a terminologia subjacente a esta área do conhecimento lexicológico. A seguir, será focalizada a descrição do processo de integração em si. Este processo ocorre em três fases, as quais correspondem ao tipo de transformações evidenciadas pela palavra: transformações imediatas, transformações progressivas e integração no léxico. (FREITAS, RAMILO e SOALHEIRO, 2005)

Serão considerados os fenômenos linguísticos associados a cada uma destas fases em separado, apresentando-se no final um quadro com todos os tipos de adaptações identificadas.

Conforme já foi mencionado anteriormente, as palavras que compõem o léxico do português brasileiro são resultantes de séculos de contato com outros povos, outras culturas e outras línguas, entre elas, o português de Portugal, línguas indígenas brasileiras e africanas, o alemão, o francês, o espanhol, o inglês, o árabe e o italiano (OLIVEIRA, 2005; FIORIN, 2004a). Assim, entende-se que as línguas estão em mutação e adquirem novos vocábulos. Compreensivelmente, a língua de uma cultura que tem mais prestígio acaba trazendo contribuições lexicais para as línguas das culturas com as quais entra em contato.

3.1 Primeira fase: Transformações Imediatas

Quando as palavras passam de uma língua para a outra, é natural que se manifestem de imediato algumas transformações. Estas transformações serão tanto mais significativas quanto maior for a diferença entre as línguas, levando-se em conta aspectos como a estrutura morfológica, os parâmetros sintáticos, etc.

No entanto, por uma determinada palavra manifestar essas transformações imediatas, não se pode afirmar com certeza que um dia ela virá a ser integrada no léxico. Existem, com efeito, muitos casos de palavras importadas de outras línguas que não chegam a perder o estatuto de estrangeirismo, ou seja, que não passam pelas transformações necessárias para integrar o inventário de formas lexicais disponíveis na língua. É nessa situação que geralmente se encontram os nomes próprios estrangeiros, assim como as palavras que designam realidades específicas de outras culturas.

Consideram-se, então, algumas das propriedades evidenciadas pelas palavras estrangeiras na primeira fase de integração: adaptação morfossintática imediata; monossema, ou seja, manutenção do significado com o qual a palavra é importada; grafia da língua de origem e hesitação nos tipos gráficos.

Os tipos de adaptações morfossintáticas que ocorrem nas palavras estrangeiras logo na primeira fase do processo de integração se referem à atribuição de gênero e da integração numa classe de palavras. O primeiro fenômeno é particularmente relevante no que diz respeito aos nomes comuns importados do inglês, que possuem uma marca de gênero inexistente na nossa língua. Quanto ao segundo, acreditamos que se trata de uma operação relativamente trivial, pelo fato de a categoria sintática da palavra normalmente não mudar na passagem de

uma língua para a outra, a não ser nos casos em que temos estruturas sintaticamente analisáveis na língua de origem, mas não no português.

Ieda Maria Alves (2007, p. 81) afirma que, no que diz respeito à categoria de gênero, a unidade lexical por empréstimo tende a flexionar-se de acordo com o gênero do idioma doador, mas, nos casos em que o elemento estrangeiro provém de idiomas em que não há flexão de gênero, como o inglês, o item lexical emprestado costuma adotar o gênero masculino, o não-marcado: no *ranking*. A autora acrescenta que a flexão de gênero pode também ocorrer com o equivalente em português da unidade léxica emprestada: uma *corporation* = corporação, como se pode constatar nos exemplos abaixo.

EXEMPLO: O Chile representa 5% do PIB latino-americano, mas tem 14% das empresas do ranking – a Deloitte atribui isso ao fato de a economia chilena ser uma das mais abertas da região. (E, ed. 1073, ano 48, nº17, 17/09/2014, p. 38)

EXEMPLO: As vantagens e as desvantagens das “corporations”, como esse tipo de empresa é conhecido, são discussão antiga nos Estados Unidos. (E, ed. 1073, ano 48, nº17, 17/09/2014, p. 78)

Freitas, Ramilo e Soalheiro (2005) também postulam que aos nomes comuns provenientes do inglês é normalmente atribuído o gênero masculino (ex: *slogan*, *show*, *download*, etc.). Podemos dizer, com efeito, que o traço [- fem] é atribuído por defeito, quando não existe qualquer tipo de motivação formal ou semântica para atribuir o traço [+ fem] à palavra. É por essa razão que nomes como flash, ketchup e software têm gênero masculino.

No entanto, segundo os autores, existem alguns nomes do inglês que, apesar da regra acima descrita, são femininos. Se a palavra estrangeira tiver uma estrutura -a# na língua de origem, existe uma probabilidade alta de adquirir o traço [+ fem], o que decorre do fato de os nomes terminados nessa vogal, em português, geralmente estarem associados a esse valor de gênero, como por exemplo: bazooka (inglês) > bazuca (português). Há também um fator de ordem semântica que pode ser decisivo na atribuição desse traço. É aquilo a que alguns autores chamam atração sinonímica, processo pelo qual o estrangeirismo adquire o gênero feminino por estar associado a uma palavra vernácula [+ fem] que designa um conceito equivalente.

TABELA 1 - Fatores que podem determinar a atribuição do gênero feminino

Estrutura mórfica–a# Obs.:A vogal /a/ tem de estar associada à estrutura fonológica da palavra, não apenas à sua representação gráfica. Nesse sentido, exemplos do tipo <i>ice-tea</i> são descartados.	<i>bazuca</i> < bazooka (inglês) <i>cóferdã</i> < <i>cofferdam</i> (inglês), in HENRIQUES, 2014, p. 145.
Atração semântica	<i>corporation</i> (corporação, empresa)
	<i>internet</i> (rede)
	<i>holding</i> (empresa que administra outras empresas)
	<i>startup</i> (empresa em fase de desenvolvimento)
	<i>commodity</i> (produto primário)
<i>chips</i> (batatas cortadas em rodela finas)	

EXEMPLO: As vantagens e as desvantagens das “corporations”, como esse tipo de empresa é conhecido, são discussão antiga nos Estados Unidos. (E, ed. 1073, ano 48, nº17, 17/09/2014, p. 78)

EXEMPLO: Em tese uma “corporation” teria tudo para liberar esse processo. (E, ed. 1073, ano 48, nº17, 17/09/2014, p. 78)

EXEMPLO: Com 1 bilhão de visualizações em dois anos, o canal de humor Porta dos Fundos cria uma holding para gerir seus negócios. (E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p. 66)

EXEMPLO: Por que o senhor decidiu trabalhar no Alibaba?

Estava numa agência de publicidade multinacional em Pequim, mas sempre quis trabalhar numa startup. (E, ed. 1073, ano 48, nº17, 17/09/2014, p. 120)

Freitas, Ramilo e Soalheiro (2005) acrescentam que a integração das palavras estrangeiras numa determinada classe de palavras, tal como a atribuição do gênero, processa-se de um modo imediato. Essa é uma operação relativamente trivial, a não ser no caso das estruturas sintaticamente analisáveis na língua de origem que, na passagem para o português, se tornam impossíveis de serem analisados. Como exemplo cita-se a transformação dos sintagmas do inglês *free shops*, *wearable computers* e *world music* em substantivos comuns.

A descrição do que acontece em nível semântico, no primeiro momento em que uma palavra passa de uma língua para outra, mostra uma tendência muito forte para que as formas mantenham o significado da língua de origem, uma vez que normalmente designam uma realidade específica para a qual não existe um correspondente vernáculo. Existem vários casos de palavras importadas do inglês que, na sua origem, podem corresponder a acepções diversas, mas que, no português, apresentam um significado restrito. Consideremos esses dois exemplos listados na Tabela 2:

TABELA 2 – Palavras importadas do inglês com significado restrito em português

FORMA	SIGNIFICADO EM INGLÊS	SIGNIFICADO EM PORTUGUÊS
<i>roaming</i>	Termo originado do verbo <i>to roam</i> que significa “vagar”.	Serviço que permite o funcionamento de celulares no estrangeiro
<i>retarder</i>	Termo originado do verbo <i>to retard</i> que significa “retardar” (tornar mais lento o progresso ou desenvolvimento de algo)	dispositivo instalado em alguns veículos que funciona junto com os freios para diminuir a velocidade por segurança

Antes de abordar os fenômenos que caracterizam a segunda fase de integração dos estrangeirismos, cumpre mencionar que a sua representação gráfica depende muito de fatores extralinguísticos, principalmente os que dizem respeito à normalização e à política de integração dos estrangeirismos na língua. Acredita-se, com efeito, que o critério gráfico não é decisivo no apuramento do grau de integração de uma palavra, o que não implica, no entanto, que a grafia não seja um indício da integração (FREITAS, RAMILO e SOALHEIRO, 2005), conforme observamos no exemplo abaixo, a palavra inglesa *corner* acentuada:

EXEMPLO: UM SÓCIO EM CADA CÓRNER

Auditorias, demissões, processos, ameaças. A siderúrgica Usiminas tem dois controladores em pé de guerra – e a situação só piora. (E, ed. 1075, ano 48, nº1, 15/10/2014, p. 54)

As palavras estrangeiras que se encontram nesta primeira parte caracterizam-se por apresentar uma grafia idêntica à da língua de origem. Pelo fato de serem sentidas como estranhas ao sistema linguístico, é comum ocorrerem com tipos gráficos (aspas, itálicos, negrito, etc.) distintos, como provam os exemplos abaixo:

EXEMPLO: Hoje, a Renner é uma das poucas empresas brasileiras com capital pulverizado, no modelo de “corporation” típico dos Estados Unidos. (E, ed. 1073, ano 48, nº17, 17/09/2014, p. 74)

EXEMPLO: O trabalho foi concluído com um *workshop* com lideranças empresariais. (CE, volume 68, nº09, de setembro de 2014, pág. 49)

EXEMPLO: Oculus VR: criada por **crowdfunding**. (E, ed. 1085, ano 49, nº5, 18/03/2015, p. 106)

3.2 Segunda fase: Transformações Progressivas

Os fenômenos tratados nesta parte do capítulo não correspondem a transformações imediatas, mas antes a adaptações progressivas que ocorrem ao longo do tempo e da frequência de uso de uma determinada palavra estrangeira. A partir destes processos, dá-se uma aproximação mais significativa, a nível formal, entre os estrangeirismos e o restante das palavras do léxico do português.

Observem-se, então, as propriedades relevantes para caracterizar as palavras que se encontram na segunda fase do processo de integração: adaptação morfosintática progressiva; possibilidade de formação de novas palavras: composição e prefixação; formas concorrentes no quesito gráfico e atestação lexicográfica (normatizada ou não).

Os estrangeirismos que se encontram na segunda fase do processo de integração caracterizam-se morfologicamente pelo fato de poderem originar novas palavras por meio de composição e prefixação. Estes processos de criação de palavras, não sendo derivacionais, podem operar sobre elementos que ainda não se encontram integrados no léxico. Desse modo, é possível encontrar vocábulos cuja forma de plural ainda não se encontra definida na língua, mas, que podem integrar novas palavras quer por composição quer por prefixação. Tomando-se a palavra inglesa *modem*: temos *fax-modem*, por exemplo.

FREITAS, RAMILO e SOALHEIRO (2005) afirmam que é normalmente na segunda fase do processo de integração que os estrangeirismos começam a aparecer nos textos com grafias alternativas à da língua de origem, no entanto, observa-se que essas grafias alternativas tendem a ser rejeitadas por certos setores da comunidade linguística.

Nos meios de comunicação social, por exemplo, há uma tendência clara para manter a forma gráfica original. Palavras como *cartoon* e *cocktail* são frequentemente produzidas com a grafia da língua de origem, não obstante já haver as formas aportuguesadas nos dicionários (*cartum* e *coquetel*).

A tirinha do personagem Grump, reproduzida a seguir, exemplificada por FERNANDES (2010, p. 4), menciona palavras que o personagem usa em seu cotidiano (“Vira e mexe uso palavras com essas letras”) com tanta frequência, que não percebe que a mesma não faz parte do vernáculo da língua portuguesa, como “*whisky*”, que, apesar de já existir a forma aportuguesada “*uísque*”, aparece na tirinha com a grafia do inglês.



Fonte: <http://www.upalele.com/2009/03/26/grump-e-o-acordo-ortografico/>. Acesso em 08/08/2013.

FIGURA 6

3.3 Terceira fase: integração no léxico

Esta é, efetivamente, a fase em que o estrangeirismo deixa de ser estrangeirismo. As palavras completamente integradas têm de evidenciar estabilização a vários níveis, aproximando-se formalmente dos vocábulos já listados no léxico. Citam-se, a seguir, algumas das suas propriedades:

- plena integração morfossintática: fixação do gênero e da forma de plural;
- integração no sistema morfológico da língua: possibilidade de derivação;
- polissemia: tendência para extensão, restrição ou modificação do significado da forma original;
- atestação lexicográfica normatizada. (FREITAS, RAMILO e SOALHEIRO, 2005)

Quanto às propriedades morfossintáticas, os autores afirmam que a fixação do gênero e da forma do plural é uma condição necessária para que as palavras possam ser consideradas integradas. Um aspecto morfológico igualmente importante neste âmbito é o fato de os vocábulos poderem integrar estruturas derivacionais da língua, como já foi mencionado.

Ana Rebello d'Andrade (1995) postula que, quando uma determinada palavra pode funcionar como base de um processo de derivação, então essa palavra já está plenamente integrada. O seu radical passa a fazer parte do repertório de radicais disponíveis no léxico.

Observemos a Tabela 3, que contém alguns exemplos de derivação com base em radicais originários do inglês, hoje já integrados no léxico da nossa língua:

TABELA 3 - Exemplos de derivação com base em radicais originários do inglês

Nome de base (radical derivacional)	Formas derivadas por sufixação
<i>absent</i>	absenteísmo (ver exemplo abaixo)
<i>click</i>	clicar
<i>connect</i>	conectar
<i>commodity, commodities</i>	comoditização (ver exemplo abaixo)
<i>delete</i>	deletar
<i>link</i>	linkar
<i>start</i>	estartar
<i>scan</i>	escanear
<i>stress</i>	Estressar, estressante
<i>surf</i>	Surfe, surfar, surfista

EXEMPLO: No entanto, à medida que a companhia cresce, é preciso ter controle sobre o turnover de pessoal, com taxa de absenteísmo. (E, ed. 1073, ano 48, nº5, 17/09/2014, p. 104)

EXEMPLO: Hoje há 45000 lojas virtuais apenas no Brasil – nos Estados Unidos, existem 650 000. Escapar da comoditização e da briga pelo preço mais baixo exige um pouco de sedução – e para isso ainda não inventaram nada mais eficiente do que a experiência de carne e osso. (E, ed. 1085, ano 49, nº5, 18/03/2015, p. 78)

André Valente (2012) observa que na criação de neologismo, o sufixo “-ção”, observado também em “comoditização” no exemplo acima, é, pela riqueza de exemplos, o mais produtivo de todos, pois, por meio dele, nosso léxico enriqueceu-se bastante nos últimos anos. Ele aparece com frequência para aspectos econômicos (otenzização, betenização, dolarização, etc), tema de nossa pesquisa (VALENTE, 2012, p. 26-27). Oriundo do latim *tion* (*e*), “-ção” adjunge-se a bases verbais (infinitivos) para criar substantivos abstratos de ação (VALENTE, 2012, p. 49).

Carlos Alexandre Gonçalves (2016, p. 85-86) cita a criação de constituintes morfológicos que pode ser definida “como um caso que novo afixo estabeleceu-se por si só porque falantes começaram a percebê-lo em um grupo de palavras emprestadas”. Nesse caso, tem-se o uso dos chamados xenoconstituintes ou *splinters* não nativos (GONÇALVES e ALMEIDA, 2012), como *ciber-*, *wiki-* e *e-*, encontrados em nosso *corpus* nos anglicismos: *e-commerce*, *e-mail*, *e-readers*, e que, combinados com bases nativas, formam palavras como *ciberavó* (avó moderna, “antenada” com as novas tecnologias digitais), *wikiaves* (‘enciclopédia digital sobre aves’) e *e-professor* (‘professor virtual’) (GONÇALVES, 2016, p. 85). O emprego de tais elementos morfológicos recém-criados em inglês, a partir de processos como o truncamento e a abreviação vem sendo cada vez mais freqüente, especialmente na informática e no comércio eletrônico: *ciber-* (encurtamento de *cybernetics*) e *e-* (abreviação de *electronic*). Essa ocorrência vem favorecendo o grande aumento de

elementos não nativos nas estruturas morfológicas do português. (GONÇALVES e ALMEIDA, 2012, p. 105)

A consequência é que esses elementos se juntam a raízes vernáculas formando hibridismos. A Tabela 4 foi adaptada de uma criada pelos autores (GONÇALVES e ALMEIDA, 2012, p. 87) para exemplificar alguns xenoconstituintes no português contemporâneo:

TABELA 4- Relação de alguns xenoconstituintes em uso no português

ELEMENTOS	FORMA DE ORIGEM	SIGNIFICADO	EXEMPLOS
<i>Ciber-</i>	<i>cybernetics</i>	‘digital’	<i>cibercafé</i>
<i>e-</i>	<i>electronic</i>	‘pelo computador’	<i>e-professor, e-mail, e-readers, e-commerce</i>
<i>i-</i>	<i>iPod</i>	internet, individual,	<i>iPhone, iMac, i-Pad</i>
<i>wiki-</i>	<i>Wikipedia</i>	‘enciclopédia virtual	<i>wikiaves</i>
<i>-gate</i>	<i>Watergate</i>	‘escândalo’, ‘história’	<i>nonnagate, Mônica-gate</i>
<i>-leaks</i>	<i>Wikileaks</i>	‘vazamento de informação’	<i>PT-leaks, Planalto-leaks</i>
<i>-burger</i>	<i>hamburger</i>	‘sanduíche’	<i>X-búrguer, eggbúrguer</i>

Seguem alguns exemplos encontrados em nosso *corpus*:

EXEMPLO: Entre meados de 2016 e, no máximo, janeiro de 2017, todas as empresas que atuam no país deverão estar integradas ao eSocial. Trata-se de uma plataforma que reunirá informações trabalhistas, previdenciárias, fiscais e tributárias relativas à contratação de funcionários. (E, ed. 1091, ano 49, nº11, 10/06/2015, p. 80)

EXEMPLO: Além de monitorar as atividades físicas, o relógio da Apple vai se conectar ao iPhone, controlar a lista de músicas, mostrar textos de mensagens e até pagar contas nas lojas americanas habilitadas pelo sistema Apple Pay. (E, ed. 1080, ano 48, nº24, 24/12/2014, p. 86)

EXEMPLO: O monitor de pressão arterial da americana iHealth se conecta ao celular via bluetooth e fornece as informações de saúde na hora, além do histórico do paciente. (E, ed. 1080, ano 48, nº24, 24/12/2014, p. 87)

EXEMPLO: O termômetro da iDevices indica a temperatura e o tempo de cozimento dos alimentos. O usuário define pela tela do celular o tipo de carne e o ponto. Depois é só esperar o alarme. (E, ed. 1080, ano 48, nº24, 24/12/2014, p. 91)

EXEMPLO: As empresas de e-commerce pecam pela falta de planejamento e de centros de distribuição próximos aos lugares onde há demanda por seus produtos. (E, ed. 1078, ano 48, nº22, 26/11/2014, p. 18)

EXEMPLO: “Quando o Samsung Galaxy S4 foi lançado, de forma alguma a estratégia de marketing mirava o consumidor idoso. Ainda assim, havia uma opção para simplificar a tela inicial, com ícones maiores e mais contraste”, diz Stephanie, da Euromonitor. “O mesmo pode ser dito de tablets e e-readers: as telas e a

personalização da fonte tornam a leitura fácil para quem é mais velho.” (E, ed. 1082, ano 49, nº2, 04/02/2015, p. 62)

EXEMPLO: Os consumidores falam muito menos e usam outras opções, como mensagens de texto, WhatsApp ou e-mail. (E, ed. 1073, ano 48, nº17, 17/09/2014, p. 82)

EXEMPLO: O “nonnagate” da Diletto é o retrato de um tipo de estratégia que extrapola os limites do marketing – e que está em plena moda no mundo dos negócios. (E, ed. 1076, ano 48, nº20, 29/10/2014, p. 64)

Cabe aqui destacar que um caso de lexicalização de *splinter* já trazido da língua de origem que é *burger*, resultado da decomposição sublexical *ham* + *burger*, em que a sequência *ham* (presunto, em inglês), na realidade nada tem a ver com esse significado, já que é um empréstimo: *hamburger* vem de Hamburgo, uma cidade da Alemanha. Com isso, *burger* passa a denominar o próprio sanduíche e se combina com outras palavras para se referir a outros ingredientes contidos no mesmo: *cheeseburger*, *chickenburger*, *fishburger*. (GONÇALVES, 2016, p. 100)

Já a palavra *cheeseburger* passa por um processo interessante, ao chegar ao português: como a pronúncia de *cheese* (queijo, em inglês) se assemelha à da letra X (xis), essa unidade passa a designar o próprio sanduíche: X-frango, X-picanha, X-bacon, etc. Assim, a letra X adquire, então, o estatuto de radical na formação de novos compostos e nem de longe lembra *cheese* do inglês, já que surge, até em X-queijo. (GONÇALVES, 2016, p. 100-101)

Com relação ao ponto de vista semântico, as formas integradas tendem a tornar-se polissêmicas, como acontece com todas as palavras listadas no léxico. Isso é particularmente visível em relação a um termo do inglês integrado no português: *internet*, como se pode constatar abaixo:

EXEMPLO: A *internet* da faculdade está muito lenta. (‘ligação à rede’)

EXEMPLO: Vamos acabar de uma vez com a *internet* paga. (‘serviço de acesso à rede’)

O termo *round*, a princípio ligado ao boxe, com o significado de rodada, aparece na seguinte construção, sugerindo a etapa de uma negociação difícil:

EXEMPLO: O choque entre a velha e a nova economia tem um novo round. (E, ed. 1091, ano 49, nº11, 10/06/2015, p. 98)

O termo *rally*, que é uma competição automobilística (ou de motocicleta), destinada a comprovar a habilidade do piloto e/ou a qualidade do veículo, e onde os participantes, partindo de pontos diferentes, devem encontrar-se num determinado lugar (fonte: DA), no

contexto da revista CE, indica que o pesquisador da FGV/IBRE teme que as demissões sem justa causa nas empresas possam ocorrer da mesma forma e na mesma velocidade de um *rally*.

EXEMPLO: O pesquisador da FGV/IBRE teme ainda um *rally* de demissões sem justa causa, negociadas entre empresários e trabalhadores, para que estes possam sacar o seguro- desemprego antes da vigência das novas regras impostas pelo governo nas medidas provisórias 664 e 665 e previstas para início de março. (CE, volume 69, nº03, de março de 2015, pág. 16)

Freitas, Ramilo e Soalheiro (2005) acrescentam que, em termos de grafia, as palavras que se encontram nesta fase tendem a apresentar uma atestação lexicográfica normatizada. No entanto, deve-se ressaltar que este não é um critério confiável, por não estar associado a fatores puramente linguísticos. É possível que uma palavra esteja totalmente integrada do ponto de vista fonológico e morfológico e continue a manter de forma geral a grafia da língua de origem. São exemplos disso as formas *design, feedback, hardware, internet* e *software*, entre muitas outras.

Depois de ter considerado os vários fenômenos correspondentes a cada uma das fases do processo de integração, os autores traçam um quadro geral com indicação do percurso evolutivo evidenciado pelos estrangeirismos.

Na primeira fase, ocorrem: a adaptação morfossintática imediata; a monossemia: manutenção do significado com o qual a palavra é importada; a grafia da língua de origem e a hesitação nos tipos gráficos.

Na segunda fase, há a adaptação morfossintática progressiva; a possibilidade de formação de novas palavras: composição e prefixação; as formas concorrentes a nível gráfico e a atestação lexicográfica (normatizada ou não).

E na terceira fase encontramos a plena integração morfossintática: fixação do gênero e da forma de plural; a integração no sistema morfológico da língua: possibilidade de derivação; a polissemia: tendência para extensão, restrição ou modificação do significado da forma original e a atestação lexicográfica normatizada.

Conforme foi observado, a integração dos estrangeirismos no português é feita por fases e que a cada uma dessas fases corresponde um conjunto de fenômenos linguísticos específicos. Foram considerados, sobretudo, fenômenos de natureza morfológica, remetendo a grafia para segundo plano, na convicção de que esta é menos adequada para dar conta do grau de integração das palavras.

Ieda Maria Alves (2008) afirma que alguns estrangeirismos não apresentam nenhuma forma de integração, com exceção da integração fonológica, à língua portuguesa.

A autora acrescenta que este fato pode ser devido a fatores como o prestígio da língua estrangeira ou o estranhamento que um estrangeirismo pode causar, mas ela acredita que a não integração é, em alguns casos, condicionada pela estrutura da palavra estrangeira. Desse modo, se um estrangeirismo como *surf* facilmente se integra ortograficamente ao português, com o acréscimo da vogal temática *-e* à consoante final, formando uma sílaba do português – *surfe-*, outros estrangeirismos freqüentes, como *jeans* e *software*, resistem à integração ortográfica, possivelmente em razão da estrutura vocabular mais relacionada à língua inglesa.

As propostas lexicográficas de aportuguesamento nem sempre são seguidas pelos usuários, como ocorre com *leiaute* (*lay out*), registrado em FERREIRA (2010) e em HOUAISS (2009). Esses dicionários registram também a forma estrangeira dessa palavra, *lay out*, remetendo-a para a respectiva forma vernacular (ALVES, 2008).

Dessa forma, não se observam formas homogêneas de aportuguesamento de estrangeirismos na nossa língua.

Observamos no *corpus* uma ocorrência de hibridismo, que é o caso do termo “*nonnogate*”, formado por uma palavra italiana: *nonno* = avô + *gate*, aqui no contexto a palavra *gate* remete à história do avô na criação da empresa. (Fonte: E, ed. 1076, ano 48, nº20, 29/10/2014, p. 64)

O elemento inglês *-gate*, com valor sufixal, é empregado em <*nonnogate*> por analogia com *Watergate*, o edifício situado em Washington, Estados Unidos, que deu nome ao escândalo que envolveu o ex-presidente norte-americano Richard Nixon e levou-o à renúncia em 1974. (Cf. ALVES, 2001, p.60)

EXEMPLO: O “*nonnogate*” da Diletto é o retrato de um tipo de estratégia que extrapola os limites do marketing – e que está em plena moda no mundo dos negócios. Para conquistar espaço, as empresas se preocupam cada vez mais em contar histórias que as diferenciem dos concorrentes – técnica conhecida como *storytelling*. (E, ed. 1076, ano 48, nº20, 29/10/2014, p. 64)

Outro exemplo de hibridismo em nosso *corpus* é a palavra *motoboy*, a princípio é considerado um hibridismo improvável e não existente em sua língua de origem que ocorre ao se justaporem vocábulos criados: palavra forjada no Brasil, a partir do ing. *motor(cycle)* ‘motocicleta’ + (*office*) *boy* ‘contínuo’. (Fonte: *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, UOL, 2012). Significa o profissional que se desloca de moto para entregar ou

receber encomendas ou mercadorias. (Fonte: Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 5ª ed. – Curitiba: Positivo, 2010)

EXEMPLO:

99 MOTOS

A startup brasileira conecta motoboys a empresas que precisam de serviços de entrega. Quem contrata tem controle online de horários e rotas. (E, ed. 1091, ano 49, nº11, 10/06/2015, p. 99)

4 APRESENTAÇÃO DOS ANGLICISMOS NO JORNALISMO ECONÔMICO

As unidades lexicais de origem estrangeira não se apresentam de maneira homogênea. Por esse motivo, é preciso expor a forma de apresentação das unidades lexicais de origem estrangeira, conforme os dados extraídos dos *corpora* jornalísticos contemporâneos pesquisados: as revistas EXAME e CONJUNTURA ECONÔMICA.

4.1 O Uso da Metalinguagem

Fazer comentários sobre o texto torna-se, muitas vezes, necessário para uma melhor comunicação. No caso dos anglicismos, o objetivo é ajustar o discurso ao que ele deve designar. Para tal, a linguagem possui a função metalingüística, onde a língua é usada para se referir a ela mesma. Dessa forma, constatou-se que a imprensa escrita utiliza esse recurso para fazer referência ao seu próprio dizer. Muitos dos textos observados nas revistas pesquisadas, em especial na revista CE, apresentam comentários metadiscursivos, que visam oferecer uma rápida e correta decodificação para os leitores.

Ieda Maria Alves (1984, p. 97) afirma que a unidade lexical estrangeira que imprime um caráter de novidade ao texto pode ser decodificada se for acompanhada por elementos que a explicitem. A autora acrescenta que esse recurso revela que o termo estrangeiro é externo à língua e corresponde à fase em que é considerado *estrangeirismo*, isto é, tem a função de produzir um efeito exótico, de cor local (ALVES, 1984, p. 97).

Nos artigos das revistas pesquisadas, encontramos alguns exemplos de palavras ou expressões inglesas que se apresentam concomitantemente com elementos vernáculos. Tal fato pode se apresentar de diferentes maneiras.

Pode ser intermediado por verbos metalingüísticos como chamar-se, designar, conhecer:

EXEMPLO: O chamado efeito *under water* – quando a cotação dos papéis fica abaixo das expectativas – é uma das razões para a perda de popularidade das opções de ações. (E, ed. 1073, ano 48, nº 17, 17/09/2014, pág. 100)

EXEMPLO: O crime de manipulação de mercado se deu, segundo a acusação, quando Eike comunicou ao mercado um compromisso de aporte de 1 bilhão de dólares na

petroleira OGX, conhecido como “put”, caso a empresa tivesse dificuldades financeiras. (E, ed. 1086, ano 49, nº6, 01/04/2015, p. 53)

EXEMPLO: Assim, haveria espaço para os trabalhadores organizarem-se para capturar uma fatia maior desses rendimentos na forma de salário, em um processo conhecido como *rent-seeking*. (CE, volume 69, nº06, de Junho de 2015, pág. 54)

EXEMPLO: Além disso, a nova metodologia sugere excluir das estatísticas os bens adquiridos por residentes em país estrangeiro para venda em um segundo país estrangeiro, conhecidas como *merchanting*, que tampouco tiveram alto impacto na balança. (CE, volume 69, nº08, de Agosto de 2015, pág. 41)

EXEMPLO: Durante a conferência Dreamforce, em outubro, evento anual promovido pela empresa e que reuniu 140 000 pessoas em São Francisco, Benioff anunciou que a nova aposta da companhia é a análise de dados gerados por sensores e celulares, o chamado *analytics market* – mercado que movimentava 38 bilhões de dólares por ano. (E, ed. 1078, ano 48, nº22, 26/11/2014, p. 125-126).

Em alguns casos, a unidade lexical estrangeira contém uma informação mais importante que a transmitida pelo elemento vernáculo. Observamos a ocorrência deste fato em termos técnicos da área econômica, o que implica que o termo estrangeiro empregado ainda não tem uma tradução adequada ou, então, que esta não é suficientemente conhecida, conforme Ieda Maria Alves (1984, p. 97) reitera.

Dessa forma, pode ser traduzido para a língua portuguesa por meio de:

- uma unidade lexical, que ocorre no exemplo abaixo, com a inserção direta da tradução do vocábulo estrangeiro, sem qualquer menção ou conectivo, mas com o uso de parênteses, funcionando aqui como um aposto que parafraseia o significado do anglicismo:

EXEMPLO: Temos que aprimorar a pauta de negociações principalmente com os países vizinhos, caso queiramos ser *hub* (o centro) de uma cadeia de valor regional, concluiu. (S.M.) (CE, volume 68, nº09, 09/2014, p. 31)

EXEMPLO: A questão é que a Petrobras, detentora de vários blocos no pré-sal, poderia fazer *farmout* (cessão) parcial de seus interesses nesses blocos com o objetivo de auferir vantagens econômicas como um meio muito oportuno e imediato de aliviá-la da grave crise econômica em que se encontra. (CE, volume 69, nº06, de Junho de 2015, pág. 57)

EXEMPLO: Para além de modestos tópicos ajustes de uma ou outra alíquota, um movimento explícito de resolver o problema fiscal brasileiro pelo lado da receita acenará para os investidores com “mais do mesmo” em termos da política de “*spend and tax*” (gaste e tribute). (CE, volume 68, nº11, de Novembro de 2014, pág. 9)

- uma definição, o que indica que o emissor está consciente de que o estrangeirismo pode não ser compreendido pelo seu interlocutor:

EXEMPLO: Diversificar nossas linhas de frente seria como fazer um *hedge*, um seguro contra riscos. (CE, volume 68, nº10, de Outubro de 2014, pág. 17)

EXEMPLO: Os *credit default swaps* (CDS, uma medida de risco de crédito) dos títulos soberanos do Brasil de dez anos estão em 220 pontos básicos (quando esta coluna foi escrita), enquanto os melhores papéis “*junk*” (sem grau de investimento) têm CDS em torno de 290 pontos. (CE, volume 68, nº11, de Novembro de 2014, pág. 11)

EXEMPLO: A economista destaca que o crescimento verificado entre 2003 e 2012, além de responder parcialmente a um *catch up*, ou recuperação da perda registrada no momento anterior, não teve como maior impulso a indústria, mas os setores agropecuário e de serviços. (CE, volume 68, nº11, de Novembro de 2014, pág. 36)

EXEMPLO: “Já no caso *onshore* (bacias terrestres), ainda não há convergência sobre o tamanho das reservas”, afirma. (CE, volume 68, nº12, de Dezembro de 2014, pág. 35)

EXEMPLO: O necessário ajustamento da economia é recessivo e a diferença em relação ao baixo crescimento do custo do produto (PIB) que vimos até agora é que daqui pra frente o mercado de trabalho será afetado”, ressalta o economista ao lembrar as possíveis razões que mantiveram o bom desempenho do mercado formal em 2014, entre elas a realização da Copa do Mundo no Brasil, os *layoffs* (suspensão temporária dos contratos de trabalho) utilizados pelas empresas para segurar seus funcionários e a isenção na folha de pagamentos feita pelo governo para estimular a criação e manutenção dos empregos. (CE, volume 69, nº01, de Janeiro de 2015, pág. 46)

EXEMPLO: O *Federal Reserve (Fed)*, banco central americano, tem dado sinais de que será extremamente cauteloso no início previsto para este ano da alta dos juros básicos, de forma a evitar movimentos drásticos dos juros mais longos. (CE, volume 69, nº 05, de Maio de 2015, pág. 11)

EXEMPLO: Estamos trabalhando para integrar e fortalecer nossa oferta de *triple play* (banda larga, TV por assinatura e telefonia fixa) em nível nacional, e pretendemos inovações com ofertas *quadruple play* (que combinam o serviço móvel com o *triple play*). (CE, volume 69, nº08, de Agosto de 2015, págs. 17-18)

- ou de uma frase explicativa:

EXEMPLO: O restante se enquadra no chamado *tax-welfare churn*: o que o governo tira com uma mão, dá com a outra para o mesmo contribuinte. (CE, volume 68, nº11, de Novembro de 2014, pág. 50)

EXEMPLO: Nos Estados Unidos, a adoção do *quantitative easing* (compra de um grande volume de títulos públicos focando o aumento de liquidez no mercado) começou na fase aguda da crise. (CE, volume 69, nº01, de Janeiro de 2015, pág. 51)

EXEMPLO: Redução de gastos possuem nítidas vantagens: cortam gorduras e ineficiências, combatem os *rent seekers* (agentes que tentam obter renda manipulando o ambiente político) e a corrupção, diminuem a demanda do setor público por poupança privada e preservam a capacidade de investimento das empresas” (CE, volume 69, nº03, de Março de 2015, pág. 32)

EXEMPLO: Na língua inglesa existem duas palavras que são muito parecidas, *shareholder* e *stakeholder*. A primeira corresponde a acionista, aquele que tem ações de uma determinada empresa. A segunda será traduzida por parte interessada. (CE, volume 69, nº05, de Maio de 2015, pág. 20)

EXEMPLO: Estamos trabalhando para integrar e fortalecer nossa oferta de triple play (banda larga, TV por assinatura e telefonia fixa) em nível nacional, e pretendemos inovações com ofertas *quadruple play* (que combinam o serviço móvel com o triple play). (CE, volume 69, nº08, de Agosto de 2015, págs. 17-18)

EXEMPLO: Mas hoje também há a indefinição em relação ao mandato americano, o *renewable fuel standard (RFS)*, que define a porção do mercado que deve ser abastecida com etanol avançado (categoria do etanol da cana), convencional (milho), celulósico e biodiesel. (CE, volume 69, nº 05, de Maio de 2015, pág. 16)

Conforme se pôde observar, as definições destacadas acima foram empregadas indicando que o emissor sabe que o estrangeirismo pode não ser compreendido por seu interlocutor.

Outras vezes, conforme ALVES (1984, p. 98) também constata, a informação principal é fornecida por uma expressão ou termo vernáculo, complementado por expressão estrangeira como algo ilustrativo, ao mesmo tempo em que torna o texto de especialidade mais preciso e mais conforme com a terminologia a que corresponde, como se pode observar nos exemplos abaixo:

EXEMPLO: De acordo com a pesquisa EXAME / Hay Group, as opções de ações (ou stock options) compõem hoje apenas 38% do pacote de remuneração variável das companhias, ante 54% há cinco anos. (E, ed. 1073, ano 48, nº 17, 17/09/2014)

EXEMPLO: Desde 1914 teve 15 presidentes (nos EUA o título é de *chairman*). (CE, volume 68, nº10, de Outubro de 2014, pág. 52)

EXEMPLO: As conseqüências para esse descompasso das contas públicas são várias, a pior delas é a perda de credibilidade dos investidores no país, medida pelas agências de classificação de risco de crédito (*rating*) nacionais e internacionais. (CE, volume 68, nº10, de Outubro de 2014, pág. 57)

EXEMPLO: Também influencia positivamente a avaliação a relação entre uma medida de agregado monetário ampla (“*broad money*”) e o PIB, o que dá uma idéia da capacidade do mercado financeiro local de sustentar um dado nível de dívida doméstica. (CE, volume 68, nº12, de Dezembro de 2014, pág. 7)

EXEMPLO: Segundo Lavínia, no caso da produção no mar (*offshore*), as dúvidas são sobre quanto e quando esse gás estará disponível, bem como qual será a necessidade de utilização desse gás para viabilizar o investimento na sua produção. (CE, volume 68, nº12, de Dezembro de 2014, pág. 35)

EXEMPLO: No entanto, no mesmo período, o preço relativo dos bens comercializáveis internacionalmente (*tradables*) ante os bens não comercializáveis (*non-tradables*) evoluiu de 98 para 89, com valorização adicional de 10%! (CE, volume 69, nº 03, de Março de 2015, pág. 10)

EXEMPLO: A evidência é que a correlação entre o déficit de transações correntes e o câmbio interno (relação entre *tradables* e *non-tradables*) é maior do que o déficit de transações correntes e o câmbio externo. (CE, volume 69, nº03, de Março de 2015, pág. 10)

EXEMPLO: Na Fitch Ratings, a perspectiva se mantém estável, mas a nota é BBB, podendo cair mais um nível (sofrer um *downgrade*), sem que o país entre no grau especulativo. (CE, volume 69, nº 04, de Abril de 2015, pág. 21)

EXEMPLO: A lógica de operação do etanol de milho é distinta, pelo fato de o milho ser estocável, ser uma *commodity*. (CE, volume 69, nº 05, de Maio de 2015, pág. 16)

EXEMPLO: O seu êxito depende da disponibilidade de rendimentos excedentes (*rents*) nas empresas para que possam capturar para si e transferi-los aos trabalhadores. (CE, volume 69, nº06, de Junho de 2015, pág. 54)

O elemento estrangeiro pode equivaler a uma unidade lexical, como nos exemplos citados, ou ainda a uma perífrase:

EXEMPLO: O economista observa que esse percentual indica um desafio maior para o país na hora de substituir investimento por demanda agregada, bem como para administrar eventuais crises no segmento informal de financiamento (conhecido como *shadow banking*), devido a possíveis problemas de solvência na qualidade dos ativos nas mãos dessas instituições. (CE, volume 68, nº10, de Outubro de 2014, pág. 22)

Como se viu, os anglicismos foram empregados metalinguisticamente nos textos de especialidade enfocados, de acordo com os exemplos mencionados. O texto de especialidade da área de economia serve-se do código estrangeiro, aqui o inglês, para descrever tecnicamente um referente, procurando dessa forma se tornar mais autêntico para os receptores.

ALVES (1984, p. 99) postula então que, ao afastar-se da linguagem corrente em que é expresso o discurso de especialidade (no nosso caso da área de economia), o código

estrangeiro - como toda linguagem especial: dialeto, jargão, gíria... – constitui um tipo de conotação metalingüística.

Alguns exemplos inventariados em nosso *corpus* correspondem à fase que Rey-Debove, citado por ALVES (1984, p. 99), denomina *conotação autonímica* do estrangeirismo. O elemento do código estrangeiro é empregado simultaneamente com a unidade lexical pertencente ao código vernáculo, sem a intermediação de verbos metalingüísticos (como por exemplo, chamar, nomear). É o uso de sinônimos (entre os dois códigos), formas perifrásticas ou definicionais que tornam o termo estrangeiro conotativamente autonímico.

Marcas visuais como negrito, aspas e itálico destacam as unidades lexicais estrangeiras. Essas marcas, segundo Rey-Debove (1978^a), citado por Ieda Maria Alves (2008), caracterizam a conotação autonímica da unidade lexical estrangeira, que ainda não é percebida como integrante da língua receptora, a exemplo de “corporation” e *enforcement*, contextualizadas a seguir:

EXEMPLO: “Além de pesados investimentos em infraestrutura, para dar conta dessa rapidez, e de regras duras de *enforcement* para que a agilidade não se volte contra o mercado, como ocorreu nos EUA,...” (E, ed. 1073, ano 48, nº17, 17/09/2014, p. 20)

EXEMPLO: “Hoje a Renner é uma das poucas empresas brasileiras com capital pulverizado, no modelo de “corporation” típico dos Estados Unidos.” (E, ed. 1073, ano 48, nº17, 17/09/2014, p. 74)

Ieda Maria Alves (1984) acrescenta que essas diferentes formas de apresentação das unidades lexicais de origem estrangeira no *corpus* estudado – marcas visuais, formas tradutórias, enunciados explicativos e definitórios, marcas metalingüísticas explícitas – revelam que a unidade lexical estrangeira é percebida como um estrangeirismo, ou seja, ainda não constituem um empréstimo.

No entanto, uma vez desaparecidas tais marcas, o estrangeirismo, que infringe simultaneamente a norma e o sistema de uma língua, está em vias de incorporar-se à língua portuguesa e tornar-se um empréstimo, um elemento aceitável pela norma (ALVES, 1984, p. 99):

EXEMPLO: “Segundo EXAME apurou, o executivo está negociando com fundos de private equity, que entrariam com o dinheiro.” (E, ed. 1073, ano 48, nº22, 26/11/2014, p. 22)

4.2 O Discurso de Especialidade

Com o desenvolvimento da sociedade, surgem novas abordagens em muitos campos de estudo e uma linguagem é desenvolvida para expressar diferentes categorias do conhecimento. As novas variantes linguísticas mostram que a língua possui uma grande gama de recursos para preencher as necessidades específicas de cada área. Assim, cada área dispõe de um jargão.

O conceito de jargão sofreu alterações desde a Idade Média, conforme Peter Burke (1997, p. 8) afirma. Segundo o autor, Chaucer a usava para descrever o gorjeio dos pássaros e também a fala ininteligível, um tipo de gargarejo: "jargon", em francês, e "gargle", em inglês, são palavras derivadas da mesma raiz. Como se espalhou de uma língua para outra (gergo ou zergo, no italiano, jerga, jeringonza, no espanhol e geringonça, no português), a palavra "jargão" passou a se referir à linguagem do submundo e só passou a designar as linguagens técnicas a partir do século XIX, com o surgimento de profissões, quando grupos de novos especialistas começaram a marcar seus territórios temáticos criando jeitos próprios de falar. Dentre esses, Burke & Porter (1997, p. 12) citam os escritores Cervantes, Balzac, Dickens e Vitor Hugo, antiquários, como Francis Grose, ou o "Antiquário de Londres", que publicou o *Dictionary of Modern Slang* em 1859, e outros diletantes.

Os autores acrescentam que, com o surgimento da Linguística como disciplina acadêmica, o estudo dos jargões e gírias de todos os tipos tornou-se mais profissional.

As freqüentes reimpressões de alguns dos principais estudos sugerem um crescente interesse público, dos anos 1920 até o presente, por gírias e jargões de todos os tipos, definidos como "parasíticos", ou como línguas "parciais" – em outras palavras, um suplemento ao vernáculo, não uma alternativa a ele. (BURKE, 1997, p. 13)

Na década de 1930, um interesse por aquilo que os linguistas chamavam de "jargões profissionais" levou à atual distinção entre pidgins e "crioulos" (BURKE, 1997, p.13), que explicamos a seguir.

Nelly Carvalho (2009, p. 46) postula que podem existir línguas que resultam da fusão de dois tipos de sistemas, formadas de elementos heterogêneos, fonemas e morfemas de origens diferentes: as línguas mistas. São constituídas pelos dialetos *pidgins*, falares crioulos, língua franca ou *sabir*.

A autora explica que *pidgin* é uma língua não materna, com estrutura simplificada, que é usada na intercompreensão de comunidades linguísticas diferentes e originando-se da língua do colonizador. O termo teria origem em *business*. Já *crioulo* é o resultado da adoção do *pidgin*, transformado em língua materna. Sua origem vem do verbo português *criar* e viria de criadouro.

Continuando a explicação, Nelly de Carvalho (2009, p. 46-47) acrescenta que a denominação língua franca ou sabir engloba todas as mesclas linguísticas de contato para a intercomunicação em situações bilíngues ou plurilíngues. O termo *língua franca* teria sido usado pelos árabes e turcos (povos invadidos) para designar a língua do povo invasor. Atualmente designa qualquer língua de intercurso.

O certo é que estes falares (*pidgin* e crioulo) resultam dos contatos entre colonizado e colonizador em diversas partes da América, Ásia e África e realizam-se como caso extremo de contato e intervenção linguístico-cultural. (CARVALHO, 2009, p. 47)

Peter Burke (1997, p. 18) afirma que do início do século XVI em diante as críticas aos diferentes jargões sobejam e algumas delas expressam xenofobia, como no caso da rejeição alemã ao jargão dos judeus. Outras enfatizam a ininteligibilidade e a mistificação dessas línguas especiais.

O autor concorda com os seus leitores ao mencionar que eles podem sentir aversão por jargão, seja por motivos estéticos ou porque ele é um obstáculo à comunicação eficiente, distinguindo as críticas ao jargão das relações com os conflitos e solidariedades sociais, pois acredita que a tarefa de um historiador social da linguagem seja revelar os diversos elos entre a linguagem e a sociedade. (BURKE, 1997, p. 20)

No início da Europa moderna, por exemplo, o surgimento das críticas ao jargão está associado aos movimentos autoconscientes para a reforma da língua, sendo a Itália do século XVI e a França do século XVII os casos exemplares. Nessas duas culturas críticos e poetas tentaram elevar o status do vernáculo, conferindo-lhe a mesma dignidade do grego antigo e do latim. Para isso, era necessário “purificar”, ou “purgar”, a língua comum das metáforas recorrentes e reveladoras. [...] A boa língua tem de ser “casta”. Ela deve ser legítima, e não uma língua “bastarda”. Deve ser independente, não “parasítica”; saudável e não “doente”.

Assim, para começar, ficavam de fora as palavras estrangeiras, uma vez que elas violavam ou adulteravam um vernáculo percebido como “puro” (a ligação entre as críticas ao jargão e xenofobia já foi mencionada). Saíam também os termos técnicos das profissões, ofícios e até atividades liberais, palavras “baixas” associadas a pessoas “baixas”, o que nos faz lembrar que o grupo associado a essas reformas era aristocrático, ou pelo menos apresentava-se assim. (BURKE, 1997, p. 20-21)

Consideramos pertinente citar esse movimento de reforma das línguas, datado dos séculos XVI e XVII, pois se enquadra perfeitamente no que está contido dos Artigos 5º, 6º, 7º e 8º do Projeto de Lei nº 1676 de 1999, de autoria do deputado Aldo Rebelo, que,

complementados pela sua “Justificação”, parte da qual citamos abaixo, revelam uma profunda xenofobia e intolerância, conforme aconteceu nos séculos mencionados.

De fato, estamos a assistir a uma verdadeira descaracterização da língua portuguesa, tal a invasão indiscriminada e desnecessária de estrangeirismos - como "holding", "recall", "franchise", "coffee-break", "self-service" - e de aportuguesamentos de gosto duvidoso, em geral despropositados - como "startar", "printar", "bidar", "atachar", "database". E isso vem ocorrendo com voracidade e rapidez tão espantosas que não é exagero supor que estamos na iminência de comprometer, quem sabe até trincar, a comunicação oral e escrita com o nosso homem simples do campo, não afeito às palavras e expressões importadas, em geral do inglês norte-americano, que dominam o nosso cotidiano, sobretudo a produção, o consumo e a publicidade de bens, produtos e serviços, para não falar das palavras e expressões estrangeiras que nos chegam pela informática, pelos meios de comunicação de massa e pelos modismos em geral.

Ora, um dos elementos mais marcantes da nossa identidade nacional reside justamente no fato de termos um imenso território com uma só língua, esta plenamente compreensível por todos os brasileiros de qualquer rincão, independentemente do nível de instrução e das peculiaridades regionais de fala e escrita. Esse - um autêntico milagre brasileiro - está hoje seriamente ameaçado.

Que obrigação tem um cidadão brasileiro de entender, por exemplo, que uma mercadoria "on sale" significa que esteja em liquidação? Ou que "50% off" quer dizer 50% a menos no preço? Isso não é apenas abusivo; tende a ser enganoso. E à medida que tais práticas se avolumam (atualmente de uso corrente no comércio das grandes cidades), tornam-se também danosas ao patrimônio cultural representado pela língua. (Projeto de Lei Nº 1676 de 1999)

Com relação à função dos jargões, Peter Burke (1997, p. 22) afirma que a uma delas é a da conveniência prática. Significa usar termos técnicos, abreviações e alusões em vez de explicar tudo com detalhes, “em outras palavras, “*talking shop*” [falar de negócios ou de assuntos profissionais] (um dos termos favoritos do século XIX, que combinava desprezo pelo jargão e desprezo pelo comércio).” O autor acrescenta que “*shop*” tem algumas das características do que o sociolinguista Basil Bernstein chamou de “código restrito”, em especial a dependência que o significado tem em relação a um contexto específico. O resultado é a comunicação mais rápida entre os iniciados. “Os leigos não entenderão, mas então esse tipo de conversa não lhes diz respeito.”

Podemos dar exemplo aqui desse “código restrito” pelo uso freqüente de anglicismos como *commodities*, *private equity*, *tradable*, *no tradable*, *joint venture*, *swap*, *bond*, *dumping*, *hedge*, etc., nos números da revista CE, parte de nosso *corpus* pesquisado, e que pressupõe-se ser de fácil compreensão para os economistas, já que essa revista se destina a esse público, conforme mencionaremos adiante.

EXEMPLO: “Parte dessas importações é consequência de mais investimentos em áreas produtivas: a demanda do setor petrolífero por máquinas e equipamentos e a contratação de transporte aquaviário para escoar *commodities*.” (C.E., Ed. de setembro de 2014, vol. 68, nº09, p.31)

EXEMPLO: “Se a taxa baixar, não só a infraestrutura vai se beneficiar, como também o *private equity* e os imóveis. (C.E., Ed. de janeiro de 2015, vol. 69, nº 01, p. 23)

EXEMPLO: E apesar desse movimento do dólar não ser novo – a alta do dólar começou no início de 2011 -, até agora não influenciou significativamente a relação dos preços *tradables* x *no tradables*, que contou com outros fatores para se sustentar. (CE, volume 69, nº01, de janeiro de 2015, pág. 51)

Ainda dentro da função dos jargões, Peter Burke (1997, p. 23) postula que os historiadores desconfiam das tentativas de reduzir as explicações dos fenômenos sociais e culturais àquilo que é útil, eficiente ou conveniente, acrescentando que a linguagem é um sistema simbólico e que devemos nos perguntar sobre as possíveis funções simbólicas do jargão. Assim, o conteúdo dos jargões da mesma forma que sua própria existência traz consigo significados simbólicos, pois os jargões são ricos em figuras de linguagem, especialmente metáforas e eufemismos.

..., a vítima dos vigaristas na Londres elisabetana era conhecida como “Cony”, ou pobre coelho tolo, ao passo que nos séculos XVIII e XIX ela havia se tornado “*pigeon*” [pombo] a ser “depenado” (em espanhol também a vítima era conhecida como *palomo*). No jargão dos prisioneiros, em mais de uma língua, confessar ou informar é “cantar”, e o informante é um “canário”. (BURKE, 1997, p. 24)

Encontramos em nosso *corpus* um exemplo disso, onde os termos ingleses *dove* (pombo) e *hawk* (falcão) são usados metaforicamente para classificar o economista, escolhido por Dilma Rousseff, para enfrentar a alta de preços:

EXEMPLO: No início do primeiro mandato de Dilma Rousseff, vários economistas e algumas publicações – EXAME em especial – chamaram a atenção para a necessidade de o presidente do Banco Central, Alexandre Tombini, ser implacável com a alta de preços. Usando expressões importadas dos Estados Unidos para classificar os economistas, Tombini, o escolhido de Dilma, **estava mais para *dove* (pombo), que defende uma abordagem menos agressiva diante do perigo de inflação, do que para *hawk* (falcão)**. Resultado: a inflação anual média do primeiro mandato foi de 6,2%. (E, ed. 1086, ano 49, nº 6, 01/04/2015, p. 70) (Grifo meu)

Encontramos outro exemplo em nosso *corpus*, quando o termo *iceberg* (grande massa de gelo flutuante que se desprende de glaciário ou de plataforma de gelo continental, e que anda à deriva nos mares árticos e antárticos, ou, às vezes, encalha junto à costa) é usado para dar uma dimensão do problema enfrentado. Aqui “ser a ponta do iceberg” significa que é

apenas um dos aspectos de um grande problema. Assim, o termo “*iceberg*” também está sendo usado metaforicamente.

EXEMPLO: Outro dado alarmante é que em 81% dos hospitais, o maior problema é o déficit no quadro de profissionais; em 63% deles há constante falta ao trabalho dos funcionários. **Essa parece ser somente a ponta do *iceberg* de um problema mais complexo**, de gestão e não tanto de recursos, sem desmerecê-los. (CE, volume 68, nº11, de novembro de 2014, pág. 60)

Ieda Maria Alves (2001, p.175) também observa

“...o economês é pleno de metáforas. O emprego figurado, presente na linguagem das ciências e das técnicas, como também nos sistemas semióticos utilizados nas ciências, não se mostra incompatível com a busca de precisão que caracteriza as terminologias, enfatiza Kocourek [...] (1991, p. 167). Assim, pelo procedimento da transferência semântica – que contribui, justamente com as criações formais (derivação, composição, formações sintagmáticas e por siglas) e os empréstimos uma das possibilidades de criação neológica (cf. Guilbert, 1975; Boulanger, 1979) -, os economistas vão atribuindo a palavras da língua geral e a termos de diferentes áreas técnicas um outro significado e criando, assim, termos do domínio da economia.”

Francisco Labate (2008) cita Kucinski (1996, p. 167) ao afirmar que no jornalismo dedicado à economia um dos principais problemas de linguagem reside no fato de ele se dirigir a pelo menos dois públicos bem diferenciados, que se comunicam por códigos próprios:

de um lado, especialistas, grandes empresários e profissionais do mercado; de outro, o grande público e os pequenos empresários. O grande público e os pequenos empresários sentem-se permanentemente agredidos pela linguagem técnica inevitavelmente usada no jornalismo econômico. Os mecanismos principais da economia não são necessariamente complexos numa primeira aproximação, mas há detalhes, às vezes importantes, de explicação difícil. Frequentemente, as próprias fontes do mercado alimentam uma aura de mistério em torno de suas transações, disseminando expressões exóticas. (LABATE, 2008, p. 106)

Concluindo, o autor acrescenta que o tratamento da informação deve ser crítico e que o desafio do jornalista está em reportar e analisar, transmitir opiniões de economistas e governo, sem usar linguagem que as pessoas comuns não entendam, e sem violar os conceitos criados pela linguagem dos economistas. (LABATE, 2008, p. 107)

Walter Nash afirmou que não se trata apenas de “*shop talk*”, mas também de “*show talk*”, um meio de impressionar os não iniciados. Damos como exemplo o vernáculo latinizado dos advogados. “O uso do jargão por um grupo social é um dos meios mais potentes de inclusão e exclusão.” (BURKE, 1997, p. 23)

Sírio Possenti comenta que a crítica aos jargões é romântica, uma espécie de utopia pré-Babel. “Não dá para falar de linguística sem usar jargão. Um aspecto constitutivo de qualquer saber é a linguagem própria”, afirma Possenti. Segundo ele, é ingenuidade tentar combater as divisões sociais começando pela língua. “O problema é a mídia ouvir o economista sobre a alta de juros, em vez de ouvir o feirante”, argumenta. “Economista usa jargão, feirante usa gíria, mas a diferença entre os dois fenômenos linguísticos é menos científica e mais baseada no status”, segundo ele. “Na verdade, é uma distinção social. Jargão é a gíria dos bem-postos, e gíria é o jargão dos despossuídos.” (HELVÉCIA, 2003)

Assim, conforme podemos observar, os grupos sociais e profissionais tendem a criar sua própria linguagem. Assim acontece com os economistas. O economês é a linguagem própria da área de economia. No entanto, muitas vezes o aspecto depreciativo, obscuro e corporativista desta linguagem é enfatizado.

Ieda Maria Alves (2001, p.178) postula que a introdução de termos do economês nos dicionários de língua pode indicar que esses termos não mais são usados exclusivamente por economistas e constituem unidades lexicais de interesse dos demais usuários da língua. Podemos exemplificar essa afirmativa com os seguintes anglicismos encontrados em nosso *corpus*: *bond, commodity, default, hedge, joint venture, leasing, merchandising, overnight, spread*, que estão dicionarizados e que correspondem a palavras ou expressões de interesse do público geral.

Dessa forma, os termos técnicos vão aos poucos se introduzindo na língua, passando a fazer parte do léxico.

“Os jargões decorrem, pois, do registro social que certas atividades alcançam em determinadas épocas, fazendo com que seu vocabulário técnico, quase sempre muito restrito, conhecido por uma minoria, alcance também prestígio social. Justamente aqueles que desejam usufruir desse prestígio é que acabam por banalizar o vocabulário técnico profissional.” (ALVES, 2001, p. 179)

4.3 Tradução dos Anglicismos

Algumas vezes o anglicismo vem acompanhado de tradução, o que assinala que o emissor está consciente de que o termo estrangeiro é desconhecido pelo receptor da mensagem. A tradução é feita geralmente após o termo estrangeiro. (ALVES, 1988, p.8)

Gilberto Labate (2008) advoga que, na prática, uma sequência estrangeira não será considerada desviante, pois representa uma outra norma e que o leitor da área econômica, por exemplo, admite o surgimento de um termo estrangeiro no texto.

Observamos na mídia pesquisada que os anglicismos são também explicados por um termo ou uma paráfrase do português.

EXEMPLO: “Contudo, terão uma população madura, com nível educacional e poder aquisitivo jamais vistos. Americanos e europeus os chamam de *baby boomers* – gente nascida no pós-guerra, entre 1946 e 1964. (E, ed. 1082, ano 49, nº2, 04/02/2015, p. 60)

No *corpus* analisado, a tradução ocorre, geralmente, após os anglicismos:

EXEMPLO: Para além de modestos e tópicos ajustes de uma ou outra alíquota, um movimento explícito de resolver o problema fiscal brasileiro pelo lado da receita acenará para os investidores com “mais do mesmo” em termos da política de “*spend and tax*” (gaste e tribute). (CE, volume 68, nº11, de novembro de 2014, pág. 9)

EXEMPLO: A questão é que a Petrobrás, detentora de vários blocos no pré-sal, poderia fazer *farmout* (cessão) parcial de seus interesses nesses blocos com o objetivo de auferir vantagens econômicas como um meio muito oportuno e imediato de aliviá-la da grave crise econômica em que se encontra. (CE, volume 69, nº06, de junho de 2015, pág. 57)

EXEMPLO: Ele não só superou o estranhamento inicial como virou referência na publicidade americana ao criar slogans famosos, como *Always Coca-Cola* (Sempre Coca-Cola). (E, ed. 1091, ano 49, nº11, 10/06/2015, p. 88)

EXEMPLO: Criador de conhecidos slogans como *Always Coca-Cola* (Sempre Coca-Cola) e *Membership Has Its Privileges* (Os sócios têm seus privilégios), para a operadora de cartões American Express. Antes de fundar a *mcgarrybowen*, trabalhou como diretor de criação em grandes agências como Y & R, Ogilvy e McCann. (E, ed. 1091, ano 49, nº11, 10/06/2015, p. 89)

Mas pode acontecer que apareça antes:

EXEMPLO: As conseqüências para esse descompasso das contas públicas são várias, a pior delas é a perda de credibilidade dos investidores no país, medida pelas agências de classificação de risco de crédito (*rating*) nacionais e internacionais. (CE, volume 68, nº10, de outubro de 2014, pág. 57)

Conforme já observamos em exemplos anteriores, muitas vezes o anglicismo é traduzido diretamente, sem qualquer menção ou conectivo. Outras vezes, recorre-se a meios metalinguísticos. Alguns termos não têm tradução, mas expressam um conceito. A referência à tradução aparece no exemplo abaixo, metalinguisticamente, quando o emissor menciona o fato de não existir tradução para o termo *accountability*, reafirmando a sua importância pelo

autor do livro mencionado, devido ao fato de aparecer 126 vezes nele, e sugerindo, finalmente, a palavra “responsabilização”, acrescentando ser esta pouco utilizada:

EXEMPLO: O terceiro e último elemento essencial para garantir a melhor organização social é a (a capacidade da sociedade de controlar os governos, seus atos e suas burocracias. Não deixa de ser curioso o fato de não existir tradução no português para a palavra inglesa que resume essa característica: *accountability* (talvez a que melhor se aproxima dessa idéia seja “responsabilização”- uma palavra, aliás, bem pouco utilizada). Fukuyama deixa clara a importância que dá à *accountability*: o termo aparece 126 vezes em todo o livro. Os governos devem responder não apenas às elites ou àqueles que estão no comando da máquina do Estado mas também aos interesses de toda a comunidade. (E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p. 118).

No decorrer dos próximos exemplos, a tradução vem após a conjunção *ou*, precedida de vírgula ou de travessão, implicando numa relação de igualdade entre os termos das duas línguas, mesmo que a correspondência ocorra do português para o inglês.

EXEMPLO: A economista destaca que o crescimento verificado entre 2003 e 2012, além de responder parcialmente a um *catch up*, ou recuperação da perda registrada no momento anterior, não teve como maior impulso a indústria, mas os setores agropecuário e de serviços. (CE, volume 68, nº11, de novembro de 2014, pág. 36)

EXEMPLO: Craig Moffett, da MoffettNathanson, consultoria americana especializada no setor, estima que no ano passado 400 000 americanos tenham, abandonado os services de TV por assinatura. São os chamados *cord-cutters*, ou seja, consumidores que cortaram o cabo da TV paga e hoje assistem à TV aberta e, principalmente à TV via internet. (E, ed. 1085, ano 49, nº 5, 18/03/2015, p. 34)

EXEMPLO: Na Abradee, há discussões em torno de uma mudança para o modelo de *revenue cap*, ou teto de receita, em que a concessionária pode ganhar por promover esforço de eficiência energética porque a receita dela estará estabelecida. (CE, volume 69, nº05, de maio de 2015, pág. 53)

EXEMPLO: De julho deste ano até 2017, 42 distribuidoras de energia elétrica terão seus contratos vencidos. “Hoje estamos acomodados ao mecanismo de regulação por um teto de preço, ou *price cap*, que se popularizou na década de 1990 em substituição à taxa de retorno”, diz Joisa. (CE, volume 69, nº05, de maio de 2015, pág. 53)

Nas passagens seguintes, há o uso do comentário “*numa tradução livre*”, que parece conceder liberdade ao emissor para fazer uma tradução aproximada:

EXEMPLO: O químico alemão lidera uma das vertentes mais radicais entre os defensores da chamada economia circular. O conceito prevê que os materiais usados num aparelho celular ou num automóvel sejam reutilizados após o consumo em novos processos produtivos. Braungart vai além: ele sugere que esse tipo de preocupação seja soberana na concepção dos produtos e na escolha dos materiais usados em sua

confeção. Coautor do livro Best-seller *Cradle to Cradle* (“Do berço ao berço”, numa tradução livre), ele criou, ao lado do arquiteto americano William McDonough, a associação Cradle to Cradle Products Innovation Institute, nos Estados Unidos, e já conferiu um selo a mais de 1000 produtos, além de prestar consultoria para marcas como Puma e Philips.

(E, ed. 1093, ano 49, nº13, 22/07/2015, p. 81)

EXEMPLO: Tudo o que está relacionado aos *wearables* e aos celulares faz parte do que foi batizado de *mobile health* (ou “saúde móvel”, numa tradução livre). E a *mobile health* é parte de algo maior, chamado de medicina de precisão, na qual ocorre o aproveitamento de todas as informações disponíveis sobre uma pessoa, desde hábitos alimentares até dados genéticos. (E, ed. 1088, ano 49, nº8, 29/04/2015, p. 105)

EXEMPLO: A pesquisa deu origem ao livro *Too Big to Jail* (“Grandes demais para ser presas”, numa tradução livre), recém publicado nos Estados Unidos. (E, ed. 1081, ano 49, nº1, 21/01/2015, p. 27)

EXEMPLO: Em seu último livro, *Markets Over Mao: The Rise of Private Business in China* (“Os mercados vencem Mao: a ascensão da iniciativa privada na China”, numa tradução livre), ele defende que a China já deixou de ser uma economia dominada pela máquina do partido comunista. (E, ed. 1080, ano 48, nº24, 24/12/2014, p. 52)

EXEMPLO: Essa é a tese da americana Laureen Rivera, autora do livro *Pedigree: How Elite Students Get Elite Jobs* (“Pedigree: por que estudantes de elite conseguem vagas de elite”, numa tradução livre). (E, ed. 1094, ano 49, nº14, 05/08/2015, p. 62)

EXEMPLO: “Estamos vivendo a batalha dos bilionários”, diz Darrell West, diretor do instituto de estudos do governo no Brookings Institution, centro de estudos de Washington, e autor do recém-lançado *Billionaires: Reflection on the Upper Crust* (“Bilionários: reflexões sobre a elite”, numa tradução livre). (E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p. 75)

EXEMPLO: “As pessoas estão mais informadas e tendo mais acesso a exames laboratoriais”, diz Topol, autor do livro *The Patient Will See You Now* (“O Paciente irá vê-lo agora”, numa tradução livre). (E, ed. 1093, ano 49, nº13, 22/07/2015, p. 87)

EXEMPLO: Logo no começo, o autor admite que o livro é um esforço para reescrever e atualizar o clássico *Political Order in Changing Societies* (“Ordem Política em sociedades em transformação”, numa tradução livre), publicado pelo cientista político americano Samuel Huntington em 1968. (E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p. 120)

Em outros casos, o emissor apenas coloca a tradução entre parênteses, sem nenhum comentário:

EXEMPLO: Nessa cruzada, Sachs acaba de lançar o livro *The Age of Sustainable Development* (“A era do desenvolvimento sustentável”) que chama por ação dos governos para impedir a escalada do aquecimento global. (E, ed. 1085, ano 49, nº5, 18/03/2015, p. 81)

Algumas vezes o emissor utiliza a expressão: ... (*em português, ...*) ou (*em português, algo como...*) antes da tradução. A expressão “algo como” parece permitir ao emissor a possibilidade de tradução aproximada.

EXEMPLO: A American Express tem uma rede interna chamada *pride network* (**em português, “rede do orgulho”**) com mais de 1000 integrantes no mundo. (E, ed. 1088, ano 49, nº8, 29/04/2015, p. 38)

EXEMPLO: Outra opção é nomear um **CDO, ou chief digital officer (em português, algo como “responsável pela área digital”)** cujo foco é pensar na estratégia digital do negócio. (E, ed. 1092, ano 49, nº12, 24/06/2015, p. 102)

EXEMPLO: O fluminense Pedro Earp, até então vice-presidente de marketing da companhia para a América Latina, passou a ocupar um cargo novo na empresa: o de **chief disruptive growth officer (algo como “chefe do crescimento disruptivo”)**. Por trás do nome rebuscado está a tarefa de fazer a maior e mais lucrativa cervejaria do mundo acelerar o desenvolvimento de novos negócios – seja no segmento de cervejas especiais e artesanais, seja no comércio eletrônico e nas tecnologias móveis. (E, ed. 1091, ano 49, nº11, 10/06/2015, p.94)

EXEMPLO: No caso de ambientes fechados, a tecnologia mais utilizada tem sido a dos **beacons (“faróis”, em português)** – pequenos sensores que enviam sinais para celulares e permitem saber a localização quase exata de pessoas em ambientes fechados. A precisão é de cerca de 30 centímetros. (E, ed. 1094, ano 49, nº14, 05/08/2015, p. 78)

EXEMPLO: O modelo de aula-palestra foi abandonado e, em seu lugar, entrou outro chamado **flipped classroom (em português, algo como “sala de aula virada”)**. Criado nos anos 90 nos estados Unidos, o *flipped classroom* pressupõe que os estudantes falem mais do que o professor. Com duração de 1 hora e meia, as aulas são gravadas e servem para que os professores avaliem o desempenho de cada aluno. (E, ed. 1093, ano 49, nº13, 22/07/2015, p. 63)

EXEMPLO: A consultoria MsKinsey tem a Glam – sigla em inglês para **gays and lesbians at McKinsey (em português, “gays e lésbicas da McKinsey)**. Atualmente, 21% das grandes empresas do mundo têm grupos LGBT – os dedicados à ascensão feminina estão presentes em 80% das empresas, segundo a consultoria de recursos humanos Towers Watson. (E, ed. 1088, ano 49, nº8, 29/04/2015, p.38)

EXEMPLO: Tal modelo, em que se remunera o bom desempenho de um serviço que visa solucionar uma questão social – e não sua simples prestação -, é chamado de **social impact bond, ou título de impacto social, em português**. “É o tipo de inovação que mostra que impacto social e ganho financeiro não são excludentes entre si”, afirma Celia Cruz, diretora do Instituto Cidadania Empresarial, instituição que vem se dedicando a apoiar o modelo no Brasil. (E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p. 97)

Ao utilizar o termo: “*literalmente*” parece que o emissor pretende ser preciso, ao introduzir o termo equivalente:

EXEMPLO: Há pouco mais de um ano, os consumidores americanos encontram nas prateleiras do Whole Foods – uma das redes de supermercados que mais crescem nos Estados Unidos – um produto chamado Chicken-Free Strips. O nome é uma brincadeira, pois a bandeja contém cerca de 20 pedaços de um produto que parece frango, tem textura de frango e sabor de frango, mas não é frango (**o nome significa, literalmente, “tiras sem frango”**). (E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p.101)

A expressão “*Uma espécie de...*”, da mesma forma que “*...algo como...*”, também parece conferir ao emissor a possibilidade de tradução aproximada:

EXEMPLO: Hoje, o Chicken-Free Strips e o Beefy Crumbles – **uma espécie de carne moída de base vegetal** – são vendidos em 6000 lojas do país, incluindo redes varejistas de enorme alcance, como Target e Safeway. (E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p.101)

EXEMPLO: Fundada em 2006, a Success Academy é parte de um modelo educacional que tem ganhado força nos Estados Unidos: as chamadas *charter schools*, **espécie de parceria público-privada para a educação**. Elas recebem dinheiro público, mas são administradas de forma independente. (E, ed. 1090, ano 49, nº10, 27/05/2015, p.81)

Ao usar: “... em inglês”, “...sigla em inglês...”, “nos EUA...é...”, parece que o emissor considera importante decodificar a sigla, explicando-a em inglês ou considera relevante mencionar como é em inglês, talvez pelo fato de o termo ou a sigla serem mais conhecidos nessa língua:

EXEMPLO: O que faz de Benioff um caso único entre seus pares é o fato de ter revolucionado o segmento considerado por muitos um dos mais chatos da vida corporativa, o dos famigerados sistemas de **CRM, sigla em inglês para *customer relationship management***, softwares de gestão para as áreas de marketing, vendas e suporte ao cliente. (E, ed. 1078, ano 48, nº 22, 26/11/2014, p. 124)

EXEMPLO: A consultoria MsKinsey tem a **Glam – sigla em inglês para *gays and lesbians at McKinsey*** (em português, “gays e lésbicas da McKinsey). Atualmente, 21% das grandes empresas do mundo têm grupos LGBT – os dedicados à ascensão feminina estão presentes em 80% das empresas, segundo a consultoria de recursos humanos Towers Watson. (E, ed. 1088, ano 49, nº8, 29/04/2015, p.38)

EXEMPLO: Com esses dados em mãos, a Firjan decidiu desenvolver um curso de formação complementar para alunos graduandos em engenharia civil e arquitetura do estado do Rio com base na tecnologia de modelagem de informação da construção (**BIM, na sigla em inglês**).

EXEMPLO: O Fed, banco central americano, completou um século e é um banco central independente com os diretores nomeados por um prazo de 14 anos. Desde 1914 teve 15 presidentes (**nos EUA o título é de *chairman***). (CE, volume 68, nº10, de outubro de 2014, pág. 52)

EXEMPLO: A China está buscando uma maior integração com a Ásia, e com isso enfrentar a Parceria Trans Pacífico (**TPP, na sigla em inglês**, formada por 12 países da Apec, da qual a China não faz parte). (CE, volume 68, nº12, de dezembro de 2014, pág. 16)

EXEMPLO: As metodologias de análise de redução de emissões continuam sendo aprimoradas, discutidas, a gente tem acompanhado isso tanto na Califórnia quanto no âmbito da Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos (**EPA, na sigla em inglês**). (CE, volume 69, nº05, de maio de 2015, pág. 17)

No seguinte exemplo, observamos que o redator da revista EXAME fez o inverso, ou seja, fez a versão para o inglês, utilizando negrito e itálico (o que é raro nas publicações da revista, em relação aos anglicismos), do nome de um programa do governo brasileiro, de construção de casas para famílias de baixa renda: “Minha Casa, Minha Vida”. Parece que, ao fazer isso, o emissor quis transmitir ao empreendimento americano o mesmo conteúdo conceitual que o programa brasileiro evoca, pois a construção é nos Estados Unidos, para famílias americanas de baixa renda, como ocorre no Brasil. Portanto, a expressão *My Home, My Life*, mesmo vertida para o inglês, conservou o seu caráter alienígena. O redator imprimiu à mensagem a “cor local” do país ou da região estrangeira a que ele faz referência.

EXEMPLO: ***MY HOME, MY LIFE***

Rubens Menin, fundador da construtora MRV, está preparando a abertura de capital de sua empresa americana, a AHS. Fundada em 2012, a AHS constrói casas para a baixa renda americana – famílias que ganham entre 35 000 e 65 000 dólares por ano. Para isso, Menin usa a experiência de 35 anos à frente da MRV, que faz exatamente a mesma coisa no Brasil. A empresa é a maior construtora do programa Minha Casa, Minha Vida, do governo federal. (E, ed. 1073, ano 48, nº17, 17/09/2014, p.38)

5 ANÁLISE DO CORPUS

5.1 Identificação do corpus

Inicialmente, apresentemos as duas publicações utilizadas na organização deste trabalho.

No que diz respeito à revista mensal *Conjuntura Econômica*, transcrevemos informação contida no *site*: <http://portalibre.fgv.br>. Acesso em 03/06/2016:

Lançada em novembro de 1947, a Revista *Conjuntura Econômica* já está há mais de meio século no mercado editorial. Acompanhando as mudanças e principais transformações que ocorreram no Brasil nesse longo período, a publicação é editada pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (IBRE/FGV), e se consolidou como a mais tradicional revista de economia do país.

A *Conjuntura Econômica* leva ao leitor artigos e reportagens sobre macroeconomia, finanças, management e seguros, além de uma abrangente seção de estatísticas e índices de preços.

Nas últimas seis décadas, foram muitos os temas retratados nas páginas da *Conjuntura Econômica*. Diferentes governantes e períodos da economia nacional foram destaques em suas páginas por meio de entrevistas, reportagens e artigos assinados pelos nomes mais importantes da Economia Brasileira.

Todo este material histórico gerou um acervo grandioso, que acaba de ser digitalizado. O objetivo é permitir que parte da história da economia brasileira esteja disponível para consultas gratuitas e irrestritas, não apenas no site da Revista *Conjuntura Econômica*, mas também em bibliotecas, universidades e demais instituições de ensino.

A digitalização desse acervo foi possível graças a projeto aprovado pelo Ministério da Cultura, com incentivos da Lei Rouanet e o patrocínio da Oi.

Perfil do leitor:

69% dos leitores são homens;

69% dos leitores pertencem à classe A;

Circulação: 15.000

Com relação à revista semanal *EXAME*, as informações foram colhidas no *site* <http://exame.abril.com.br>. Acesso em 03/06/2016:

A marca *EXAME*, da Editora Abril, nasceu em 1967 com a revista *EXAME*, hoje a maior e mais influente publicação de negócios e economia do país. Sob a marca *EXAME* estão o site *EXAME.com*, a revista *EXAME* e o anuário *Melhores e Maiores*, o principal ranking financeiro das grandes empresas no país.

O site www.exame.com.br é a principal fonte online sobre negócios no país. Seu foco se estende a economia, mercados financeiros, tecnologia, marketing, gestão, meio ambiente, pequenas empresas, carreira e finanças pessoais. Atualizado das 6 da manhã à meia-noite, 7 dias por semana, tem uma equipe de 30 jornalistas cobrindo full time negócios no Brasil. Traz também os blogs dos jornalistas da revista *EXAME*, e vários serviços de informação financeira.

A revista *EXAME*, de periodicidade quinzenal, possui uma circulação de cerca de 150 000 exemplares, sendo aproximadamente 115 000 assinaturas. A cada 15 dias, *EXAME* chega a aproximadamente 700 mil leitores. Sua missão é levar à comunidade de negócios informação e análises aprofundadas sobre temas como

estratégia, marketing, gestão, consumo, finanças, recursos humanos e tecnologia. Segundo uma pesquisa do instituto Ipsos-Marplan, EXAME é lida por 91% dos presidentes das 500 maiores empresas instaladas no Brasil.

Consideramos pertinente, também, reproduzir este excerto, intitulado “Pelo livre debate na economia”, retirado da seção “CARTA DE EXAME”, que confirma o perfil da revista:

Uma das características louváveis da democracia, desde a antiga Atenas, é a aceitação do confronto de ideias em público. Trata-se de uma condição vital num campo como o da economia, que requer uma reciclagem permanente de políticas e conceitos para dar conta das transformações em curso no mundo. O Brasil, no cenário sul-americano, tem se distinguido por manter um debate de nível bastante satisfatório sobre a economia. EXAME contribui para esse processo tanto por meio da publicação de reportagens quanto pela organização de eventos que reúnem representantes do poder público e do setor privado, acadêmicos e especialistas em diversos temas econômicos. (E, ed. 1073, ano 48, nº 17, 17/09/2014, p. 13)

5.2 Critérios

Para uma descrição do uso e do valor dos anglicismos da área de economia na língua portuguesa foram anotados os vocábulos não vernáculos, presentes nos números semanais da revista *Exame (E)* e nos números mensais da revista *Conjuntura Econômica (CE)*, recolhidos de maneira exaustiva. O *corpus* foi analisado de maneira sistemática de setembro de 2014 a agosto de 2015.

Utilizamos 15 exemplares da revista *Exame* e 12 exemplares da revista *Conjuntura Econômica*, número que consideramos suficiente para servir como amostra da frequência no uso de anglicismos. Nesses exemplares, que apresentam as características próprias de um *corpus* de divulgação, são encontrados termos da Economia referentes às aplicações financeiras, ao mercado de trabalho, aos intercâmbios comerciais e econômicos entre o Brasil e os outros países, tendo sido considerados para efeito de coleta apenas os textos argumentativos presentes nos artigos e seções das revistas.

A metodologia adotada apresenta as lexias estrangeiras organizadas em ordem alfabética, observando o conceito de cada estrangeirismo em sua língua de origem e na língua portuguesa. Como *corpora* de verificação, a pesquisa tomou o *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (DA)*, o *Dicionário Houaiss (DH)*, o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP)*, da Academia Brasileira de Letras e o *Glossário de Termos Neológicos da Economia (ALVES, 2001)*.

No entanto, é importante ressaltar que, pelo simples fato de uma palavra estar registrada nessas três fontes (VOLP, DA e DH), não quer dizer que sejam reconhecidas como palavras do português. Existe a indicação de serem estrangeirismos ou de origem inglesa.

Ao final, incluímos como anexo as capas das revistas pesquisadas, seguidas dos anglicismos, de acordo com a ordem em que apareceram, por página e cronologicamente.

Em relação à língua inglesa, as obras consultadas foram o *Cambridge English-Portuguese Dictionary*, o *Cambridge Advanced Learner's and Thesaurus Dictionary*, o *Cambridge Business English Dictionary*, o *Cambridge Academic Content Dictionary*, acessados pelo site www.uol.com.br e o *Business Dictionary Inglês-Português/Português-Inglês* (MIGLIAVACCA, 2000). Quando o significado das palavras não foi encontrado nos dicionários de língua inglesa mencionados, acessamos o site www.linguee.com.br que é um dicionário multilíngue e buscador com acesso a um bilhão de traduções feitas por outras pessoas nos seguintes idiomas: português, inglês, espanhol, francês e alemão. As verificações foram feitas rigorosamente em relação à adequação da tradução apresentada no site, com o contexto da palavra na revista pesquisada.

As próprias revistas onde ocorrem os anglicismos também foram utilizadas como fonte, nas vezes em que não se encontrou o verbete ou sua definição apropriada nos dicionários citados.

Sites da internet específicos também foram acessados quando se observou a particularidade de algum termo. Observamos com atenção a descrição da definição do termo, de modo que ela se adequasse ao exemplo mencionado.

Adotamos como critério de transcrição do significado na língua de origem a preocupação de preservar as informações fornecidas, mesmo quando tivessem uma amplitude maior do que a observada no uso do item lexical em português.

Destacamos no *corpus* 262 anglicismos diferentes, cuja validade foi verificada a partir dos dicionários citados. Identificados como termos representantes da linguagem da economia, sua frequência também foi considerada, tendo os resultados demonstrado que os anglicismos presentes em textos de economia incluem outras áreas de especialidade, sobretudo a tecnológica, inseridos no mundo do consumo e dos negócios, e anglicismos da língua geral. Considerando-se essas evidências, conclui-se que a economia é uma área heterogênea que se aplica a vários setores da sociedade.

Outro dado a acrescentar diz respeito à decisão de incluir neste levantamento, além das unidades lexicais, sintagmas nominais formados por anglicismos. A inclusão dos sintagmas se justifica pelo número de ocorrências no *corpus* pesquisado, cerca de 66 dentre os 262

anglicismos selecionados. Vale destacar que, nas fichas lexicográficas, não foram consideradas as repetições dos termos.

A maioria dos sintagmas anglófonos é formada espelhando a gramática da língua inglesa, em que o adjetivo ou nome, funcionando como qualificador, precede o substantivo (núcleo), como, por exemplo: *fast food, american dream, analytics market*.

Algumas vezes os sintagmas nominais foram classificados como substantivos nos verbetes. Ieda Maria Alves (2001, p.11) destaca que “esse fato reitera observações feitas por estudiosos de várias línguas que têm observado que, em uma terminologia, um número considerável de termos é formado por constituintes de frases que vão se cristalizando e gerando novas unidades.” (ALVES, 2001, p. 11). Podemos citar: *reality show, shopping center, airbag, baby boomer, city-gate, e-readers, food trucks, etc.*

Observamos que muitos desses sintagmas, pela sua grande utilização pelos falantes da língua, já se encontram incorporados ao sistema da língua portuguesa, como por exemplo: *call center, shopping center, home office, internet banking, lan house, food truck, big data, etc.*

Outra particularidade observada nos sintagmas nominais foi que a apropriação de traços da língua inglesa envolve o uso do léxico e a ordem de palavras. Há casos em que o sintagma nominal é formado por léxico do inglês e português, com a ordem das palavras decalcada na estrutura do português, em que o adjetivo vem após o substantivo: “projetos *greenfield*” e “geração *PowerPoint*”, “escolas *charter*”, “efeito *under water*”, “música *country*”, como se observa nos exemplos abaixo:

EXEMPLO: Vemos nisso uma experiência válida para ser aplicada no Brasil na atração de capital privado para projetos *greenfield*. Temos conversado com o BNDES, que poderá participar desse tipo de financiamento, em projetos de qualquer setor, diz. (CE, volume 68, nº09, de Setembro de 2014, pág. 45)

EXEMPLO: São os membros da “geração *PowerPoint*”; jovens que, ao abrir suas empresas, criam um plano de negócios que, de largada, pressupõe a chegada de um fundo de investimento, a abertura de capital na bolsa ou a venda por uma fortuna. (E, ed. 1076, ano 48, nº20, 29/10/2014, p.69)

EXEMPLO: O que são escolas *charter*
São instituições alternativas de ensino bancadas por dinheiro público e geridas por entidades privadas. Elas têm autonomia na gestão escolar. (E, ed. 1090, ano 49, nº10, 27/05/2015, p.80)

EXEMPLO: O chamado efeito *under water* – quando a cotação dos papéis fica abaixo das expectativas – é uma das razões para a perda de popularidade das opções de ações. (E, ed. 1073, ano 48, nº 17, 17/09/2014, p. 100)

EXEMPLO: Austin, até duas décadas atrás, era apenas a capital política do Texas, estado americano cujas associações mais óbvias – e pertinentes – são com o petróleo, a música country, os caubóis e, é claro, o conservadorismo. (E, ed. 1088, ano 49, nº 8, 29/04/2015, p. 84)

Houve casos também de sintagmas nominais formados por dois itens lexicais nominais em inglês, ligados pela preposição <de>, como em *boom* das (de) *commodities*.

EXEMPLO: Menos beneficiado pelo *boom* das *commodities*, o México é o país da região que mais avançou no caminho das reformas, que nos últimos anos incluíram setores como o financeiro e o fiscal, de telecomunicações e energético. (CE, volume 68, nº10, de Outubro de 2014, pág. 28)

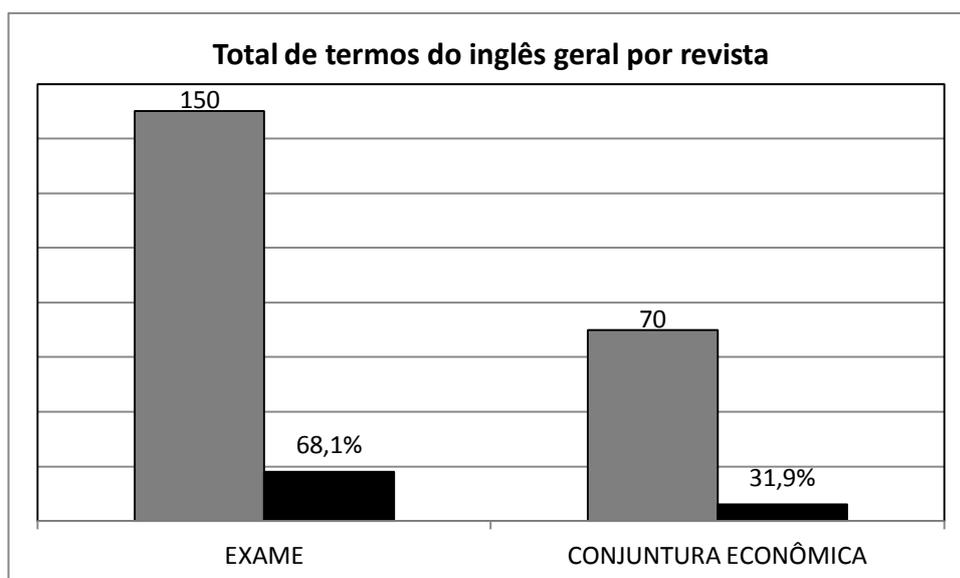
EXEMPLO: Entre esses fatores, cita a formalização da economia, a aceleração do crescimento por ganhos de produtividade, e o *boom* de *commodities*, que impulsionou a taxa de importação, cuja carga tributária média é maior que a média da economia. (CE, volume 69, nº01, de Janeiro de 2015, pág. 36)

Listamos na Tabela 5, a seguir, os anglicismos do inglês geral mais usados nas revistas pesquisadas. Podemos observar que os seguintes anglicismos do inglês geral *ranking*, *marketing*, *rating*, *gay*, *fast-food*, pelo quantitativo de ocorrências, sugerem uma integração na língua portuguesa, indicando também que o usuário desses termos não os identifica mais como estrangeiro, mas sim, como da língua utilizada no Brasil.

Note-se que os termos *rating* e *downgrade* apesar de não estarem dicionarizados, são muito usados na revista CE, prática explicada pelo foco da publicação em assuntos referentes à economia, mercados financeiros, marketing, gestão, pequenas empresas, etc., onde as análises dos índices, classificações e rebaixamentos são fundamentais.

TABELA 5		
TERMOS DO INGLÊS GERAL	EXAME	CONJUNTURA ECONÔMICA
<i>ranking</i>	70	04
<i>marketing</i>	42	01
<i>gay</i>	25	-
<i>rating</i>	03	29
<i>marketplace</i>	09	-
<i>downgrade</i>	-	14
<i>e-commerce</i>	07	-
<i>fast-food</i>	07	-
<i>upgrade</i>	-	07
<i>accountability</i>	04	03
<i>Lobby/lobbies</i>	02	05
<i>design</i>	04	-
<i>drivethru</i>	02	-
<i>workshop</i>	-	01
<i>BRT(s)</i>	-	07
TOTAL	150	70

QUADRO 1 – Gráfico dos termos do inglês geral por revista



Nas pesquisas realizadas na mídia, como é o nosso caso, observa-se que as noções dos termos são transmitidas pela língua escrita a um público predeterminado. E, para uma maior divulgação desses assuntos, recorre-se a revistas especializadas, como, por exemplo, a CONJUNTURA ECONÔMICA, alcançando, assim, um maior número de leitores especialistas no tema. O público leigo é atingido por meio de jornais e revistas de grande tiragem, como, por exemplo, a EXAME, que publicam e comentam em suas seções especializadas as últimas conquistas do saber humano, ou novas formas de aproveitá-las e nomeá-las. (CARVALHO, 2009, p. 75-76)

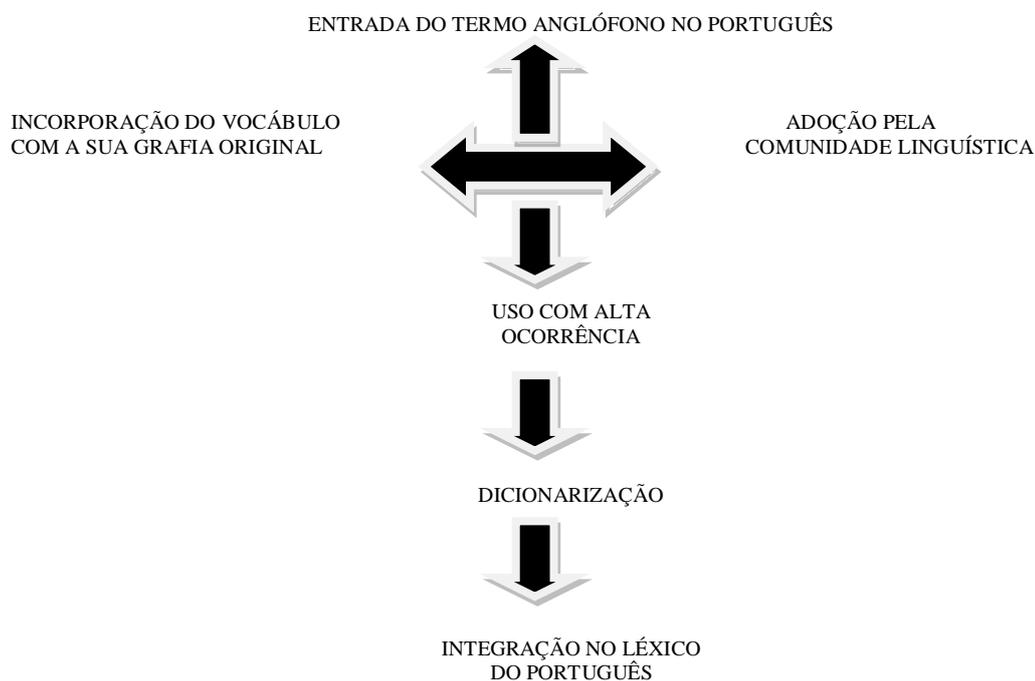
A autora acrescenta que é neste momento que a terminologia estrangeira chega ao falante comum, da língua escrita à língua oral, quando o termo é assimilado a princípio como estrangeirismo, elemento da fala, e a seguir alcançando a dimensão de empréstimo, elemento da *língua*. (CARVALHO, 2009, p. 76)

O fluxo dos termos, de acordo com Nelly de Carvalho (2009) é o seguinte:

Outra língua (inglês 95%) – Livros/Comunicados – Revistas especializadas – Seções especializadas – Noticiário comum – Língua comum. (CARVALHO, 2009, p. 76)

Adaptamos de Flavio Biasutti Valadares (2011) um quadro explicativo sobre o processo de integração dos anglicismos ao léxico do português, embasado, também na constatação de Ieda Maria Alves (2007, p.79) que afirma que “o emprego freqüente de um estrangeirismo constitui também um critério para que essa forma estrangeira seja considerada parte componente do acervo lexical português.”

QUADRO 2 – Fluxo dos anglicismos na língua portuguesa



A revista EXAME utiliza muito mais os termos do inglês geral em suas publicações, fato que nos permite levantar a hipótese de que as palavras anglófonas perpassam valores que vão desde dinamismo progressista, consumo, comodidade, avanço tecnológico e poder vigoroso, valores aos quais os leitores desejam se associar, conforme Garcez & Zilles (2001, p.16) postulam.

Observando-se a Tabela 6 a seguir, concluímos que a revista EXAME apresentou um número bastante significativo (613, incluindo as repetições) de anglicismos da área da tecnologia em relação à revista Conjuntura Econômica (15). Podemos levantar a hipótese de que essas ocorrências acontecem devido ao enfoque da EXAME em estratégia, marketing, consumo, finanças, cuja progressão atualmente se deve cada vez mais aos avanços tecnológicos. A telefonia celular trouxe novidades de costumes, junto com os anglicismos: *smartphone*, *bluetooth*, *design*, etc. Temos como exemplo os aplicativos que são instalados em smartphones e cujo uso dá impulso aos negócios. Segundo artigo da revista EXAME “Trabalho em movimento”:

EXEMPLO: A tecnologia está se transformando em uma das maiores aliadas do trabalho remoto. Quem viaja para fazer negócios ou prefere adotar a flexibilidade do home office sabe que é preciso investir em equipamentos que tornem o trabalho a distância mais produtivo. (E, ed. 1080, ano 48, nº 24, 24/12/2014, p. 84)

EXEMPLO:

TRANCA INTELIGENTE

Com a Smart Locker, é possível abrir a porta de casa com o smartphone. Mesmo a distância, o dono do imóvel também pode habilitar outros celulares como chave.

Valor: 250 dólares (E, ed. 1080, ano 48, nº 24, 24/12/2014, p. 91)

COZINHANDO A DISTÂNCIA

A panela de Crock-Pot, que cozinha abaixo de 100 graus Celsius por longas horas, tem ligação wireless. Com o celular, dá para controlar de qualquer lugar a temperatura e o tempo de cozimento. **Valor: 130 dólares** (E, ed. 1080, ano 48, nº24, 24/12/2014, p.91)

Confirmando essa ideia, Nelly de Carvalho (2009, p. 78) cita três razões principais para a tendência da adoção dos termos em inglês atualmente:

- a evolução rápida das técnicas: as novidades se sucedem em uma fração tão pequena de tempo que não se pode pensar em substituição do termo;
- a falta de tradução: os termos em português não se ajustam ao significado do termo inglês, pois muitos não encontram tradução exata;
- a facilidade da comunicação na internet: o intercâmbio com falantes de outras línguas é facilitado pelo uso do inglês. (CARVALHO, 2009, p. 78)

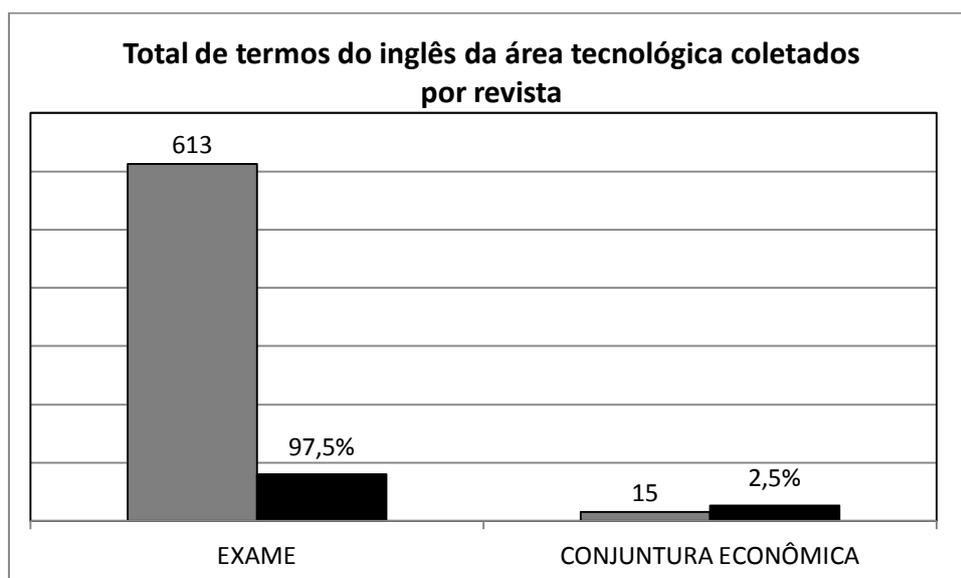
Constatamos, pela alta ocorrência, que os termos *internet*, *online*, *site*, *startup*, *software*, *smartphone*, *big data*, *tablet*, *e-mail*, *streaming*, *wearable*, *feedback*, *stent*, *hacker*, *call center*, que circulam com a grafia original, também sugerem uma incorporação do uso na língua portuguesa, demonstrando, assim a aceitação desse uso pela comunidade linguística, que adota esses termos em qualquer contexto.

Verificamos que os termos anglófonos com alta ocorrência não foram grafados em itálico ou com o uso de aspas, na revista EXAME. Foram escritos como se fossem uma palavra da língua portuguesa, sem qualquer distinção visual das demais, possibilitando, assim, a constatação de que os termos com alta ocorrência já foram integrados ao léxico do português no Brasil, independente de sua origem.

TABELA 6		
TERMOS DA TECNOLOGIA	EXAME	CE
<i>internet</i>	154	-
<i>online</i> (E), <i>on-line</i> (CE)	105	04
<i>site</i> , <i>sites</i>	63	
<i>startups</i>	62	-
<i>software</i> , (-s)	47	-
<i>smartphone</i> , (-s)	39	01
<i>big data</i>	18	-
<i>tablet</i>	17	-
<i>e-mail</i> , (-s)	18	01
<i>streaming</i>	12	-
<i>wearable</i> , (-s)	10	-
<i>feedback</i>	06	-
<i>stent</i> , (-s)	05	-

<i>hacker, (-s)</i>	05	-
<i>call centers</i>	04	02
<i>notebook, (-s)</i>	03	01
<i>app</i>	02	-
<i>blog, (-s)</i>	02	-
<i>telemarketing</i>	02	-
<i>high-tech / hi-tech</i>	02	-
<i>photoshop</i>	02	-
<i>smart TV (s)</i>	02	-
<i>GPS</i>	02	-
<i>iPhone</i>	02	-
<i>Apple Pay</i>	02	-
<i>iDevices</i>	02	-
<i>Smart Locker</i>	01	-
<i>Boom Boom Speaker</i>	01	-
<i>iHealth</i>	01	-
<i>website (s)</i>	01	-
<i>web (E), Web (CE)</i>	01	01
<i>Bluetooth</i>	01	-
<i>wireless</i>	01	-
<i>internet banking</i>	01	-
<i>desktops</i>	01	-
<i>e-readers</i>	01	-
<i>lan house</i>	01	-
<i>laptop</i>	01	-
<i>mobile health</i>	01	-
<i>fax</i>	01	-
<i>webcam</i>	01	-
<i>web page</i>	-	01
<i>Triple play</i>	-	02
<i>Quadruple play</i>	-	01
TOTAL	613	15

QUADRO 3 – Gráfico de termos do inglês da área tecnológica por revista

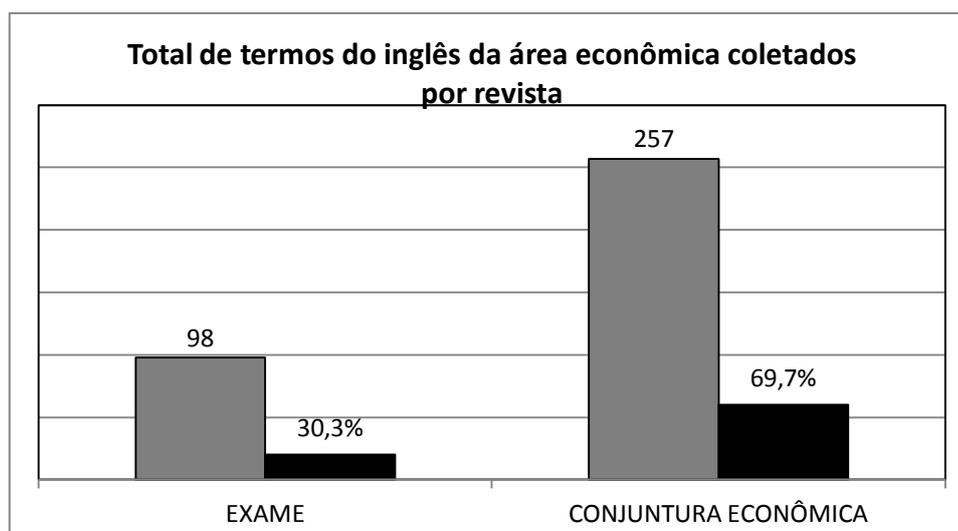


Com relação à Tabela 7, a seguir, concluímos que a revista CONJUNTURA ECONÔMICA utiliza muito mais os termos específicos da economia, em relação à revista

EXAME. Tal utilização pode se justificar pelos assuntos que aborda como artigos e reportagens sobre macroeconomia, finanças, *management* e seguros e também pelo público a que ela se destina (classe A).

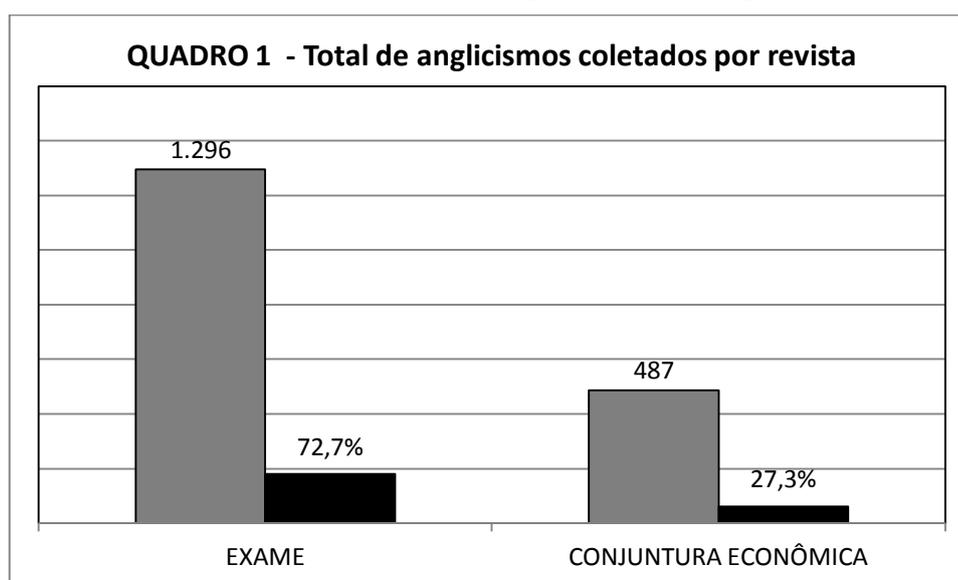
Concluimos também que os seguintes anglicismos da área de economia *commodity*, *commodities*, *holding*, *private equity*, *downgrade*, *social bond*, *upgrade*, *tradable*, *non-tradable/no tradable*, *stakeholder* pelo número de ocorrências, também sugerem uma incorporação na língua portuguesa.

TABELA 7		
TERMOS DA ECONOMIA	EXAME	CONJUNTURA ECONÔMICA
<i>commodity, commodities</i>	18	166
<i>private equity</i>	19	01
<i>tradable(-s)</i>	-	16
<i>non-tradable/no tradable(-s)</i>	-	11
<i>downgrade</i>	-	14
<i>socialbond (-s)</i>	13	-
<i>Forex (Foreign Exchange)</i>	09	-
<i>holding</i>	08	-
<i>spread (-s)</i>	03	08
<i>upgrade</i>	-	06
<i>stakeholder</i>	06	-
<i>quantitative easing</i>	-	03
<i>insider trading</i>	03	-
<i>corporation, (-s)</i>	03	-
<i>crowdfunding</i>	03	01
<i>joint venture</i>	03	03
<i>swap (-s)</i>	-	06
<i>flash crash</i>	03	-
<i>bond, (-s)</i>	03	-
<i>compliance</i>	-	03
<i>compliant</i>	-	03
<i>venture capital</i>	02	-
<i>price cap</i>	-	02
<i>revenue cap</i>	-	02
<i>overshooting</i>	01	02
<i>funding</i>	-	02
<i>sunk costs</i>	-	02
<i>trade off</i>	-	02
<i>investment grade</i>	-	01
<i>holdouts</i>	-	01
<i>dumping</i>	-	01
<i>hedge</i>	-	01
<i>credit default swaps</i>	-	01
<i>tax-welfare churn</i>	-	01
TOTAL	98	257

QUADRO 4 – Gráfico dos termos do inglês da área econômica por revista

O resultado final, apresentado nos anexos 1 e 2, aponta um total em torno de 1.783 (hum mil, setecentos e oitenta e três) estrangeirismos, sendo 1.296 (hum mil, duzentos e noventa e seis) na revista *EXAME*, com a média de 108 anglicismos por exemplar e 487 (quatrocentos e oitenta e sete) na revista *CONJUNTURA ECONÔMICA*, com a média de 40 anglicismos por exemplar, conforme podemos observar no quadro 5 abaixo.

Se considerarmos o número de exemplares e o espaço de tempo coberto pela pesquisa, é possível considerar que a incidência é significativa.

QUADRO 5 – Gráfico do total de anglicismos coletados por revista

A escolha do número de estrangeirismos para a confecção das fichas lexicográficas foi determinada pela necessidade de fazer um recorte suficiente para demonstrar a ocorrência dos

anglicismos no português, grafados em língua inglesa, na área de economia. A referida escolha foi realizada minuciosamente, a fim de equilibrar as duas revistas e o total de exemplares. Nesse recorte foi desconsiderada a repetição dos termos.

Reorganizando os anglicismos encontrados, serão enumerados, em ordem alfabética, todos os vocábulos encontrados nas revistas EXAME e CONJUNTURA ECONÔMICA, no período anteriormente determinado, seguindo-se uma pequena análise sobre o seu significado nos dicionários portugueses que embasam a nossa pesquisa, Dicionário Houaiss (DH) e Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (DA).

Na hipótese de o vocábulo não estar dicionarizado, nem inserido no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), será proposta uma definição, de acordo com o contexto pesquisado, como forma de registro na língua portuguesa, quando a definição da língua inglesa não servir.

Para organizar o *corpus*, foi elaborado um modelo de ficha lexicográfica, que segue a ordem alfabética e apresenta os seguintes itens:

- 1) O verbete, com a sua identificação gramatical;
- 2) Seu significado na língua de origem, atestado pelas fontes já citadas;
- 3) A ocorrência no periódico;
- 4) Sua situação na língua portuguesa, ou seja, a informação sobre a sua presença – e de que forma – ou ausência nas fontes de referência consultadas;
- 5) Comentários complementares em torno de possíveis interesses a respeito do vocábulo em alguma das fontes ou relato sobre eventual aportuguesamento, no caso de estar mantida a grafia estrangeira.

N. da A. 1: No campo “Ocorrência” da ficha lexicográfica manteve-se a decisão das revistas quanto ao emprego de itálico, aspas e negrito, ou de nenhum desses elementos gráficos.

N. da A. 2: Ao final será indicada a fonte de informação – fornecida pela própria revista ou pela Autora.

A seguir elaboramos a Tabela 8 com a sistematização geral dos registros dos verbetes. Informações mais detalhadas poderão ser consultadas nas fichas lexicográficas.

TABELA 8 - ANGLICISMOS SELECIONADOS				
	Dicionarizados			Não dicionarizados
	VOLP	DH	DA	
<i>ABS</i>		X	X	
<i>accountability</i>				X
<i>ADR</i>				X
<i>airbag</i>			X	
<i>american dream</i>				X
<i>analytics market</i>				X
<i>app</i>				X
<i>Apple pay</i>				X
<i>Apple watch</i>				X
<i>baby boom</i>				X
<i>baby</i>	X	X	X	
<i>baby boomer</i>				X
<i>backlog</i>				X
<i>banner</i>	X	X		
<i>baseline</i>				X
<i>beacon</i>				X
<i>best-seller</i>		X	X	
<i>big data</i>				X
<i>bit</i>			X	
<i>blazer</i>	X	X	X	
<i>blog</i>	X	X	X	
<i>bluetooth</i>		X	X	
<i>bond</i>	X			
<i>boom</i>	X	X	X	
<i>bottom line</i>				X
<i>broad money</i>				X
<i>browser</i>	X	X	X	
<i>BRT</i>				X
<i>business</i>				X
<i>business case</i>				X
<i>call center</i>			X	
<i>catch up</i>				X
<i>CDO</i>				X
<i>CGO</i>				X
<i>chairman</i>				X
<i>charter</i>	X	X	X	
<i>charter school</i>				X
<i>check-in</i>		X	X	
<i>chief disruptive officer</i>				X
<i>chip</i>	X	X	X	
<i>chips</i>		X	X	
<i>CIO</i>				X
<i>city-gate</i>				X
<i>cluster</i>		X	X	
<i>CMO</i>				X
<i>cold turkey</i>				X
<i>commodity</i>	X	X	X	
<i>compliance</i>				X
<i>cookie</i>		X	X	
<i>cord cutter</i>				X
<i>cost plus</i>				X
<i>country</i>		X	X	
<i>crack</i>	X	X	X	
<i>cradle to cradle</i>				X

<i>credit crunch</i>				X
<i>credit default swap</i>				X
<i>CRM</i>				X
<i>CRO</i>				X
<i>crowdfunding</i>				X
<i>cupcake</i>				X
<i>dark money</i>				X
<i>default</i>	X	X	X	
<i>DES</i>				X
<i>design</i>	X	X	X	
<i>DFA/MYDFA</i>				X
<i>dove</i>				X
<i>downgrade</i>				X
<i>download</i>	X	X	X	
<i>driver</i>	X	X	X	
<i>drive thru</i>			X	
<i>due dilligence</i>				X
<i>dumping</i>	X	X	X	
<i>easing</i>				X
<i>e-commerce</i>		X		
<i>EIU</i>				X
<i>e-mail</i>	X	X	X	
<i>endowment</i>				X
<i>enforcement</i>				X
<i>e-reader</i>		X		
<i>farmout</i>				X
<i>fast-food</i>		X	X	
<i>fax</i>	X	X	X	
<i>FDA</i>				X
<i>feedback</i>	X	X	X	
<i>flash crash</i>				X
<i>flipped classroom</i>				X
<i>food truck</i>				X
<i>Forex</i>				X
<i>framework</i>				X
<i>freezer</i>	X	X	X	
<i>front</i>	X	X	X	
<i>frozen yogurt</i>				X
<i>funding</i>		X	X	
<i>gadget</i>	X	X		
<i>gap</i>	X	X	X	
<i>gay</i>	X	X	X	
<i>geração PowerPoint</i>				X
<i>gigawatt</i>	X	X		
<i>Glam</i>				X
<i>glamour</i>	X	X	X	
<i>GMAT</i>				X
<i>GPS</i>		X	X	
<i>greenfield</i>				X
<i>hackathon</i>				X
<i>hacker</i>	X	X	X	
<i>hardware</i>	X	X	X	
<i>hashtag</i>		X		
<i>hawk</i>				X
<i>hedge</i>	X	X	X	
<i>hi-tech</i>				X
<i>high-tech</i>	X	X	X	
<i>hippie</i>	X	X	X	

<i>hit</i>	X	X	X	
<i>holding</i>	X	X	X	
<i>holdout</i>				X
<i>home office</i>				X
<i>hub</i>				X
<i>iceberg</i>	X	X	X	
<i>iDevices</i>				X
<i>impeachment</i>	X	X	X	
<i>insider trading</i>				X
<i>insight</i>	X	X	X	
<i>internet</i>	X	X	X	
<i>internet banking</i>				X
<i>intranet</i>	X	X	X	
<i>investment grade</i>				X
<i>iPad</i>				X
<i>iPhone</i>				X
<i>joint venture</i>				X
<i>junk</i>				X
<i>junk grade</i>				X
<i>know-how</i>			X	
<i>lan house</i>		X	X	
<i>laptop</i>	X	X	X	
<i>layoff</i>				X
<i>lean</i>				X
<i>leasing</i>	X	X	X	
<i>lesbian</i>				X
<i>link</i>	X	X	X	
<i>lobby</i>	X	X	X	
<i>made in</i>				X
<i>mainstream</i>				X
<i>marketing</i>	X	X	X	
<i>marketplace</i>				X
<i>MBA</i>				X
<i>megabit</i>		X	X	
<i>megawatt</i>	X	X	X	
<i>merchandising</i>	X	X	X	
<i>merchanting</i>				X
<i>millennial</i>				X
<i>MIT</i>				X
<i>mobile</i>				X
<i>mobile data</i>				X
<i>mobile health</i>				X
<i>nerd</i>		X	X	
<i>netbook</i>		X		
<i>network</i>	X	X	X	
<i>notebook</i>		X	X	
<i>no tradable / non-tradable</i>				X
<i>off-line</i>			X	
<i>offshore</i>		X	X	
<i>online</i>	X	X	X	
<i>onshore</i>				X
<i>on2off</i>				X
<i>outlet</i>		X	X	
<i>outsourcing</i>				X
<i>overhead</i>	X	X	X	
<i>overnight</i>		X	X	
<i>overshooting</i>				X
<i>paper</i>		X	X	

<i>passthrough</i>				X
<i>PC</i>		X	X	
<i>pen drive</i>			X	
<i>performance</i>	X	X	X	
<i>Pet Center</i>				X
<i>pet shop</i>		X	X	
<i>PhD</i>		X	X	
<i>photoshop</i>				X
<i>pipeline</i>				X
<i>policymaker</i>				X
<i>post</i>		X		
<i>price cap</i>				X
<i>pop up</i>		X	X	
<i>PowerPoint</i>				X
<i>pride network</i>				X
<i>private equity</i>				X
<i>project finance</i>				X
<i>proxy</i>				X
<i>put</i>				X
<i>quadruple play</i>				X
<i>quantitative easing</i>				X
<i>rally</i>				X
<i>ranking</i>	X	X	X	
<i>rating</i>				X
<i>reality show</i>		X	X	
<i>recall</i>		X	X	
<i>renewable fuel standard</i>				X
<i>rents</i>				X
<i>rent seeker</i>				X
<i>rent seeking</i>				X
<i>resort</i>	X	X	X	
<i>round</i>	X	X	X	
<i>royalty</i>	X	X	X	
<i>second best</i>				X
<i>shadow banking</i>				X
<i>shale gas</i>				X
<i>shareholder</i>				X
<i>shopper</i>				X
<i>shopping / shopping center</i>	X	X	X	
<i>showroom</i>	X	X	X	
<i>sitcom</i>			X	
<i>site</i>	X	X	X	
<i>skate</i>	X	X	X	
<i>slogan</i>	X	X	X	
<i>smart grid</i>				X
<i>Smart Locker</i>				X
<i>smartphone</i>		X	X	
<i>smart TV</i>				X
<i>smartwatch</i>				X
<i>snack</i>				X
<i>social bond / social impact bond</i>				X
<i>software</i>	X	X	X	
<i>spend and tax</i>				X
<i>spot</i>	X	X	X	
<i>spot market</i>		X	X	
<i>spread</i>		X	X	
<i>sprint</i>	X	X		

<i>stakeholder</i>				X
<i>standard</i>	X	X	X	
<i>startup</i>				X
<i>stent</i>		X	X	
<i>stock car</i>				X
<i>stock option</i>				X
<i>storytelling</i>				X
<i>streaming</i>				X
<i>sunk cost</i>				X
<i>superpac</i>				X
<i>SUV</i>		X		
<i>swap</i>			X	
<i>tablet</i>		X	X	
<i>talk-show</i>			X	
<i>tax-welfare churn</i>				X
<i>telemarketing</i>	X	X	X	
<i>time /timing</i>				X
<i>top ten countries</i>				X
<i>tradable</i>				X
<i>trade off</i>				X
<i>trade not aid</i>				X
<i>trailer</i>	X	X	X	
<i>trainee</i>		X	X	
<i>triple play</i>				X
<i>turnover</i>				X
<i>under water</i>				X
<i>upgrade</i>	X	X	X	
<i>upstream</i>				X
<i>venture capital</i>				X
<i>war on drugs</i>				X
<i>wearable</i>				X
<i>web</i>	X	X	X	
<i>webcam</i>			X	
<i>web page</i>				X
<i>website</i>				X
<i>WhatsApp</i>				X
<i>wi-fi</i>			X	
<i>wireless</i>				X
<i>workshop</i>	X	X	X	
TOTAL	67	103	105	150

5.3 Fichas Lexicográficas

1. ABS – sigla

Significado na língua de origem: sigla de *anti-lockbraking system*, um freio aparelhado em alguns veículos que evita derrapagem (deslizamento descontrolado), reduzindo os efeitos de parada abrupta. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner's and Thesaurus Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

A APOSENTADORIA DO MILLE

Depois de 30 anos no mercado brasileiro, a montadora teve de tirar o modelo de linha porque não era possível adaptá-lo para cumprir as novas leis que exigem inclusão de freios ABS e airbag. (E, ed. 1081, ano 49, nº1, 21/01/2015, p. 83).

Situação no português: a sigla “ABS” não está registrada no VOLP, mas dicionarizada no DA e no DH com o seguinte significado: Quím. Copolímero de acrilonitrila, butadieno e estireno, que é um elastômero usado como borracha sintética na fabricação, p. ex., de pneumáticos. No DH, encontra-se o seguinte adendo: Gram. empregada também apositivamente (*freios ABS*).

2. *accountability* – s.f.

Significado na língua de origem: substantivo correspondente ao adjetivo *accountable* que significa: responsável pelo que faz e capaz de dar uma razão satisfatória para tal.

(Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

O terceiro e último elemento essencial para garantir a melhor organização social é a (a capacidade da sociedade de controlar os governos, seus atos e suas burocracias. Não deixa de ser curioso o fato de não existir tradução no português para a palavra inglesa que resume essa característica: *accountability* (talvez a que melhor se aproxima dessa idéia seja “responsabilização”- uma palavra, aliás, bem pouco utilizada). Fukuyama deixa clara a importância que dá à *accountability*: o termo aparece 126 vezes em todo o livro. (E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p. 118).

“Neste último aspecto, seria desejável investigar a melhor maneira de incorporar os órgãos de controle, como o Tribunal de Contas e a Controladoria Geral da União, no sistema de auditoria e *accountability* das empresas com participação estatal.” (CE, volume 69, nº07, de Julho de 2015, pág. 41)

Situação no português: O vocábulo “*accountability*” não está registrado em nenhuma das fontes consultadas. A revista EXAME sugere a seguinte tradução: “responsabilização”, conforme se observa no exemplo acima. (Fonte: E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p. 118).

3. ADR – sigla

Significado na língua de origem: sigla (de *American Depositary Receipt*), um documento usado nos mercados financeiros dos Estados Unidos para comprar ações em empresas estrangeiras. ADRs têm preços em dólares americanos, pagam dividendos em dólares americanos e são comprados e vendidos da mesma maneira como ações em empresas americanas. (Fonte: Dicionário online: *Cambridge Business English Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

A Petrobrás emitiu ADRs (recibo de ações) no exterior, para disciplinar sua administração, e implementou uma gestão mais profissional. (E, ed. 1081, ano 49, nº1, 21/01/2015, p. 74).

Situação no português: a sigla “ADR” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

4. *airbag* – s.m.

Significado na língua de origem: Uma bolsa que automaticamente se enche de ar se o veículo se envolver em um acidente, a fim de proteger o motorista ou um passageiro de ferimento. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

A APOSENTADORIA DO MILLE

Depois de 30 anos no mercado brasileiro, a montadora teve de tirar o modelo de linha porque não era possível adaptá-lo para cumprir as novas leis que exigem inclusão de freios ABS e airbag. (E, ed. 1081, ano 49, nº1, 21/01/2015, p. 83).

Situação no português: O vocábulo “*airbag*” não está registrado no VOLP nem no DH, mas está dicionarizado no DA:

1. Saco fixo que infla automaticamente à frente dos passageiros de um veículo automóvel, impedindo que, em caso de acidente, estes sejam atirados contra as partes sólidas do carro.

5. *american dream* – sint.nom.

Significado na língua de origem: o sonho americano (a crença de que todos nos Estados Unidos têm a chance de ser bem sucedidos e felizes se trabalharem bastante). (Fonte: *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

A economia americana começava a desenvolver o consumo de massa, e sua população vivia o *american dream*. (E, ed. 1092, ano 49, nº12, 24/06/2015, p. 78).

Situação no português: a expressão “*american dream*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

6. *analytics market* – sint.nom.

Significado na língua de origem: análise de dados gerados por sensores e celulares (Fonte: E, ed. 1078, ano 48, nº22, 26/11/2014, p. 125).

Ocorrência:

Durante a conferência Dreamforce, em outubro, evento anual promovido pela empresa e que reuniu 140 000 pessoas em São Francisco, Benioff anunciou que a nova aposta da companhia é a análise de dados gerados por sensores e celulares, o chamado *analytics market* – mercado que movimentava 38 bilhões de dólares por ano. Com seu característico jeito espalhafatoso, Benioff esbanjou otimismo em relação ao futuro da empresa. O curioso é que, mesmo tendo um histórico respeitável no segmento de CRM e em projetos promissores, como o *analytics market*, a Salesforce opera no vermelho. (E, ed. 1078, ano 48, nº22, 26/11/2014, p. 125-126).

Situação no português: a expressão “*analytics market*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

7. *app* – s.m.

Significado na língua de origem: abreviação de *application*, aplicativo. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary*, Cambridge University Press)

Ocorrência:

ELAS QUEREM UM *APP*

As empresas já descobriram que ter um aplicativo para celular pode ajudar a impulsionar o negócio. Fazer com que ele dê conta dessa tarefa, porém, é um desafio.

.....
 “Não basta às empresas criar algo para expor a marca, os apps precisam ter um propósito claro e ter ligação com o negócio”, afirma Vinícius Porto, sócio da empresa Porque não?, desenvolvedora de aplicativos. (E, ed. 1080, ano 48, nº24, 24/12/2014, p. p. 128 e 129)

Situação no português: O vocábulo “*app*” não está registrado em nenhuma das fontes consultadas.

8. *Apple Pay* – sint.nom.

Significado da língua de origem – serviço da Apple que possibilita efetuar pagamentos através do iPhone. O Apple Pay combina o hardware com o software e através de um serviço é possível efetuar pagamentos de uma forma muito rápida, cômoda e segura. Para poder usar o Apple Pay, o utilizador apenas terá de associar o cartão de crédito ao iTunes (software padrão da Apple). (Fonte: <https://pplware.sapo.pt/apple/apple-pay-o-servio-que-vai-permitir-pagamentos-com-o-iphone/>)

Ocorrência:

Um novo capítulo dessa história deve se iniciar em 2015 com a esperada chegada ao mercado do Apple Watch. Além de monitorar atividades físicas, o relógio da Apple vai se conectar ao iPhone, controlar a lista de músicas, mostrar textos de mensagens e até pagar contas nas lojas americanas habilitadas pelo sistema Apple Pay. (E, ed. 1080, ano 48, nº24, 24/12/2014, p. 86)

Situação no português: o sintagma nominal “*Apple Pay*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

Nota: Consideramos pertinente a transcrição da seguinte informação para um melhor entendimento do exemplo citado:

Com o anúncio do novo serviço Apple Pay, os utilizadores passarão a poder efectuar pagamentos com o seu iPhone recorrendo para isso à tecnologia NFC e também ao TouchID (one touch check-out) para que o processo seja o mais simples e seguro possível. Está também prevista a integração com o Passbook.

A tecnologia Near Field Corporation (NFC) permite trocar informações sem fios e de forma segura entre dispositivos compatíveis que estejam próximos uns dos outros. Ou seja, logo que

os dispositivos estejam suficientemente próximos, a comunicação é estabelecida automaticamente, sem que haja necessidade de qualquer configuração, emparelhamento ou software adicional. (Fonte: <https://pplware.sapo.pt/apple/apple-pay-o-servio-que-vai-permitir-pagamentos-com-o-iphone/>)

9. *Apple Watch* – sint.nom.

Significado da língua de origem – relógio inteligente criado pela Apple.

Ocorrência:

Um novo capítulo dessa história deve se iniciar em 2015 com a esperada chegada ao mercado do Apple Watch. Além de monitorar atividades físicas, o relógio da Apple vai se conectar ao iPhone, controlar a lista de músicas, mostrar textos de mensagens e até pagar contas nas lojas americanas habilitadas pelo sistema Apple Pay. (E, ed. 1080, ano 48, nº24, 24/12/2014, p. 86)

Situação no português: o sintagma nominal “*Apple Watch*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

10. *baby boom* – sint.nom.

Significado na língua de origem: um grande aumento no número de bebês nascidos entre um determinado grupo de pessoas durante uma época específica. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

“Assim, a explosão de crimes nos EUA durante os anos 1960 e 1970, poderia ser explicada em partes por uma mudança demográfica, ocasionada pelo *baby boom* que se deu logo após a II Guerra Mundial.” (CE, volume 69, nº08, de agosto de 2015, pág. 56)

Situação no português: o vocábulo “*baby*” (bebê) se encontra no DA, no DH e no VOLP. O vocábulo “*boom*” (rápida expansão de atividade econômica) se encontra no DA, no DH e no VOLP. No DA está citado com o seguinte significado: 1. rápida expansão de atividade(s) econômica(s), caracterizada por expectativas otimistas. 2. O período durante o qual ocorre tal expansão.

11. *baby boomer* – sint.nom.

Significado na língua de origem: parte do fraseado “*geração baby boomer*”, um *baby boomer* é uma pessoa nascida durante um *baby boom*, especialmente aquele que aconteceu na Grã Bretanha e Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

“Em apenas 15 anos, os últimos remanescentes da *geração baby boomer*, os milhões de alemães nascidos de 1946 a 1964, vão querer se aposentar e causarão uma enorme pressão sobre as finanças públicas.” (E, ed. 1076, ano 48, nº20, 29/10/2014, p. 82)

“Contudo, terão uma população madura, com nível educacional e poder aquisitivo jamais vistos. Americanos e europeus os chamam de *baby boomers* – gente nascida no pós-guerra, entre 1946 e 1964. (E, ed. 1082, ano 49, nº2, 04/02/2015, p. 60)

“Do mesmo modo, a transição para a maturidade dos *baby-boomers* ajudaria a explicar a diminuição dos homicídios que se seguiu nos anos 1980.” (CE, volume 69, nº08, de agosto de 2015, pág. 56)

Situação no português: o sintagma nominal “*baby boomer*” não está registrado em nenhuma das fontes citadas. Nos exemplos citados a expressão aparece com a função de adjetivo e de substantivo, respectivamente. Mas, mesmo quando ocorre como substantivo, a palavra “geração” está implícita.

12. *backlog* – s.m.

Significado na língua de origem: trabalho em atraso. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

O Instituto Nacional da Propriedade Industrial (Inpi), por exemplo, é uma agência que funciona mal, com um importante *backlog* no registro de patentes, que faz com que muita gente prefira patentear fora do Brasil. (CE, volume 69, nº04, de abril de 2015, pág. 16)

Situação no português: o vocábulo “*backlog*” não está em nenhuma das fontes consultadas.

13. *banner* – s.m.

Significado na língua de origem: faixa com dizeres ou mensagens, um longo pedaço de pano geralmente estendido entre postes, com uma mensagem escrita. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Mais de 5 milhões de pessoas que passaram perto de um posto de combustíveis Shell receberam um anúncio sobre as “**minigarrafinhas da Coca-Cola – 2276 delas entraram**” numa das lojas de conveniência da rede logo depois de clicar no banner da campanha. (E, ed. 1094, ano 49, nº14, 05/08/2015, p. 77)

Situação no português: o vocábulo “*banner*” não se encontra no DA, mas está registrado no VOLP e no DH: 1. Peça publicitária, confeccionada em plástico, tecido ou papel, impressa de um ou de ambos os lados, para ser pendurada em postes, fachadas ou paredes, exposta na via pública, em pavilhões de exposições, pontos de venda, etc.; bandeira, galhardete. 2. curta mensagem publicitária em uma página da web, com link para o site do anunciante. Este significado nos parece o mais apropriado para o exemplo citado.

14. *baseline* – s.f.

Significado na língua de origem: uma linha imaginária usada como ponto inicial para fazer comparações. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner's Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Além do mais, o processo orçamentário brasileiro é incremental. Os que militam na gestão pública sabem que as propostas orçamentárias para exercícios futuros tomam como *baselines* os projetos e programas em execução no exercício em curso. (CE, volume 69, nº03, de março de 2015, pág. 33)

Situação no português: o vocábulo “*baseline*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

15. *beacon* – s.m.

Significado na língua de origem: farol, sinal luminoso. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

No caso de ambientes fechados, a tecnologia mais utilizada tem sido a dos *beacons* (“faróis”, em português) – pequenos sensores que enviam sinais para celulares e permitem saber a localização quase exata de pessoas em ambientes fechados. A precisão é de cerca de 30 centímetros. (E, ed. 1094, ano 49, nº14, 05/08/2015, p. 78)

Situação no português: o vocábulo “*beacon*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

16. *best seller* – sint.nom.

Significado na língua de origem: um novo livro ou outro produto que vendeu um grande número de cópias. (Fonte: *Cambridge Academic Content Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

“A fórmula usada pelos pesquisadores foi calcular a renda individual a partir da combinação dos dados da declaração do Imposto de Renda (DIRPF) para os 10% mais ricos – à semelhança da metodologia do economista francês Thomas Picketty, autor do *best seller O capital do século XXI* – com a da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) para os 90% mais Pobres.” (CE, volume 68, nº12, de dezembro de 2014, pág. 27)

Em 1995, o economista e consultor Jeremy Rifkin escreveu o best-seller *O Futuro do Emprego*, que previa que a tecnologia destruiria milhões de postos de trabalho. (E, ed. 1082, ano 49, nº2, 04/02/2015, p. 26)

Situação no português: o sintagma nominal “*best seller*” não está no VOLP, mas está dicionarizada no DH e DA, escrita com hífen: *best-seller*. O DH também registra *best-seller* como qualquer coisa que se venda bem: um disco, por exemplo, pode se tornar um *best-seller*.

17. *big data* – sint. nom.

Significado na língua de origem: grande volume de dados que são produzidos por pessoas usando a internet e que só podem ser armazenados, entendidos e usados com a ajuda de ferramentas e métodos especiais. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Essa quantidade de informações capturadas e armazenadas de maneira ágil é o que se costuma chamar de *big data* – o que, como o nome indica, representa um volume de dados tão grande e complexo que demanda processamento especializado. (E, ed. 1076, ano 48, nº20, 29/10/2014, p. 33)

Situação no português: o sintagma nominal “*big data*” não está registrado em nenhuma das fontes consultadas.

18. *bit* – s.m.

Significado na língua de origem: a menor unidade de informação em um computador. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Atualmente, a transmissão de vídeos no Netflix é responsável por 34% do tráfego de internet banda larga nos Estados Unidos durante o horário nobre, de acordo com um levantamento da fabricante de equipamentos de rede Sandvine. O YouTube vem em segundo lugar, com 13%. Juntos Netflix e YouTube respondem por quase metade dos **bits** trafegados pela internet no horário mais importante para as emissoras de TV. (E, ed. 1085, ano 49, nº5, 18/03/2015, p. 36)

Situação no português: o vocábulo “*bit*” não está registrado no VOLP e nem no DH, mas está dicionarizado no DA: Inform. Unidade mínima de informação em um sistema digital, que pode assumir apenas um de dois valores (ger. 0 ou 1). [Abrev.: *b.*] [Ingl., comb. das iniciais de *bi(nary) (digi)t*, ‘dígito binário’.]

19. *blazer* – s.m.

Significado na língua de origem: blazer, paletó (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Enquanto seus pares se acomodam em ternos sob medida e dão nós duplos em gravatas italianas, Galló vive dentro dos limites de estilo impostos por blazers de 199 reais e calças que custam menos da metade disso. (E, ed. 1073, ano 48, nº17, 17/09/2014, p. 74)

Situação no português: o vocábulo “*blazer*” está registrado no VOLP e dicionarizado no DA e no DH, com a grafia em inglês e com o seguinte significado: paletó esporte masculino ou feminino (DA) e casaco ou paletó esporte de dois ou três botões, feito de tecido leve (DH).

Etim.: ing. *blazer* (1635) 'paletó esporte de cores vivas' (acp. d1880), der. do verbo *to blaze* 'brilhar'

20. *blog*– s.m.

Significado na língua de origem: abreviação de *weblog*, um registro de suas atividades, atualizado regularmente, que você coloca na internet para que outras pessoas leiam, blog. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Segundo alguns blogs de tecnologia mais respeitados dos Estados Unidos, a fabricante de celulares Samsung estaria interessada na inovação da Looppay. (E, ed. 1082, ano 49, nº12, 04/02/2015, p. 76-77)

Situação no português: o vocábulo “*blog*” está registrado no VOLP e dicionarizado (DH e DA): 1. Na *Web*, serviço que permite ao internauta criar e manter uma página em que as informações são apresentadas em ordem cronológica reversa (as mais recentes aparecem primeiro), tendo cada publicação sua data e hora de inserção, e tb. um espaço onde outros internautas podem incluir comentários associados. [Inicialmente foi usado como diário, mas, com a popularização, tornou-se também um meio para publicação de notícias, divulgação de ideias, etc.] 2. A página por esse serviço disponibilizada para um usuário e por este mantida.[Aport.: *blogue*.]

21. *bluetooth* – s.m.

Significado na língua de origem: um sistema para conectar equipamentos eletrônicos, como celulares, computadores e organizadores eletrônicos uns aos outros e à internet usando sinais de rádio. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

O monitor de pressão arterial da americana iHealth se conecta ao celular via bluetooth e fornece as informações de saúde na hora, além do histórico do paciente. (E, ed. 1080, ano 48, nº24, 24/12/2014, p. 87)

Situação no português: o vocábulo “*bluetooth*” não está registrado no VOLP, mas dicionarizado (DA e DH): padrão global e tecnologia de conexão e troca de informações sem fio, via frequência de rádio, entre equipamentos habilitados (p. ex: telefones celulares, computadores, impressoras).

Nota: Marca registrada do consórcio Bluetooth Special Interest Group, formado em 1998 por Ericsson, IBM, Toshiba e Nokia; nome dado em homenagem ao rei da Dinamarca e Noruega, Harald Blatand, em ing. Harold Bluetooth, conhecido por unificar as tribos norueguesas, suecas e dinamarquesas. (Fonte: DH)

22. bond – s.m.

Significado na língua de origem: títulos, um documento oficial dizendo que você receberá uma certa quantia de dinheiro por haver emprestado dinheiro ao governo ou a uma empresa. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Como o valor de um título varia na razão inversa dos juros que paga, os *bonds* americanos nunca valeram tanto. (E, ed. 1088, ano 49, nº8, 29/04/2015, p. 93)

Situação no português: o vocábulo “*bond*” está registrado no VOLP, mas não está dicionarizado.

23. boom – s.m.

Significado na língua de origem: boom, aumento nas vendas. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Depois de atravessar uma década de bonança, puxada, em grande parte, pelo *boom* das commodities, os países da América Latina buscam ajustar suas economias para um crescimento mais magro nos próximos anos. (CE, volume 68, nº10, de outubro de 2014, pág. 5)

O Brasil se beneficiou do boom de commodities, que causou uma grande atração no fluxo de capitais. (E, ed. 1081, ano 49, nº1, 21/01/2015, p. 72)

Situação no português: o vocábulo “*boom*” se encontra em todas as fontes consultadas.

1. Rápida expansão de atividade(s) econômica(s), caracterizada por expectativas otimistas.
2. O período durante o qual ocorre tal expansão. Pl: booms.

24. bottom line – sint.nom.

Significado na língua de origem: balanço final. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

O Magazine não gosta de terceirizado, porque reduz nosso acesso ao trabalhador. Além disso, acho que 2%, 3% do *bottom line* não está indo para ninguém, mas sim para a burocracia do país. (CE, volume 69, nº07, de julho de 2015, pág.15)

Situação no português: o sintagma nominal “*bottom line*” não está nas fontes consultadas.

25. broad money – sint.nom.

Significado na língua de origem: a quantidade de dinheiro na economia do país, medida pela conta do dinheiro guardado pelos bancos e pelas pessoas, agregado monetário. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Também influencia positivamente a avaliação a relação entre uma medida de agregado monetário ampla (“*broad money*”) e o PIB, o que dá uma ideia da capacidade do mercado financeiro local de sustentar um dado nível de dívida doméstica. (CE, volume 68, nº12, de dezembro de 2014, pág.7)

Situação no português: o sintagma nominal “*broad money*” não está nas fontes consultadas.

26. *browser* – s.m.

Significado na língua de origem: navegador (programa de computador que permite ver páginas na internet) (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

UCWeb – A empresa é dona do browser de internet mais usado por smartphones na China. (E, ed. 1073, ano 48, nº17, 17/09/2014, p.118)

Situação no português: o termo “*browser*” está registrado no VOLP e dicionarizado no DA (navegador) e no DH: 'examinar superficialmente um texto, uma vitrine' + suf. agentivo –*er*. (Fonte: DH)

27. **BRT**– sigla

Significado na língua de origem: sigla de *Bus Rapid Transit* : Transporte Rápido por Ônibus - é um sistema de transporte coletivo de passageiros que proporciona mobilidade urbana rápida, confortável, segura e eficiente, por meio de infraestrutura segregada, com prioridade de ultrapassagem, operação rápida e frequente, excelência em marketing e serviço ao usuário. (Fonte: <http://www.brtbrasil.org.br/index.php/brt/oquebrt#.WAIrBI8rK1s>)

Ocorrência:

Belém possui apenas uma linha de embarcação fluvial de grande porte dando espaço à atividade informal. Em 2015 iniciará a ampliação do sistema com o financiamento para 10 portos, que serão integrados ao **BRT**. (CE, volume 68, nº12, de dezembro de 2014, pág. 40)

Situação no português: a sigla “**BRT**” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

Nota: O *site* BRT Brasil foi consultado, excepcionalmente, pelo fato de não ter sido encontrado nas fontes pesquisadas o significado da sigla. O *site* informa que “A proposta do programa BRT Brasil é acompanhar a implantação dos sistemas de transporte rápido por ônibus. Se bem elaborados e operados esses sistemas se tornam exemplos concretos de mobilidade urbana sustentável para que outras cidades possam se inspirar e implantar a solução.”

(Fonte: <http://www.brtbrasil.org.br/index.php/brt/oquebrt#.WAIrBI8rK1s>)

28. *business* – s.m.

Significado na língua de origem: negócio, comércio. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Vejam outro exemplo: a questão das drogas. É óbvio que existe excesso em classificar pequenos consumidores de drogas como traficantes. Quem classifica se é traficante ou consumidor é a polícia na ponta, e o prendem. A prisão é inafiançável. Inundam-se as cadeias por meio de julgamentos feitos pelos policiais. Não se ataca o *business* da droga. (CE, volume 68, nº09, de setembro de 2014, pág. 18)

Situação no português: o vocábulo “*business*” não está em nenhuma das fontes consultadas.

29. *business case* – sint.nom.

Significado na língua de origem: uma explicação ou um conjunto de razões descrevendo como uma decisão comercial irá melhorar um negócio, produto, etc., e como ela irá afetar os custos e os lucros e irá atrair investimentos. (Fonte: *Cambridge Business English Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Por exemplo, quando alguém vai investir em um porto, não adianta confiar no *business case* se o investidor não tem uma noção clara que o país tem uma estratégia de desenvolvimento que fará com que aquele porto seja importante daqui a 20 anos. (CE, volume 69, nº03, de março de 2015, pág. 15)

Situação no português: o sintagma nominal “*business case*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

30. *call center* – sint. nom.

Significado na língua de origem: um grande escritório onde os empregados de uma empresa fornecem informações aos seus clientes, ou vendem ou anunciam os seus produtos e serviços, por telefone, call center. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Tal política – cujo caráter de permanência foi aprovado na Câmara dos Deputados em outubro – atinge 59 segmentos, em sua maioria industriais, além da construção e outros serviços como hotéis, *call centers* e de tecnologia da informação. (CE, volume 68, nº11, de novembro de 2014, pág. 39)

RESULTADO

30% de aumento da produtividade dos instaladores e 49% de redução de ligações no call center para reportar problemas com instalações e reparos. (E, ed. 1082, ano 49, nº2, 04/02/2015, p.74)

Situação no português: o sintagma nominal “*call center*” não está registrado no VOLP e nem no DH, mas está dicionarizado no DA: central de atendimento, central de chamadas.

31. *catch up* – sint.nom.

Significado na língua de origem: aprender e discutir os fatos mais recentes a respeito de alguma coisa, pôr o assunto em dia. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

A economista destaca que o crescimento verificado entre 2003 e 2012, além de responder parcialmente a um *catch up*, ou recuperação da perda registrada no momento anterior, não teve como maior impulso a indústria, mas os setores agropecuário e de serviços. (CE, volume 68, nº11, de novembro de 2014, pág. 36)

Situação no português: o sintagma nominal “*catch up*” não está em nenhuma das fontes consultadas.

32. CDO – sigla

Significado na língua de origem: sigla de *Chief Digital Officer*, executivo responsável pela estratégia digital. (Fonte: E, ed. 1092, ano 49, nº12, 24/06/2015, p.101)

Ocorrência:

Em outras empresas, a solução é criar com uma diretoria digital – nos últimos anos cresceu nas companhias a presença do *chief digital officer*, executivo responsável pela estratégia digital. (E, ed. 1092, ano 49, nº12, 24/06/2015, p.101)

Situação no português: a sigla CDO (“*chief digital officer*”) não se encontra nas fontes consultadas.

33. CGO – sigla

Significado na língua de origem: sigla de *Chief Growth Officer*, executivo responsável pelo crescimento. (Fonte: E, ed. 1091, ano 49, nº11, 10/06/2015, p.94)

Ocorrência:

A bola da vez são os executivos dedicados a pensar em alternativas de crescimento. Os títulos variam. Os mais frequentes são *chief growth officer* (CGO) e *chief revenue officer* (CRO), respectivamente, executivo responsável pelo crescimento e pelo faturamento. (E, ed. 1091, ano 49, nº11, 10/06/2015, p.94)

Situação no português: a sigla CGO não se encontra nas fontes consultadas.

34. *chairman* – s.m.

Significado na língua de origem: presidente. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

O Fed, banco central americano, completou um século e é um banco central independente com os diretores nomeados por um prazo de 14 anos. Desde 1914 teve 15 presidentes (nos EUA o título é de *chairman*). (CE, volume 68, nº10, de outubro de 2014, pág. 52)

Situação no português: o termo “*chairman*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

35. *charter* - adj.

Significado na língua de origem: *charter*: estatuto, constituição, parte do sint. nom. *charter school*. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)
Charter school - Nos Estados Unidos, uma escola que é paga com dinheiro público, mas que é organizada com um propósito especial e que só admite alunos que satisfaçam os seus padrões. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner's and Thesaurus Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

O que são escolas charter

São instituições alternativas de ensino bancadas por dinheiro público e geridas por entidades privadas. Elas têm autonomia na gestão escolar. (E, ed. 1090, ano 49, nº10, 27/05/2015, p.80)

“As charter foram criadas para testar novas estratégias”, diz Margaret Raymond, professora de política educacional da Universidade de Stanford. (E, ed. 1090, ano 49, nº10, 27/05/2015, p.81)

Fundada em 2006, a Success Academy é parte de um modelo educacional que tem ganhado força nos Estados Unidos: as chamadas *charter schools*, espécie de parceria público-privada para a educação. Elas recebem dinheiro público, mas são administradas de forma independente. (E, ed. 1090, ano 49, nº10, 27/05/2015, p.81)

Situação no português: o vocábulo “*charter*” se encontra em todas as fontes consultadas, com os seguintes significados: ‘instrumento legal escrito, contrato, ‘garantia de direitos, franquia’, ‘acordo de viagem’, frete’; de ou relativo a um acordo de viagem em que um meio de transporte (um ônibus ou um avião) é fretado para um grupo específico de pessoas. No entanto, a expressão “*charter school*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

Nota: Nos exemplos citados observamos as seguintes ocorrências do termo “*charter*”: “*charter school*”, sintagma nominal; “escolas charter”, como adjetivo, e até como substantivo sem o modificador “escola” em: “as charter...”

36. *check-in* – s.m.

Significado na língua de origem: ato de mostrar o seu ticket num aeroporto para mostrar que você chegou para o seu voo, check in. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Os passageiros que **fizerem o check-in pelo aplicativo da Gol recebem avisos sobre o trânsito do trajeto** até o aeroporto. Caso o cliente chegue antes ou esteja atrasado, a companhia oferece a troca do voo. (E, ed. 1094, ano 49, nº14, 05/08/2015, p. 77)

Situação no português: o termo “*check-in*” não se encontra no VOLP, mas está dicionarizado (DH e DA):

1. Nos aeroportos, o local (ger. balcão) em que o passageiro se apresenta à companhia aérea para que seja feita a conferência de sua passagem, de seus documentos e dados, a emissão do cartão de embarque, e, se houver bagagem, a identificação e o despacho.
2. Essa apresentação, conferência, emissão, identificação e despacho.
3. Nos hotéis, pousadas, etc., o setor de recepção, no qual os hóspedes se registram e
4. Esse registro.

37. *chief disruptive growth officer* – sint.nom.

Significado na língua de origem: 1. Chefe do Crescimento Disruptivo (Fonte: E, ed. 1091, ano 49, nº11, 10/06/2015, p.94)

Ocorrência:

O fluminense Pedro Earp, até então vice-presidente de marketing da companhia para a América Latina, passou a ocupar um cargo novo na empresa: o de *chief disruptive growth officer* (algo como “chefe do crescimento disruptivo”). Por trás do nome rebuscado está a tarefa de fazer a maior e mais lucrativa cervejaria do mundo acelerar o desenvolvimento de novos negócios – seja no segmento de cervejas especiais e artesanais, seja no comércio eletrônico e nas tecnologias móveis. (E, ed. 1091, ano 49, nº11, 10/06/2015, p.94)

Situação no português: o sintagma nominal “*chief disruptive growth officer*” não se encontra nas fontes consultadas.

38. *chip* – s.m.

Significado na língua de origem: chip, uma parte muito pequena de um computador que armazena informação. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

A noção de slogan tornou-se mais ampla. A música da (fabricante de chips) Intel é o segundo som mais viciante no mundo, perde somente para a risada de bebês. (E, ed. 1091, ano 49, nº11, 10/06/2015, p.89)

Situação no português: o vocábulo “*chip*” se encontra em todas as fontes consultadas.

1. Eletrôn. V. *circuito integrado*. Pequena lâmina miniaturizada (em geral de silício), usada na construção de transistores, diodos ou outros semicondutores, capaz de realizar diversas funções mais ou menos complexas. [abrev. de *microchip*, do pref. ingl. *micro-* (v. *micr(o)-*) e ingl. *chip*, lit., ‘lasca’, ‘fragmento’]

39. *chips* – s.f.pl.

Significado na língua de origem: batatas fritas (cortadas em fatias bem finas). (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Há oferta de todo tipo. Por 97 reais por mês, a paulistana Massau envia cinco porções de snacks saudáveis, como amêndoas, chips de inhame e barras de castanhas-do-pará. (E, ed. 1094, ano 49, nº14, 05/08/2015, p. 64)

Situação no português: o vocábulo “*chips*” não se encontra no VOLP, mas está dicionarizado (DH e DA):

1. Batata frita (q. v.), em rodela bem fina.
2. Banana ou maçã em rodela fina, fritas em óleo bem quente, às quais se podem acrescentar canela e/ou açúcar.

Nota: O significado “lasca, fatia” é o que nos parece mais adequado para a ocorrência reportada.

40. CIO – sigla

Significado na língua de origem: sigla de *Chief Information Officer*, executivo responsável pela tecnologia. (Fonte: E, ed. 1091, ano 49, nº11, 10/06/2015, p.94)

Ocorrência:

Alguns aparecem para logo sumir - como no caso do CIO, o *chief information officer*, que alçou temporariamente o status dos executivos de tecnologia no início dos anos 2000. (E, ed. 1091, ano 49, nº11, 10/06/2015, p.94)

Situação no português: a sigla CIO não se encontra nas fontes consultadas.

41. *city-gate* – s.m.

Significado na língua de origem: estações de redução de pressão e medição de gás, em gasodutos, normalmente instaladas fora dos limites de uma cidade ou um duto de distribuição. O termo é bastante usado nas referências de preço do combustível, uma vez que normalmente é usado na conexão entre as redes de transporte e as de distribuição. (Fonte: <http://www.maisgasbrasil.com.br/gasnatural/termos>)

Ocorrência:

Com o Brent a US\$ 100/barril, o preço do GNL DES atingiria US\$ 14-15/MMBtu. Somando-se US\$ 0,5-1,5/MMBtu para regaseificação, o GNL no *city-gate* chegaria a US\$ 14,5-16,5/MMBtu, pouco competitivo em mercados emergentes, onde o preço do gás natural doméstico e combustíveis alternativos é frequentemente subsidiado, por exemplo na Argentina e Oriente Médio. (CE, volume 69, nº08, de agosto de 2015, pág. 58)

Situação no português: o termo “*city-gate*” não está nas fontes consultadas.

Nota: O site www.maisgasbrasil.com.br foi consultado, excepcionalmente, pelo fato de não ter sido encontrado nas fontes pesquisadas o significado da expressão “*city-gate*” que se adequasse ao da ocorrência reportada.

42. *cluster* – s.m.

Significado na língua de origem: agrupamento. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

No caso dos recursos não renováveis, o estudo também aponta a baixa capacidade da região no quesito inovação, nesse caso, no desenvolvimento de clusters exportadores de tecnologia relacionada à sua exploração. (CE, volume 69, nº04, de abril de 2015, pág. 58)

Situação no português: o vocábulo “*cluster*” não se encontra no VOLP, mas está dicionarizado (DH e DA), com a grafia inglesa e com o seguinte significado: conjunto de computadores interligados que executam operações em conjunto e coordenadamente.

É um grupo de coisas ou de atividades semelhantes que se desenvolvem conjuntamente.

Nota: Entende-se a idéia de junção, união, agregação, integração – “aglomerado de empresas: possibilidade de cooperação entre as diversas empresas do mesmo ramo e entre seus fornecedores, de tal forma a ganhar vantagem econômica e estratégica da localização. Cadeia de relações entre as empresas fornecedores de insumos, clientes e instituições que possuem, além da localização, interesses em compartilhar as vantagens da proximidade.”

(Fonte: BORBA, FRESSATO, ARAÚJO, COSTA & NASCIMENTO, 2004, in: http://www.revista-ped.unifei.edu.br/documentos/V02N02/n3_art05.pdf)

43. CMO – sigla

Significado na língua de origem: sigla de *Chief Marketing Officer*, executivo responsável por *marketing*. (Fonte: E, ed. 1091, ano 49, nº11, 10/06/2015, p.95)

Ocorrência:

Na nova estrutura, ficou para trás a figura do CMO (*chief marketing officer*), algo como “executivo responsável por marketing”, onipresente em grandes empresas de bens de consumo. (E, ed. 1091, ano 49, nº11, 10/06/2015, p.95)

Situação no português: a sigla CMO não se encontra nas fontes consultadas.

44. *cold turkey* – sint.nom.

Significado na língua de origem: repentinamente e completamente.

Nota: usado para falar de um hábito de que se é dependente. (Fonte: *Cambridge Academic Content Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Como alternativa, propor que a meta seja de inflação seja alcançada apenas em 2017 é um *second best*, mas é mais realista, pois corrigir os desequilíbrios anteriores rapidamente, em uma estratégia do tipo “*cold turkey*”, gerará muitos custos à sociedade e poderá tornar-se inviável politicamente. (CE, volume 69, nº07, de julho de 2015, pág. 25)

Situação no português: o sintagma nominal “*cold turkey*” não está nas fontes consultadas.

45. commodity - s.f.

Significado na língua de origem: uma substância ou produto que pode ser comercializado, comprado ou vendido (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Produto primário, de grande importância econômica no comércio internacional, como café, algodão, minério de ferro, etc., cujo preço é estabelecido pelas cotações dos principais mercados internacionais. (minha tradução)

Ocorrência:

“Parte dessas importações é consequência de mais investimentos em áreas produtivas: a demanda do setor petrolífero por máquinas e equipamentos e a contratação de transporte aquaviário para escoar *commodities*.” (C.E., Ed. de setembro de 2014, vol. 68, nº09, p.31)

“A situação na Rússia, aliada ao fortalecimento dos Estados Unidos e à queda do preço das *commodities*, especialmente do petróleo, é algo que obriga o Brasil a se ajustar.”

(E, ed. 1080, ano 48, nº24, 24/12/2014, p. 162)

Situação no português: o vocábulo “*commodity*” está registrado no VOLP e dicionarizado (DA e DH) e mantém a grafia e significado originais em português, inclusive a sua forma no plural “*commodities*”, que é a mais usada:

1. Econ. Produto primário (q. v.), esp. um de grande participação no comércio internacional, como café, algodão, minério de ferro, etc. [Pl.: *commodities*.]

46. compliance – s.f.

Significado na língua de origem: acordo. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Esses grandes investidores são organizados e trazem novos padrões de governança corporativa, de processos e de *compliance*. (E, ed. 1082, ano 49, nº 2, 04/02/2015, p. 98)

Situação no português: o vocábulo “*compliance*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

47. compliant – adj.

Significado na língua de origem: submisso, obediente. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Quando se avaliou que algumas coisas não estavam bem, o que uma empresa *compliant* faz? Tem que fazer autodelação. Se uma empresa detectou uma irregularidade que afeta ou pode afetar outras empresas, seu cliente, o bem público, resolveu a questão internamente, demitindo pessoas, mudando processos,

e não falou com a polícia para investigar, ela não está cumprindo com a obrigação de uma empresa *compliant*. (CE, volume 69, nº03, de março de 2015, pág. 15)

Situação no português: o vocábulo “*compliant*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

48. *cookie* – s.m.

Significado na língua de origem: bolacha, biscoito. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Em agosto, a companhia fechou um acordo com a empresa de serviços de alimentação corporativa Compass Group para levar seus cookies aos refeitórios de mais de 500 empresas e universidades americanas. Os biscoitos não têm colesterol. (E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p.102)

Situação no português: o vocábulo “*cookie*” não se encontra no VOLP, mas se encontra no DH e no DA, com os seguintes significados: 1. (alimento) biscoito crocante e macio de forma arredondada, ger. recheado com nozes, passas, etc.

49. *cord-cutter* – s.m.

Significado na língua de origem: 1. consumidor que cortou o cabo da TV paga e hoje assiste à TV aberta e, principalmente à TV via internet. (Fonte: E, ed. 1085, ano 49, nº 5, 18/03/2015, p. 34)

Ocorrência:

Craig Moffett, da MoffettNathanson, consultoria americana especializada no setor, estima que no ano passado 400 000 americanos tenham, abandonado os services de TV por assinatura. São os chamados *cord-cutters*, ou seja, consumidores que cortaram o cabo da TV paga e hoje assistem à TV aberta e, principalmente à TV via internet. (E, ed. 1085, ano 49, nº 5, 18/03/2015, p. 34)

Situação no português: o termo “*cord-cutter*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

50. *cost plus* – sint.nom.

Significado na língua de origem: usado para descrever uma maneira de cobrar por um produto ou serviço no qual o preço inclui o custo atual da produção do produto ou fornecer o serviço e uma quantia extra para lucro. (Fonte: *Cambridge Business English Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Seria então interessante comparar esses preços com as fórmulas *cost plus*, baseadas em preços HH para a commodity. (CE, volume 69, nº08, de agosto de 2015, pág. 59)

Situação no português: o sintagma nominal “*cost plus*” não está nas fontes consultadas.

51. *country* – adj.

Significado na língua de origem: parte do frasema “música *country*”. 1. campo, terra, interior, roça. 2. *country music* = música *country*: um estilo de música popular do sul e do oeste dos Estados Unidos. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Austin, até duas décadas atrás, era apenas a capital política do Texas, estado americano cujas associações mais óbvias – e pertinentes – são com o petróleo, a música *country*, os caubóis e, é claro, o conservadorismo. (E, ed. 1088, ano 49, nº 8, 29/04/2015, p. 84)

Situação no português: o vocábulo “*country*” não está registrado no VOLP, mas está dicionarizado (DH e DA):

DA: 1. Relativo a, ou que lembra o modo de vida dos caubóis do oeste dos E.U.A., como por ex., o vestuário. 2. Diz-se da, ou relativo à música originária das regiões rurais do sul e oeste dos E.U.A.

DH: ou de inspiração interiorana, folclórica.

52. *crack* – s.m.

Significado na língua de origem: fissura, fenda, estalo (Fonte: *Cambridge English-Portuguese dictionary*). Crack = droga (Fonte: DH)

Ocorrência:

Um programa da prefeitura de São Paulo dá emprego e renda a viciados em crack sem exigir que abandonem as drogas. O que o senhor acha disso?

Essa é uma política destrutiva. Um viciado precisa de tratamento médico, não de dinheiro para comprar mais drogas. Só um governo tolo subsidiaria o vício em crack. (E, ed. 1094, ano 49, nº14, 05/08/2015, p. 122)

Situação no português: o vocábulo “*crack*” se encontra em todas as fontes consultadas.

Nota: o significado no dicionário de inglês não contempla o exemplo citado, por isso recorremos aos dicionários de português.

DA: Gír. Substância sólida, cristalina, obtida pelo tratamento de um sal de cocaína, ou de pasta impura que o contém, com bicarbonato de sódio. [Esta droga (4), tóxica e ilegal, pode ser fumada, o que intensifica a ação do princípio ativo, que é a cocaína, com os seus efeitos danosos à saúde, e a ânsia por drogar-se novamente.]

DH: droga de alta concentração e toxicidade, mistura de cocaína, bicarbonato de sódio etc., [ger.] apresentada em forma de cristais para ser fumada numa espécie de cachimbo [Narcótico de uso ilegal.]

53. *cradle to cradle* – sint.nom.

Significado na língua de origem: *cradle* = berço (do berço ao berço). (Fonte: E, ed. 1093, ano 49, nº13, 22/07/2015, p. 81)

Ocorrência:

O químico alemão lidera uma das vertentes mais radicais entre os defensores da chamada economia circular. O conceito prevê que os materiais usados num aparelho celular ou num automóvel sejam reutilizados após o consumo em novos processos produtivos. Braungart vai além: ele sugere que esse tipo de preocupação seja soberana na concepção dos produtos e na escolha dos materiais usados em sua confecção. Coautor do livro Best-seller *Cradle to Cradle* (“Do berço ao berço”, numa tradução livre), ele criou, ao lado do arquiteto americano William McDonough, a associação Cradle to Cradle Products Innovation Institute, nos Estados Unidos, e já conferiu um selo a mais de 1000 produtos, além de prestar consultoria para marcas como Puma e Philips.

[...] A fabricante Puma tem 128 produtos com nosso selo *cradle to cradle* no mercado. (E, ed. 1093, ano 49, nº13, 22/07/2015, p. 80-81)

Situação no Português: o sintagma nominal “*cradle to cradle*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

Nota: Segundo o artigo da revista EXAME: “Dá para acabar com o lixo?”, o selo *cradle to cradle* faz parte do conceito de economia circular, no qual o produto é aproximadamente 20% mais barato porque não é preciso gerenciar o resíduo no final. A inteligência da produção se dá no começo. Quando se escolhem os materiais no início, não é necessário tratar o lixo. A questão da saúde ocupacional também fica mais fácil. (Fonte: E, ed. 1093, ano 49, nº13, 22/07/2015, p. 81)

54. *credit crunch* – sint.nom.

Significado na língua de origem: condições econômicas que fazem com que as organizações financeiras evitem emprestar dinheiro, frequentemente causando sérios problemas econômicos. (Fonte: *Cambridge Business English Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

“Vemos a atenção do governo em escolher melhor as linhas e os beneficiários. É uma tentativa de disciplinar um mercado que estava perdendo controle e poderia ter implicações severas para o crescimento de curto prazo e para as reformas. Se a economia sofresse um *credit crunch*, a reforma não aconteceria. (CE, volume 69, nº05, de maio de 2015, pág. 61)

Situação no português: o sintagma nominal “*credit crunch*” não está nas fontes consultadas.

55. *credit default swaps* (CDS)– sint.nom./sigla

Significado na língua de origem: derivativos financeiros, proteção para empresas com oscilação em preços futuros, medida de risco de crédito. (Fonte: *Cambridge Business English Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Na verdade, os mercados precificam praticamente a certeza da perda do grau de investimento. Os *credit default swaps* (CDS), uma medida de risco de crédito) dos títulos soberanos do Brasil de dez anos estão em 220 pontos básicos (quando esta coluna foi escrita), enquanto os melhores papéis “junk” (sem grau de investimento) têm CDS em torno de 290 pontos. (CE, volume 68, nº11, de novembro de 2014, pág. 11)

Situação no português: o sintagma nominal “*credit default swaps*” e a sigla CDS não estão em nenhuma das fontes consultadas.

56. CRM – sigla

Significado na língua de origem: sigla de *customer relationship management*, gestão para as áreas de marketing, vendas e suporte ao cliente. (Fonte: E, ed. 1078, ano 48, nº 22, 26/11/2014, p. 124)

Ocorrência:

O que faz de Benioff um caso único entre seus pares é o fato de ter revolucionado o segmento considerado por muitos um dos mais chatos da vida corporativa, o dos famigerados sistemas de CRM, sigla em inglês para *customer relationship management*, softwares de gestão para as áreas de marketing, vendas e suporte ao cliente. (E, ed. 1078, ano 48, nº 22, 26/11/2014, p. 124)

Situação no português: a sigla CRM não se encontra nas fontes consultadas.

57. CRO – sigla

Significado na língua de origem: sigla de *Chief Revenue Officer*, executivo responsável pelo faturamento. (Fonte: E, ed. 1091, ano 49, nº11, 10/06/2015, p.94)

Ocorrência:

A bola da vez são os executivos dedicados a pensar em alternativas de crescimento. Os títulos variam. Os mais frequentes são *chief growth officer* (CGO) e *chief revenue officer* (CRO), respectivamente, executivo responsável pelo crescimento e pelo faturamento. (E, ed. 1091, ano 49, nº11, 10/06/2015, p.94)

Situação no português: a sigla CRO não se encontra nas fontes consultadas.

58. *crowdfunding* – s.m.

Significado na língua de origem: 1. Financiamento alternativo. (Fonte: E, ed. 1085, ano 49, nº 5, 18/03/2015, p. 106)

Ocorrência:

Modalidades de financiamento alternativo, como o *crowdfunding* estão em alta. [...] Lá fora, o *crowdfunding* já criou empresas como a fabricante de óculos para videogame Oculus VR, vendida ao Facebook por 2 bilhões de dólares. (E, ed. 1085, ano 49, nº 5, 18/03/2015, p. 106)

Situação no português: o vocábulo “*crowdfunding*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas. Traduzindo ao pé da letra, significa financiamento feito por uma multidão, ou seja, financiamento coletivo e descreve o ato de arrecadar dinheiro na internet para campanhas diversas, como: filantropia, cultura, ONGs, caridade, pequenos negócios, ativismo, artes, etc.

Nota: A título de dar conta do conceito do termo, citamos a seguir um texto do site da revista EXAME.com, de 19/01/2011, sob o título:

“Crowdfunding ganha força no Brasil”

São Paulo - De carona no sucesso de iniciativas estrangeiras, empreendedores brasileiros estão se aventurando no crowdfunding, modelo que permite que indivíduos ou empresas financiem seus projetos através de doações coletivas.

A premissa é relativamente simples: o autor da ideia apresenta sua proposta em uma plataforma online e diz quanto quer captar. Através deste sistema, indivíduos que se interessem em apoiar o projeto fazem doações – cada um dá o que quer ou o que pode. Em troca, o dono do projeto oferece uma recompensa – se o projeto anunciado for um filme, por exemplo, os “investidores” podem receber uma cópia gratuita em primeira mão. Se o projeto conseguir captar os recursos desejados, os donos da plataforma repassam a verba aos responsáveis pelo projeto, ficando com uma comissão – em geral, 5%. Se a meta de arrecadação não for atingida, o dono da ideia sai sem nada e os investidores recebem o dinheiro investido de volta - em alguns casos, não em espécie, mas em forma de crédito para investir em outros projetos. (Fonte: <http://exame.abril.com.br/pme/noticias/fenomeno-do-crowdfunding-ganha-forca-no-brasil>)

59. *cupcake* – s.m.

Significado na língua de origem: 1. Bolinho com recheio e cobertura. (Fonte: E, ed. 1090, ano 49, nº10, 27/05/2015, p. 77)

Ocorrência:

Em 2009 e 2010, o país viveu uma febre de bolinhos conhecidos como cupcakes – aqueles com recheios e coberturas decoradas com todo tipo de guloseima. O empresário Bruno Queiroz, de 24 anos, conheceu o produto em uma viagem aos Estados Unidos e, em 2009, criou a The Original Cupcake. Não fez nenhum tipo de estudo de mercado, simplesmente achou que a moda poderia pegar. Em 2013, a febre dos cupcakes passou e Queiroz partiu para outra. (E, ed. 1090, ano 49, nº10, 27/05/2015, p. 77)

Situação no português: o vocábulo “*cupcake*” não se encontra nas fontes consultadas.

60. *dark money* – sint. nom.

Significado na língua de origem: dinheiro secreto - Dinheiro, sem declaração de origem (anônimo), doado para campanha política por doadores que são, geralmente, grupos sem fins lucrativos e associações setoriais. (Fonte: E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p. 72, 73)

Ocorrência:

Em 2010, a mais alta corte da Justiça americana acabou com as restrições ao valor das contribuições de empresas, indivíduos e sindicatos a comitês políticos independentes. Chamados de *superpacs*, esses comitês organizam encontros com eleitores, pagam anúncios na mídia e tentam convencer mais gente a doar a candidatos ou partidos apoiados. Como parte dos recursos chega aos comitês anonimamente, a imprensa americana batizou esse dinheiro de *dark money*.

.....

Nesse ritmo, o *Center for Responsive Politics* calcula que somente o total do *dark money* possa chegar a 1 bilhão de dólares até novembro. (E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p. 72, 73)

Situação no português: o sintagma nominal “*dark money*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

61. *default* – s.m.

Significado na língua de origem: faltar, não pagar; (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*); não pagamento de dívida no prazo.

Ocorrência:

Os estudos existentes avaliam a importância de variáveis como renda *per capita*, crescimento do PIB, inflação, indicadores de endividamento externo, histórico de *defaults*, reservas internacionais, eficiência do governo, abertura ao comércio internacional, taxas de juros reais, corrupção, relação entre dívida externa e exportações, resultados fiscais e taxa de investimento. (CE, volume 68, nº12, de dezembro de 2014, pág. 7)

Situação no português: o vocábulo “*default*” está em todas as fontes consultadas, com a grafia inglesa, com os seguintes significados:

DH: s.m. valor padrão ou parâmetro padrão. Etim.: sentido de faltar, não cumprir.

DA: termo originalmente jurídico, ‘na falta de’, ‘na ausência de’; ‘em dívida’, ‘inadimplente’.

No exemplo citado propomos a seguinte tradução: inadimplência, descumprimento.

62. DES – sigla

Significado na língua de origem: sigla de *delivered ex-ship* (Fonte: *Cambridge Business English Dictionary*)

- o exportador coloca a carga à disposição do importador no local de destino, a bordo do navio. (Fonte: www.linguee.com)

Ocorrência:

Os fornecedores de GNL vêm buscando obter preços de longo prazo DES (*delivered ex-ship*) de 14% a 15% do preço do petróleo Brent para viabilizar seus projetos. (CE, volume 69, nº08, de agosto de 2015, pág. 58)

Situação no português: a sigla “DES” não está nas fontes consultadas.

63. *design* – s.m.

Significado na língua de origem: projeto, desenho. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Na palestra, Autor deu o exemplo de uma cadeira, algo que qualquer pessoa tem a capacidade de discernir, independentemente de seu design. (E, ed. 1082, ano 49, nº2, 04/02/2015, p. 26)

Situação no português: o vocábulo “*design*” está registrado no VOLP e dicionarizado (DA e DH): 1. Concepção de um projeto ou modelo; planejamento. 2. O produto desse planejamento.

64. DFA / MYDFA – siglas

Significado na língua de origem: depósitos do banco estrangeiro credor (Fonte: CE, volume 69, nº04, de abril de 2015, pág. 31-32)

Ocorrência:

A crise da dívida externa da década de 80 fez com que o Bacen recebesse os depósitos dos devedores nacionais dos empréstimos em moeda estrangeira. O devedor nacional pagava seu empréstimo ao Bacen, que não dispunha de divisas para fazer o pagamento ao credor externo. Estes pagamentos se tornavam depósitos do banco estrangeiro credor e recebiam a denominação de DFA ou MYDFA (Deposit Facility Agreement ou Multyyear Deposit Agreement), na sigla em inglês. (CE, volume 69, nº 04 de abril de 2015, pág. 31-32)

Situação no português: as siglas “DFA” e “MYDFA” não se encontram em nenhuma das fontes consultadas.

64. *dove* – s.m.

Significado na língua de origem: pombo (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

No início do primeiro mandato de Dilma Rousseff, vários economistas e algumas publicações – EXAME em especial – chamaram a atenção para a necessidade de o presidente do Banco Central, Alexandre Tombini, ser implacável com a alta de preços. Usando expressões importadas dos Estados Unidos para classificar os economistas, Tombini, o escolhido de Dilma, estava mais para *dove* (pombo), que defende uma abordagem menos agressiva diante do perigo de inflação, do que para *hawk* (falcão). Resultado: a inflação anual média do primeiro mandato foi de 6,2%.

(E, ed. 1086, ano 49, nº 6, 01/04/2015, p. 70)

Situação no português: o vocábulo “*dove*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

Nota: Vale ressaltar que os termos “*dove*” e “*hawk*” trazem consigo significados simbólicos e foram utilizados de forma metafórica no exemplo citado. O termo “*dove*” está associado a experiências positivas e pacíficas, em oposição ao termo “*hawk*” que simboliza guerra, vitória militar, sendo o que melhor descreve o agressor em um contexto militar ou político e cujos atributos também incluem a superioridade no intelecto e no julgamento afiado (Fonte: <http://historiofobia.blogspot.com>).

Peter Burke (1997, p. 24) afirma que a vítima dos vigaristas em Londres, nos séculos XVIII e XIX, era conhecida como “pigeon” (pombo) a ser “depenado” (em espanhol também a vítima era conhecida como palomo).

65. downgrade – s.m.

Significado na língua de origem: rebaixamento. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner's Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Antes de decretar um *downgrade*, por exemplo, normalmente as agências colocam a nota em perspectiva negativa. [...]

O grande temor do governo e dos empresários é que, se um *downgrade* ocorrer, o Brasil perderá bilhões de dólares em investimentos. (CE, volume 69, nº04, de abril de 2015, pág. 20-21)

Situação no português: o vocábulo “*downgrade*” não está nas fontes consultadas.

66. download – s.m.

Significado na língua de origem: Numa rede de computadores, obtenção de cópia, em máquina local, de um arquivo originado em máquina remota, baixar (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

No ranking de downloads da loja de aplicativos Google Play, por exemplo, o Brasil só aparece atrás dos Estados Unidos. (E, ed. 1080, ano 48, nº24, 24/12/2014, p. 129)

Situação no português: o vocábulo “*download*” está registrado no VOLP e dicionarizado (DA e DH): 1. Numa rede de computadores, obtenção de cópia, em máquina local, de um arquivo originado em máquina remota. [Cf. *upload*.] Fazer (um) *download*. Inform. V. *baixar* (4).

67. driver – s.m.

Significado na língua de origem: motriz, condutor, motorista. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

“A tendência futura é de aumentar, mas o principal *driver* continua sendo a taxa de juros”, comenta Maurício. “Se a taxa baixar, não só a infraestrutura vai se beneficiar, como também o *private equity* e os imóveis. (CE, volume 69, nº01, de janeiro de 2015, pág. 23)

Situação no português: o vocábulo “*driver*” se encontra em todas as fontes consultadas, com a grafia em inglês, mas com significado diferente:

DA e DH: 1. taco de madeira em golfe; 2. arquivo que contém as funções a serem integradas a um sistema operacional para controlar um determinado periférico (impressoras, *scanners*, etc).

Para o exemplo citado, sugerimos a seguinte tradução: força motriz

68. *drive thru* – sint.nom.

Significado na língua de origem: um lugar onde se pode conseguir algum tipo de serviço, dirigindo por ele, sem precisar sair do carro. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner's Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Também foi criado o Drive Thru Empresarial: a Junta Comercial estadual instalou uma sala com janela de vidro no estacionamento do shopping Araguaia para receber documentos dos motoristas. (E, ed. 1078, ano 48, nº22, 26/11/2014, p. 55)

Situação no português: o sintagma nominal “*drive thru*” não se encontra no VOLP nem no DH, mas está dicionarizada no DA: [Ingl., ‘dirija por’, voc. forjado pelo norte-americano Royce Hailey em 1931, a partir do v. ingl. (*to drive + thru*, corruptela de *through*.)]

1. Estabelecimento (lanchonetes e restaurantes fast-food) no qual o cliente é atendido sem sair do automóvel.
2. Posto com máquina(s) de autoatendimento, em que o cliente tem acesso a serviços bancários, sem sair do veículo.

69. *due dilligence* – sint.nom.

Significado na língua de origem: programa de auditoria com abrangência especial para confirmação da veracidade dos fatos. (Fonte: *Business Dictionary – Novo Dicionário de Termos de Negócios, MIGLIAVACCA, 2000*)

Ocorrência:

Os financiamentos da IFC são feitos em união com agentes privados, no modelo de empréstimos sindicados (instituição financeira exerce a liderança em transação de crédito e reúne participantes para atender às necessidades de financiamento de um cliente sob a proteção de um só empréstimo), e também incluem compra de participação minoritária. Temos “*know how* importante em *due diligence*, e os financiadores pegam carona porque confiam em nossa avaliação”, diz Gomez. (CE, volume 68, nº09, de setembro de 2014, pág. 44)

Situação no português: o sintagma nominal “*due dilligence*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

70. *dumping* – s.m.

Significado na língua de origem: venda (no exterior) por preços até abaixo do custo para conquistar o mercado. (Fonte: *Business Dictionary – Novo Dicionário de Termos de Negócios, MIGLIAVACCA, 2000*)

Ocorrência:

As regras da OMC limitaram o uso de subsídios industriais. Entre 1995 e 2013 foram abertas 335 investigações sobre direitos compensatórios (subsídios), um número 93% menor do que o das investigações de *dumping*. (CE, volume 68, nº11, de novembro de 2014, pág. 55)

Situação no português: o vocábulo “*dumping*” se encontra em todas as fontes consultadas.

DH: 1. o mesmo significado; 2. Título de crédito nominativo pelo qual o comprador fica obrigado a pagar, em data determinada, a quantia correspondente à fatura da mercadoria vendida a prazo.

DA: o mesmo significado.

71. *easing* – s.m.

Significado na língua de origem: flexibilização, abrandamento. (Fonte: www.linguee.com)

Ocorrência:

Não há dúvida sobre o interesse em se investir aqui. Mas é preciso um pouquinho de *easing* para permitir que esse capital venha, reduzindo a necessidade de investimento público. (CE, volume 69, nº03, de março de 2015, pág. 14)

Situação no português: o vocábulo “*easing*” não está em nenhuma das fontes consultadas.

72. *e-commerce* – s.m.

Significado na língua de origem: abreviação de *electronic commerce*, comércio eletrônico. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

As empresas de e-commerce pecam pela falta de planejamento e de centros de distribuição próximos aos lugares onde há demanda por seus produtos. (E, ed. 1078, ano 48, nº22, 26/11/2014, p. 18)

Situação no português: o vocábulo “*e-commerce*” não se encontra no VOLP nem no DA, mas se encontra no DH: comércio eletrônico.

73. EIU – sigla

Significado na língua de origem: sigla de *Economist Intelligence Unit*. (Fonte: E, ed. 1084, ano 49, nº4, 04/03/2015, p. 36)

Ocorrência:

Há poucas semanas, outra agência, a Economist Intelligence Unit (EIU), tirou do Brasil o selo de país seguro para empréstimos. “A situação fiscal brasileira não condiz mais com uma economia dotada de grau de investimento”, disse a EXAME Robert Wood, analista sênior da EIU. (E, ed. 1084, ano 49, nº4, 04/03/2015, p. 36)

Situação no português: A sigla “EIU” não está em nenhuma das fontes consultadas.

74. *e-mail* – s.m. (abreviação de *electronic mail*)

Significado na língua de origem: sistema de usar computadores para enviar mensagens pela internet, correio eletrônico. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Segundo uma pesquisa feita pelo cientista político Lee Drutman, professor da Universidade Johns Hopkins, com os 1000 maiores doadores na eleição de 2012, 40% indicaram que tiveram algum tipo de contato – por e-mail, telefone ou pessoalmente – com pelo menos um senador nos seis meses anteriores. (E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p. 74)

Situação no português: o vocábulo “*e-mail*” está registrado no VOLP e também dicionarizado no DH e no DA: abreviatura de “*e(lectronic) mail*”: correio eletrônico, também usado como endereço eletrônico.

75. *endowment* – s.m.

Significado na língua de origem: fundo resultante de doação ou legado, doação em dinheiro que irá prover uma renda para uma faculdade ou universidade, um hospital ou outra organização. (Fonte: *Cambridge Academic Content Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Além da sucessão, outra medida foi tomada para garantir a perenidade do instituto: em 2006, criou-se um *endowment*, fundo patrimonial nos mesmos moldes do que sustenta hoje o Alana, de Ana Lucia Villela. [...]

Cada centavo somado compõe os chamados *endowments*, fundos patrimoniais dedicados a garantir a perenidade dos investimentos. (E, ed. 1092, ano 49, nº12, 24/06/2015, p. 46)

Situação no português: o vocábulo “*endowment*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

76- *enforcement* – s.m.

Significado na língua de origem: aplicação - (de: *to enforce* – fazer cumprir), o processo de se certificar que as pessoas obedeçam uma lei ou regra. (Fonte: *Cambridge Business English Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Além de pesados investimentos em infraestrutura, para dar conta dessa rapidez, e de regras duras de *enforcement* para que a agilidade não se volte contra o mercado, como ocorreu nos Estados Unidos, a BM&F Bovespa vem realizando há muitos anos um esforço de educação financeira. (E, ed. 1073, ano 48, nº17, 17/09/2014, p. 20)

Situação no português: o vocábulo “*enforcement*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

77. *e-reader* – s.m.

Significado na língua de origem: abreviação de *electronic reader*, leitor digital, pequeno aparelho eletrônico com uma tela que nos permite ler livros em formato eletrônico. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

“Quando o Samsung Galaxy S4 foi lançado, de forma alguma a estratégia de marketing mirava o consumidor idoso. Ainda assim, havia uma opção para simplificar a tela inicial, com ícones maiores e mais contraste”, diz Stephanie, da Euromonitor. “O mesmo pode ser dito de tablets e e-readers: as telas e a personalização da fonte tornam a leitura fácil para quem é mais velho.” (E, ed. 1082, ano 49, nº2, 04/02/2015, p. 62)

Situação no português: o vocábulo “*e-reader*” não está registrado no VOLP e nem no DA, mas dicionarizado no DH: dispositivo portátil para leitura de *e-books* [Pode ser um aparelho com tela baseada em *e-ink* ou qualquer assistente pessoal digital (PDA *personal digital assistant*) capaz de exibir texto, por ex. um *smartphone* ou um *palmtop*.]

78. *farmout* – s.f.

Significado na língua de origem: cessão. (Fonte: CE, volume 69, nº06, de junho de 2015, pág. 57)

Ocorrência:

A questão é que a Petrobrás, detentora de vários blocos no pré-sal, poderia fazer *farmout* (cessão) parcial de seus interesses nesses blocos com o objetivo de auferir vantagens econômicas como um meio muito oportuno e imediato de aliviá-la da grave crise econômica em que se encontra. (CE, volume 69, nº06, de junho de 2015, pág. 57)

Situação no português: o termo “*farmout*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

79. *fast-food* – s.m.

Significado na língua de origem: pratos rápidos. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

De acordo com a consultoria Franchise College, 31% dos franqueadores brasileiros não têm nenhuma experiência com o negócio em que decidem abrir suas redes. São paleteiros que não conhecem paleta, sapateiros sem histórico em sapato, empresários de fast-food sem bagagem em alimentação. (E, ed. 1090, ano 49, nº10, 27/05/2015, p. 76)

Situação no português: o termo “*fast-food*” não se encontra no VOLP, mas está dicionarizada, com a grafia inglesa e hifenizada.

DH: 1. s.f. tipo de comida feita por produção mecanizada com determinado número de itens padronizados; 2. s.m. estabelecimento que serve esse tipo de comida.

DA: “fast”: rápido, ligeiro; “food”: comida – tipo de alimentação, preparada de modo padronizado para rápido atendimento, servida em lanchonetes, etc.

80. *fax* – s.m.

Significado na língua de origem: 1. Uma máquina que é usada para enviar e receber faxes. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

A aceleração das inovações colocou pressão para que as empresas sejam criativas? Em 30 anos, o fax, uma tecnologia que era absolutamente inovadora, tornou-se completamente obsoleta. Definitivamente, há uma aceleração. (E, ed. 1090, ano 49, nº10, 27/05/2015, p. 134)

Situação no português: o vocábulo “*fax*” se encontra em todas as fontes consultadas.

Do ingl. *fax*, abrev. de *fac s(imile transmission)*, ‘transmissão fac-similar’.

Substantivo masculino de dois números.

1. Equipamento que reproduz documentos à distância, através de linha telefônica. [Consiste, usualmente, em um aparelho capaz de gerar a imagem digital do documento a ser reproduzido, e transmiti-la a outro aparelho similar, que imprime uma cópia em papel.] 2. Documento transmitido por um aparelho de fax.

81. FDA – sigla

Significado na língua de origem: sigla de *Food and Drug Administration*, uma organização governamental nos Estados Unidos que elabora regras para a segurança de alimentos e remédios (Fonte: *Cambridge Business English Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:**A maioria das grandes empresas demonstram resistência a mudar?**

Desenvolvemos um catalisador em parceria com a empresa química Akzo Nobel para substituir um catalisador de antimônio usado para fabricar PET. Antimônio é um metal tão tóxico quanto o arsênio, altamente cancerígeno, e por isso eles queriam substituí-lo. Mas, quando se tem a autorização do FDA (*Food and Drug Administration*, órgão regulador americano) para utilizar o antimônio, por que mudar? Encontramos na Coca-Cola dezenas de vezes mais antimônio do que é legalmente permitido para a água. Mas, se o FDA aprovou, não importa. O pessoal da Coca-Cola me disse: “Não vendemos água”. (E, ed. 1093, ano 49, nº13, 22/07/2015, p. 81)

Situação no português: a sigla “FDA” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

82. FED – sigla

Significado na língua de origem: sigla de *Federal Reserve Bank*, o banco central americano. (Fonte: E, ed. 1084, ano 49, nº4, 04/03/2015, p. 68)

Ocorrência:

O Fed, banco central americano, geralmente analisa os pedidos preliminares de novas instituições financeiras em questão de semanas. Mason e os outros sócios do Fourth Corner, porém, esperam há três meses por uma resposta. (E, ed. 1084, ano 49, nº4, 04/03/2015, p. 68)

Situação no português: a sigla “FED” não se encontra no VOLP nem no DH, mas está dicionarizado no DA, com o mesmo significado informado em inglês.

83. *feedback* – s.m.

Significado na língua de origem: 1. Comentário. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

A criatividade tem de começar em alguma parte, e acreditamos muito no poder de um feedback saudável e sincero e no processo interativo – refazer, refazer e refazer de novo, até que uma história com falhas ache seu caminho. (E, ed. 1078, ano 48, nº22, 26/11/2014, p. 147)

Situação no português: o vocábulo “*feedback*” está registrado no VOLP e dicionarizado (DH e DA): 1. Reação a um estímulo; efeito retroativo. 2. informação que o emissor obtém da reação do receptor à sua mensagem, e que serve para avaliar os resultados da transmissão.

84. *flash crash* – sint.nom.

Significado na língua de origem: 1. falha financeira. (Fonte: E, ed. 1088, ano 49, nº8, 29/04/2015, p. 93)

Ocorrência:

Em 15 de outubro de 2014, os juros dos títulos americanos tiveram sua maior variação diária em 25 anos. O fenômeno foi apelidado de *flash crash*, e a volatilidade daquele dia deixou muita gente assustada com o que pode acontecer se a tal bolha de *bonds* estourar. (E, ed. 1088, ano 49, nº8, 29/04/2015, p. 93)

Situação no português: o sintagma nominal “*flash crash*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

85. *flipped classroom* – sint.nom.

Significado na língua de origem: 1. Sala de aula virada, invertida. (Fonte: E, ed. 1093, ano 49, nº13, 22/07/2015, p. 63)

Ocorrência:

O modelo de aula-palestra foi abandonado e, em seu lugar, entrou outro chamado *flipped classroom* (em português, algo como “sala de aula virada”). Criado nos anos 90 nos estados Unidos, o *flipped classroom* pressupõe que os estudantes falem mais do que o professor. Com duração de 1 hora e meia, as aulas são gravadas e servem para que os professores avaliem o desempenho de cada aluno. (E, ed. 1093, ano 49, nº13, 22/07/2015, p. 63)

Situação no português: o sintagma nominal “*flipped classroom*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

86. *food truck* – sint.nom.

Significado na língua de origem: veículos nos quais a comida pode ser feita e vendida, caminhões de comida, espaço móvel que transporta e vende comida. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

MANIA DE FRANQUIA

Paletas, temakis, cupcakes, esmalterias, food trucks. O número – e a variedade – de redes de franquias disparou na última década no país. A dúvida é: há espaço para tanta gente? (E, ed. 1090, ano 49, nº10, 27/05/2015, p. 74)

Situação no português: o sintagma nominal “*food truck*” não se encontra nas fontes consultadas.

87. *Forex* – s.m.

Significado na língua de origem: abreviação de *Foreign Exchange* (câmbio) (Fonte: *Cambridge Business English Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

O depoimento foi escrito pelo capixaba Carlos Pádua, de 36 anos, no site que leva o sugestivo nome de www.10milaomes.com. Ali, ele também estampa fotos de uma mansão, um carrão Rolls-Royce prata, uma lancha e um jatinho – e diz que os investidores podem conseguir comprar tudo isso se aplicarem com ele, obtendo rendimentos de 10 000 reais por mês. A mágica, segundo ele, acontece num mercado internacional de câmbio conhecido como Forex (abreviação de Foreign Exchange). O objetivo de quem aplica nesse mercado é ganhar dinheiro apostando na desvalorização de alguma moeda e na alta de outra.

[...] Pelas regras locais, é proibido intermediar investimentos ou vender qualquer produto do mercado de Forex no Brasil.

[...] O Forex é o maior mercado financeiro do mundo. (E, ed. 1078, ano 48, nº22, 26/11/2014, p. 129)

Situação no português: o termo “Forex” não se encontra nas fontes consultadas.

88. *framework* – s.m.

Significado na língua de origem: estrutura, sistema de regras, ideias ou crenças que é usado para planejar ou decidir algo. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Era preciso parar a deterioração das contas públicas. Mais adiante, teremos a criação de um *framework* de recuperação da credibilidade. (CE, volume 69, nº02, de fevereiro de 2015, pág. 27)

Situação no português: o vocábulo “*framework*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

89. *freezer* – s.m.

Significado na língua de origem: freezer, congelador (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

O ANTI-McDONALD'S

Ao banir do cardápio ingredientes congelados e transgênicos, a rede de comida mexicana Chipotle criou o mais novo e promissor nicho na indústria de restaurantes americana.

[...] Nenhum ingrediente usado no Chipotle é congelado, e as lojas nem sequer têm freezer. (E, ed. 1085, ano 49, nº5, 18/03/2015, p. 10)

Situação no português: o vocábulo “*freezer*” está registrado no VOLP, e dicionarizado no DA (congelador) e no DH:

1. aparelho elétrico que consiste em gabinete(s) em que a temperatura é inferior a 18° C, e se destina a conservar alimentos ou ainda medicamentos, sangue, plasma, experimentos, preparados, reagentes e outros materiais afins, nos laboratórios, bancos de sangue, hospitais etc.

2. compartimento de geladeira onde a temperatura é inferior a zero, destinado a fabricar gelo e/ou conservar alimentos; congelador

90. *front* – s.m.

Significado na língua de origem: frente (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

O Rio de Janeiro não é somente o cartão-postal do Brasil. É possivelmente a mais bela cidade de todo o mundo. Tem qualidades que a posicionam de forma única no cenário global – e é nesse front que ela precisa brilhar agora. [...] A pesquisa econômica mais moderna vem insistindo na importância de olhar o desafio urbano. O mundo será, cada vez mais, das cidades.

E nós, embora sejamos um país urbanizado, estamos muito atrasados nesse front. (E, ed. 1085, ano 49, nº5, 18/03/2015, p. 10)

Situação no português: o vocábulo “*front*” está registrado no VOLP, e dicionarizado, com os seguintes significados: DA: frente de batalha; DH: linha de frente.

91. *frozen yogurt* – sint. nom.

Significado na língua de origem: 1. iogurte gelado

Ocorrência:

O mercado de frozen yogurt – uma das grandes modinhas dos últimos anos – reúne todos esses pontos de atenção. (E, ed. 1090, ano 49, nº10, 27/05/2015, p. 77)

Situação no português: o sintagma nominal “*frozen yogurt*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

92. *fundng* –s.m.

Significado na língua de origem: financiamento. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

E há também os efeitos extraorçamentários da política de expansão do crédito público, principalmente via BNDES e com *funding* do Tesouro, que também afetam as finanças públicas. (CE, volume 69, nº03, de março de 2015, pág. 9)

Situação no português: o vocábulo “*funding*” não se encontra no VOLP, mas está dicionarizada (DH e DA), com a grafia inglesa: suporte financeiro; provisão de recursos financeiros.

93. *gadget* – s. m.

Significado na língua de origem: 1. aparelho, dispositivo, engenhoca. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

GADGETS A UM CLIQUE

Quer ficar por dentro de todas as novidades do mercado de tecnologia? A galeria de Gadgets, de EXAME. com, reúne mais de 200 produtos e todas as informações sobre os lançamentos mais recentes. (E, ed. 1075, ano 48, nº19+, 15/10/2014, p. 36)

Situação no português: o vocábulo “*gadget*” não está registrado no DA, mas consta do VOLP e do DH: pequeno objeto ou aparelho, mecânico ou eletrônico, mais engenhoso do que útil, que constitui uma novidade.

94. *gap* – s.m.

Língua de empréstimo: inglês

Significado na língua de origem: lacuna, vazio. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

A construção, por sua vez, que já passou por aquele período intenso de obras por conta da Copa, não está vendo forte retomada de projetos de infraestrutura e social (Minha Casa, Minha Vida) ligados ao PAC. E, ao mesmo tempo, há um *gap* entre o ciclo de forte expansão no setor, especialmente do mercado imobiliário, incentivado pelo aumento do crédito e a situação recente de endividamento das famílias”, completa Campelo. (CE, volume 68, nº09, de setembro de 2014, pág. 24)

Situação no português: o vocábulo “*gap*” se encontra em todas as fontes consultadas, com a grafia em inglês: 1. quebra indesejável de continuidade 2. atraso relativo, descompasso ou disparidade entre coisas, países, pessoas, níveis financeiros, mentalidade, etc.

95. *gay* – s.m. / adj. de 2g.

Significado na língua de origem: homossexual. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

“CHEFE, SOU GAY”

Uma nova geração de executivos homossexuais começa a tratar abertamente uma questão ainda vista como tabu no mundo corporativo – e essa é uma boa notícia também para as empresas.

[...] Não há dados oficiais sobre a população brasileira que faz parte do grupo LGBT (sigla para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais). (E, ed. 1088, ano 49, nº 8, 29/04/2015, p. 32)

[...] Recentemente, o presidente mundial do banco Goldman Sachs, Lloyd Blankfein, aceitou o convite de uma organização americana que luta pelos direitos dos homossexuais, a The Human Rights Campaign, para se tornar porta-voz pró-casamento gay nos Estados Unidos. (E, ed. 1088, ano 49, nº 8, 29/04/2015, p. 36)

Situação no português: o vocábulo “*gay*” se encontra em todas as fontes consultadas.

Substantivo sobrecomum (ex: um gay, mov. em defesa dos gays, show dos gays)

96. *geração PowerPoint* – sint.nom.

Significado na língua de origem: 1. PowerPoint – programa de computador que o ajuda a criar e a dar apresentações (=fala, dando informações); 2. Uma apresentação criada usando o programa de computador PowerPoint. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary and Thesaurus*)

Ocorrência:

São os membros da “*geração PowerPoint*”; jovens que, ao abrir suas empresas, criam um plano de negócios que, de largada, pressupõe a chegada de um fundo de investimento, a abertura de capital na bolsa ou a venda por uma fortuna”. (E, ed. 1076, ano 48, nº20, 29/10/2014, p.69)

Situação no português: o sintagma nominal “*geração PowerPoint*” não se encontra nas fontes consultadas. Como a definição em inglês não contemplou o exemplo mencionado, transcrevemos a definição da revista E:

Geração PowerPoint: jovens que, ao abrir suas empresas, criam um plano de negócios que, de largada, pressupõe a chegada de um fundo de investimento, a abertura de capital na bolsa ou a venda por uma fortuna. (Fonte: E, ed. 1076, ano 48, nº20, 29/10/2014, p.69)

97. *gigawatt* – s.m.

Significado na língua de origem: (*giga* + *watt*), unidade de energia equivalente a 1 bilhão de watts (Fonte: DH e VOLP)

Ocorrência:

O primeiro leilão de energia solar do país, em 2014, foi um avanço?

O volume leilado, equivalente a 1 **gigawatt** de energia solar, é muito pequeno diante do potencial que temos numa matriz de cerca de 130 gigawatts. A China, a cada dois meses, acrescenta cerca de 2 gigawatts em sua matriz. Na Índia, a meta é sair do zero e chegar a um potencial instalado de 100 gigawatts de energia solar em oito anos. (E, ed. 1094, ano 49, nº 14, 05/08/2015, p. 49)

Situação no português: o vocábulo “*gigawatt*” não se encontra no DA, mas está registrado no VOLP e no DH: unidade de energia equivalente a 1 bilhão de watts

98. Glam – sigla

Significado na língua de origem: sigla de gays e lésbicas da McKinsey (E, ed. 1088, ano 49, nº 8, 29/04/2015, p. 38)

Ocorrência:

A American Express tem uma rede interna chamada *pride network* (em português, “rede do orgulho”) com mais de 1000 integrantes no mundo. A consultoria McKinsey tem a Glam – sigla em inglês para *gays and lesbians at McKinsey* (em português, “gays e lésbicas da McKinsey). (E, ed. 1088, ano 49, nº 8, 29/04/2015, p. 38)

Situação no português: a sigla “Glam” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

99. *glamour* – s.m.

Significado na língua de origem: a qualidade de ser atraente, excitante, especial; *glamour* (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

O SONHO CHINÊS NA AMÉRICA

Nunca tantos ricos da China fizeram as malas e se mudaram para os Estados Unidos. Eles querem dar uma educação melhor aos filhos, investir em imóveis e viver no *glamour*. (E, ed. 1073, ano 48, nº17, 17/09/2014, p.88)

Situação no português: o termo “*glamour*” se encontra em todas as fontes consultadas com a grafia em inglês e com o mesmo significado: atração, charme pessoal, encanto, magnetismo

100. GMAT – sigla

Significado na língua de origem: sigla de *Graduate Management Admission Test*: Exame de Admissão em estudos de pós-graduação em comércio e administração de empresas.

Ocorrência:

A redução do número de pessoas que fazem a prova do GMAT está afetando principalmente cursos com essa característica. (E, ed. 1076, ano 48, nº20, 29/10/2014, p.74)

Situação no português: A sigla “GMAT” não está em nenhuma das fontes consultadas.

O exame **GMAT** (*Graduate Management Admission Test*) é um teste padronizado usado em todo o mundo para medir o potencial acadêmico de estudos de pós-graduação em comércio e administração de empresas. (in <http://studyusa.com/pt/a/238/o-gmat-exame-graduate-management-admission-test/>. Acesso em 07/04/2015)

101. GPS – sigla

Significado na língua de origem: sigla de *Global Positioning System* / localizador GPS, sistema de posicionamento global, sistema que através de satélites mostra a posição de uma pessoa ou objeto em qualquer lugar do mundo. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Os carros contam com internet móvel, GPS e sensor de combustível que cobra somente a quantidade consumida. A fatura é creditada no cartão de crédito e o extrato segue via e-mail. (E, ed. 1080, ano 48, nº24, 24/12/2014, p.138)

MALA INTELIGENTE

Criada pela empresa americana Bluesmart, a mala tem localizador GPS, pode ser trancada a distância e informa o próprio peso. Serve também como bateria extra para recarregar o notebook. (E, ed. 1080, ano 48, nº24, 24/12/2014, p.85) (adj.)

.....
Primeiro surgiram os relógios para atletas que começaram a medir o batimento cardíaco. Isso aconteceu na década de 80. Tempos depois, os aparelhos ganharam um GPS e passaram a medir as distâncias percorridas por corredores e ciclistas. (E, ed. 1080, ano 48, nº24, 24/12/2014, p.86)

Situação no português: a sigla “GPS” não está registrado no VOLP, mas está dicionarizado (DH e DA): 1. *sistema de posicionamento global*. 2. P. ext. aparelho receptor das transmissões do sistema de posicionamento global, us. para localizar-se na superfície da Terra.

102. *greenfield* – adj.

Significado na língua de origem: terra no campo ou no entorno das cidades que nunca teve construções.

Ocorrência:

“Vemos nisso uma experiência válida para ser aplicada no Brasil na atração de capital privado para projetos *greenfield*. Temos conversado como BNDES, que poderá participar desse tipo de financiamento, em projetos de qualquer setor”, diz. (CE, volume 68, nº09, de setembro de 2014, pág. 45)

Situação no português: o vocábulo “*greenfield*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

Obs: Investimentos “*greenfield*” são aqueles que envolvem projetos incipientes, ainda no papel, como se diz no jargão de negócios. Em vez de investir em uma *joint venture* ou na aquisição de uma empresa já atuante no setor, o investidor, nesse caso, coloca seus recursos na construção da estrutura necessária para a operação. (<https://capitalaberto.com.br/boletins/investimento-em-projetos-greenfield>. Acesso em 25/07/2016)

103. *hackathon* – s.f.

Significado na língua de origem: maratona de programação com desenvolvedores de software. (Fonte: E, ed. 1092, ano 49, nº 12, 24/06/2015, p. 93)

Ocorrência:

Outras empresas de grande porte escolhem estratégias mais pontuais. Organizam os chamados *hackathons*, encontros de programadores que recebem um desafio e, muitas vezes, viram a noite atrás de uma solução. (E, ed. 1092, ano 49, nº 12, 24/06/2015, p. 93)

Situação no português: o termo “*hackathon*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

104. hacker – s.2 g.

Significado na língua de origem: pessoa que ilegalmente acessa informações armazenadas em computadores alheios. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Um grupo clandestino de hackers já se mostrou capaz de penetrar em redes governamentais e difundir informações sigilosas numa escala grande o bastante para afetar a conduta diplomática. (E, ed. 1086, ano 49, nº 6, 01/04/2015, p. 109)

Situação no português: o vocábulo “*hacker*” se encontra em todas as fontes consultadas. Enquanto o DA o classifica como substantivo de dois gêneros, o DH o classifica como substantivo masculino.

DA: indivíduo hábil em enganar os mecanismos de segurança de sistemas de computação e conseguir acesso não autorizado aos recursos destes, ger. a partir de uma conexão remota em uma rede de computadores; violador de um sistema de computação.

DH: pessoa que se introduz em sistemas informáticos alheios, já com pobjetivos ilícitos, já por gosto da aventura e da experimentação.

105. hardware – s.m.

Significado na língua de origem: *hardware*, máquina ou equipamento de que o computador é feito (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Enfatizando a inovação, Jobs destacou o fato de que, na base do sucesso de uma empresa como a Apple, no centro da revolução do Vale do Silício, estavam não apenas a experiência e a habilidade técnica de sua equipe mas também sua capacidade de ser um pouco ‘maluca’, arriscar e dar ao design tanta importância quanto à tecnologia do hardware. (E, ed. 1073, ano 48, nº 17, 17/09/2014, p. 124)

Situação no português: o vocábulo “*hardware*” se encontra em todas as fontes consultadas.

DA e DH: *inf* conjunto dos componentes físicos (material eletrônico, placas, monitor, equipamentos periféricos etc.) de um computador p.opos. a *software*

106. hashtag – s.f.

Significado na língua de origem: símbolo existente no teclado de um computador ou no de um telefone que é usado nas redes sociais para descrever o assunto geral de um *Tweet* ou outra

postagem ou mensagem. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner's Dictionary & Thesaurus*, Cambridge University Press)

Ocorrência:

Sua popularidade, que já não vinha bem, caiu abaixo de 50%. Nas mídias sociais, variações da hashtag #YaMeCanse (numa tradução livre, “já me cansei”) não param de se multiplicar. Como isso foi acontecer justamente com o México, o país eleito pelos investidores como o novo exemplo a ser seguido na América Latina? (E, ed. 1078, ano 48, nº 22, 26/11/2014, p. 109)

Situação no português: o vocábulo “*hashtag*” não se encontra no VOLP e nem no DA, mas está no DH: palavra ou frase precedida de cerquilha(#), usada, especialmente nas mídias sociais e em blogues, para identificar ou buscar assuntos de interesse.

107. *hawk* – s.m.

Significado na língua de origem: gavião, falcão. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary*, Cambridge University Press)

Ocorrência:

No início do primeiro mandato de Dilma Rousseff, vários economistas e algumas publicações – EXAME em especial – chamaram a atenção para a necessidade de o presidente do Banco Central, Alexandre Tombini, ser implacável com a alta de preços. Usando expressões importadas dos Estados Unidos para classificar os economistas, Tombini, o escolhido de Dilma, estava mais para *dove* (pombo), que defende uma abordagem menos agressiva diante do perigo de inflação, do que para *hawk* (falcão). (E, ed. 1086, ano 49, nº 6, 01/04/2015, p. 70)

Situação no português: o vocábulo “*hawk*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

Nota: Vale ressaltar que os termos “*hawk*” e “*dove*” foram utilizados no exemplo citado de forma metafórica. O termo “*hawk*” simboliza guerra, vitória militar, sendo o que melhor descreve o agressor em um contexto militar ou político, e cujos atributos também incluem a superioridade no intelecto e no julgamento afiado, em oposição ao termo “*dove*” que está associado a experiências positivas e pacíficas. (Fonte: <http://historiofobia.blogspot.com/2010/12/falcao-tatuagens-e-seus-significados.html#ixzz4NBWKyeu4>)

108. *hedge* – s.m.

Significado na língua de origem: Operação financeira, realizada com derivativos, que objetiva proteger o valor de ativos e passivos contra eventos econômicos inesperados. (Fonte: ALVES, 2001)

Ocorrência:

No lado democrata, um dos destaques é o bilionário Tom Steyer, fundador do fundo de hedge Farallon Capital Management. (E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p.73)

Situação no português: o vocábulo “*hedge*” está registrado no VOLP, com acento (hédge), e dicionarizado (DA e DH), onde possui o mesmo significado em relação à língua de origem e também a mesma grafia.

DA: Expediente adotado por empresas ou homem de negócios para se resguardarem de flutuações de preços.

DH: Transação compensatória que visa proteger (um operador financeiro) contra prejuízos na oscilação de preços; proteção cambial.

Nota: Sintagma expandido: *hedge cambial* (Fonte: ALVES, 2001, p.128)

109. *hi-tech* / *high-tech* – adj.

Significado na língua de origem: abreviação de *high technology*: de alta tecnologia (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

COMIDA HI-TECH

As principais empresas americanas que estão na corrida para produzir novos tipos de alimento. (E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p.102)

Funcionários estão testando exoesqueletos robóticos na construção de navios. Vestindo a armadura *high-tech*, eles são capazes de levantar peças de 30 quilos sem fazer o menor esforço. (E, ed. 1082, ano 49, nº2, 04/02/2015, p.26)

Situação no português: o vocábulo “*hi-tech*” não está registrado nas fontes consultadas, escrito dessa forma, mas como “*high-tech*” está registrado no VOLP e dicionarizado:

DA: Alta tecnologia. [No Brasil, us. como *adj.* 2 g. 2 n., com o sentido de ‘de alta tecnologia, de tecnologia avançada’.]

DH: Apositivo. 1. De tecnologia avançada, de ponta.

110. *hippie* – s. e adj. 2 g.

Significado na língua de origem: uma pessoa jovem, especialmente no final da década de 60 e nos primórdios da década de 70, que tinha cabelos longos e acreditava na paz e que se opunha a muitas ideias aceitas de como viver, *hippie*. (Fonte: *Cambridge Academic Content Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

A cantora canadense Joni Mitchel, musa *hippie* nos anos 70, acaba de emprestar sua imagem para a empresa francesa de produtos de luxo Yves Saint Laurent. (E, ed. 1082, ano 49, nº2, 04/02/2015, p.60)

Situação no português: o vocábulo “*hippie*” está registrado no VOLP e dicionarizado (DA e DH): Substantivo de dois gêneros.

DA: 1. Indivíduo que, nas décadas de 1960 e 1970, fazia parte de um grupo não conformista caracterizado pelo rompimento com a sociedade tradicional, esp. no que respeitava à aparência pessoal (uso de cabelos longos, de roupas e acessórios muito coloridos, etc.) e aos hábitos de vida, e por um enfático ideal de paz e amor universais. [Faziam uso de drogas alucinógenas, pregavam o amor livre e a vida comunitária, e eram adeptos da não violência.] .Adjetivo de dois gêneros e de dois números. 2. Relativo ou pertencente aos, ou próprio dos *hippies*: *moda hippie*; *comunidade hippie*.

111. hit – s.m.

Significado na língua de origem: sucesso (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

A internet é uma opção real de caminho para a fama. “Os criadores de grandes hits na web têm cada vez mais força”, diz Zwillenberg. (E, ed. 1085, ano 49, nº5, 18/03/2015, p.42)

Situação no português: o vocábulo “hit” está registrado em todas as fontes consultadas: aquilo que está na moda, que faz sucesso no momento, na temporada, etc.

112. holding – s.f.

Significado na língua de origem: companhia formada para controlar investimentos ou subsidiárias (Fonte: *Business Dictionary, MIGLIAVACCA, 2000*)

Ocorrência:

“Os próprios conselheiros destacaram que foi a primeira vez que a Eletrobras efetivamente fez seu papel de holding que pelo menos tenta controlar suas subsidiárias.
(E, ed. 1091, ano 49, nº11, 10/06/2015, p.64)

“Com 1 bilhão de visualizações em dois anos, o canal de humor Porta dos Fundos cria uma holding para gerir seus negócios. É possível crescer e ganhar dinheiro sem que a criatividade dê lugar à mesmice?” (E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p.66)

Pedro é o único filho homem e tem uma irmã, Camila, que trabalha na holding da família. (E, ed. 1086, ano 49, nº 6, 01/04/2015, p. 58)

Situação no português: o vocábulo “holding” está registrado no VOLP e dicionarizado (DA e DH): possui o mesmo significado em relação à língua de origem e também a mesma grafia. Existe uma divergência quanto ao gênero do vocábulo: o DA o classifica como masculino e o DH, como feminino.

DA: Empresa que adquire a totalidade ou a maioria das ações de outras, que passam a ser suas subsidiárias.

DH: empresa que detém a posse majoritária de ações de outras empresas, ger. denominadas subsidiárias, centralizando o controle sobre elas [De modo geral a holding não produz bens e serviços, destinando-se apenas ao controle de suas subsidiárias.]

113. holdout – s.m.

Significado na língua de origem: 1. uma pessoa, organização ou país que continua a se recusar a aceitar algo que outros já aceitaram a despeito do fato de outras pessoas tentarem persuadi-los de aceitar. 2. o ato de recusar a aceitar algo. (Fonte: *Cambridge Business English Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Entre notícias de inflação, dólar paralelo, estagnação econômica e os vários capítulos da queda de braço com a Corte de Nova York pela decisão sobre o pagamento dos *holdouts*, a Argentina povoou o noticiário em um ano que, certamente preferirá deixar no esquecimento. “Em meio a tanta informação, quem olhar no curto prazo não terá muito mais para ver além de uma crise econômica e uma fase de forte instabilidade”, resume José Maria Fanelli, economista do Centro de Estudos de Estado e Sociedade (Cedes). (CE, volume 68, nº10, de outubro de 2014, pág. 37)

Situação no português: o vocábulo “*holdout*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

Nota: O significado na língua de origem não contempla o exemplo citado. Sendo assim, fomos buscar na internet um exemplo esclarecedor:

- fundo *holdouts*, conhecido pejorativamente como “fundo abutre” , especializado em comprar papéis a beira da moratória.

“Esses credores resistentes (*holdout creditors*), que rendem à Argentina um volume considerável de disputas internacionais, representam um dos desafios mais importantes para os mecanismos atualmente disponíveis para lidar com a resolução de crises de endividamento. [...]”

Além disso, Garcia Fernández questiona a decisão do juiz já que o governo não tinha nenhum tipo de acordo firmado com os fundos nas renegociações das dívidas nos anos anteriores.

“Você, por definição, não pode dar um calote nos *holdouts*, porque não chegou a nenhum acordo com eles. Esses fundos têm títulos que sofreram um *default* em 2001 e nunca renegociaram o pagamento dos mesmos. A decisão dele não faz o menor sentido. Muitos economistas, jornalistas, políticos, alguns deles completamente contrários ao governo, reconhecem que foi uma decisão perigosa para a arquitetura financeira internacional”, criticou.” (Fonte: <http://www.conjur.com.br/2014-jun-27/gabriel-lochagin-divida-argentina-suprema-corte-eua>)

114. *home office* – sint.nom.

Significado na língua de origem: escritório residencial. (Fonte: *Cambridge Business English Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

A tecnologia está se transformando em uma das maiores aliadas do trabalho remoto. Quem viaja para fazer negócios ou prefere adotar a flexibilidade do *home office* sabe que é preciso investir em equipamentos que tornem o trabalho a distância mais produtivo. (E, ed. 1080, ano 48, nº 24, 24/12/2014, p. 84)

Situação no português: o sintagma nominal “*home office*” não está registrada em nenhuma das fontes consultadas.

115. *hub* – s.m.

Significado na língua de origem: centro (de importância, interesse, etc.) (Fonte: *Cambridge Business English Dictionary, Cambridge University Press*)

Uma definição abrangente de *hub* logístico é “um centro integrado de transbordo, armazenagem, coleta, produção e distribuição de mercadorias e bens” (Jorgensen, 2007).

Ocorrência:

“Na agricultura familiar, que é algo que também poderíamos incentivar para atender ao mercado consumidor local”, sugere. Osório destaca, em especial, o estímulo a *hubs* além do setor de petróleo e gás. (CE, volume 69, nº02, de fevereiro de 2015, pág. 32)

Situação no português: o vocábulo “*hub*” não está registrado em nenhuma das fontes consultadas.

116. *iceberg* – s.m. (parte do frasema “**ponta do iceberg**”)

Significado na língua de origem: iceberg, geleira. (Fonte: *Cambridge Business English Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Outro dado alarmante é que em 81% dos hospitais, o maior problema é o déficit no quadro de profissionais; em 63% deles há constante falta ao trabalho dos funcionários. Essa parece ser somente a ponta do *iceberg* de um problema mais complexo, de gestão e não tanto de recursos, sem desmerecê-los. (CE, volume 68, nº11, de novembro de 2014, pág. 60)

Situação no português: o vocábulo “*iceberg*” está em todas as fontes consultadas, com a grafia inglesa, com o mesmo significado que o da língua de origem: grande massa de gelo flutuante que se desprende de glaciário ou de plataforma de gelo continental, e que anda à deriva nos mares árticos e antárticos, ou, às vezes, encalha junto à costa.

Nota: No exemplo citado “ser a ponta do iceberg” significa que é apenas um dos aspectos de um grande problema. Assim, o termo “*iceberg*” está sendo usado metaforicamente.

117. *iDevices* – s.f.

Significado na língua de origem: empresa responsável por criar acessórios para iPhone e iPad. (Fonte: <http://www.tudocelular.com/apple/noticias/n46969/empresa-anuncia-parceira-com-apple-para-homekit.html>)

Ocorrência:

À TEMPERATURA EXATA

O termômetro da *iDevices* indica a temperatura e o tempo de cozimento dos alimentos. O usuário define pela tela do celular o tipo de carne e o ponto. Depois é só esperar o alarme. **Valor: 80 dólares.** (E. ed. 1093, ano 49, nº 13, 22/07/2015, p. 42)

Situação no português: o termo “*iDevices*” não está em nenhuma das fontes consultadas.

Nota: Consideramos pertinente a transcrição da seguinte informação para uma melhor compreensão do exemplo citado:

“A empresa *iDevices* responsável por criar acessórios para iPhone e iPad e fabricante do *iGrill*, diz já ter investido mais de 10 milhões de dólares no *HomeKit* para tornar o desenvolvimento de produtos compatíveis com o sistema. A empresa diz que também está trabalhando com a Apple para criar o seu próprio SDK da plataforma, que facilitará a adição de novos produtos. [...]

A iDevices é a primeira empresa deste ramo que está investindo com autonomia no HomeKit. O objetivo da criação do SDK é ajudar outras empresas que também estão interessadas em levar seus produtos para dentro das casas das pessoas, e com a ajuda do software, a vitrine poderá se encher com novos dispositivos para casas inteligentes. 11/12/2014.” (Fonte: <http://www.tudocelular.com/apple/noticias/n46969/empresa-anuncia-parceira-com-apple-para-homekit.html>)

SDK = Software Development Kit (kit de desenvolvimento de software)

118. *impeachment* – s.m.

Significado na língua de origem: impedimento, relativo a governo, especialmente nos EUA, a ação de acusar formalmente uma autoridade pública de grave ofensa relacionada ao seu cargo. (Fonte: *Cambridge Business English Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

O Tribunal de Contas da União identificou 31 irregularidades no balanço do governo de 2014 e pediu explicações. Se as contas forem rejeitadas pelo TCU e pelo Congresso, um processo de impeachment pode ser iniciado. Ao final Dilma poderia perder o mandato e o vice-presidente, Michel Temer, assumiria o cargo. (E, ed. 1093, ano 49, nº 13, 22/07/2015, p. 42)

Situação no português: o termo “*impeachment*” encontra-se em todas as fontes consultadas: no regime presidencialista, ato pelo qual se destitui, mediante deliberação do legislativo, o ocupante de cargo governamental que pratica crime de responsabilidade; impedimento, destituição.

119. *insider trading* – sint.nom.

Significado na língua de origem: compra e venda ilegal de ações de uma empresa por pessoas que têm informações especiais porque estão envolvidas com a empresa, uso de informação privilegiada. (Fonte: *Cambridge Business English Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

A segunda acusação contra Eike é de uso de informação privilegiada, crime mais conhecido pela expressão em inglês *insider trading*. Segundo o MPF, Eike praticou *insider* em duas ocasiões. (E, ed. 1086, ano 49, nº 6, 01/04/2015, p. 54)

RAJARATNAN, DA GALLEON: 11 anos de prisão por insider nos EUA. (E, ed. 1086, ano 49, nº 6, 01/04/2015, p. 56)

Situação no português: o sintagma nominal “*insider trading*” / e o vocábulo “*insider*” não se encontram em nenhuma das fontes consultadas.

Nota: Conforme se pode observar, através dos exemplos, a expressão *insider trading* também é referida como *insider*.

120. *insight* – s.m.

Significado na língua de origem: perspicácia. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Há alguns anos a CNI fez um estudo com bons *insights* sobre o tema (Mapa Estratégico da Indústria 2013-2022). (CE, volume 69, nº03, de março de 2015, pág. 14)

Situação no português: o vocábulo “*insight*” está em todas as fontes consultadas: compreensão repentina, em geral intuitiva, de suas próprias atitudes e comportamentos, de um problema, de uma situação.

121. *internet* – s.f.

Significado na língua de origem: a rede, internet. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

“O conglomerado online chinês está prestes a estrear na bolsa de Nova York num IPO que tem tudo para bater recordes e colocar o nome de seu criador, Jack Ma, na lista dos maiores gênio da internet.” (E, ed. 1073, ano 48, nº 17, 17/09/2014, p. 116)

Situação no português: o termo “*internet*” está presente nas fontes consultadas: qualquer conjunto de redes de computadores ligadas entre si por roteadores, cujos principais serviços oferecidos são o e-mail, o chat, a Web, com suas redes sociais. Também se diz rede. Redução de *internetwork* – ligação entre redes. Surgiu no século XX. Há flutuação na grafia dessa palavra, grafada com maiúscula ou com minúscula indistintamente.

122. *internet banking* – sint.nom.

Significado na língua de origem: o processo ou atividade de gerenciar contas bancárias ou operar como um banco pela internet. (Fonte: *Cambridge Business English Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Se é verdade que o processo de digitalização tornou a vida muito mais dinâmica e produtiva, também é certo que a invasão de computadores, softwares e da internet nas empresas causou a destruição de muitos empregos. Nos anos 80, o setor bancário no Brasil empregava cerca de 800.000 pessoas. Quase três décadas depois, o caixa eletrônico, o internet banking, os aplicativos de celulares e os softwares de gestão reduziram esse contingente à metade – isso tudo num período de forte expansão dos bancos. (E, ed. 1082, ano 49, nº 2, 04/02/2015, p. 19)

Situação no português: o sintagma nominal “*internet banking*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

123. intranet – s.f.

Significado na língua de origem: um sistema que conecta os computadores numa organização de forma que as pessoas possam compartilhar informações, intranet, rede interna. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Os funcionários passaram não só a ter acesso às vagas em aberto na empresa por meio da intranet mas também a poder compartilhá-las em seu perfil nas redes sociais e indicá-las, online, a colegas e amigos. (E, ed. 1080, ano 48, nº 24, 24/12/2014, p. 137)

Situação no português: o vocábulo “*intranet*” está registrado no VOLP e dicionarizado (DA e DH): rede local de computadores, circunscrita aos limites internos de uma instituição, na qual são utilizados os mesmos programas e protocolos de comunicação empr. na internet.

124. investment grade – sint.nom.

Significado na língua de origem: usado para descrever um produto financeiro que tem uma risco baixo e que provavelmente dará lucro. (Fonte: *Cambridge Business English Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

“Já observamos também queda no fluxo de capital. Se o *downgrade* realmente acontecer, vamos ter mais um choque negativo. Hoje ainda há incertezas sobre a magnitude desse rebaixamento. O efeito será maior se o país passar de *investment grade* para *junk grade*, criando barreiras para que os investidores apliquem aqui seus recursos.” (CE, volume 69, nº04, de abril de 2015, pág. 23)

Situação no português: o sintagma nominal “*investment grade*” não está nas fontes consultadas.

125. iPad – s.m.

Significado na língua de origem – *tablet* criado pela empresa Apple.

Ocorrência:

“A genialidade de Jobs só resultou em sucesso porque a Apple conseguiu surfar a onda de investimentos enormes feitos pelo Estado em tecnologia que deram sustentação ao iPhone e ao iPad.” (E, ed. 1073, ano 48, nº 17, 17/09/2014, p. 125)

Situação no português: o termo “*iPad*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

126. iPhone – s.m.

Significado na língua de origem – telefone celular criado pela empresa Apple.

Ocorrência:

Nem tudo o que reluz em seu iPhone saiu da cabeça de Steve Jobs. O Estado, acredite, tem tudo a ver com as inovações da Nova Economia. É o que defende a

economista Mariana Mazzucato em um livro que esquentou o debate sobre o papel dos governos. (E, ed. 1073, ano 48, nº 17, 17/09/2014, p. 124)

Situação no português: o termo “*iPhone*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

Nota: Transcrevemos, abaixo, informações adicionais:

iPhone, iPad, iPod, iMac... além de serem aparelhos eletrônicos com qualidade de ponta, todos esses produtos da Apple têm em comum o prefixo “i”. Mas qual será o real significado dessa letra como prefixo de seus nomes?

A letrinha surgiu pela primeira vez na linha de produtos da Maçã em 1998, quando o primeiro iMac foi lançado. Desde então permanece nomeando outros lançamentos e qualquer dispositivo cujo nome comece com “i” já é automaticamente associado à Apple pelo senso comum, tamanha a identificação do prefixo com a marca.

Apesar de não constar no site oficial da companhia a explicação para o “i” dos iPhones, Steve Jobs contou o que significa o prefixo em um evento realizado há dezoito anos, no lançamento do iMac. Lá pelo minuto dezesseis do vídeo, o então CEO da Maçã explicou que o “iMac surgiu a partir do casamento entre a excitação da internet com a simplicidade de um Macintosh”, em seguida mostrando um slide associando a letrinha “i” às palavras “*internet*”, “*individual*”, “*instruct*”, “*inspire*” (internet, individual, instruir, inspirar).

Desde então, o “i” apareceu no título de outros produtos com conceitos diferentes do iMac, mas mantendo a individualidade, a inspiração e a informação como carros-chefe.

E, de fato, os produtos da Apple inspiram (e muito!) não somente os usuários como todo o mercado de tecnologia.

No entanto, com a expansão da companhia para outros mercados como o de smartwatches e reprodutores de mídia, o tão famoso prefixo “i” começou a ser deixado de lado, por não fazer mais tanto sentido quanto fez nos produtos lançados entre o final da década de 1990 e o final da década passada. Tanto que o relógio inteligente da marca foi nomeado como Apple Watch, e o set-top-box ganhou o nome de Apple TV.

Fonte: The Independent. (Fonte: <https://canaltech.com.br/noticia/apple/qual-sera-o-significado-do-i-do-iphone-58387/>)

127. *joint venture* – sint.nom.

Significado na língua de origem: um arranjo entre duas ou mais empresas para trabalharem juntas num projeto específico, empreendimento em participação. (Fonte: *Cambridge Business English Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

De acordo com o jornal *The Wall Street Journal*, o Google, que entrou no segmento de pagamentos móveis com o lançamento do Google Wallet em 2011, está negociando a compra da concorrente Softcard, joint venture entre as empresas de telefonia AT&T, T-Mobile e Verizon. (E, ed. 1082, ano 49, nº2, 04/02/2015, p.76)

Situação no português: o sintagma nominal “*joint venture*” não está registrado no VOLP, mas está dicionarizado (DH e DA): associação de empresas, não definitiva, para explorar determinado(s) negócio(s), sem que nenhuma delas perca sua personalidade jurídica.

128. junk – adj.

Significado na língua de origem: tralha, papéis (títulos) sem grau de investimento. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Na verdade, os mercados precificam praticamente a certeza da perda do grau de investimento. Os *credit default swaps* (CDS, uma medida de risco de crédito) dos títulos soberanos do Brasil de dez anos estão em 220 pontos básicos (quando esta coluna foi escrita), enquanto os melhores papéis “*junk*” (sem grau de investimento) têm CDS em torno de 290 pontos. (CE, volume 68, nº11, de novembro de 2014, pág. 11)

Situação no português: o vocábulo “*junk*” não está em nenhuma das fontes consultadas.

129. junk grade – sint.nom.

Significado na língua de origem: grau de investimento negativo

Ocorrência:

“Já observamos também queda no fluxo de capital. Se o *downgrade* realmente acontecer, vamos ter mais um choque negativo. Hoje ainda há incertezas sobre a magnitude desse rebaixamento. O efeito será maior se o país passar de *investment grade* para *junk grade*, criando barreiras para que os investidores apliquem aqui seus recursos.” (CE, volume 69, nº04, de abril de 2015, pág. 23)

Situação no português: o sintagma nominal “*junk grade*” não está nas fontes consultadas.

130. know how – sint.nom.

Significado na língua de origem: parte do frasema “ter know how em [algo]”, conhecimento prático e habilidade, conhecimento. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Os financiamentos da IFC são feitos em união com agentes privados, no modelo de empréstimos sindicados (instituição financeira exerce a liderança em transação de crédito e reúne participantes para atender às necessidades de financiamento de um cliente sob a proteção de um só empréstimo), e também incluem compra de participação minoritária. Temos “*know how* importante em *due diligence*, e os financiadores pegam carona porque confiam em nossa avaliação”, diz Gomez. (CE, volume 68, nº09, de setembro de 2014, pág. 44)

Situação no português: o sintagma nominal “*know how*” não se encontra no VOLP e nem no DH, mas está dicionarizada no DA, escrita com hífen: know-how. Designa os conhecimentos técnicos, culturais e administrativos. O frasema “ter know how em [alguma coisa]” significa ter conhecimento sobre essa coisa.

131. lan house – sint.nom.

Significado na língua de origem: Foi encontrado apenas o significado de *lan*: um sistema para conectar os computadores das pessoas que trabalham no mesmo prédio, sigla de *local area network*. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner's & Thesaurus, Cambridge University Press*);

- loja onde as pessoas pagam para ter acesso à internet (Fonte: DH e DA)

Ocorrência:

LAN HOUSE NA CHINA: os ataques pela internet são de difícil identificação. (E, ed. 1086, ano 49, nº6, 01/04/2015, p.108)

Situação no português: o sintagma nominal “*lan house*” não se encontra no VOLP, mas está dicionarizado (DH e DA): estabelecimento comercial em que, mediante pagamento, as pessoas têm acesso à Internet e a jogos numa rede local. [No Brasil, tb. se usa apenas *lan*.] O DH a classifica como locução substantiva e o DA como substantivo feminino.

132. laptop – s.m.

Significado na língua de origem: 1. laptop, computador portátil. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

É muita gente com um smartphone em mãos, e essas pessoas passam, em média, 2 horas e meia por dia de olho na tela do aparelho – mais do que à frente do laptop, da televisão e do tablet. (E, ed. 1080, ano 48, nº24, 24/12/2014, p.129)

Situação no português: o vocábulo “*laptop*” está registrado no VOLP e dicionarizado (DA e DH): 1. Inform. Microcomputador portátil, dotado de bateria e com monitor plano e teclado acoplados a um gabinete compacto, próprio para uso em situações de locomoção, como durante viagens. [Cf. *desktop* e *notebook*.]

Etim.: *laptop* (1984) ‘de tamanho e forma adequados ao uso no colo (a respeito de um computador)’, comp. de *lap* ‘colo’ parte de cima, *topo*, *cume*, *sobre*.

133. layoff – s.m.

Significado na língua de origem: demissão, dispensa de funcionário, suspensão temporária dos contratos de trabalho. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

“O necessário ajustamento da economia é recessivo e a diferença em relação ao baixo crescimento do custo do produto (PIB) que vimos até agora é que daqui para frente o mercado de trabalho será afetado”, ressalta o economista ao lembrar as possíveis razões que mantiveram o bom desempenho do mercado formal em 2014, entre elas a realização da Copa do Mundo no Brasil, os *layoffs* (suspensão temporária dos contratos de trabalho) utilizados pelas empresas para segurar seus funcionários e a isenção na folha de pagamentos feita pelo governo para estimular a criação e manutenção dos empregos. (CE, volume 69, nº01, de janeiro de 2015, pág. 46)

Situação no português: o vocábulo “*layoff(s)*” não está em nenhuma das fontes consultadas.

134. *lean* – s.m.

Significado na língua de origem: 1. Gestão que procura fornecer, de forma consistente, valor aos clientes com os custos mais baixos; diz-se de empresa ou negócio que tem o menor número de empregados para realizar o seu trabalho. (Fonte: <http://www.revistamelhor.com.br/uma-ideia-i-mao-e-varias-mudancas/>)

Ocorrência:

Para isso, a empresa buscou uma consultoria com experiência na indústria automobilística para adaptar o conceito de *lean*, disseminado na indústria tradicional, à sua operação. “Em todas as fases de uma obra é possível obter ganhos”, diz. (CE, volume 68, nº10, de outubro de 2014, pág. 65)

Situação no português: o vocábulo “*lean*” não está em nenhuma das fontes consultadas.

Nota: O significado na língua de origem não foi encontrado nas fontes consultadas. Dessa forma, recorreremos a uma página especializada para encontrar um significado adequado ao exemplo citado:

Lean manufacturing, traduzível como manufatura enxuta ou manufatura esbelta, e também chamado de Sistema Toyota de Produção é uma filosofia de gestão focada na redução dos sete tipos de desperdícios (super-produção, tempo de espera, transporte, excesso de processamento, inventário, movimento e defeitos). Eliminando esses desperdícios, a qualidade melhora e o tempo e custo de produção diminuem. As ferramentas “lean” incluem processos contínuos de análise (kaizen), produção “pull” (no sentido de kanban) e elementos/processos à prova de falhas (Poka-Yoke).

A Manufatura Enxuta foi desenvolvida pelo executivo da Toyota, Taiichi Ohno, durante o período de reconstrução do Japão após a Segunda Guerra Mundial. (Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lean_manufacturing)

135. *leasing* – s.m. (parte da expressão “empresa de leasing”)

Significado na língua de origem: aluguel, arrendamento, arranjo financeiro no qual uma pessoa, empresa, etc. paga para usar propriedade, veículo, etc. para uso particular por um período de tempo. (Fonte: *Cambridge Business English Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Na Holanda, a SBM, a empresa de leasing de plataformas de petróleo que admitiu ter subornado funcionários da Petrobrás, fez um acordo com a Justiça para encerrar o processo e pagar uma multa de 240 milhões de dólares. (E, ed. 1081, ano 49, nº1, 21/01/2015, p.20)

Situação no português: o vocábulo “*leasing*” está registrado no VOLP e dicionarizado no DA e no DH, com a grafia de origem: arrendamento mercantil, modalidade de contrato que associa aluguel e venda à prestação, por meio de uma técnica especial de financiamento. Substantivada do gerúndio *leasing*, do verbo *to lease* = alugar. Surgiu em 1570.

136. lesbian – s.f.

Significado na língua de origem: 1. Mulheres que são fisicamente atraídas por outras mulheres, lésbicas (Fonte: *Cambridge Academic Content English, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

A consultoria MsKinsey tem a Glam – sigla em inglês para *gays and lesbians at McKinsey* (em português, “gays e lésbicas da McKinsey). Atualmente, 21% das grandes empresas do mundo têm grupos LGBT – os dedicados à ascensão feminina estão presentes em 80% das empresas, segundo a consultoria de recursos humanos Towers Watson. (E, ed. 1088, ano 49, nº8, 29/04/2015, p.38)

Situação no português: o vocábulo “*lesbian*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

137. link – s.m.

Significado na língua de origem: 1. ligação, conexão, laço, elo, vínculo. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Um dos diferenciais do Baidu é que nossos resultados de busca não trazem só o link de companhias que vendem produtos e serviços. (E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p.134)

Situação no português: o vocábulo “*link*” se encontra no VOLP, no DH e no DA: elemento de hipermídia formado por um trecho de texto em destaque ou por um elemento gráfico que, ao ser acionado (ger. mediante um clique de mouse), provoca a exibição de um novo hiperdocumento.

Uma ampliação semântica do termo ocorre no português quando indica “conexão de ideias”.

138. lobby - s.m.

Significado na língua de origem: saguão, lobby, vestíbulo (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary*)

Ocorrência:

Por pressão do poder executivo e *lobby* dos bancos. (CE, volume 68, nº09, de setembro de 2014, pág. 17)

Se isso fosse verdade, teria havido *lobbies* fortíssimos em Brasília tentando forçar o governo a dar a guinada efetivamente ocorrida. (CE, volume 68, nº09, de setembro de 2014, pág. 15)

Situação no português: o termo “*lobby*” se encontra em todas as fontes consultadas, com a grafia original e também com a forma aporuguesada: lóbi.

DH: 1 [ARQ] amplo salão ou vestíbulo na entrada de um hotel, teatro ou de qualquer prédio extenso

2 [POL] atividade de pressão de um grupo organizado (de interesse, de propaganda etc.) sobre políticos e poderes públicos, que visa exercer sobre estes qualquer influência ao seu alcance,

mas sem buscar o controle formal do governo; campanha, lobismo <o l. da indústria farmacêutica> cf. grupo de pressão

3 [POL] grupo organizado que desenvolve essa atividade <o l. contrário à instauração de uma Comissão Parlamentar de Inquérito> f. geral [aport.]: lóbi

139. *made in* – v. + prep. (frasema)

Significado na língua de origem: produzido / fabricado em (minha tradução)

Ocorrência:

ALGORITMO MADE IN MANAUS

As grandes empresas de comércio eletrônico sofrem para convencer os consumidores a gastar. Três professores e três alunos da Universidade de Manaus acham que encontraram a solução. (E, ed. 1091, ano 49, nº11, 10/06/2015, p. 72)

Situação no português: o frasema “*made in*” não está em nenhuma das fontes consultadas.

140. *mainstream* – s.m.

Significado na língua de origem: 1. a tendência dominante, corrente principal. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

“Transformamos nossa economia e nosso mercado de trabalho dual em outro mais integrado. Bastou conectar a população mais pobre a esse *mainstream* para ela dar um salto”, diz. (CE, volume 68, nº11, de novembro de 2014, pág. 35)

Situação no português: o vocábulo “*mainstream*” não está em nenhuma das fontes consultadas.

141. *marketing* – s.m.

Significado na língua de origem: 1. marketing (propaganda), comercialização. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

“Ao analisar os CPFs dos clientes percebemos que, no Dia das Mães, 63% dos cadastros foram de novos participantes, ou seja, gente que nunca teve paciência para enfrentar filas”, diz Laureane Cavalcanti, gerente de marketing da rede de shoppings. [...]

Em última instância, toda e qualquer ação de marketing da Fiat tem o propósito de fazer com que o consumidor vá até a concessionária da marca, mas hoje a empresa não tem meios de saber quem já fez isso por causa dos aplicativos. (E, ed. 1080, ano 48, nº24, 24/12/2014, p. 130)

Situação no português: o vocábulo “*marketing*” se encontra no VOLP, no DA e DH:

1. estratégia empresarial de otimização de lucros através da adequação da produção e oferta de suas mercadorias ou serviços às necessidades e preferências dos consumidores, para isso recorrendo a pesquisas de mercado, design de produtos, campanhas publicitárias, atendimentos pós-venda, etc.

- DA:1. Conjunto de estratégias e ações que proveem o desenvolvimento, o lançamento e a sustentação de um produto ou serviço no mercado consumidor. [V. *composto de marketing*.]
 2. P. ext. Conjunto de estratégias e ações que visam a aumentar a aceitação e fortalecer a imagem de pessoa, ideia, empresa, produto, serviço, etc., pelo público em geral, ou por determinado segmento desse público.
 3. O conjunto de conhecimentos relativos ao *marketing* (1). Correspondente em port., p. us., mercadologia.]

142. *marketplace* – s.m.

Significado na língua de origem: o sistema de comprar e vender em condições competitivas. (Fonte: *Cambridge Academic Content Dictionary*)

Ocorrência:

Os grandes varejistas online podem ser divididos em dois grupos. Existem os que seguem o modelo tradicional – compram produtos, estocam, vendem e entregam. E há aqueles que funcionam como uma enorme feira livre – oferecem espaço para que pessoas e comerciantes exponham, vendam e entreguem os próprios produtos. No primeiro grupo sempre despontaram a Amazon, maior varejista online do mundo, e as líderes do mercado brasileiro, como a B2W, dona da Americanas.com, e a Cnova, dona da operação online da Casas Bahia e Ponto Frio. O segundo pelotão ficou conhecido como marketplace e é dominado pela americana eBay, a argentina Mercado Livre e a chinesa Alibaba. De uns anos para cá, a separação entre os dois modelos, que sempre foi muito clara, começou a ficar mais difícil. O motivo foi a movimentação da Amazon, que investiu fortunas em seu marketplace – o foco, nesse caso, não são pessoas, mas pequenos varejistas que não vendiam pela internet. (E, ed. 1093, ano 49, nº13, 22/07/2015, p. 56)

Situação no português: o vocábulo “*marketplace*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

143. MBA – sigla

Significado na língua de origem: sigla de *Master of Business Administration*, uma titulação avançada em negócios ou uma pessoa que tem essa titulação (Fonte: *Cambridge Advanced Learner's Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press*.)

Ocorrência:

Fontainebleau - A sede da escola de negócios Insead fica em Fontainebleau, cidade francesa a 75 quilômetros de Paris, que vive principalmente de turismo. Mas não é apenas a agradável floresta que a cerca que atrai alunos dispostos a pagar 86000 dólares por ano por um MBA. (E, ed. 1076, ano 48, nº20, 29/10/2014, p. 73)

Situação no português: a sigla “MBA” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

Nota: curso de pós-graduação para executivos, em português significa **Mestre em Administração de Negócios**. MBA é um curso de formação de executivos na área de administração, estudando matérias de finanças, contabilidade, recursos humanos, marketing entre outras. (Fonte: <http://significados.com.br/mba/>. Acesso em 07/04/2015)

144. megabit – s.m.

Significado na língua de origem: unidade de medida da velocidade pela qual a informação as informações são enviadas entre computadores, igual a um milhão de bits. (Fonte: *Cambridge Business English Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Os técnicos da Fundação Lemann identificaram que 8 megabits por segundo é o mínimo necessário para que os alunos possam assistir às vídeoaulas sem interrupções. (E, ed. 1084, ano 49, nº4, 04/03/2015, p. 50)

Situação no português: o vocábulo “*megabit*” não se encontra no VOLP, mas está dicionarizado (DA e DH): unidade de medida de informação, equivalente a 2^{20} (*i. e.*, 1.048.576) *bits* [símb.: *Mb*]. [Por vezes, us. como equivalente a 1 milhão de *bits*.]

145. megawatt – s.m.

Significado na língua de origem: 1. Unidade de medida de energia elétrica, com o valor de 1.000.000 watts. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Eles deverão aumentar a oferta em 1700 **megawatts** – o suficiente para abastecer mais de 4 milhões de residências. (E, ed. 1081, ano 49, nº1, 21/01/2015, p. 31)

Situação no português: o vocábulo “*megawatt*” está registrado no VOLP e dicionarizado (DA e DH): um milhão de watts.

146. merchandising – s.m.

Significado na língua de origem: modo pelo qual lojas e negócios organizam a venda de seus produtos.

Ocorrência:

No caso da Kimberly, uma conta simples apontou no passado que a terceirização das áreas de merchandising e suprimentos traria uma boa economia. (E, ed. 1082, ano 49, nº2, 04/02/2015, p. 74)

Situação no português: o vocábulo “*merchandising*” se encontra em todas as fontes consultadas: conjunto de atividades e técnicas mercadológicas que dizem respeito à colocação de um produto no mercado em condições competitivas, adequadas e atraentes para o consumidor, promoção de vendas.

147. merchanting – s.m.

Significado na língua de origem: operações com bens adquiridos por residentes em país estrangeiro para venda em um segundo país estrangeiro. (Fonte: CE, volume 69, nº 08, de agosto de 2015, pág. 41)

Ocorrência:

Além disso, a nova metodologia sugere excluir das estatísticas os bens que cruzam a fronteira sem mudança de propriedade, bem como operações com bens adquiridos por residentes em país estrangeiro para venda em um segundo país estrangeiro, conhecidas como *merchanting*, que tampouco tiveram alto impacto na balança. (CE, volume 69, nº08, de agosto de 2015, pág. 41)

Situação no português: o vocábulo “*merchanting*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

148. *millenial* – s.m.

Significado na língua de origem: *millenial* – geração que está entre a adolescência e os 30 e poucos anos. (Fonte: E, ed. 1085, ano 49, nº5, 18/03/2015, p. 34)

Ocorrência:

Um levantamento recente da empresa de pesquisa ComScore indica que no mercado americano os *millenials* - geração que está entre a adolescência e os 30 e poucos anos – passam um terço do tempo que destinam à TV assistindo a seus programas prediletos em computadores, tablets ou smartphones. (E, ed. 1085, ano 49, nº5, 18/03/2015, p. 34)

Situação no português: o vocábulo “*millenial*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

149. MIT – sigla

Significado na língua de origem: sigla de *Massachusetts Institute of Technology* (Instituto de Tecnologia de Massachusetts) (Fonte: E, ed. 1078, ano 48, nº22, 26/11/2014, p. 162)

Ocorrência:

Para o criador dos pop-ups, hoje professor do MIT, os anúncios em redes sociais não funcionam e, no futuro, as pessoas terão de pagar para usar esses serviços. [...] Hoje, o professor e diretor do Centro de Mídia Cidadã do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, conhecido pela sigla em inglês MIT, é um dos maiores críticos do modelo atual de publicidade online. (E, ed. 1078, ano 48, nº22, 26/11/2014, p. 162)

Situação no português: a sigla “MIT” não está em nenhuma das fontes consultadas.

150. *mobile* – adj.

Significado na língua de origem: móvel. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary*, Cambridge University Press)

Ocorrência:

No mundo todo, quem produz conteúdo não é muito bom em fazê-lo migrar para o mundo mobile. (E, ed. 1092, ano 49, nº12, 24/06/2015, p. 84)

Situação no português: a expressão “*mobile*” não está em nenhuma das fontes consultadas.

151. *mobile data* – sint.nom.

Significado na língua de origem: dados móveis (Fonte: www.linguee.com)

Ocorrência:

Acho que haverá crescimento relevante em serviços como TV por assinatura, *mobile data* e banda larga de alta velocidade, que representam oportunidades relevantes de crescimento para a Vivo. (CE, volume 69, nº08, de agosto de 2015, pág. 18)

Situação no português: a expressão “*mobile data*” não está em nenhuma das fontes consultadas.

152. *mobile health* – sint.nom.

Significado na língua de origem: saúde móvel (Fonte: E, ed. 1088, ano 49, nº8, 29/04/2015, p. 105)

Ocorrência:

Tudo o que está relacionado aos *wearables* e aos celulares faz parte do que foi batizado de *mobile health* (ou “saúde móvel”, numa tradução livre). E a *mobile health* é parte de algo maior, chamado de medicina de precisão, na qual ocorre o aproveitamento de todas as informações disponíveis sobre uma pessoa, desde hábitos alimentares até dados genéticos. (E, ed. 1088, ano 49, nº8, 29/04/2015, p. 105)

Situação no português: a expressão “*mobile health*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

153. *nerd* – s.2g.

Significado na língua de origem: 1. pessoa, especialmente um homem que não é atraente e é estranho ou antissocial; 2. uma pessoa que é extremamente interessada em um assunto, especialmente em computadores, e sabe de muitos fatos sobre eles. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary and Thesaurus*, Cambridge University Press)

Ocorrência:

No fim dos anos 90, desengavetou seu sonho de empreender e fundou a própria empresa, a Salesforce, que hoje fatura 5 bilhões de dólares. Mesmo depois disso, manteve-se fiel ao figurino nerd- até no quesito baixaria. Há três anos, ele acabou se envolvendo numa discussão pública com Larry Ellison, fundador da Oracle e seu mentor no início da carreira. (E, ed. 1078, ano 48, nº22, 26/11/2014, p. 124)

Situação no português: O vocábulo “*nerd*” não se encontra no VOLP, mas está dicionarizado no DH: pessoa obcecada por máquinas e técnicas ou obsessivamente estudiosa e no DA, como substantivo de dois gêneros: jovem muitíssimo aplicado nos estudos, com especial interesse por tecnologia, às vezes, porém, com problemas de socialização, por ter comportamento antissocial ou por sofrer o preconceito dos demais.

154. netbook – s.m.

Significado na língua de origem: computador pequeno projetado principalmente para usar a internet. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner's Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Veja o que acontece diariamente com os alunos da Escola Municipal Maria da Penha de Almeida Manfredi, de Santo André, na Grande São Paulo. A escola tem 30 netbooks que são distribuídos para que os alunos do ensino fundamental possam utilizar a plataforma de ensino virtual Khan Academy. (E, ed. 1084, ano 49, nº4, 04/03/2015, p. 50)

Situação no português: o vocábulo “*netbook*” não se encontra no VOLP nem no DA, mas está dicionarizado no DH: tipo de computador portátil menor, menos poderoso, mais leve e barato que o *notebook*, e que depende fortemente da internet para acesso remoto a aplicações baseadas na *web*, geralmente em conexões sem fio.

155. notebook – s.m.

Significado na língua de origem: 1. computador portátil. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

PROJETOR DE BOLSO

O projetor da americana Brookstone cabe no bolso e facilita a vida de quem faz apresentações em reuniões de trabalho. Ele é conectado ao celular, ao notebook ou ao televisor. Valor: 300 dólares. (E, ed. 1080, ano 48, nº24, 24/12/2014, p.85)

Situação no português: o vocábulo “*notebook*” não está registrado no VOLP, mas dicionarizado. Seu significado, em informática, refere-se a computador portátil, espécie de laptop, cerca de dois quilos de peso e de dimensões próximas às de um caderno de tamanho médio.

156. no tradable /non-tradable– adj.

Significado na língua de origem: bem não comercializável (Fonte: CE, volume 69, nº03, de março de 2015, pág. 10)

Ocorrência:

E apesar desse movimento do dólar não ser novo – a alta do dólar começou no início de 2011 -, até agora não influenciou significativamente a relação dos preços *tradables* x *no tradables*, que contou com outros fatores para se sustentar. (CE, volume 69, nº01, de janeiro de 2015, pág. 51)

A evidência é que a correlação entre o déficit de transações correntes e o câmbio interno (relação entre *tradables* e *non-tradables*) é maior do que entre o déficit de transações correntes e o câmbio externo. (CE, volume 69, nº03, de março de 2015, pág. 10)

Situação no português: os termos “*no tradable*”/ “*non tradable*” não estão nas fontes consultadas.

157. *offline* – adj.

Significado na língua de origem: desconectado, offline. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

O que será do Peixe Urbano no futuro?

Eles estão caminhando na direção correta de investir no modelo on2off (*online para offline, que consiste em levar usuários conectados na internet em aparelhos móveis para lojas físicas*). Nessa área também somos fortes. (E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p.134)

Situação no português: o vocábulo “*offline*” não se encontra no VOLP e nem noDH, mas está dicionarizado no DA, grafado com hífen: *off-line*.

Inform. Sem conexão com, ou entre, sistemas de transmissão e processamento de informação. [Opõe-se a *on-line*.]

158. *offshore* – adj. / adv.

Significado na língua de origem: 1. produção no mar, oceânico. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Segundo Lavínia, no caso da produção no mar (*offshore*), as dúvidas são sobre quanto e quando esse gás estará disponível, bem como qual será a necessidade de utilização desse gás para viabilizar o investimento na sua produção. “Já no caso do *onshore* (bacias terrestres), ainda não há convergência sobre o tamanho das reservas”, afirma. (CE, volume 68, nº12, de dezembro de 2014, pág. 35)

Situação no português: o vocábulo “*offshore*” não se encontra no VOLP, mas está dicionarizado (DH e DA).

1. Situado longe da costa; 2. Feito realizado, ou desenvolvido longe da costa, em alto-mar:

159. *online* – adj.

Significado na língua de origem: conectado, na internet. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

“Muitas companhias esquecem que oferecer cursos online implica mudar radicalmente o formato e a linguagem usados”, diz Maria Flavia Coelho, gerente de tecnologias educacionais da Afferro Lab, a maior consultora de treinamentos corporativos do país. (E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p. 92)

Situação no português: o vocábulo “*online*” está presente no VOLP, no DH e no DA, escrito com hífen: *on-line* (adj. 2g e 2n.). Entre ou em conexão com (sistemas de processamento e/ou

transmissão de dados). Aposto: conectado direta ou remotamente a um computador e pronto para uso.

160. *onshore* – s.m.

Significado na língua de origem: bacias terrestres. (Fonte: CE, volume 68, nº12, de dezembro de 2014, pág. 35)

Ocorrência:

Segundo Lavínia, no caso da produção no mar (*offshore*), as dúvidas são sobre quanto e quando esse gás estará disponível, bem como qual será a necessidade de utilização desse gás para viabilizar o investimento na sua produção. “Já no caso do *onshore* (bacias terrestres), ainda não há convergência sobre o tamanho das reservas”, afirma. (CE, volume 68, nº12, de dezembro de 2014, pág. 35)

Situação no português: o vocábulo “*onshore*” não está em nenhuma das fontes consultadas.

161. *on2off* – adj.

Significado na língua de origem: de *online* para *offline*, ou seja, de conectado para desconectado. Estratégia que consiste em levar usuários conectados na internet em aparelhos móveis para lojas físicas. (Fonte: E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p.134)

Ocorrência:

O que será do Peixe Urbano no futuro?

Eles estão caminhando na direção correta de investir no modelo *on2off* (*online para offline, que consiste em levar usuários conectados na internet em aparelhos móveis para lojas físicas*). Nessa área também somos fortes. (E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p.134)

Situação no português: o termo “*on2off*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

162. *outlet* – s.m.

Significado na língua de origem: 1. Centro comercial não luxuoso, cujas mercadorias são comercializadas a preços mais baixos, ponta de estoque (Fonte: DH e DA)

Ocorrência:

Ao expandir sua estratégia, a Privalia vai ficando mais parecida com as varejistas online tradicionais – que, por sua vez, também vão copiando o jeitão dos espanhóis. A varejista de moda Dafiti, por exemplo, está expandindo seu outlet virtual, que concorre diretamente com a Privalia. (E, ed. 1086, ano 49, nº6 01/04/2015, p. 62)

Situação no português: o vocábulo “*outlet*” não se encontra no VOLP, mas está dicionarizado (DH e DA): loja de varejo que trabalha ger. com ponta de estoque (q. v.), o que permite a ela vender a preços reduzidos.

163. *outsourcing* – s. f.

Significado na língua de origem: 1. contratação de terceiros, terceirização. (Fonte: *Cambridge Business English Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

B2finance inova o mercado de prestação de serviços por meio de tecnologia embarcada nos processos de outsourcing contábil e auditoria, e cresce mais de 500% em 2 anos. (E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p.113)

Situação no português: o vocábulo “*outsourcing*” não está nas fontes consultadas.

164. *overhead* – s.m.

Significado na língua de origem: despesas gerais de fabricação, despesas indiretas, sobrecusto, despesas que não podem ser ligadas diretamente às unidades produzidas. (Fonte: *Business Dictionary, MIGLIAVACCA, 2000*)

Ocorrência:

“Hoje a companhia tem um negócio que dá maior retorno e no qual tem que injetar muito dinheiro que é o pré-sal. Pra uma empresa com o *overhead* da Petrobrás, não tem sentido permanecer em um segmento regulado, de baixa margem”, afirma. (CE, volume 69, nº02, de fevereiro de 2015, pág. 42)

Situação no português: o vocábulo “*overhead*” está em todas as fontes consultadas.

1. Diz-se das despesas operacionais de um negócio, outras que não as concernentes ao trabalho e aos materiais.

O DA o classifica como adjetivo de dois gêneros e de dois números. Já o DH o considera um substantivo masculino.

165. *overnight* – s.m.

Significado na língua de origem: ‘durante a noite’. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Em São Paulo, Yoshiaki Nakano, diretor da FGV/EESP, lembra que a necessidade de se trabalhar com uma Selic alta também joga contra a força da política monetária por incentivar o alto nível de indexação hoje observado, desestimulando o desenvolvimento do mercado de títulos de longo prazo do setor privado. “Hoje o que se rola no *overnight* corresponde a cerca de 40% da dívida mobiliária federal. (CE, volume 69, nº04, de abril de 2015, pág. 51)

Situação no português: o vocábulo “*overnight*” não se encontra no VOLP, mas está dicionarizado (DH e DA): 1. aplicações financeiras com rendimento diário, resgatáveis a partir do dia seguinte àquele em que são feitas.

2. O mercado de tais aplicações: *Cai a taxa de juros do overnight*. [Tb. se diz apenas *over*.]

166. overshooting – s.m.

Significado na língua de origem: aceleração da flutuação cambial para beneficiar exportações em detrimento das de outros países; fenômeno econômico em que se observa a queda da cotação do dólar, no curto prazo, como consequência da mudança da política cambial. (Fonte: *Glossário de Termos Neológicos da Economia*, ALVES, 2001)

Ocorrência:

A questão externa só vai ser endereçada no momento em que o mundo parar de nos financiar. E aí haverá um *overshooting* cambial, provocando inflação corretiva mais forte ainda e ajustes nos preços aqui dentro. (CE, volume 69, nº02, de fevereiro de 2015, pág. 14)

Situação no português: o vocábulo “*overshooting*” não está nas fontes consultadas.

167. paper – s.m.

Significado na língua de origem: artigo (a written assignment) (Fonte: *Cambridge English Portuguese Dictionary*)

Ocorrência:

Recente *paper* na revista *American Journal of Political Science*, uma das mais renomadas na sua área, sugere que distritos de quatro a oito candidatos apresentam o ponto ótimo no *trade off* entre governabilidade e representação. Esses são os caminhos da reforma política verdadeiramente necessária. (CE, volume 69, nº07, de julho de 2015, pág. 11)

Situação no português: o vocábulo “*paper*” não está no VOLP, mas dicionarizado (DH e DA): Artigo (5) que relata resultado de pesquisa original, publicado em revista especializada ou incluído nos anais de congresso ou conferência em que tenha sido apresentado.

168. passthrough – s.m.

Significado na língua de origem: com repasse (de custos para os preços), pass-through entity – tipo de empresa em que os impostos são repassados diretamente para a declaração dos Proprietários (USA). (Fonte: *Business Dictionary*, MIGLIAVACCA, 2000)

Ocorrência:

O texto do BC de março dizia ainda que “o menor dinamismo da atividade doméstica e a desvalorização de outras moedas em relação ao dólar dos Estados Unidos da América (EUA) também contribuem para reduzir o ‘passthrough’”. O relatório inclui ainda um boxe no qual é estudada a “Influência dos Preços de *Commodities* sobre o Repasse Cambial”. (CE, volume 69, nº04, de abril de 2015, pág. 41)

Situação no português: o vocábulo “*passthrough*” não está nas fontes consultadas.

Nota: Termo em inglês usado em economia que se refere ao aumento dos preços internos do país, que ocorre quando o dólar se valoriza frente à moeda nacional. Nesse cenário o preço dos produtos importados aumenta, o que permite que os produtores domésticos possam aumentar a margem dos seus produtos sem com isso perder competitividade de mercado.

Além disso, o preço dos produtos que utilizam matéria prima importada também tende a subir. (<http://www.igf.com.br/aprende/glossario>. Acesso em 25/05/2016)

169. PC – sigla

Significado na língua de origem: sigla de *Personal Computer*, computador pessoal. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Há uma clara migração dos usuários de internet no PC para os aparelhos portáteis. Como a tela do celular é pequena, talvez não seja a melhor plataforma para vender produtos, mas é o canal ideal para se comunicar com fornecedores de serviços, como motoristas de táxi e restaurantes. (E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p.134)

Situação no português: a sigla “PC” não se encontra no VOLP, mas se encontra no DH (que a classifica como subst. masc.) e no DA: acrônimo da expressão ing. *Personal Computer* (1978) ‘computador pessoal’, utilizado pela IBM para designar seu primeiro microcomputador, lançado em 1981, e, posteriormente, para caracterizar o tipo ou a linha de microcomputador derivado daquela primeira máquina.

170. pen drive – sint.nom.

Significado na língua de origem: dispositivo portátil de armazenamento que se conecta a um computador ou outro equipamento eletrônico. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press.*)

Ocorrência:

A entrada da internet nos aparelhos de TV não é uma metáfora. Ela é literal. O Chromecast, do Google, é um dispositivo pouco maior do que um pen drive. Custa cerca de 250 reais e pode ser conectado a uma das entradas HDMI de uma TV. Com um Chromecast, qualquer pessoa pode assistir na tela da TV da sala ao que antes estava preso no computador, no tablet ou no smartphone. (E, ed. 1085, ano 49, nº5, 18/03/2015, p. 34)

Situação no português: o sintagma nominal “pen drive” não se encontra no VOLP e nem no DH, mas está dicionarizado no DA: dispositivo de memória removível que normalmente é conectado a uma porta USB do computador. Há flutuação gráfica entre *pendrive*, *pen-drive* e *pen drive*.

171. performance – s.f.

Significado na língua de origem: desempenho, rendimento. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

O ano deve ter outras três tendências marcantes: a dos aparelhos que monitoram a saúde e ajudam a melhorar a performance durante os exercícios, como o esperado relógio da Apple;... (E, ed. 1080, ano 48, nº24, 24/12/2014, p.83)

Situação no português: o vocábulo “*performance*” está registrado no VOLP e dicionarizado (DH e DA): Do ingl. *performance* (do v. ingl. [*to*] *perform* + *-ance*).])

1. Atuação, desempenho – desempenho ideal, medido a partir de um conjunto de índices.

172. *Pet Center* – sint.nom.

Significado na língua de origem: *shopping center* para animais domésticos. (Fonte: E, Ed. 1078, ano 48, nº 22, 26/11/2014, p. 92)

Ocorrência:

O *Pet Center*, comprado há um ano pelo fundo americano Warburg Pincus, saiu na frente ao inaugurar, em 2012, um hospital para animais de estimação. (E, ed. 1078, ano 48, nº22, 26/11/2014, p. 92)

Situação no português: o sintagma nominal “*Pet Center*” não está registrado em nenhuma das fontes consultadas. No DA e no DH encontramos o termo *pet shop*:

DA: estabelecimento no qual se comercializam produtos alimentícios (ração, pasta, biscoitos, etc.), remédios, acessórios, etc. ou a prestação de serviços para animais domésticos de pequeno porte.

DH: estabelecimento comercial especializado em serviços de banho, corte e tratamento de pelos de animais de estimação, e/ou vendade objetos, acessórios, alimentação, filhotes, aves, peixes etc.

Nota: As *pet shops* podem estar localizadas em um *pet Center*.

173. *Ph.D.* – s.m.

Significado na língua de origem: abrev. de *Philosophiae Doctor*, a mais alta qualificação universitária, doutorado. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary*, Cambridge University Press)

Ocorrência:

FORMAÇÃO: Economista com Ph.D., pela Universidade de Princeton, nos Estados Unidos, onde foi orientado pelo ex-presidente do Fed Ben Bernanke. (E, ed. 1076, ano 48, nº20, 29/10/2014, p. 73)

EXAME - Mas ensinar bem também não é importante?

Ilian Mihov - Sim, mas 99% dessas pessoas, que são Ph.Ds. pelas principais universidades do mundo, conseguem aprender técnicas para ensinar melhor. (E, ed. 1076, ano 48, nº20, 29/10/2014, p. 73)

“Para usar corretamente os produtos de alta tecnologia em casa, antes era preciso ser um Ph.D., e os preços eram praticamente proibitivos”, diz Michael Sutcliff, chefe da área de tecnologia da empresa de consultoria Accenture. (E, ed. 1080, ano 48, nº24, 24/12/2014, p. 90)

Situação no português: o termo “Ph.D.” não está registrada no VOLP, mas dicionarizada (DA e DH): 1. Doutor. 2. Sumidade.

174. photoshop – s.m.

Significado na língua de origem: programa de computador que permite fazer alterações numa imagem digital, aplicativo / recurso que manipula imagens. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner's Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press.*)

Ocorrência:

Nas redes sociais, houve uma explosão de comentários acusando a L'Oréal de rejuvenescer a atriz com Photoshop, recurso que manipula imagens. (E, ed. 1082, ano 49, nº2, 04/02/2015, p. 63)

Situação no português: o termo “*photoshop*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

175. pipeline – s.m.

Significado na língua de origem: gasoduto, um tubo longo e largo, geralmente debaixo da terra, através do qual líquido ou gás podem fluir, por longas distâncias. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

“Tivemos sorte na Brahma de viver um Brasil mais lento, mais confortável. Tivemos oito ou dez anos para formar as pessoas. Criamos uma legião de fanáticos por fazer as coisas daquele modo. É o que se chama de cultura. Ficou muito fácil quando nos juntamos com a cervejaria Antartica, porque tínhamos muita gente para levar essa mensagem para lá. A mesma coisa aconteceu quando nos associamos à Interbrew para criar a InBev, na Bélgica. O aprendizado é assim: você precisa ter um *pipeline* de gente. Tivemos sorte de ter dez anos para desenvolver esse *pipeline* sem grandes solavancos. Quando você entra numa nova companhia, vai sempre com as melhores intenções de aproveitar a maior quantidade de gente possível. Mas, falando com franqueza: esqueça o primeiro escalão. No segundo, você começa a achar pessoas. No final, a aposta é a de sempre: ponha jovens lá dentro, porque eles vêm com idealismo. (E, ed. 1078, ano 48, nº22, 26/11/2014, p. 118)

Situação no português: o termo “*pipeline*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

Nota: a definição em inglês não contempla o significado do termo no exemplo citado.

Definição encontrada na internet: “iniciativa em todos os níveis para desenvolver talentos na organização”.

(Fonte: www.arezoco.com.br/Download.aspx?Arquivo... Acesso em 13/01/2017)

Consideramos acrescentar esta outra explicação para uma melhor compreensão da inserção desse termo no exemplo citado:

Na área de vendas, há diversos termos técnicos que chamam a atenção pelo aspecto, à primeira vista, complexo ou de difícil entendimento. Por se tratarem, na maioria das vezes, de termos em inglês, causam certa confusão, inclusive entre os profissionais da área.

O que é pipeline?

Um destes termos é o “pipeline”, muito usado por vendedores, analistas e gerentes de marketing, mas nem sempre da forma correta. Para compreendê-lo, é preciso entender o chamado “ciclo de vendas”. Ele é o mapa das etapas que compreendem este ciclo, desde o primeiro contato com o cliente até o fechamento do negócio. Quanto maior for o período para a venda ser concluída, melhor deverá ser a gestão do pipeline que, em termos gerais, é o processo de conquista do cliente começando por chamar a sua atenção, despertar seu interesse e o desejo pelo produto ou serviço, negociar e, finalmente, fechar a venda.

[...] O significado da palavra pipeline é, literalmente, “cano”. Na área comercial, é remetido a “funil de vendas”. Desta forma, resumindo, é nas vendas nas quais o ciclo é mais longo que a gestão da pipeline costuma ser mais útil, já que há várias etapas e ações em jogo. Por isso, é preciso que a empresa estude seus ciclos de vendas e cada etapa da negociação, para que este não seja apenas mais um termo no papel, sem utilidade para o sucesso da marca. (Fonte: <http://blog.plugcrm.net/o-que-e-follow-up-e-pipeline-descubra-os-termos-que-todo-gestor-deve-conhecer/>. Acesso em 13/01/2017)

176. *policy maker* – s.m.

Significado na língua de origem: um membro de um departamento de governo, legislação ou outra organização que é responsável por formular novas regras, leis, etc., formulador de políticas. (Fonte: *Cambridge Academic Content Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Aliás, não vejo propostas de candidatos, de *policy makers*, no sentido de repensar nosso sistema de serviços públicos. (CE, volume 68, nº09, de setembro de 2014, pág. 20)

Situação no português: o termo “*policy maker*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

177. *post* – s.m.

Significado na língua de origem: mensagem publicada num website, publicação (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary*); publicação por correio (eletrônico).

Ocorrência:

Cada novo post evidenciava a necessidade de mobilização em prol de iniciativas mais sustentáveis, tanto do ponto de vista ambiental, quanto econômico e social. (E, ed. 1076, ano 48, nº20, 29/10/2014, p. 15)

Situação no português: o vocábulo “*post*” não se encontra no VOLP e nem no DA, mas está dicionarizado no DH: texto redigido e enviado para ser lido pela internet (p. ex., num site, página, blogue, nas redes sociais, etc.)

178. *price cap* – sint.nom.

Significado na língua de origem: teto de preço. (Fonte: CE, volume 69, nº05, de maio de 2015, pág. 53)

Ocorrência:

De julho deste ano até 2017, 42 distribuidoras de energia elétrica terão seus contratos vencidos. “Hoje estamos acomodados ao mecanismo de regulação por um teto de preço, ou *price cap*, que se popularizou na década de 1990 em substituição à taxa de retorno”, diz Joisa. (CE, volume 69, nº05, de maio de 2015, pág. 53)

Situação no português: o sintagma nominal “*price cap*” não se encontra nas fontes consultadas.

179 – *pop-up* – s.m.

Significado na língua de origem: aparecimento repentino (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

- ferramenta usada como anúncio, que se popularizou no mundo inteiro (Fonte: E, ed. 1078, ano 48, nº22, 26/11/2014, p. 162)

Ocorrência:

Para o criador dos pop-ups, hoje professor do MIT, os anúncios em redes sociais não funcionam e, no futuro, as pessoas terão de pagar para usar esses serviços. [...] Isso antes de Zucherman ter a ideia de criar o pop-up, ferramenta usada como anúncio que se popularizou no mundo inteiro.” (Fonte: E, ed. 1078, ano 48, nº22, 26/11/2014, p. 162)

Situação no português: o termo “*pop-up*” não está no VOLP, mas se encontra no DH: menu contextual de opções em uma interface gráfica de computador que surge na tela em resposta a um gesto intencional do usuário utilizando o *mouse*, o teclado, a tela sensível ao toque ou algum outro método apontador de acionamento; - *pop up* (em computação) algo capaz de aparecer na tela por superposição, ser visto ou usado e rapidamente suprimido, do v. *to pop up* no sentido de ‘surgir de repente’ (Fonte: DH).

No DA: s.m. *Inform.* Na *Web*, janela, ger. indesejada, destinada a exibir propaganda.

180. *PowerPoint* –adj.

Significado na língua de origem: parte do frasema “geração *PowerPoint*”). 1. um programa de computador que o ajuda a criar e a dar apresentações; 2. Uma apresentação criada usando o programa de computador PowerPoint. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press.*)

- “geração PowerPoint”: jovens que, ao abrir suas empresas, criam um plano de negócios que, de largada, pressupõe a chegada de um **fundo de investimento**, a abertura de capital na bolsa ou a venda por uma fortuna. (Fonte: E, ed. 1076, ano 48, nº20, 29/10/2014, p. 69)

Ocorrência:

Para algumas empresas especialmente bem-sucedidas, a chegada de um investidor pode acelerar o passo. Mas, sobretudo na última década, foi ganhando espaço um tipo de empreendedor um pouco diferente.

São os membros da “geração PowerPoint”: jovens que, ao abrir suas empresas, criam um plano de negócios que, de largada, pressupõe a chegada de um fundo de investimento, a abertura de capital na bolsa ou a venda por uma fortuna. É um fenômeno recente. Na última década, fundos de investimento injetaram mais de 3

trilhões de dólares em empresas dos mais diversos tamanhos e setores. (E, ed. 1076, ano 48, nº20, 29/10/2014, p. 69)

Situação no português: o termo “*PowerPoint*” não está em nenhuma das fontes consultadas.

181. *pride network* – sint.nom.

Significado na língua de origem: rede do orgulho. (Fonte: E, ed. 1088, ano 49, nº8, 29/04/2015, p. 38)

Ocorrência:

A American Express tem uma rede interna chamada *pride network* (em português, “rede do orgulho”) com mais de 1000 integrantes no mundo. (E, ed. 1088, ano 49, nº8, 29/04/2015, p. 38)

Situação no português: o sintagma nominal “*pride network*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas, mas o vocábulo “*network*” está registrado nas três fontes: rede, teia, sistema que contém qualquer combinação de computadores ligados entre si por meio de equipamentos ou cabos de telecomunicação.

182. *private equity* – sint.nom.

Significado na língua de origem: ações de uma empresa que não estão disponíveis para venda no mercado de ações. (Fonte: *Cambridge Business Dictionary, Cambridge University Press*); capital privado - é um tipo de atividade financeira realizada por instituições que investem essencialmente em empresas que ainda não são listadas em bolsa de valores, com o objetivo de alavancar seu desenvolvimento. Esses investimentos são realizados via Fundos de *Private Equity*. (Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Private_equity)

Ocorrência:

Segundo EXAME apurou, o executivo está negociando com fundos de private equity, que entrariam com dinheiro. (E, ed. 1078, ano 48, nº22, 26/11/2014, p. 22)

O que não falta em São Paulo é dinheiro. A cidade é o centro do investimento privado do Brasil, concentrando 60% das operações de fundos de venture capital e private equity, os que entram de sócios nos negócios. (E, ed. 1078, ano 48, nº22, 26/11/2014, p. 50)

Situação no português: o sintagma nominal “*private equity*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

183. *project finance* – sint.nom.

Significado na língua de origem: dinheiro que é emprestado para financiar investimento num projeto particular, ou a atividade de fazer esses empréstimos; estruturação financeira visando viabilizar um determinado projeto de investimento. (Fonte: *Cambridge Business Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

“Temos um mercado financeiro e de capitais denso e bem regulado, que em geral funciona direito, mas não estamos nos alavancando”. Segundo ele, “deveríamos ter mais abertura para *project finance*, deslocar o risco do governo ao setor privado, restringindo o percentual de financiamento do BNDES. (CE, volume 68, nº09, de setembro de 2014, pág. 46)

Situação no português: o sintagma nominal “*project finance*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

184. proxy – s.f.

Significado na língua de origem: procuração. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press.*)

Ocorrência:

Ademais importar parecia compensar mais que produzir internamente: a relação entre os custos de importar manufaturados e produzi-los internamente, adotando como *proxy* desses últimos o custo unitário do trabalho, também foi se reduzindo após 2005, com algumas oscilações. (CE, volume 69, nº05, de maio de 2015, pág. 23)

Situação no português: o vocábulo “*proxy*” não está nas fontes consultadas.

185. put- s.2.g.

Significado na língua de origem: contrato privado entre o controlador e a companhia. (Fonte: E, ed. 1086, ano 49, nº6, 01/04/2015, p. 55)

Ocorrência:

O crime de manipulação de mercado se deu, segundo a acusação, quando Eike comunicou ao mercado um compromisso de aporte de 1 bilhão de dólares na petroleira OGX, conhecido como “put”, caso a empresa tivesse dificuldades financeiras. (E, ed. 1086, ano 49, nº6, 01/04/2015, p. 53)

Em setembro de 2013, o conselho de administração da OGX decidiu exercer o “put” e obrigar Eike a pagar. (E, ed. 1086, ano 49, nº6, 01/04/2015, p. 54)

“Sobre a ‘put’, trata-se de contrato privado entre o controlador e a companhia e por isso não precisava ter todas as cláusulas expostas, diz o advogado Marcelo Fontes, sócio do escritório Sérgio Bernardes. (E, ed. 1086, ano 49, nº6, 01/04/2015, p. 55)

Situação no português: o vocábulo “*put*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

186. quadruple play – sint.nom.

Significado na língua de origem: modalidade de assinatura que combina serviço móvel com banda larga, TV por assinatura e telefonia fixa. (Fonte: CE, volume 69, nº08, de agosto de 2015, pág. 17-18)

Ocorrência:

A demanda por serviços de dados móveis continua muito aquecida. Estamos trabalhando para integrar e fortalecer nossa oferta de *triple play* (banda larga, TV por assinatura e telefonia fixa) em nível nacional e pretendemos trazer inovações com ofertas *quadruple play* (que combinam serviço móvel com o *triple play*). Além disso, vamos expandir nossa atuação no mercado empresarial para todo o Brasil. (CE, volume 69, nº08, de agosto de 2015, pág. 17-18)

Situação no português: o sintagma nominal “*quadruple play*” não está nas fontes consultadas.

187. *quantitative easing* – sint. nom.

Significado na língua de origem: o ato do banco central do país de aumentar a quantidade de dinheiro na economia numa época em que as taxas de juros estão muito baixas como uma maneira de aumentar o crescimento econômico; flexibilização quantitativa. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press.*)

Ocorrência:

Como se sabe, o mundo está prestes a passar por um fenômeno inédito – o fim do *quantitative easing*, como é conhecido o programa de compra de títulos da dívida pelo banco central americano, o Federal Reserve. (E, ed. 1088, ano 49, nº8, 29/04/2015, p. 93)

Nos Estado Unidos, a adoção do *quantitative easing* (compra de um grande volume de títulos públicos focando o aumento de liquidez no mercado) começou na fase aguda da crise. (CE, volume 69, nº01, de janeiro de 2015, pág. 50)

Situação no português: o sintagma nominal “*quantitative easing*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

188. *rally* – s.m.

Significado na língua de origem: corrida de carro ou de motocicleta, rali. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

O pesquisador da FGV/IBRE teme ainda um *rally* de demissões sem justa causa, negociadas entre empresários e trabalhadores, para que estes possam sacar o seguro- desemprego antes da vigência das novas regras impostas pelo governo nas medidas provisórias 664 e 665 e previstas para início de março. (CE, volume 69, nº03, de março de 2015, pág. 16)

Situação no português: o vocábulo “*rally*” não está no DA, com a grafia em inglês, mas se encontra no VOLP e no DH, na forma aportuguesada: rali.

Uma competição automobilística (ou de motocicleta), destinada a comprovar a habilidade do piloto e/ou a qualidade do veículo, e onde os participantes, partindo de pontos diferentes, devem encontrar-se num determinado lugar (fonte: DA).

No contexto da revista CE, o termo indica que as demissões nas empresas podem ocorrer na mesma velocidade de um *rally*.

189. ranking – s.m.

Significado na língua de origem: posição, classificação. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner's Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press.*)

Ocorrência:

“À primeira vista, a Universidade Tecnológica de Nanyang, em Singapura, não faz feio, mas também está longe de brilhar. No ranking das melhores instituições de ensino superior feito pela consultoria britânica QS, ela aparece na 39ª posição. (E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p. 80)

Situação no português: o termo “*ranking*” está registrado no VOLP e também no DA e no DH: formação ou listagem (de pessoas, órgãos, etc.), classificação ordenada de acordo com critérios determinados. Surgiu em 1862, quando designava estar em uma posição alta, estar próximo do chefe.

190. rating – s.m. (parte do frasema “agência de rating”)

Significado na língua de origem: uma medida da popularidade de uma pessoa ou de uma coisa, classificação, popularidade, índice. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner's Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press.*)

Ocorrência:

Para avaliar em mais detalhe a possibilidade de o Brasil sofrer rebaixamento em seu *rating*, é preciso entender melhor os critérios que movem as três grandes agências internacionais de classificação de risco.

Há um consenso, realçado pela comunicação das agências de *rating* S&P e Moody's, de que a maior fragilidade do país está na área fiscal. (CE, volume 68, nº12, de dezembro de 2014, pág. 7)

Situação no português: o vocábulo “*rating*” não foi encontrado em nenhuma das fontes consultadas.

191. reality show – sint.nom.

Significado na língua de origem: programa de TV sobre pessoas comuns que são filmadas em situações reais, show realista. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner's Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press.*)

Ocorrência:

Desde o começo, Sara era a Spanx, e a Spanx era Sara. Em 2005, a empreendedora se tornou conhecida em escala nacional ao participar do reality show *The Rebel Billionaire*, uma espécie de *O Aprendiz*. (E, ed. 1071, ano 48, nº15, 20/08/2014, p. 84).

Situação no português: o sintagma nominal “*reality show*” não se encontra no VOLP, mas está dicionarizado no DA (subst. masc.) e no DH (loc. subst.).

192. recall – s.m.

Significado na língua de origem: convocação para a devolução de um produto que não é seguro ou que não está funcionando corretamente, recolhimento de produto defeituoso. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

No Brasil, empresas que sofrem ataques de hackers e perdem dados de clientes não são obrigadas a informar os afetados. Isso vai mudar? Sim. Vai funcionar como um recall na indústria automotiva. O carro não deve ter defeito, mas, se alguma coisa estiver errada com ele, as montadoras têm de avisar o cliente. (E, ed. 1086, ano 49, nº6, 01/04/2015, p. 118)

Situação no português: o vocábulo “*recall*” não se encontra no VOLP, mas está dicionarizado (DH e DA): convocação que o fabricante ou distribuidor faz ao consumidor, para retorno de produto já vendido, no qual se descobriu, posteriormente, defeito ou problema.

193. renewable fuel standard (RFS)– sint. nom.

Significado na língua de origem: produção e uso de biocombustíveis nos EUA, padrão mandatário de combustível renovável (Fonte: www.linguee.com)

Ocorrência:

Mas hoje também há a indefinição em relação ao mandato americano, o *renewable fuel standard* (RFS), que define a porção do mercado que deve ser abastecida com etanol avançado (categoria do etanol da cana), convencional (milho), celulósico e biodiesel. Há uma variação anual, e um cronograma para o aumento do uso desses renováveis. (CE, volume 69, nº05, de maio de 2015, pág. 16)

Situação no português: o sintagma nominal “*renewable fuel standard*” não se encontra nas fontes consultadas.

194. rents – s.m.pl.

Significado na língua de origem: rendimentos excedentes. (Fonte: CE, volume 69, nº06, de junho de 2015, pág. 54)

Ocorrência:

Os sindicatos não operam de maneira muito diferente do de um cartel empresarial. Sindicalistas pressionam o preço de venda (salário por hora trabalhada) através da reivindicação por uma jornada de trabalho menor e reajustes maiores. O seu êxito depende da disponibilidade de rendimentos excedentes (*rents*) nas empresas para que possam capturar para si e transferi-los aos trabalhadores. (CE, volume 69, nº06, de junho de 2015, pág. 54)

Situação no português: o vocábulo “*rents*” não se encontra nas fontes consultadas.

195. *rent seeker* – sint.nom.

Significado na língua de origem: agentes que tentam obter renda manipulando o ambiente político, caçadores de renda. (Fonte: CE, volume 69, nº03, de março de 2015, pág. 32)

Ocorrência:

Redução de gastos possuem nítidas vantagens: cortam gorduras e ineficiências, combatem os *rent seekers* (agentes que tentam obter renda manipulando o ambiente político) e a corrupção, diminuem a demanda do setor público por poupança privada e preservam a capacidade de investimento das empresas. (CE, volume 69, nº03, de março de 2015, pág. 32)

Situação no português: o sintagma nominal “*rent seeker*” não se encontra nas fontes consultadas. A grafia com hífen também é possível.

196. *rent-seeking* – s.m.

Significado na língua de origem: processo de obter renda manipulando o ambiente político, de caçar renda. (Fonte: CE, volume 69, nº03, de março de 2015, pág. 32)

Ocorrência:

Assim, haveria espaço para trabalhadores organizarem-se para capturar uma fatia maior desses rendimentos na forma de salários, em um processo conhecido como *rent-seeking*. (CE, volume 69, nº06, de junho de 2015, pág. 54)

Situação no português: o sintagma nominal “*rent-seeking*” não se encontra nas fontes consultadas. A grafia sem hífen também é possível.

197. *resort* – s.m.

Significado na língua de origem: balneário, estância, local de férias. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Em 2014, apenas 5% das reservas na CVC foram feitas no site. Outro exemplo é o Grupo Algar, que reúne sete empresas, de resorts a companhias de telefonia. (E, ed. 1092, ano 49, nº12, 24/06/2015, p. 103)

Situação no português: o vocábulo “*resort*” se encontra em todas as fontes consultadas:

1. Lugar para descanso ou férias que, além de hospedagem, oferece aos clientes atividades de lazer e entretenimento.

198. *revenue cap* - sint. nom.

Significado na língua de origem: teto de receita. (Fonte: CE, volume 69, nº05, de maio de 2015, pág. 53)

Ocorrência:

Na Abradee, há discussões em torno de uma mudança para o modelo de *revenue cap*, ou teto de receita, em que a concessionária pode ganhar por promover

esforço de eficiência energética porque a receita dela estará estabelecida. (CE, volume 69, nº05, de maio de 2015, pág. 53)

Situação no português: o sintagma nominal “*revenue cap*” não se encontra nas fontes consultadas.

199. *round* – s.m.

Significado na língua de origem: rodada, etapa de uma negociação difícil. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

O choque entre a velha e a nova economia tem um novo round. (E, ed. 1091, ano 49, nº11, 10/06/2015, p. 98)

Situação no português: o vocábulo “*round*” se encontra em todas as fontes consultadas.

1. etapa de uma negociação difícil; combate entre dois pontos de vista.

200. *royalty* – s.m.

Significado na língua de origem: 1. direitos m. pl. de exploração devidos à coroa. 2. direitos autorais m. pl.

Ocorrência:

“Estamos importando mais serviços sem conseguir incorporá-los como fator competitivo de nossas exportações, principalmente na indústria”, disse, destacando a baixa participação de gastos como em *royalties* e licenças. (CE, volume 68, nº09, de setembro de 2014, pág. 30)

Situação no português: o vocábulo “*royalty*” está registrado no VOLP e dicionarizado no DA e no DH.

201. *second best* – sint.nom.

Significado na língua de origem: não tão bom como o melhor e, portanto, não muito desejado, o que está em segundo lugar, a segunda opção. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press.*)

Ocorrência:

Como alternativa, propor que a meta seja de inflação seja alcançada apenas em 2017 é um *second best*, mas é mais realista, pois corrigir os desequilíbrios anteriores rapidamente, em uma estratégia do tipo “*cold turkey*”, gerará muitos custos à sociedade e poderá tornar-se inviável politicamente. (CE, volume 69, nº07, de julho de 2015, pág. 25)

Situação no português: o sintagma nominal “*second best*” não está nas fontes consultadas.

202. *shadow banking* – sint.nom.

Significado na língua de origem: atividades financeiras, como emprestar ou investir dinheiro, realizadas por organizações que não são bancos oficiais e assim não têm que obedecer as

mesmas regras, sistema de crédito fora dos circuitos tradicionais. (Fonte: *Cambridge Business Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

O economista observa que esse percentual indica um desafio maior para o país na hora de substituir investimento por demanda agregada, bem como para administrar eventuais crises no segmento informal de financiamento da economia (conhecido como *shadow banking*), devido a possíveis problemas de solvência na qualidade dos ativos nas mãos dessas instituições. (CE, volume 68, nº10, de outubro de 2014, pág. 22)

Situação no português: o sintagma nominal “*shadow banking*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

203. *shale gas* – sint.nom.

Significado na língua de origem: gás natural que é encontrado no xisto, obtido através do fracionamento do xisto. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press.*)

Ocorrência:

“Solucionando essa questão, a Argentina tem um bom cenário a oferecer, que vai de oportunidades de investimento no setor energético, com a descoberta do *shale gas* em Vaca Muerta, ao baixo nível de endividamento”, conclui Fanelli. (CE, volume 68, nº10, de outubro de 2014, pág. 37)

Situação no português: o sintagma nominal “*shale gas*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

204. *shareholder* – s.2g.

Significado na língua de origem: acionista. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Na língua inglesa existem duas palavras que são muito parecidas, *shareholder* e *stakeholder*. A primeira corresponde a acionista, aquele que tem ações de uma determinada empresa. A segunda será traduzida por parte interessada. Numa empresa qualquer existem várias partes interessadas: os trabalhadores, os clientes, os fornecedores de matérias-primas, as empresas terceirizadas, as empresas contratadas para realização de obras de construção civil, as empresas que constroem e instalam os equipamentos. (CE, volume 69, nº05, de maio de 2015, pág. 20-21)

Situação no português: o vocábulo “*shareholder*” não está em nenhuma das fontes consultadas.

205. *shopper* – s.2g.

Significado na língua de origem: comprador, -ora, consumidor, -ora. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

“O principal motivo que nos levou a fazer parte do programa foi justamente a necessidade de conhecer a fundo o comportamento do nosso shopper”, explica Jefferson Fernandes, diretor de marketing da C&C Casa e Construção. (E, ed. 1076, ano 48, nº20, 29/10/2014, p. 33)

Situação no português: o vocábulo “*shopper*” não está em nenhuma das fontes consultadas.

206. *shopping / shopping center* – sint.nom.

Significado na língua de origem: um grupo de lojas com uma área comum para estacionamento. (Fonte: *Cambridge Academic Content Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Também foi criado o Drive Thru Empresarial: a Junta Comercial estadual instalou uma sala com janela de vidro no estacionamento do shopping Araguaia para receber documentos dos motoristas. (E, ed. 1078, ano 48, nº22, 26/11/2014, p. 55)

SHOPPING CENTER NA CHINA: a classe média cresceu quase 600% na Ásia desde o ano 2000. (E, ed. 1082, ano 49, nº2, 04/02/2015, p. 34)

Situação no português: o sintagma nominal “*shopping / shopping center*” está registrado no VOLP e também dicionarizado: reunião de lojas comerciais, serviços de utilidade pública, casas de espetáculo, etc. em um só conjunto arquitetônico.

207. *showroom* – s.m.

Significado na língua de origem: salão de exposição, local em que se expõem produtos industriais e comerciais para venda. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Para atingir esse objetivo e ainda manter custos baixos, a Oppa optou pelo modelo de showroom, em que seus móveis são organizados em ambientes decorados mas não há estoque. (E, ed. 1085, ano 49, nº5, 18/03/2015, p. 78)

Situação no português: o vocábulo “*showroom*” está em todas as fontes consultadas: Market. Prop. Rel. Públ. Ambiente preparado especialmente para apresentação e/ou demonstração de produtos e equipamentos a clientes.

208. *sitcom* – s.m. (aglutinação de *situation comedy*)

Significado na língua de origem: comédia situacional. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press.*)

Ocorrência:

Apesar de o nome falar em acesso completo, ficam fora do serviço, e só os episódios da temporada corrente de *Big Bang*, a Teoria (no Brasil, exibida no SBT

e na TV paga), a sitcom americana de maior sucesso dos últimos tempos, estão disponíveis – as temporadas passadas não fazem parte do CBS All Access. (E, ed. 1085, ano 49, nº5, 18/03/2015, p. 39)

Situação no português: o vocábulo “*sitcom*” não está registrado no VOLP e nem no DH, mas está dicionarizada no DA: 1. Série cômica para TV, geralmente com roteiro linear e cenários simples.

209. *site* – s.m.

Significado na língua de origem: site. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Os sócios Elon Musk e Peter Thiel, criadores do site de pagamentos PayPal, jamais deitaram na cama forrada pelo bilhão de dólares que ganharam após a venda da companhia. (E, ed. 1081, ano 49, nº1, 21/01/2015, p. 50)

Situação no português: o vocábulo “*site*”, registrado no VOLP e dicionarizado, surgiu no século XIV, designando localização especial, lugar, sítio. No século XX, ampliou-se o valor semântico: local na internet constituído por uma ou mais páginas de hipertexto, que podem conter textos, gráficos, informações em multimídia. É sinônimo de *home page*. A forma vernácula “sítio” é mais empregada em Portugal do que no Brasil.

210. *skate* – s.m.

Significado na língua de origem: patim (de rodas). (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

O diferencial da Dafiti Sports em relação à concorrente é oferecer uma variedade maior de roupas e acessórios de surfe e de skate. (E, ed. 1092, ano 49, nº12, 24/06/2015, p. 63)

Situação no português: o vocábulo “*skate*” se encontra em todas as fontes consultadas.

211. *slogan* – s.m.

Significado na língua de origem: 1. Slogan, lema, divisa, bordão. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Ao ser contratado como diretor de criação da agência Ogilvy, na década de 80, em Nova York, o americano Gordon Bowen destoava do perfil médio dos publicitários. Mórmon, Bowen era até ali o responsável pela publicidade da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Ele não só superou o estranhamento inicial como virou referência na publicidade americana ao criar slogans famosos, como *Always Coca-Cola* (sempre Coca-Cola). (E, ed. 1091, ano 49, nº11, 10/06/2015, p. 88)

Situação no português: o vocábulo “*slogan*” se encontra em todas as fontes consultadas: palavra ou frase usada com frequência, em geral associada a propaganda comercial, política, etc.

212. *smart grid* – sint.nom.

Significado na língua de origem: rede inteligente

Ocorrência:

Quando falamos em *smart grids* falamos dessa tendência, de reconfigurar uma rede elétrica em um toque de botão. (CE, volume 69, nº03, de março de 2015, pág. 16)

Situação no português: o sintagma nominal “*smart grid*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

Nota: Para um melhor entendimento da expressão, colhemos a seguinte explicação na internet: “Smart grids, ou “redes inteligentes”, são os sistemas de distribuição e de transmissão de energia elétrica que foram dotados de recursos de Tecnologia da Informação (TI) e de elevado grau de automação, de forma a ampliar substancialmente a sua eficiência operacional. Graças ao alto nível de tecnologia agregado, as smart grids conseguem responder a várias demandas da sociedade moderna, tanto no que se refere às necessidades energéticas, quanto em relação ao desenvolvimento sustentável. (Fonte: <http://www.cpfl.com.br/energias-sustentaveis/sites-tematicos/smart-grid/Paginas/default.aspx>)

213. *Smart Locker* – sint.nom.

Significado na língua de origem: tranca inteligente (E, ed. 1080, ano 48, nº24, 24/12/2014, p. 91)

Ocorrência:

TRANCA INTELIGENTE

Com a Smart Locker, é possível abrir a porta de casa com o smartphone. Mesmo a distância, o dono do imóvel também pode habilitar outros celulares como chave. Valor: 250 dólares. (E, ed. 1080, ano 48, nº24, 24/12/2014, p. 91)

Situação no português: o sintagma nominal “*Smart Locker*” não está registrada em nenhuma das fontes consultadas.

214. *smartphone* – s.m.

Significado na língua de origem: um telefone celular que pode ser usado como um pequeno computador e que se conecta a internet. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press.*)

Ocorrência:

A expectativa é que a companhia se beneficie do crescimento do consumo de smartphones no Brasil nos próximos anos. (E, ed. 1080, ano 48, nº24, 24/12/2014, p. 20)

Situação no português: o vocábulo “*smartphone*” não está registrado no VOLP, mas está dicionarizado (DA e DH): aparelho de telefonia celular com recursos avançados, semelhantes ao de um computador pessoal, permitindo, assim, p.ex, o acesso à internet sem fio, posicionamento via satélite (GPS), câmera digital, acelerômetro, receptor de rádio FM, TV analógica ou digital, etc.

215. *smart TV* – sint.nom.

Significado na língua de origem: TV com interatividade com a internet. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press.*)

Ocorrência:

Vídeos no computador e cada vez mais nos smartphones e nos tablets são só o trailer. Vem aí a grande atração: a invasão da internet na TV da sala. É uma revolução que já está acontecendo com a popularização das smart TVs, mas, perto do que está para ocorrer, este começo é quase nada. “Pense no aparelho de TV de um futuro não muito distante como um grande iPad pendurado na parede”, disse a EXAME Reed Hastings, fundador e presidente do Netflix, empresa americana que simboliza essa nova era. (E, ed. 1085, ano 49, nº5, 18/03/2015, p. 34)

Situação no português: o sintagma nominal “*smart TV*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas. Por similaridade com “*smartphone*” e “*smartwatch*” há também a grafia “*smartv*”, nome adotado por exemplo por fábricas de aparelhos de tevê.

216. *smartwatch* – s.m.

Significado na língua de origem: um relógio que tem muitas das características de um *smartphone* ou de um computador. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press.*)

Ocorrência:

De acordo com dados da Nextmarket, consultoria americana especializada em produtos tecnológicos, deverão ser vendidos 37 milhões de smartwatches em 2015, mais do que o dobro do registrado em 2014. (E, ed. 1075, ano 48, nº24, 24/12/2014, p. 20)

Situação no português: o vocábulo “*smartwatch*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

217. *snack* – s.m.

Significado na língua de origem: petisco, lanche. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Há oferta de todo tipo. Por 97 reais por mês, a paulistana Massau envia cinco porções de snacks saudáveis, como amêndoas, chips de inhame e barras de castanhas-do-pará. (E, ed. 1094, ano 49, nº14, 05/08/2015, p. 64)

Situação no português: o vocábulo “*snack*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

218. *social bond* / *social impact bond* – sint. nom.

Significado na língua de origem: 1. Parcerias entre governo, ONGs e investidores (Fonte: E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p. 97); 2. título de impacto social (Fonte: E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p. 99)

Ocorrência:

Nos últimos quatro anos, os *social bonds* ganharam popularidade não só na Inglaterra mas também em outros seis países: Alemanha, Austrália, Bélgica, Canadá, Estados Unidos e Holanda.

.....
Segundo a entidade, já há mais de 100 propostas de *social bonds* sendo estudadas no mundo. (E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p. 97)

Tal modelo, em que se remunera o bom desempenho de um serviço que visa solucionar uma questão social – e não sua simples prestação –, é chamado de *social impact bond*, ou título de impacto social, em português. “É o tipo de inovação que mostra que impacto social e ganho financeiro não são excludentes entre si”, afirma Celia Cruz, diretora do Instituto Cidadania Empresarial, instituição que vem se dedicando a apoiar o modelo no Brasil. (E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p. 97)

Situação no português: os sintagmas nominais “*social bond*” / “*social impact bond*” não se encontram em nenhuma das fontes consultadas.

219. *software* – s.m.

Significado na língua de origem: software, programas de computador. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Fiatess convidou os gaúchos a se instalar no Sapiens Parque, um parque tecnológico do governo estadual que promete ser o maior do país – no início do ano que vem, a maior empresa de tecnologia de Florianópolis, a fabricante de software de gestão Softplan, vai se mudar para uma sede no parque com capacidade para 1800 funcionários. (E, ed. 1078, ano 48, nº 22, 26/11/2014, p. 40)

Situação no português: o termo “*software*” está registrado no VOLP, no DA e no DH: conjunto de componentes lógicos de um computador ou sistema de processamento de dados; programa, rotina ou conjunto de instruções que controlam o funcionamento do computador. Surgiu em 1960.

220. *spend and tax* – sint.nom.

Significado na língua de origem: gaste e tribute (Fonte: CE, volume 68, nº11, de novembro de 2014, pág. 9)

A expressão: *tax-and-spend* se encontra no *Cambridge Business English Dictionary*, com a ordem das palavras invertida, mas com o mesmo significado: implementar políticas de governo que aumenta os impostos para gastar em serviços públicos.

Ocorrência:

Para além de modestos e tópicos ajustes de uma ou outra alíquota, um movimento explícito de resolver o problema fiscal brasileiro pelo lado da receita acenará para os investidores com “mais do mesmo” em termos da política de “*spend and tax*” (gaste e tribute). Esta constatação poderia arrefecer o “efeito confiança” almejado com o ajuste abrupto. (CE, volume 68, nº11, de novembro de 2014, pág. 9)

Situação no português: o sintagma nominal “*spend and tax*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

221. *spot /spot market* – adj. / sint.nom.

Significado na língua de origem: um mercado para moedas ou *commodities* no qual elas são vendidas e dadas ao comprador imediatamente. Registrado como substantivo. (Fonte: *Cambridge Business Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

O preço do GNL no mercado *spot* acompanhou a queda do preço do petróleo. Entre 2013 e 2015 os preços *spot* caíram cerca de 50%. (CE, volume 69, nº08, de agosto de 2015, pág. 58)

Situação no português: o vocábulo “*spot*” se encontra em todas as fontes consultadas com a grafia em inglês:

DA: *spot market* - compra e venda de mercadorias, moeda estrangeira, etc. com pagamento em dinheiro e entrega imediata; mercado à vista. [Tb. se diz apenas *spot*.]

O DH também apresenta a forma aportuguesada: *espote*.

Interessante observar o processo de aportuguesamento sintático que converte *spot market* em *mercado spot*.

222. *spread* – s.m.

Significado na língua de origem: opção para vender e comprar títulos, margem de lucro. (Fonte: *Business Dictionary, MIGLIAVACCA, 2000*)

Ocorrência:

“Uso dos bancos públicos, de forma arriscada, para forçar a queda do *spread* bancário.” (CE, volume 68, nº09, de setembro de 2014, pág. 14)

“A elevação do *spread*, isto é, a diferença entre o custo do dinheiro captado pelas instituições financeiras e os juros que elas cobram nos empréstimos – é um indicador do aumento da aversão dos bancos. O *spread* para pessoa física saiu de 21,5 para 24 pontos percentuais nos últimos seis meses. Para as empresas aumentou de 8 para 9 pontos. (E, ed. 1091, ano 49, nº11, 10/06/2015, págs. 47,48)

Situação no português: o vocábulo “*spread*” não está registrado no VOLP, mas está dicionarizado (DH e DA): 1. Taxa de risco cobrada pelo prestador, adicionalmente aos juros, que varia de acordo com o tomador.

2. Diferença entre o custo de captação de dinheiro por um banco e a taxa de juros por ele cobrada dos tomadores de empréstimos.

3. Em mercados de moeda estrangeira, diferença entre as taxas de câmbio de venda e de compra.

4. Em bolsas de valores, a diferença entre o preço pedido e o preço ofertado.

223. *sprint* – s.m.

Significado na língua de origem: corrida a toda velocidade, corrida de velocidade a pequena distância. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

- arrancada final (Fonte: E, ed. 1085, ano 49, nº5, 18/03/2015, pág. 10)

Ocorrência:

Como nas competições de atletismo, é chegada a hora do *sprint*, a arrancada final para poder obter o melhor resultado. Eis uma vitória da qual o Rio não pode abrir mão. (E, ed. 1085, ano 49, nº5, 18/03/2015, pág. 10)

Situação no português: o vocábulo “*sprint*” está registrado no VOLP e no DH, mas não está dicionarizado no DA. No DH: 1. maior velocidade possível atingida por um corredor em dado momento de uma corrida, especialmente no final; 2. Esse momento final da corrida; 3. Em atletismo e em ciclismo, uma corrida de velocidade a pequena distância.

224. *stakeholder* – s.2g.

Significado na língua de origem: 1. uma pessoa ou um grupo de pessoas que possuem ações de um negócio; 2. uma pessoa: empregado, cliente ou cidadão que está associado a uma organização, sociedade, etc. e que, portanto, tem responsabilidades em relação ao empreendimento e um interesse em seu sucesso. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press.*)

Ocorrência:

A empresa tem de ter como objetivo melhorar a vida das pessoas que, de alguma forma, interagem com ela. Sem competência para fazer isso, ela quebra. Mas cabe uma pergunta: quem são essas pessoas? A resposta: são todos – clientes, acionistas, empregados e vizinhos. O lucro é a expressão da capacidade de realizar essa função social de forma produtiva.

Esses quatro grupos de pessoas são chamados de *stakeholders*. (E, ed. 1091, ano 49, nº11, 10/06/2015, pág. 90)

Situação no português: o vocábulo “*stakeholder*” não está registrado em nenhuma das fontes consultadas.

225. *standard* – s.m.

Significado na língua de origem: padrão (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Antes do início da crise, a Petrobras era percebida como uma empresa que cumpria com *standards* internacionais de governança corporativa. (CE, volume 69, nº07, de julho de 2015, pág. 40)

Situação no português: o vocábulo “*standard*” se encontra em todas as fontes consultadas, com a grafia inglesa e com o mesmo significado.

226. *startup* – s.f.

Significado na língua de origem: uma pequena empresa recém-criada. (Fonte: *Cambridge Academic Content Dictionary*)

Ocorrência:

Investidores apostam em startups que estão na fronteira das pesquisas para a fabricação de alimentos.

Assim pensam os investidores da companhia, como Bill Gates, Biz Stone e Evan Williams (cofundadores do Twitter), e fundos especializados em tecnologia, como o Kleiner Perkins, que apostou em empresas como Amazon e Google quando elas ainda eram startups. (E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p. 100-101)

Situação no português: o vocábulo “*startup*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

227. *stent* – s.m.

Significado na língua de origem: um longo e fino objeto que é colocado numa veia sanguínea no corpo humano para que as suas paredes fiquem firmes de forma que o sangue possa fluir livremente; pequena prótese expansível. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner's Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press.*)

Ocorrência:

Os stents usados em cirurgias cardíacas servem de exemplo do exagero no Brasil. Pacientes com diabetes e com vasos coronários muito finos costumavam ter algumas lesões no local em que era colocado o stent. Para resolver o problema, os fabricantes desenvolveram o chamado stent farmacológico. (E, ed. 1090, ano 49, nº10, 27/05/2015, pág. 36)

Situação no português: o vocábulo “*stent*” não está registrado no VOLP, mas está dicionarizado (DH e DA): 1. Pequena prótese expansível que se insere em um conduto do corpo, a fim de prevenir ou impedir a constrição do fluxo local decorrente de entupimento de artérias.

Nota: Interessante constatar que o termo tomou o sobrenome de seu inventor: Charles Thomas Stent (1807-1885), dentista inglês e inventor de uma prótese dentária feita com material plástico moldável, que depois foi adaptada para outras ocorrências médicas. (Fonte: DH)

228. *stock car* – sint.nom.

Significado na língua de origem: 1. carro de marca comum com motor reformado para uso em corridas de automóvel. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner's Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press.*)

Ocorrência:

Os sócios majoritários são os irmãos Fábio e Thiago Viana, do Grupo Itororó (de revendas de carros e construção), e entre os investidores está o piloto de stock car Tuka Rocha. O Speedland será inaugurado em agosto. (E, ed. 1092, ano 49, nº12, 24/06/2015, pág. 22)

Situação no português: o sintagma nominal “*stock car*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

229. *stock option* – sint.nom.

Significado na língua de origem: 1. um contrato para ter o direito de comprar e vender ações numa data posterior ou dentro de um certo período, por um preço específico; 2. o direito de um executivo ou outro empregado de comprar ações em sua empresa a um preço inferior ao usual. (Fonte: *Cambridge Business English Dictionary*)

Ocorrência:

De acordo com a pesquisa EXAME / Hay Group, as opções de ações (ou stock options) compõem hoje apenas 38% do pacote de remuneração variável das companhias, ante 54% há cinco anos. (E, ed. 1073, ano 48, nº 17, 17/09/2014, pág. 100)

Situação no português: o sintagma nominal “*stock option*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

230. *storytelling* – s.f.

Significado na língua de origem: a arte de contar de histórias. (Fonte: *Cambridge Academic Content Dictionary*)

Ocorrência:

Para conquistar espaço, as empresas se preocupam cada vez mais em contar histórias que as diferenciem dos concorrentes – técnica conhecida como *storytelling*. (E, ed. 1076, ano 48, nº20, 29/10/2014, p. 64)

Situação no português: o termo “*storytelling*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

231. *streaming* – s.m.

Significado na língua de origem: atividade de ouvir música ou assistir vídeo diretamente da internet. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner's Dictionary & Thesaurus, Cambridge Business English Dictionary*)

Ocorrência:

Creio que uma das principais vantagens do serviço de streaming é a possibilidade de acessar o conteúdo em diferentes plataformas, como celular, tablet e televisão. (E, ed. 1086, ano 49, nº6, 01/04/2015, p. 10)

O ataque à TV tradicional vem de vários lados e tem várias formas. Para seu público americano e europeu, a empresa de tecnologia Amazon oferece streaming de vídeos aos assinantes do pacote de serviços Prime. (E, ed. 1085, ano 49, nº6, 18/03/2015, p. 35)

Situação no português: o vocábulo “*streaming*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas, talvez por ser um termo recente, ligado aos avanços tecnológicos.

Definição encontrada na internet:

Streaming é uma tecnologia que envia informações multimídia, através da transferência de dados, utilizando redes de computadores, especialmente a Internet, e foi criada para tornar as conexões mais rápidas. Um grande exemplo de *streaming* é o site *Youtube*, que utiliza essa tecnologia para transmitir vídeos em tempo real. Em inglês, a palavra *stream* significa córrego ou riacho, e por isso a palavra *streaming* remete para o fluxo, sendo que no âmbito da tecnologia, indica um fluxo de dados ou conteúdos multimídia. Muitas pessoas assistem filmes, seriados ou jogos de futebol em *streaming*. (Fonte: <http://www.significados.com.br/streaming/>. Acesso em 13/04/2015)

232. *sunk cost* – s.m.

Significado na língua de origem: dinheiro que uma empresa já gastou ou investiu num projeto específico, etc. e que não pode recuperar. (Fonte: *Cambridge Business English Dictionary*)

Ocorrência:

A atração do investidor privado para aportes de recursos em infraestrutura viária é particularmente complexa devido aos chamados *sunk costs* (custos “enterrados”) existentes nessas áreas. A definição precisa da expressão é de recursos empregados na construção de ativos que, uma vez realizados, não podem ser recuperados. (CE, volume 69, nº07, de julho de 2015, pág. 7)

Situação no português: o termo “*sunk cost*” não está nas fontes consultadas.

233. *superpac* – s.m.

Significado na língua de origem: (PAC: abreviação de Political Action Committee)

1. Super Comitê de Ação Política (minha tradução). Comitês políticos independentes que pagam anúncios na mídia para a propaganda eleitoral americana sem revelar os doadores, que são, geralmente, grupos sem fins lucrativos e associações setoriais, alguns dos quais criados visando ocultar do público os indivíduos ricos e empresas que contribuem. (Fonte: <http://controversia.com.br/519>. Acesso em 23/05/2015)

Ocorrência:

Em 2010, a mais alta corte da Justiça americana acabou com as restrições ao valor das contribuições de empresas, indivíduos e sindicatos a comitês políticos independentes. Chamados de *superpacs*, esses comitês organizam encontros com

eleitores, pagam anúncios na mídia e tentam convencer mais gente a doar a candidatos ou partidos apoiados.

.....
Até agosto, os *superpacs* receberam 50 milhões de dólares em doações anônimas, o maior nível desde a mudança da lei. (E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p. 72)

Situação no português: o vocábulo “*superpacs*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

Nota: Esse tipo de comitê de ação política (PAC) pode arrecadar um valor ilimitado de dinheiro de doadores que podem optar pelo anonimato. Os Super PACs não podem doar diretamente para campanhas individuais nem ter vínculos com candidatos ou partidos políticos. (Fonte:

<http://iipdigital.usembassy.gov/st/portuguese/article/2012/03/201203232664.html#axzz3azGC TnaQ>. Acesso em 23/05/2015)

234. SUV – sigla

Significado na língua de origem: sigla de *Sport Utility Vehicle*, veículo utilitário esportivo, um carro grande com um motor que imprime força em todas as quatro rodas. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press.*)

Ocorrência:

Em fase de testes, a fábrica produziu 200 unidades do Renegade, um SUV compacto da marca Jeep, desde outubro. (E, ed. 1081, ano 49, nº1, 21/01/2015, p. 81)

Nada tem sido tão promissor, no entanto, quanto o segmento de SUVs. (E, ed. 1081, ano 49, nº1, 21/01/2015, p. 83)

Situação no português: a sigla “SUV” não está registrada no VOLP e nem no DA, mas dicionarizada no DH: abrev. de Sport Utility Vehicle.

235. *swap* – s.m.

Significado na língua de origem: 1. troca, permuta. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*); operação em que ocorre a troca do indexador utilizado para o cálculo de determinada transação econômica. (Fonte: ALVES, 2001)

Ocorrência:

Há um risco não trivial de que o Brasil perca o grau de investimento das agências de *rating*, o que provocará forte desvalorização do câmbio, a ser contida com a venda reservas e mais *swaps*. (CE, volume 68, nº11, de novembro de 2014, pág. 11)

Situação no português: o vocábulo “*swap*” não se encontra no VOLP e nem no DH, mas está dicionarizado no DA, com a grafia original.

1. Compra de moeda estrangeira à vista vinculada a venda futura.
2. Operação financeira caracterizada por uma troca, entre duas partes, de obrigações de

pagamento com características distintas, como, p. ex., um débito de juros fixos por um débito de juros flutuantes.

236. *tablet* – s.m.

Significado na língua de origem: comprimido, pastilha (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary*); pequeno computador .

Ocorrência:

As estimativas apontam que em 2020 a venda de relógios inteligentes alcançará o patamar de 373 milhões de unidades – o que fará essa categoria ser tão popular quanto os tablets. (E, ed. 1080, ano 48, nº24, 24/12/2014, p.86)

Situação no português: o vocábulo “*tablet*” não está registrado no VOLP mas dicionarizado: Computador de uso pessoal que possui tela sensível ao toque (DA).

237. *talk-show* – s.m.

Significado na língua de origem: programa de entrevistas (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

ANTÔNIO TABET – Ator do Porta dos Fundos, criador do blog de humor Kibe Loco, está gravando um talk-show para o canal a cabo TBS. (E, ed. 1075, ano 48, nº19, 15/10/2014, p. 66)

Situação no português: o sintagma nominal “*talk-show*” não se encontra no VOLP e nem no DH, mas está dicionarizado no DA, hifenizado: programa que mescla jornalismo e entretenimento, com apresentação de entrevista, música, esporte, etc.

238. *tax-welfare churn* – sint.nom.

Significado na língua de origem: imposto que o governo devolve ao contribuinte. (Fonte: CE, volume 68, nº11, de novembro de 2014, pág. 50)

Ocorrência:

Os que se debruçaram sobre o tema observaram que, no caso do Brasil, o resultado está aquém do esperado: estima-se que menos de um terço do Estado de bem-estar brasileiro é transferido dos relativamente ricos para os relativamente pobres. O restante se enquadra no chamado *tax-welfare churn*: o que o governo tira com uma mão, dá com a outra para o mesmo contribuinte. (CE, volume 68, nº11, de novembro de 2014, pág. 50)

Situação no português: o sintagma nominal “*tax-welfare churn*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

239. *telemarketing* - s.m.

Significado na língua de origem:1. Comércio de bens e mercadorias por telefone. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press.*)

Ocorrência:

O endividamento é baixo e o grupo tem participação em negócios lucrativos, como a geradora de energia Cemig e a empresa de telemarketing Contax. (E, ed. 1081, ano 49, nº1, 21/01/2015, p.18)

Situação no português: o vocábulo “*telemarketing*” está registrado no VOLP e dicionarizado (DA e DH): 1. Market. Forma de *marketing* direto (q. v.) que utiliza o telefone como recurso sistemático e interativo de comunicação, para as atividades de atendimento, promoção, pós-venda, obtenção de informações sobre o mercado, etc. [Cf. *teleoperador*.]

Telemarketing ativo. Market. Aquele em que a empresa telefona para o cliente.

Telemarketing passivo. Market. Telemarketing receptivo.

Telemarketing receptivo. Market. Aquele em que o consumidor ou cliente potencial telefona para a empresa; *telemarketing* passivo.

240. *time* / *timing* – s.m.

Significado na língua de origem: tempo. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Timing – tempo, momento, sincronização (Fonte; www.linguee.com)

Ocorrência:

Pode-se dizer que as estratégias coreanas em prol do setor industrial chegam a ser parecidas com aquelas que o Brasil persiste em utilizar até hoje, com algumas diferenças que podem ser vistas a olho nu: a principal delas, o *time* certo de retirá-las, evitando insistir em uma autarquia que só serve para o país se prender em um ciclo vicioso de anticompitividade. (CE, volume 68, nº11, de novembro de 2014, pág. 31)

Não existe uma explicação única que dê conta do sucesso imenso do Alibaba no comércio eletrônico, mas uma das mais mencionadas por analistas e observadores tem a ver com o *timing* e com o estágio de desenvolvimento da economia chinesa quando Ma entrou em cena. “Em um país como os Estados Unidos, o varejo já estava desenvolvido, e o comércio eletrônico foi uma extensão disso”, diz Julia Q. Zhu, fundadora da consultoria Observer Solutions, especializada no mercado chinês de internet. (E, ed. 1073, ano 48, nº17, 17/09/2014, p.122)

Situação no português: os vocábulos “*time* / *timing*” não estão em nenhuma das fontes consultadas.

Nota: Consideramos pertinente a transcrição da seguinte definição, que contempla o significado dos dois termos nos exemplos citados:

De acordo com o dicionário online SENSAGENT (<http://dicionario.sensagent.com/timing/pt-pt/>), *timing* significa “cálculo do momento oportuno”. Numa tradução livre, o termo *timing* pode ser entendido como a sensibilidade para o momento oportuno de se realizar uma ação ou tarefa. Nesse aspecto, o conhecimento tácito de um profissional – bem como o histórico de experiências similares do passado – pode ajudá-lo a desenvolver esta habilidade.

Na prática, aproveitar o *timing* significa atuar no momento certo, nem antes nem depois. É indiscutível que o sucesso de qualquer ação não depende apenas de sua eficiência / eficácia, ou ainda da destreza da equipe que a realiza. Depende também do fator tempo. Este último item é uma variável determinante para que um processo tenha o efeito desejado. E ter a percepção do *timing* significa ter controle e perspicácia sobre o momento mais propício para

colocar em prática a ação planejada. (Fonte: <http://www.administradores.com.br/artigos/negocios/a-estrategia-bourne-timing/53427/>)

241. *top ten countries* – sint.nom.

Significado na língua de origem: dez primeiros países

Ocorrência:

Olhando o papel da Siemens do Brasil para a Siemens como um todo, estamos historicamente entre as *top ten countries*, que é uma posição privilegiada, pois implica fazer parte do planejamento estratégico da Siemens, ter projetos de longo prazo aqui. (CE, volume 69, nº03, de março de 2015, pág. 16)

Situação no português: o sintagma nominal “*top ten countries*” não está nas fontes consultadas.

242. *tradable* – adj.

Significado na língua de origem: usado para descrever algo que pode ser comprado e vendido, ações, investimentos, etc., que podem ser comprados e vendidos (Fonte: *Cambridge Business English Dictionary*); bens comercializáveis internacionalmente. (Fonte: CE, volume 69, nº01, de janeiro de 2015, pág. 51)

Ocorrência:

E apesar desse movimento do dólar não ser novo – a alta do dólar começou no início de 2011 -, até agora não influenciou significativamente a relação dos preços *tradables* x *no tradables*, que contou com outros fatores para se sustentar. (CE, volume 69, nº01, de janeiro de 2015, pág. 51)

Situação no português: o vocábulo “*tradable*” não está nas fontes consultadas.

243. *trade off* – s.m.

Significado na língua de origem: custo de oportunidade que representa o que uma pessoa deixa de usufruir de uma coisa por ter escolhido outra. (Fonte: *Cambridge Academic Content Dictionary*)

Ocorrência:

Para Cabral, “a governança da mobilidade urbana tem dois pilares: um corpo técnico qualificado- em engenharia de tráfego, planejamento urbano, segurança pública, sustentabilidade econômica, ambiental e legal; lideranças políticas que busquem o bem-estar comum em longo prazo. Buscar consensos ao mostrar *trade offs*”. (CE, volume 68, nº11, de dezembro de 2014, pág. 43)

Situação no português: o termo “*trade off*” não está em nenhuma das fontes consultadas.

244. *traid not aid* – sint.nom.

Significado na língua de origem: negociar e não ajudar. (Fonte: CE, volume 69, nº07, de julho de 2015, pág. 59)

Ocorrência:

“Temos que melhorar nossa posição macro e fiscal e sermos pragmáticos em nossa política comercial. Precisamos alimentar a cooperação sul-sul, evitando a criação de uma dependência financeira. O foco é *traid not aid*, em busca de um crescimento sustentável”, diz. (CE, volume 69, nº07, de julho de 2015, pág. 59)

Situação no português: o sintagma nominal “*traid not aid*” não está nas fontes consultadas.

245. trailer – s.m.

Significado na língua de origem: Um anúncio para um filme, geralmente mostrando algumas partes dele (Fonte: *Cambridge Academic Content Dictionary*)

Ocorrência:

Vídeos no computador e cada vez mais nos smartphones e nos tablets são só o trailer. Vem aí a grande atração: a invasão da internet na TV da sala. (E, ed. 1085, ano 49, nº5, 18/03/2015, p.34).

Situação no português: o vocábulo “*trailer*” se encontra em todas as fontes consultadas:

DA: exibição de curtos trechos de um filme de próxima apresentação, com fito publicitário;

DH: montagem constituída de curtos excertos de filme, novela, programa, etc., e exibida, como anúncio, antes do lançamento.

246. trainee – s.2g.

Significado na língua de origem: 1. s. estagiário, -a, aprendiz. (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Tradicionalmente, as empresas preenchem as vagas de seus principais cargos de chefia de duas maneiras. A primeira é por meio de programas de trainee em que eles recrutam recém-formados e os preparam para ocupar esses postos com intenso treinamento.

.....
Especialistas estimam que, se um trainee pode ser promovido a gerente em um ano, os demais funcionários da mesma faixa etária costumam esperar até cinco para receber o mesmo reconhecimento. (E, ed. 1081, ano 49, nº1, 21/01/2015, p.66)

Situação no português: o vocábulo “*trainee*” não está registrado no VOLP, mas está dicionarizado: é substantivo de dois gêneros nos significados 1 e 2:

1. Aquele ou aquela que está em treinamento, esp. profissional para determinado cargo.
2. Restr. Jovem executivo recém-formado, ou formado há dois anos, em curso de graduação, o qual recebe treinamento e participa de cursos em firma ou empresa com interesse em investir na carreira do profissional.

É substantivo masculino, se ocorre como no significado 3: O cargo de *trainee*.

247. triple play – sint.nom.

Significado na língua de origem: um serviço que fornece internet, TV por assinatura e telefonia fixa por um preço único (combo). (Fonte: *Cambridge Business English Dictionary*)

Ocorrência:

A demanda por serviços de dados móveis continua muito aquecida. Estamos trabalhando para integrar e fortalecer nossa oferta de *triple play* (banda larga, TV por assinatura e telefonia fixa) em nível nacional e pretendemos trazer inovações com ofertas *quadruple play* (que combinam serviço móvel com o *triple play*). Além disso, vamos expandir nossa atuação no mercado empresarial para todo o Brasil. (CE, volume 69, nº08, de agosto de 2015, pág. 17-18)

Situação no português: o sintagma nominal “*triple play*” não está nas fontes consultadas.

248. turnover – s.m.

Significado na língua de origem: faturamento, volume de vendas (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Há também as pessoas que trabalham com você. Quando a empresa é muito pequena, o dono conhece todos os funcionários e mantém controle do clima da organização, mesmo sem medi-lo. No entanto, à medida que a companhia cresce, é preciso ter controle sobre o turnover de pessoal, como taxa de absenteísmo. (E, ed. 1073, ano 48, nº 17, 17/09/2014, pág. 104)

Situação no português: o termo “*turnover*” *não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.*

Nota: Como a definição do dicionário em inglês não contemplou o significado do termo no exemplo citado, recorreremos à internet:

Turnover é um termo da língua inglesa que significa "virada"; "renovação"; "reversão" sendo utilizado em diferentes contextos. É um conceito frequentemente utilizado na área de Recursos Humanos (RH) para designar a rotatividade de pessoal em uma organização, ou seja, as entradas e saídas de funcionários em determinado período de tempo. (Fonte: <https://www.significados.com.br/turnover/>)

249. under water – adj.

Significado na língua de origem: 1. subaquático, embaixo d'água (Fonte: *Cambridge English-Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*); 2. efeito *under water* – quando a cotação dos papéis fica abaixo das expectativas (Fonte: E, ed. 1073, ano 48, nº 17, 17/09/2014, pág. 100)

Ocorrência:

O chamado efeito *under water* – quando a cotação dos papéis fica abaixo das expectativas – é uma das razões para a perda de popularidade das opções de ações. (E, ed. 1073, ano 48, nº 17, 17/09/2014, pág. 100)

Situação no português: o termo “*under water*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

250. *upgrade* (s) – s.m.

Significado na língua de origem: melhoria, atualização, aprimoramento. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

Em 2014, houve apenas 10 *upgrades* de empresas contra 32 *downgrades* na Fitch. Entre as companhias contempladas com *upgrade* estão Fibria, Suzano, Celpa, BRF e Marfrig.[...]

“Em 2014, as ações negativas (*downgrades*) superaram as ações positivas (*upgrades*) de forma geral, sem se limitar a um setor específico. (CE, volume 69, nº04, de abril de 2015, pág. 23)

Situação no português: o vocábulo “*upgrade*” se encontra em todas as fontes consultadas, com a grafia inglesa.

251. *upstream* – adj.

Significado na língua de origem: relacionado a algo que acontece mais cedo, num processo ou série de eventos. (Fonte: *Cambridge Business English Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

O segmento *upstream* da indústria do petróleo passou por grande desenvolvimento nos anos 60 graças aos investimentos das companhias de petróleo no Mar do Norte e no Golfo do México. Isso trouxe extraordinárias inovações tecnológicas e mudanças na forma de atuação das empresas que passaram a se associar em parcerias na busca das melhores tecnologias e redução de custos e na diminuição dos riscos exploratórios. (CE, volume 69, nº06, de junho de 2015, pág. 56)

Situação no português: o vocábulo “*upstream*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

252. *venture capital* – sint.nom. (parte do frásema “fundos de *venture capital*”)

Significado na língua de origem: dinheiro investido em um novo negócio, especialmente um que envolve riscos. Do verbo *to venture*= arriscar-se. (Fonte: *Cambridge Business English Dictionary*)

Ocorrência:

O que não falta em São Paulo é dinheiro. A cidade é o centro do investimento privado do Brasil, concentrando 60% das operações de fundos de *venture capital* e *private equity*, os que entram de sócios nos negócios. (E, ed. 1078, ano 48, nº22, 26/11/2014, p. 50)

Situação no português: o sintagma nominal “*venture capital*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

253. *war on drugs* – sint.nom.

Significado na língua de origem: guerra às drogas (minha tradução)

Ocorrência:

Vejam outro exemplo: a questão das drogas. É óbvio que existe excesso em classificar pequenos consumidores de drogas como traficantes. Quem classifica se é traficante ou consumidor é a polícia na ponta, e o prendem. A prisão é inafiançável. Inundam-se as cadeias por meio de julgamentos feitos pelos policiais. Não se ataca o *business* da droga. Por isso está havendo reversão completa dessa estratégia. Países como Portugal, Uruguai, vários estados americanos, as Nações Unidas, todos já disseram que o atual sistema de *war on drugs* faliu. Não funcionou. (CE, volume 68, nº09, de setembro de 2014, pág. 18)

Situação no português: o sintagma nominal “*war on drugs*” não está em nenhuma das fontes consultadas.

254. *wearable* – s.m.

Significado na língua de origem: a tecnologia *wearable* consiste de coisas que podem ser usadas, como roupas ou óculos, que contêm tecnologia de computador ou a habilidade de se conectar à internet. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary and Thesaurus*, Cambridge University Press.)

Ocorrência:

Como já aconteceu antes, a Apple não inventou essa categoria de produto, mas a expectativa em torno de seu mais novo lançamento é tanta que abril de 2015 pode entrar para a história como o marco do verdadeiro nascimento dos *wearables* – os aparelhos digitais que são “vestidos” no corpo, como relógios, pulseiras e óculos inteligentes. (E, ed. 1088, ano 49, nº8, 29/04/2015, p.102)

Situação no português: o vocábulo “*wearable*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

255. *web* – s.f.

Significado na língua de origem: teia, a rede. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary*, Cambridge University Press)

Ocorrência:

Na era da TV via internet, o número de “canais” é essencialmente infinito, assim como os sites da web. (E, ed. 1085, ano 49, nº5, 18/03/2015, p.34).

Situação no português: o termo “*web*” se encontra em todas as fontes consultadas: 1. Recurso ou serviço oferecido na Internet (rede mundial de computadores), e que consiste num sistema distribuído (q. v.) de acesso a informações, as quais são apresentadas na forma de hipertexto, com elos entre documentos e outros objetos (menus, índices), localizados em

pontos diversos da rede.
 2. O conjunto das informações e recursos assim disponibilizados. Também se usa a sigla (ingl.) WWW. (World Wide Web), com letras maiúsculas.

256. webcam – s.f.

Significado na língua de origem: câmera conectada ao computador que permite o registro e transmissão de imagens pela Internet. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

No prédio de número 1145 da Market Street, quase ao lado da prefeitura de São Francisco, na Califórnia, três dezenas de jovens de várias partes do mundo dividem-se em várias tarefas: alguns trabalham em seu computador, outros conversam por meio de webcam, pequenos grupos tentam solucionar um problema e uma turma bate papo no refeitório. (E, ed. 1093, ano 49, nº13, 22/07/2015, p.63)

Situação no português: o vocábulo “*webcam*” não se encontra no VOLP e nem no DH, mas está dicionarizado no DA: 1. Câmera conectada ao computador que permite o registro e transmissão de imagens pela Internet.

257. web page – sint.nom.

Significado na língua de origem: página da internet, página da rede (web) de computadores que dá informações sobre um determinado assunto ou pessoa. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press.*)

Ocorrência:

A atual crise de 2008, no entanto, não registrou uma elevação generalizada dessas medidas, segundo os relatórios preparados pela OMC, OCDE e a Unctad (Comissão para Comércio e Desenvolvimento das Nações Unidas) e disponíveis na *web page* da OMC (www.wto.org). (CE, volume 68, nº11, de novembro de 2014, pág. 54)

Situação no português: o sintagma nominal “*web Page*” não está em nenhuma das fontes consultadas. Por similaridade com “*webcam*” e “*website*”, a grafia “*webpage*” também é praticada.

258. website – s.m.

Significado na língua de origem: site da internet, site da rede (web) de computadores que dá informações sobre um determinado assunto, organização, etc. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

O empresário americano Brian Requarth tinha uma empresa de criação de websites em Bogotá, na Colômbia, e se assustou com a burocracia brasileira quando decidiu recomeçar a vida por aqui abrindo o site de classificados de imóveis VivaReal, em 2009. (E, ed. 1078, ano 48, nº22, 26/11/2014, p. 42)

Situação no português: o vocábulo “*website*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas. Encontra-se apenas o termo “*site*” no DH e no DA:

‘sítio’, ‘lugar’. Substantivo masculino. Inform.

1. Qualquer servidor da *Web*, ou, p. ext., o endereço (v. *URL*) em que pode ser acessado.
2. Conjunto de páginas em formato de hipertexto que podem ser acessadas através de um endereço eletrônico único. [Cf. *homepage*.]

259. *WhatsApp* – s.m.

Significado na língua de origem – software para smartphones utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão a *internet*. (Fonte: <https://www.significados.com.br/whatsapp/>)

Ocorrência:

Os consumidores falam muito menos e usam outras opções, como mensagens de texto, WhatsApp ou e-mail. (E, ed. 1073, ano 48, nº17, 17/09/2014, p.82)

Situação no português: o termo “*WhatsApp*” não está em nenhuma das fontes consultadas. Em textos informais, encontram-se também as formas WApp, zap-zap e zap.

Nota: Na língua inglesa, *WhatsApp* é marca fantasia originada da aglutinação de *What’s up* + *App*. Significa: E aí? Qual é o problema? O que está acontecendo?

Já *App* é a abreviação de *application program* (aplicativo). (Fonte: *Cambridge Dictionary*)

A expressão *what’s up* se popularizou em 1940 por causa do desenho animado *Bugs Bunny* (o Pernalonga no Brasil). Seu bordão é a pergunta “*Eh... What’s up, doc?*” (“*Eh... O que é que há, velhinho?*” no Brasil/“*Eh... Qual é, meu?*” em Portugal).

De modo informal, a expressão *what’s up* também é escrita das seguintes formas: *wassup*, *what up*, *waz up*, *wazzup*, *whassup*, *wuzzup*, *wussup*, *sup*, *wa’up* ou *swa’up*. Fontes: *Wiktionary*, *Collins Dictionary*, *Wordnik e Urban Dictionary*

(Fonte: <http://www.inglesnosupermercado.com.br/o-que-significa-whatsapp-em-ingles/>)

O Whatsapp foi lançado oficialmente em 2009 pelos veteranos do Yahoo! - uma das maiores empresas americanas de serviços para a internet - Brian Acton e Jan Koum, e funciona com sede em Santa Clara na Califórnia, Estados Unidos.

Considerado um aplicativo para celulares multiplataforma, o Whatsapp é atualmente compatível com todas as principais marcas e sistemas operacionais de *smartphones* do mundo, como o iPhone (iOS), Android, Windows Phone, BlackBerry e Nokia.

O grande diferencial do Whatsapp, segundo os seus criadores, foi a inovação do sistema de utilização dos contatos telefônicos no software. Quando um usuário faz o download do aplicativo para seu telefone, não é necessário criar uma conta ou “adicionar amigos” para poder utilizar a plataforma. O Whatsapp “vasculha” os números de celulares salvos no aparelho e automaticamente identifica qual está cadastrado no Whatsapp, adicionando para a lista de contatos do novo utilizador.

O Whatsapp é visto como uma substituição ao SMS, por ser mais prático e econômico, pois não há um custo adicional para enviar as mensagens, além do plano de dados utilizado para se conectar à internet, por exemplo.

Em 2014, o Whatsapp foi vendido para o Facebook - maior rede social do mundo - por aproximadamente 16 bilhões de dólares. Os fundadores ainda foram introduzidos ao conselho administrativo do Facebook.

Em janeiro de 2015, o Whatsapp anunciou a possibilidade de utilizar o software na web, através do navegador do Google Chrome.

Entre outras funcionalidades do Whatsapp está a criação de grupos de contatos, envio de fotos, vídeos, mensagens de voz, *emojicons* e alterar as mensagens de status, assim como era possível MSN Messenger. (Fonte: <https://www.significados.com.br/whatsapp/>)

260. *wi-fi* – s.m.

Significado na língua de origem: abreviação de “*Wireless Fidelity*”, um sistema para conectar equipamentos, como computadores e organizadores eletrônicos à internet, sem o uso de fios. (Fonte: *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary and Thesaurus, Cambridge University Press.*)

Ocorrência:

O ano deve ter outras três tendências marcantes: a dos aparelhos que monitoram a saúde e ajudam a melhorar a performance durante os exercícios, como o esperado relógio da Apple; a dos objetos de luxo retro; e a dos produtos inteligentes para casa. São painéis, termômetros para cozinha e até trancas de portas que se comunicam via wi-fi com smartphones. (E, ed. 1080, ano 48, nº24, 24/12/2014, p.83)

Situação no português: o termo “*wi-fi*” não está registrada no VOLP e nem no DH, mas está dicionarizada no DA: [Do ingl. *Wireless Fidelity*, ‘fidelidade sem fio’.] Inform. 1. Tecnologia que permite a conexão entre dispositivos sem a utilização de cabos.

261. *wireless* – adj.

Significado na língua de origem: sem fio. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

COZINHANDO A DISTÂNCIA

A panela de Crock-Pot, que cozinha abaixo de 100 graus Celsius por longas horas, tem ligação wireless. Com o celular, dá para controlar de qualquer lugar a temperatura e o tempo de cozimento. (E, ed. 1080, ano 48, nº24, 24/12/2014, p.91)

Situação no português: o vocábulo “*wireless*” não se encontra em nenhuma das fontes consultadas.

262. *workshop* – s.m.

Significado na língua de origem: 1. oficina, seminário ou curso intensivo, de curta duração, em que técnicas, habilidades, artes, etc. são demonstrados e aplicados. (Fonte: *Cambridge English- Portuguese Dictionary, Cambridge University Press*)

Ocorrência:

O estudo é focado em edificações e contou com a participação de profissionais da Fundação Getúlio Vargas (FGV) que foram à Alemanha pesquisar as melhores práticas de setor e colheram informações em 159 empresas, além de entrevistarem

especialistas e fornecedores. O trabalho foi concluído com um *workshop* com lideranças empresariais. (CE, volume 68, nº09, de setembro de 2014, pág. 49)

Situação no português: o vocábulo “*workshop*” está em todas as fontes consultadas: reunião de trabalho, ou de treinamento, em que os participantes discutem e/ou exercitam determinadas técnicas numa área específica.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento do trabalho nos forneceu o arcabouço teórico para respondermos à primeira pergunta presente em nossa introdução, já que como falantes de língua portuguesa e comprometidos com o ensino, não devemos combater a introdução de estrangeirismos em nosso vernáculo nem concordar com projetos autoritários que proíbam o uso de empréstimos porque compreendemos a presença dos estrangeirismos como elementos enriquecedores emergentes do convívio cultural entre os povos. A língua é o resultado da interação das pessoas entre si na sociedade e entre sociedades de países diferentes. Não podemos aceitar legislações que se baseiam no danoso equívoco de que a língua padrão não se altera com o tempo, impondo uma homogeneidade cultural que nega as interações sociais.

A língua é um fenômeno social que está em constante mutação e acompanha a evolução dos tempos. É bastante natural, portanto, que o enriquecimento do léxico ocorra através da inserção de palavras, de origem estrangeira ou não. Assim, constatamos que os estrangeirismos muitas vezes denominam objetos e produtos que acompanham e se renovam com o avanço da modernidade.

Através do desenvolvimento do presente estudo, observou-se que no cenário globalizado do mundo atual, que marca os primórdios do Terceiro Milênio, o inglês desempenha um papel importante na mediação da tecnologia da informação.

A crescente globalização do mercado, ao forçar as empresas a prestarem mais atenção aos desenvolvimentos internacionais, faz com que as mesmas ajustem suas estruturas e métodos de operação para se adequarem a um ambiente econômico em constantes mudanças, inclusive ampliando a sua abrangência geográfica, tendo em vista que possuem fornecedores e clientes localizados em vários continentes. Assim, a comandar esse mercado global encontram-se fatores como, por exemplo, muitos produtos manufaturados terem um ou mais componentes estrangeiros ou ainda que mais da metade de todas as importações são feitas entre empresas nacionais e seus parceiros estrangeiros.

Entende-se, portanto, a relação da economia com a língua inglesa através do simples fato de que ela está intimamente associada com essa modernização econômica e com esse desenvolvimento industrial. A informação é enviada e recebida numa velocidade crescente. As demandas competitivas de governos, indústrias e corporações, tanto nacionais como multinacionais, por progresso tecnológico requerem uma compreensão da língua mediadora da tecnologia – o inglês.

Respondendo ao segundo e terceiro questionamentos, diremos que a língua portuguesa não está ameaçada de extinção devido ao uso exagerado de anglicismos, pois a informação

veiculada na língua inglesa assume destaque dominante em razão da cultura hegemônica dos Estados Unidos. A informática, a eletrônica, a economia, a robótica e sobretudo a internet são os principais responsáveis pela “invasão” de vocábulos não vernáculos. Assim, apesar de constatarmos que a incidência atual dos anglicismos é relativamente alta, isso não é o bastante para ameaçar a língua portuguesa, o que é comprovado quando verificamos que os fatores que determinam o uso de um anglicismo estão ligados à necessidade de se nomear algo que é consequência da criação de uma nova tecnologia.

Portanto, os anglicismos entram maciçamente na camada exterior da língua, o seu léxico, e se impõem ao longo do tempo como empréstimos em virtude das conquistas científicas e tecnológicas de modernização. Dos estrangeirismos presentes na língua portuguesa, os que permanecem são realmente úteis e necessários e adaptam-se ao nosso sistema linguístico, sendo aportuguesados ou se integrando ao português com a grafia original.

O usuário da língua é que vai ser o responsável por definir até quando um estrangeirismo irá vigorar. Assim, a importação de termos estrangeiros não coloca em risco a existência da língua portuguesa nem causa o seu empobrecimento, sendo, ao contrário, um fenômeno natural. A força da língua portuguesa está na valorização da realidade linguística brasileira, cuja diversidade deve ser encarada de forma positiva e sem preconceitos.

John Schmitz (2010: 99) lembra que nos textos autênticos elaborados por especialistas em diferentes campos do conhecimento e publicados em revistas, como foi o nosso caso, os próprios empréstimos estrangeiros pelos diferentes autores aparecem “espalhados” no texto e nem sempre são as palavras de maior frequência.

Neste trabalho, propusemo-nos a expor a forma de apresentação dessas unidades lexicais de origem estrangeira, no caso os anglicismos, detectando e analisando a sua maneira de serem inseridos em *corpus* de divulgação na área da Economia.

Procedemos à análise dos contextos que continham anglicismos com o objetivo de verificar suas diversas formas de apresentação, ou seja, considerando também os recursos gráficos utilizados (aspas, parênteses, negrito, itálico, travessão). Observamos que na revista CE o uso de itálico para grafar o termo estrangeiro tem frequência total. A revista EXAME raramente usa o itálico, o que pode significar a intenção de considerar que o termo em tela ou está em vias de incorporação ou já está integrado no contexto tratado.

Observamos igualmente que é costumeiro haver a decodificação da unidade lexical estrangeira por elementos que a explicitam, como definições (geralmente postas à sua direita), frases explicativas, traduções diretas, etc.

Assim, os processos de metalinguagem se apresentaram como um auxílio na apresentação do estrangeirismo, representando um papel importante na estratégia de implantação da palavra estrangeira na língua receptora.

Depois de criado, o elemento neológico faz parte da dinâmica da língua. Assim, toda criação neológica contribui para alterar o funcionamento da língua e é alterada pela criação ou desaparecimento de outros elementos (ALVES, 1984, p. 125). Entretanto, a existência de um neologismo é ratificada pela aceitação da sociedade em que ele está inserido, pelo seu uso efetivo nessa comunidade, como pode ser comprovado pela incorporação das palavras *commodity*, *hedge*, *leasing*, *marketing*, tanto nos textos pesquisados quanto por seu uso por parte dos usuários das atividades econômicas.

O fato é que a economia é uma das áreas que mais se beneficia com a introdução de novos termos que passam do uso especializado ao uso comum devido à rápida difusão dos meios de comunicação. Os anglicismos utilizados tornam-se imprescindíveis na comunicação.

Em uma época e uma sociedade em que, ao menos na superfície, o aspecto econômico assume precedência sobre o político e o cultural ou se coloca como referencial das esferas políticas e culturais, a elaboração de um glossário de anglicismos da Economia, que enfatiza sobretudo a situação de uso, é uma tentativa de registrar os termos utilizados nas publicações especializadas da área que constituíram o *corpus* deste trabalho.

Dessa forma, o glossário que elaboramos oferece uma sistematização daquilo que os usuários da terminologia efetivamente empregam em seu domínio de conhecimento e esfera de atuação (no caso em tela, na interação com o público leitor).

Nesse sentido, pode ser particularmente valioso para os consumidores dos textos jornalísticos de economia, pois contribui para o estabelecimento da conceituação corrente, embasada na recuperação de contextos explicativos típicos em que ocorre cada termo e permite a melhor compreensão da noção transmitida pelo termo e define sua inserção nos campos semânticos pertinentes. Isso confirma a nossa hipótese de que a presença de anglicismos da área da Economia na mídia contemporânea ratifica a sua importância não apenas do ponto de vista informativo e comunicativo, mas também do ponto de vista expressivo e linguístico.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*, Rio de Janeiro: ABL, 1999.
- ADDA, J. *As origens da globalização na economia*. Barueri: Manole, 2004.
- ALENCAR, J. *Diva*. Rio de Janeiro: B. L. Gamir, 1864.
- ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 2007.
- _____. Integração de estrangeirismos à língua portuguesa. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia; MARÇALO, Maria João; MICHELETTI, Guaraciaba; MARTIN, Vima Lia de Rossi (Org.). *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: FFLCH-USP, 2008. v. 24.
- _____. A integração dos Neologismos por Empréstimo ao Léxico do Português. *Alfa*, São Paulo. v.28 supl., p. 119-126, 1984.
- _____. Economês está em alta. *Língua Portuguesa*, 01 ago. 2008.
- _____. Em torno de um jargão técnico: o economês. In: HUDINILSON, U. et al. (Org.). *Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura, mídia e ensino*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1., p. 173-180.
- _____. (Coord.) *Glossário de termos neológicos da economia*. São Paulo: Humanitas, 2001.
- _____. *Neologia e Neologismos em Diferentes Perspectivas*. São Paulo: Paulistana, 2010.
- _____. Metalinguagem e Empréstimo na Mensagem Publicitária. *Alfa*, São Paulo, v. 28, p. 97-100, 1984.
- _____. Integração de estrangeirismos à língua portuguesa. In: HERNANDES, M. C. et al. (Org.). *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: FFLCH-USP, 2008.
- ANDRADE, R. A. *As palavras importadas no léxico da decoração*. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva) - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1995.
- ASSIS, M. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Ed. José Aguilar, 1962. v. 3.
- ASSIS-PETERSON, A. A. Como ser feliz no meio de anglicismos: processos transglóssicos e transculturais. *Trab. linguist. apl.*, Campinas, v. 47, n. 2, jul./dez. 2008.
- AZEREDO, J. C. de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- BAGNO, M. *Preconceito Linguístico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 2003.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria Linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2001.

BORBA, D.E.J., FRESSATO, E.C., ARAÚJO, G. de O., COSTA, R.B.F., NASCIMENTO, T.A.R. *Clusters: Organizações para o Desenvolvimento Regional: Análise de um Cluster Turístico para Ouro Preto*. *Revista Pesquisa e Desenvolvimento Engenharia de Produção*, n.3, p 54-68, out. 2004.

CALVET, L. J. *Sociolinguística – uma introdução crítica*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____. *As Políticas Linguísticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CAMARA JR, J. M. *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CAMBRIDGE Academic Content Dictionary. Disponível em:
<<http://dictionary.cambridge.org/us/>>. Disponível em: <www.uol.com.br>

CAMBRIDGE Advanced Learner's and Thesaurus Dictionary. Disponível em:
<<http://dictionary.cambridge.org/us/>>. Disponível em: <www.uol.com.br>.

CAMBRIDGE Business English Dictionary. Disponível em:
<<http://dictionary.cambridge.org/us/>>. Disponível em: <www.uol.com.br>

CAMBRIDGE English-Portuguese Dictionary. Disponível em:
<<http://dictionary.cambridge.org/us/>>. Disponível em: <www.uol.com.br>

CARVALHO, N. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

_____. *Empréstimos Linguísticos e Identidade Cultural*. In: ALVES, Ieda Maria (Org.). *Os Estudos Lexicais em diferentes perspectivas*. São Paulo : Fac. de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Univ. de São Paulo, 2009

CASCUDO, L. C. *Locuções tradicionais no Brasil*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1970.

CORREIA, M.; LEMOS, L. S. P. de. *Inovação lexical em português*. Lisboa: Edições Colibri e Associação de Professores de Português, 2005.

COSTA, S. C. *Palavras sem fronteiras*. São Paulo: Record, 2000.

COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1993.

CRYSTAL, D. *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

_____. *English as a global language*. 9. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2010a.

_____. *The Cambridge encyclopedia of language*. 3. ed. New York: Cambridge University Press, 2010b.

_____. *A revolução da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. *A Dictionary of linguistics and phonetics*. New York: Basil Blackwell, 1985.

CUNHA, A. G. da. *Os estrangeirismos da língua portuguesa: Vocabulário Histórico Etimológico*. São Paulo: Humanitas, 2003.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5.ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

DORNELLES, C. Brasil, um país monolíngüe de todos? In: SILVA, S.S. (Org.). *Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 2011.

FARACO, C. A. (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

FERNANDES, C. S. Influências que enriquecem a Língua Portuguesa ou invasões impertinentes? *Revista Eletrônica*, v.1, n 1, set. 2010.

FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Positivo, 2010.

FIORIN, J. L. Considerações em torno do projeto de Lei n 1676/99. In: *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2004a.

_____. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Ática, 1997.

FREITAS, L. B. *As polêmicas sobre estrangeirismo no Brasil: um breve percurso histórico*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

FREITAS, T.; RAMILO, M. C.; SOALHEIRO, E. O processo de integração dos estrangeirismos no português europeu. In: MATEUS, M. H. M.; NASCIMENTO, F.B. do (Org.). *A Língua Portuguesa em Mudança*. Lisboa: Caminho, 2005.

GARCEZ, P. M.; ZILLES, A. M. S. (2001). Estrangeirismos: desejos e ameaças. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

GONÇALVES, C. A. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.

HALL, J. K.; EGGINGTON, W. G. *Human Development Report 1999: globalization with a human face*. New York: UNDP: Oxford University Press, 1999.

HARDT, M.; NEGRI, A. *Império*. Trad. Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2000.

HARPER, D. *Online Etymology Dictionary - Economy*. November 2001. Acesso em: 21 set. 2012.

HAUGEN, E. The analysis of linguistic borrowing. *Language*, Baltimore, 1950.

HELVÉCIA, H. Cada um com sua língua. *Folha de São Paulo*, 24 jun. 2003. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u468.shtml>

HENRIQUES, C. C. *Morfologia: estudos lexicais em perspectiva sincrônica*. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2014.

_____. *Léxico e Semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação*. Rio de Janeiro: Campus; Elsevier, 2011.

_____; PEREIRA, M. T. G. (Org.). *Língua e transdisciplinaridade – rumos, conexões, sentidos*. São Paulo: Contexto, 2002.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Disponível em: <www.uol.com.br>.

KUMARAVADIVELU, B. A lingüística aplicada na era da globalização. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita (Org.). *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. 279 p. p. 129-148.

LABATE, F.G. *Vocabulário da economia: formas de apresentação dos estrangeirismos*. Dissertação (Mestrado) – FLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LAPA, R. *Estilística da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.

MARTINS, N. S. *Introdução à estilística*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

MATEUS, M. H.; CORREIA, M. (Org.). *Terminologia: questões teóricas, métodos e projetos*. Portugal: Publicações Europa-América Ltda., 1998.

MIGLIAVACCA, P. N. *Business Dictionary: novo Dicionário de Termos de Negócios*. São Paulo: Edicta, 2000.

MOITA LOPES, L. P. da. Inglês e Globalização em uma Epistemologia de Fronteira: Ideologia Linguística para Tempos Híbridos. *D.E.L.T.A.*, v. 24, n. 2, p. 309-340, 2008.

MOURA, G. *Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

OLIVEIRA, L. A. *Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

OLIVEIRA, M. M. de. *Expressividade e estilo: um estudo sobre a linguagem das colunas de variedades*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

ORTIZ, R. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____. *Mundialização: saberes e crenças*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PEREIRA, A. *Termos e jargões do inglês no mercado brasileiro: um estudo sobre atitudes linguísticas*. Dissertação (Mestrado) – Programa de PósGraduação em Linguística, Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, MT, 2013.

PERINI, M. A. *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004,. p. 11-24.

REBELO, A. A intriga das línguas. *Folha de São Paulo*, São Paulo: 15 abr. 2001. Caderno Mais!, p.5.

ROBERTSON, R. *The Three Waves of Globalization: a History of Developing Global Consciousness*. London: Zed Books, 2003.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

SAUSSURE, F. de S. *Curso de linguística geral*. Tradução Antônio Chelini; José Paulo Paes; Izidoro Bikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHMITT, L. G. Anglicismos no português brasileiro: uma questão de preenchimento do léxico ou desvalorização da língua? In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, 2., 2010, Cascavel. *Anais...* Cascavel, PR: UNIOESTE, 2010. ISSN 2178-8200

SCHMITZ, J. R. O Projeto de Lei nº 1676/99 na imprensa de São Paulo. In: FARACO, C. A. (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. Língua Pasteurizada. *Folha de São Paulo*, SP, 06 jan. 2000. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0601200010.htm>>.

STEGER, M.B. *Globalization: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

TRINTA, C. A. de. C. *Estrangeirismos: mídia, léxico e semântica em questão*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

VALENTE, A. *Neologia na mídia e na Literatura*. Rio de Janeiro: Quartet, 2012.

VALADARES, F. B. *Estrangeirismos: uma tese para variação e mudança lingüística*. *Revista Científica Vozes dos Vales* – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Minas Gerais, ano 3, n. 6, v. 10, 2014.

VIARO, M. E. *Por trás das palavras: manual de etimologia do português*. São Paulo: Globo, 2004.

VIDOS, Benedek E. *Manual de Linguística Românica*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

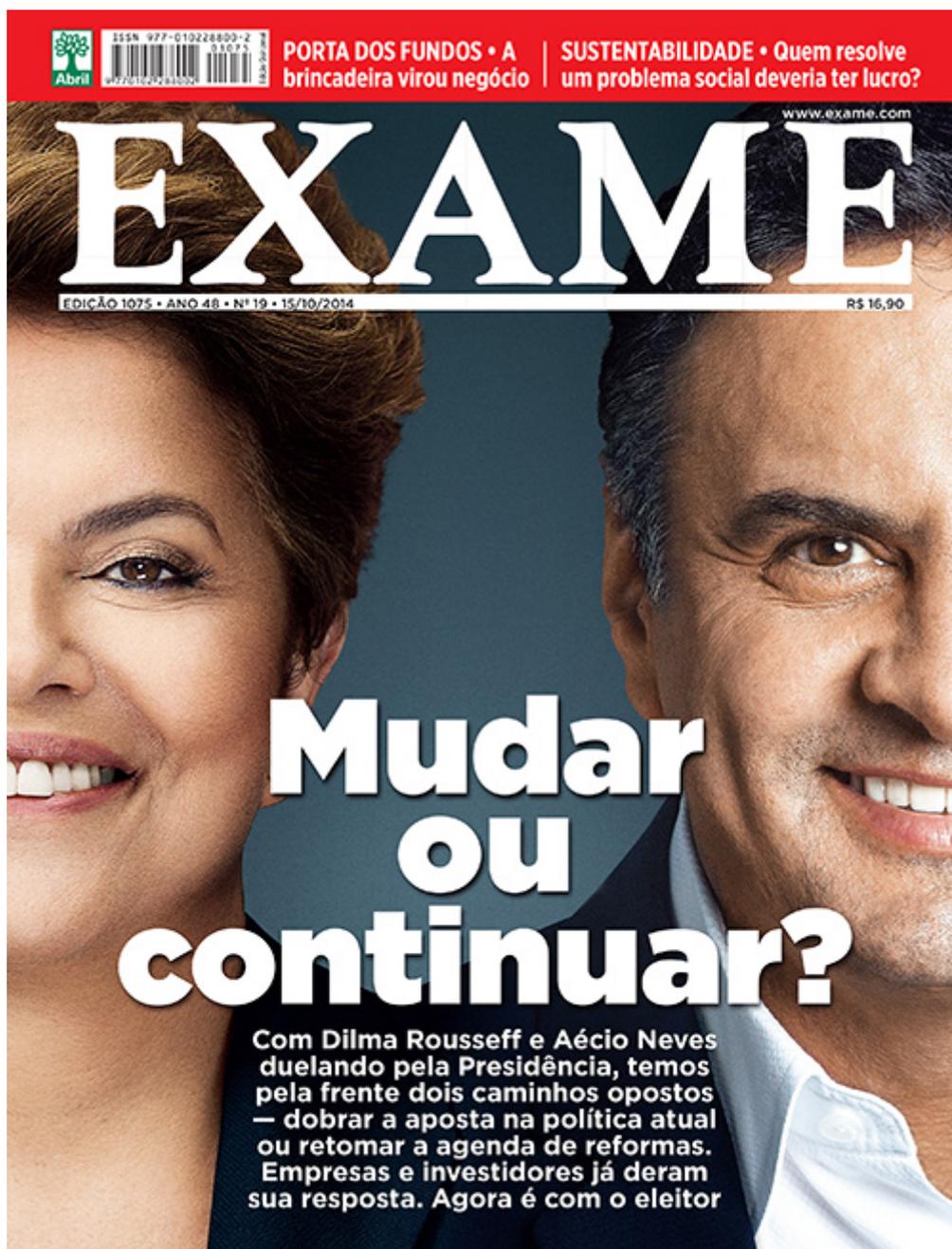
ZILLES, A. M. S. Ainda os Equívocos no Combate aos Estrangeirismos. In: Faraco, Carlos Alberto (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ANEXO A - Capas das revistas pesquisadas seguidas pela listagem cronológica dos anglicismos - Revista Exame



Edição: 17/09/2014 – Nº de anglicismos: 109

- p. 20 – *enforcement*
- p. 25– call center
- p. 26 – site (2x)
- p. 38 – ranking (2x)
- p. 46 – marketing
- p. 51 – market share
- p. 63 – ranking
- p. 74- corporation, blazers
- p. 78 – corporations, shoppings, corporation
- p. 82 – e-mail, megabytes, WhatsApp
- p. 85 - show
- p. 88 – glamour
- p. 89 – ranking (2x)
- p. 99 – data centers
- p. 100 – stock options, *under water*
- p. 103 – *stakeholder*
- p. 104 – turnover, *stakeholder*
- p. 106 – e-mails, intranet
- p. 110 – startup
- p. 116 – online, internet
- p. 118 – online (3x), e-commerce (3x), sites, internet (4x), shopping center, browser, smartphone
- p. 119 – site (4x), sites, e-commerce, online (2x), site (3x), offline, startups
- p. 120 – site (3x), internet (2x), design, online (2x), marketing, sites startup
- p. 121 – sites, site, internet (2x)
- p. 122 – internet, online (3x), sites (2x), site (2x), *timing*, e-commerce
- p. 123 – site, online (4x), internet (4x), startups
- p. 124 – hardware, design (2x), iPhone
- p. 125- smart, e-mail, internet (2x), iPhone, iPad
- p. 126 – internet (2x), chip, chips, GPS, iPhone



Edição de 15/10/2014 - Nº de anglicismos: 54

- p. 14 – private equity
- p. 16 - site
- p. 66 – holding
- p. 67 - fast-food
- p. 68 – holding, internet
- p. 72 – *superpacs* (2x), *dark money*
- p. 73 – *dark money*, hedge
- p. 74 – e-mail
- p. 76 – ranking
- p. 80 – ranking (5x)
- p. 92 – online (3x)
- p. 93 – online
- p. 97 – *social bonds* (3x), *social bond*, *social impact bond*
- p. 98 – *social bonds* (5x)
- p. 99 – *social bonds* (2x), *social impact bond* (2x)
- p. 100 - startups
- p. 101 – startups
- p. 102 – hi-tech, cookies
- p. 118 – *accountability* (3x)
- p. 120 – *accountability*.
- p. 134 – internet (4x), link, *online* (2x), *offline*, *on2off* (2x), *smartphones*,
PC



Edição de 29/10/2014 - Nº de anglicismos: 32

- p. 7 – marketing
- p. 18 – stress
- p.20 – internet
- p. 24 – private equity
- p. 27 – ranking (2x)
- p. 33- big data, shopper, marketing.
- p. 63 – marketing (2x).
- p. 64 – marketing, *storytelling* (2x)
- p. 66 – marketing (2x)
- p. 69 – “geração PowerPoint” (2x)–
- p.70 – geração PowerPoint
- p. 72 – MBA (2x), MBAs (2x)
- p. 73 – MBAs, Ph.D, marketing
- p. 74 – MBA, MBAs (3x), online, GMAT
- p. 82 – *baby boomer*
- p. 108 – kit
- p. 110 – shoppings

EXCLUSIVO • Marcel Telles fala sobre o que aprendeu
ao lado dos sócios Jorge Paulo Lemann e Beto Sicupira

PIXAR • Como o estúdio de
animação produz tantas boas ideias

www.exame.com

EXAME

EDIÇÃO 1078 • ANO 48 • Nº 22 • 26/11/2014 R\$ 16,90

Abri! 01078 9477-0102 738900

FLORIANÓPOLIS:
*referência em
capital humano
e inovação*

As melhores cidades para empreender

Florianópolis • São Paulo • Vitória • Curitiba • Brasília

O que faz dessas capitais os principais polos de criação
de empresas de alto potencial de crescimento — e quais
as lições que outros centros podem aprender



Edição de 26/11/2014 - Nº de anglicismos: 125

- p. 18 – e-commerce (2x)
- p. 19 - marketing (3x), ranking
- p. 22 - private equity (2x)
- p. 37– ranking
- p. 39 – startup, ranking
- p. 40 – software, internet
- p. 41 - ranking
- p. 42 – startups (2x), software, websites, site
- p. 44– internet, sites, online, ranking, startups
- p. 47 – startups, ranking, startup
- p. 48– ranking, site
- p. 50 – site (2x), online, venture capital, private equity
- p. 51– venture capital, private equity, startups (2x), site
- p. 53 – online (3x), ranking, internet (3x) startups
- p. 54– ranking
- p. 55– Drive Thru, shopping
- p. 56– ranking (2x), startups
- p. 57 – startup, startups
- p. 58– ranking, startups, site
- p. 76– performance
- p. 85 – ranking
- p. 86 – rankings, private equity
- p. 92– shopping centers, Health for Pet, Pet Center
- p. 100– internet, e-mails
- p. 109– hashtag (2x)
- p. 116– private equity
- p. 118– pipeline (2x)
- p. 122– call center
- p. 123– call center (2x)
- p. 124- softwares (5x), nerd, CRM (customer relationship management),
marketing (2x)
- p.125 – softwares, analytics market
- p. 126– softwares (4x), CRM (2x), analytics market, marketing
- p. 129– site, Forex (4x) (Foreign Exchange)
- p. 130 – internet, site (2x), e-mail, Forex (5x)
- p. 134 – Credit Default Swap
- p. 136 – commodities
- p. 139 – ranking
- p. 142 – internet, ranking
- p. 147 – feedback
- p. 148 – feedback (2x)
- p. 150 – feedback (3x)
- p. 162 – pop-ups, pop-up, sites, site (2x), internet (4x), web, e-mail,
online, MIT (Massachusetts Institute of Technology)



MULHERES • Por que elas
não chegam ao topo?

IMÓVEIS • Um dos maiores investidores do
mundo diz que, no Brasil, é hora de comprar

www.exame.com

EXAME

EDIÇÃO 1080 • ANO 48 • Nº 24

24/12/2014 • R\$ 16,90



Ideias Líderes Produtos 2015

As principais tendências na economia e nos negócios

Edição de 24/12/2014 - Nº de anglicismos: 92

- p. 20 – private equity (2x), smartphones
- p. 78 – private equity (5x), e-mails
- p. 83 – shopping center, performance, wi-fi, smartphones
- p. 84 – home office (2x), startups, GPS
- p. 85 – notebook (3x), tablet, GPS, Boom Boom Speaker
- p. 86 – smartwatches (2x), tablets, GPS, iPhone, Apple Watch, Apple Pay
- p. 87 – bluetooth, iHealth, iPhone, Apple Pay
- p. 88- shopping
- p. 90 – internet, smartphones (2x), smartphone, Ph.D., iDevices
- p. 91 – wireless, smartphone, iDevices, Smart Locker
- p. 100 – ranking, internet, online
- p. 116 – marketing, vans
- p. 128 – app
- p. 129 – smartphone (2x), smartphones (3x), online, marketing (6x), laptop, tablet (4x), internet, apps, ranking, downloads
- p. 130 – shoppings (3x), marketing (2x), online, startups
- p. 132 – softwares, e-mail
- p. 137 – intranet, online
- p. 138 – startup, e-mail, smartphone, internet, GPS
- p. 139 – internet
- p. 142 – private equity
- p. 148 – commodity
- p. 162 – commodities



Edição de 21/01/2015 - Nº de anglicismos: 74

- p. 14 – online (2x)
- p. 15 – online, private equity
- p. 18 – telemarketing, rating (3x)
- p. 19 – rating (3x)
- p. 20 – leasing
- p. 24 – softwares
- p. 31 – megawatts (2x)
- p. 32 – megawatts
- p. 34 – lobby
- p. 41 – shoppings
- p. 42 – online (2x), internet, e-commerce
- p. 46 – online
- p. 48 – internet (3x), site, sites (2x), softwares, online, blog,
- p.50 – site, internet (2x), online (4x)
- p. 53 – site, shopping, commodities
- p. 55 – online, marketing
- p. 63 – trainees (2x), e-mail
- p. 64 – internet
- p. 66 – trainee (4x), trainees (3x)
- p. 67 – trainees
- p. 72 – boom, commodities
- p.74 – ADRs (American Depositary Receive - recibo de ações)
- p. 80 – SUVs – (Sport Utility Vehicle)
- p. 81 – SUV
- p. 82 – SUV
- p. 83 – ABS, airbag, SUVs (3x), SUV (2x)
- p. 84 – SUVs, SUV
- p. 85 – SUV
- p. 86 – SUVs (2x)



PETRÓLEO • A onda de ações judiciais contra a Petrobras

AVIAÇÃO • A Azul tem fôlego para desafiar TAM e Gol?

LAVA-JATO • As empreiteiras lutam para sobreviver

www.exame.com

EXAME

EDIÇÃO 1082 • ANO 49 • Nº 2

4/2/2015 • R\$ 17,00



EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA

Homem versus máquina

O avanço tecnológico está tornando muitas profissões obsoletas, e milhões de trabalhadores correm o risco de ser substituídos por máquinas. No Brasil, esse fenômeno é agravado pela fraqueza da economia: tivemos em 2014 a pior geração de empregos em 12 anos. Qual é o futuro do trabalho?

Edição de 04/02/2015 - Nº de anglicismos: 60

- p. 10 – lobby
- p. 19 – softwares (2x), internet, internet banking, online
- p. 21 – lobby
- p. 22 – software, softwares
- p. 23 – software (2x), softwares (2x), telemarketing
- p. 24 – softwares
- p. 26 – internet, softwares, design, *high-tech*, best-seller
- p. 27 – internet (2x)
- p. 32 – marketing
- p. 34 – shopping center
- p. 50 – e-mail
- p. 60 – *baby boomers* (2x), hippie, *boomers* (2x)
- p. 61 – internet, *baby boomers*
- p. 62 – internet, online, marketing, tablets, e-readers
- p. 63 – Photoshop (2x)
- p. 65 – ranking (3x)
- p. 66 – smartphone
- p.67 – smartphone
- p. 68 – site
- p. 73 – merchandising, marketing
- p. 74 – merchandising (3x), call center, ranking
- p. 76 – startup, tablets, joint venture, blogs
- p. 77 – joint venture, startup
- p. 79 – holding
- p. 84 – commodity
- p.98 – *compliance*

PETROLÃO • Auditorias como a PwC, que se recusou a assinar o balanço da Petrobras, são vítimas ou vilãs?

EDUCAÇÃO • Como a tecnologia está mudando para melhor o aprendizado

www.exame.com

EXAME

EDIÇÃO 1084 • ANO 49 • Nº 4

4/3/2015 • R\$ 17,00



EXEMPLAR DE
ASSINANTE
VENDA PROIBIDA



ECONOMIA

A queda

Os erros cometidos nos últimos anos — somados aos riscos de racionamento de energia e água e aos efeitos da Operação Lava-Jato — colocam a economia brasileira à beira de uma recessão em 2015. Será o quinto ano consecutivo de desempenho ruim. A dúvida é: vamos parar por aí ou teremos uma nova década perdida?

Edição de 04/03/2015 - Nº de anglicismos: 60

- p. 10 – smartphones
- p. 22 – private equity
- p. 36 – Economist Intelligence Unit (EIU), EIU
- p. 37 – EIU
- p. 40 – Economist Intelligence Unit (EIU)
- p. 46 - front
- p. 48 – internet (7x), tablets
- p. 49 – internet, softwares
- p. 50 – internet (3x), megabits (2x), netbooks
- p. 51 – internet (7x), startup, software, online
- p. 68 – Fed, lobby
- p. 72 – smartphone, smartphones (4x)
- p. 75 – marketing (2x)
- p. 76 – internet, ranking (2x)
- p. 84 – commodities, smartphone
- p. 85 – startup (2x), startups, blog, software
- p. 86 –big data (2x), tablets, desktops
- p. 93 – ranking, commodities
- p. 100 – e-mails

ESPECIAL RIO 450 anos
Com a Olimpíada, o Rio de Janeiro pode se afirmar como cidade global. A hora da arrancada é agora



EXAME

EDIÇÃO 1085 • ANO 49 • Nº 5 • 18/3/2015 www.exame.com • R\$ 17,00

EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA

Kevin Spacey como Francis Underwood:
a série *House of Cards*, do Netflix, é o grande marco da nova fase da TV

Quem tem medo do Netflix?

As séries, os documentários e os filmes que chegam à sua casa pela internet são apenas o começo de uma revolução digital que vai transformar para sempre a maneira como vemos TV — uma mudança que beneficia os espectadores e assusta os canais tradicionais

Edição de 18/03/2015 - Nº de anglicismos: 121

- p. 10 – front (2x), *sprint*
- p. 22 – startups
- p. 23 – impeachment
- p. 33- internet
- p. 34 – internet (5x), smartphones, tablets (2x), trailer, smart TVs, sites (2x), softwares, startups, web (2x), pen drive, smart TV, smartphone, *millenials*, *cord-cutters*, streaming
- p. 35 – tablets, smartphones, streaming, internet (2x)
- p. 36 – online, streaming ((4x), internet (5x), smart TVs, bits
- p. 37 – streaming (4x), site
- p. 38 – internet (4x), smart TVs
- p. 39 – internet, online, sitcom
- p. 40 – big data
- p. 41 – ranking, marketing, startup
- p. 42 – internet (4x), online, hits, web, smartphone
- p. 43 – internet (5x), samrtphone, smartphones, online, e-mails, tablets
- p. 47 – boom
- p. 76 – internet (4x), online (4x)
- p. 77 – internet (3x), online
- p. 78 – internet (3x), online (3x), e-mails, e-mail, call center, showroom
- p. 82 – smartphone
- p. 88 - marketing
- p. 97 – commodities, design
- p. 105 – commodities
- p. 106 – crowdfunding (3x)
- p. 108 – startup (2x), softwares
- p. 109 – internet
- p. 110 – startup, startups, online
- p. 114 – ranking, rankings
- p. 117 – marketing
- p. 118 – royalties



Edição de 01/04/2015 - Nº de anglicismos: 71

- p. 10 – internet, tablet, streaming
- p. 18 – private equity
- p. 53 – “put”
- p. 54 – “put” (2x), insider trading, insider
- p. 55 – insider trading, ‘put’
- p. 56 – insider, insider trading (2x)
- p. 58 – holding
- p. 61 – online (2x), marketing, internet
- p. 62 – online (2x), site, outlet
- p. 70 – *dove, hawk*
- p. 75 – ranking (2x)
- p. 92 – startups (3x), blog, internet (2x), feedback
- p.93 – startups (3x), ranking, site (2x)
- p. 94 – startups (5x), startup (2x), streaming, software (2x), internet
- p. 105 – private equity (2x)
- p.108 – internet (6x), smartphones, lan house
- p. 109 – laptop, hackers, internet (2x)
- p. 118 – internet, hackers (4x), softwares, recall

NEGÓCIOS • O dentista que virou
um dos homens mais ricos do Brasil

TECNOLOGIA • Aparelhos como o recém-lançado
Apple Watch são o começo de uma revolução na saúde

EXAME

EDIÇÃO 1088 • ANO 49 • Nº 8

29/4/2015 • R\$ 17,00



SÉRGIO GIACOMO,
DA GE, RICARDO
YUKI, DO CITIBANK,
GISELA PINHEIRO,
DA QUÍMICA DOW,
E EZRA GELD,
DA AGENCIA
J.W. THOMPSON
*(em sentido
horário): sem
segredos no trabalho*



Chefe, sou gay

Surge a primeira geração de executivos brasileiros que
tratam sem rodeios uma questão por muito tempo mantida
como tabu nas empresas — e todos ganham com isso

Edição de 29/04/2015 - Nº de anglicismos: 84

- Capa - gay
 p. 32 – gay, gays
 p. 34 – gay, gays
 p. 35 – gay (3x)
 p.36 – online, gay, gays
 p. 37 – gays
 p. 38 – *pride network, gays and lesbians, gays* (2x)
 p. 39 - gays
 p. 40 – marketing
 p. 41 – gays, e-mail
 p. 43 – gays (2x), gay
 p. 44 – gay (2x)
 p. 45 – gay (2x), gays (2x)
 p. 60 – ranking
 p. 63 – holding
 p. 66 – marketing
 p. 77 – online
 p. 80 – ranking
 p. 84 – country, marketing
 p. 85 – startups
 p. 89 – online (2x)
 p. 90 – online (2x)
 p. 93 – *quantitative easing, bonds* (2x), *flash crash* (3x)
 p. 94 – *bonds*
 p. 97 – ranking
 p. 98 – commodities, online
 p. 102 – *wearables* ((2x)
 p. 103 – *wearables* (3x), app
 p. 104 – big data, internet, software, *wearables*,
 p. 105 – softwares, startups, *wearables, mobile health*
 (2x)
 p. 106 – big data (3x), internet, softwares
 p. 107 – big data (2x), *wearables* (3x)
 p. 110 – software
 p. 118 – big data (7x)

FUTEBOL • A gestão empresarial levou o Flamengo a um lucro recorde. Mas quando as vitórias virão? | GESTÃO • Por que cada vez mais empresas despacham funcionários para trabalhar de casa

ANO 49 • Nº 10 • 27/5/2015 www.exame.com

EXAME

EDIÇÃO 1090 R\$ 17,00

Abril 65 ANOS



Quanto custa a sua saúde?

O gasto com a saúde no Brasil já passa de meio trilhão de reais por ano	Quase 60% da conta é paga pelo setor privado	O custo de hospitais, remédios e médicos deverá crescer 18% neste ano	O que fazer para interromper a escalada dos gastos?
---	--	---	---

Edição de 27/05/2015 - Nº de anglicismos: 73

- p. 22 – shopping
- p. 30 – ranking (3x)
- p. 36 – stent (3x), stents (2x)
- p. 58 – ranking (2x)
- p. 65 – holding
- p. 72 – commodities
- p. 74 – cupcakes, food trucks, marketing
- p. 76 – marketing, fast-food, cupcakes
- p. 77 – cupcakes (2x), holding, frozen yogurt
- p. 80 - charter
- p. 81 – *charter schools*, *charter* (2x), ranking (2x)
- p. 82 – *charter* (3x)
- p. 93 – internet, marketing
- p. 94 – shoppings, marketing
- p. 100 – home office (2x)
- p. 102 – notebook, softwares, home office
- p. 103 – home office
- p. 111 – ranking
- p. 113 – commodities (2x)
- p. 117 – software (2x)
- p. 118 – software (5x), internet (3x), e-mail
- p. 119 – software (6x), softwares, startups, internet, marketing
- p. 120 – smarphone, ranking, cookie
- p. 121 – marketing, smartphones
- p. 122 – best-seller
- p. 134 – fax

ESTATAIS • Como a Eletrobras consegue ser pior que a Petrobras | BRASIL • O crédito foi o principal motor da economia brasileira. Esse motor parou

EDICÃO 1091 • ANO 49 • Nº 11 • 10/6/2015 www.exame.com • R\$ 17,00

EXAME

MULHERES NO COMANDO:
(da esq. para a dir.)
 Sylvia Coatinho, do UBS, Chieko Aoki, do Blue Tree, Andrea Menezes, do Standard Bank, Claudia Sender, da TAM, e Luiza Helena Trujano, do Magazine Luiza

**Abri
65
ANOS**

As mulheres precisam de cotas?

Empresárias e altas executivas defendem cotas para mulheres na cúpula das empresas brasileiras. A meta é nobre, mas fica a pergunta — será que esse é o melhor caminho para atingi-la?

Edição de 10/06/2015 - Nº de anglicismos: 79

- p. 43 – softwares
- p. 47 - spread
- p. 48 – spread (2x)
- p. 64 – holding
- p. 70 – call center (2x), internet (2x)
- p. 72 – made in, online (3x), sites, site, startups, marketing
- p. 73 – softwares, software (2x), online, sites
- p. 88 – slogans, internet, marketing
- p. 89 – *chips*, slogan (2x), slogans
- p. 90 – stakeholders (4x)
- p. 91 – e-mail, softwares
- p. 94 – marketing, *chief disruptive growth officer*, CIO (*chief information officer*), CGO (*chief growth officer*), CRO (*chief revenue officer*), *startups*
- p. 95 – CGO (2x), CRO, marketing (2x), CMO (*chief marketing officer*)
- p. 96 – marketing, CGO, chief revenue officer, CGOs, CROs
- p. 98 – round, sites
- p. 99 – sites (2x), startup, motoboys, online
- p. 100 – site (5x), startups (2x), motoboys
- p. 103 – performance, *compliance*
- p. 105 – ranking
- p. 117 – e-mail
- p. 118 – laptop
- p. 120 – trainees, software, feedback
- p. 130 – blogs, smartphones (2x), tablets (2x)

COMÉRCIO ELETRÔNICO • A briga de vida ou morte entre Netshoes e Dafiti | GOVERNO • Depois do PAC, vem aí o PIL... Alguma chance de dar certo?

EDIÇÃO 1092 • ANO 49 • Nº 12 • 24/6/2015 www.exame.com • R\$ 17,00

EXAME

Abril 65 ANOS



OS FILANTROPOS:
em sentido horário, Elie Horn, dono da incorporadora Cyrela; Ana Maria Diniz, do Instituto Península; Beatriz Gerdau, do Instituto Gerdau; Inês Mindlin Lafer, do Instituto Betty e Jacob Lafer; Guilherme Leal, do Instituto Arapysaú; e Ana Lucia Villela, do Instituto Alana

Bilionários com causa

Um grupo crescente de famílias de empresários brasileiros investe dinheiro, tempo e influência para mudar a cara da filantropia no país

Edição de 24/06/2015 - Nº de anglicismos: 125

- p. 7 – site, tablets, smartphones
- p. 20 – holdings (2x)
- p. 22 – stock car
- p. 24 – online, site (4x), e-commerce
- p. 32 – ranking
- p. 42 – blog
- p. 43 – startups
- p. 44 – internet
- p. 46 – *endowment* (3x), *endowments*
- p. 57 – ranking
- p. 62 – online (4x), internet (3x), site
- p. 63 – skate, marketing
- p.64 – online (4x), site (2x), internet (2x), e-commerce
- p. 66 – e-commerce, site, internet
- p. 70 – ranking (2x), market share
- p. 73 - private equity
- p. 77 – internet (2x)
- p. 78 – *american dream*, internet, big data
- p. 80 – high-tech
- p. 83 – marketing
- p. 84 – sites, mobile, internet (2x)
- p. 86 – tablets, site, online
- p. 87 – online, off , on
- p. 89 – ranking (2x)
- p. 92 – startups (3x), tablets, smartphones, startup, softwares, *hackathons*
- p. 93 – startups, (7x), online, hackathons, startup (2x), marketing (2x), start
up
- p. 98 – internet, site
- p. 100 – online (3x)
- p. 101 – *chief digital officer* (2x), online (4x), startups
- p. 102 – marketing, online (2x), CDO (2x) (*chief digital officer*)
- p. 103 – online, site (5x), softwares, startup, *chief digital officer*, startups,
resort
- p. 114 – smartphones (3x), internet (4x), e-commerce, online (2x)

CHINA • A bolsa mais louca do mundo
pode atrapalhar o crescimento chinês?

NEGÓCIOS • A megafusão que tem
tudo para acontecer, mas não acontece

EXAME

EDIÇÃO 1093 • ANO 49 • Nº 13 • 22/7/2015 www.exame.com

Abril
65
ANOS

DIENHARR DE
ASSINANTE
VERDA PROTEGIDA

MARCELO
ODEBRECHT:
preso na Operação
Lava-Jato

O risco Odebrecht

Na última década, a Odebrecht se tornou um gigante que hoje fatura mais de 100 bilhões de reais por ano. Nada parecia poder pará-la. Agora tem seu presidente preso num escândalo de corrupção. E uma dívida de 88 bilhões de reais para pagar

Edição de 22/07/2015 - Nº de anglicismos: 66

- Pág. 14 – *Apps*
Pág. 30 – holding
Pág. 31 – holding
Pág. 42 – impeachment (2x)
Pág. 44 – commodities (2x), impeachment
Pág. 56 – online (3x), marketplace (4x), marketplaces, site
Pág. 57 - marketplace, internet, e-commerce (3x)
Pág. 58 – marketplace (2x), online, site (3x), sites (2x)
Pág. 62 – startup
Pág. 63 - webcam, startups, online (2x), internet, *flipped classroom* (2x)
Pág. 64 – internet (2x), startups (3x), online
Pág. 70 – fast-food, freezer
Pág. 71 – fast-food, freezer
Pág. 72 – fast-food (5x), *drive thru*, internet
Pág. 79 – internet
Pág. 80 – best-seller
Pág. 81 - cradle to cradle
Pág. 82 – design
Pág. 91 – ranking
Pág. 104 – ranking
Pág. 114 – marketing (2x), internet (2x), food truck, online

  R\$ 17,00
AS CIDADES MAIS INTELIGENTES DO BRASIL: Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Florianópolis, Vitória e Maringá

EXAME

EDIÇÃO 1094 • ANO 49 • Nº 14 • 5/8/2015 www.exame.com

PREPARE-SE

A CRISE VAI SER LONGA

O risco de a nota de crédito do país ser rebaixada está aumentando. O efeito possível: alta do dólar e dos juros

A crise não para de piorar. A previsão de queda no PIB deste ano já chega a 2,5% — com mais recessão em 2016. O crescimento, quando voltar, será baixo

Quais lições já podemos tirar dos erros cometidos? Como reagir e sair mais depressa da crise?

Edição de 05/08/2015 - Nº de anglicismos: 86

- p. 14 – holding (2x)
- p. 22 – private equity
- p. 26 – internet (3x), shopping, shoppings
- p. 29 – commodities (3x)
- p. 30 – internet
- p. 36 – ranking
- p. 37 – ranking (2x), internet (3x), site
- p. 39 – internet
- p. 40 – online, ranking
- p. 41 – ranking
- p. 42 – internet, online
- p. 43 – ranking,
- p. 44 – online (2x), ranking, internet
- p. 49 – gigawatt, gigawatts (3x)
- p. 58 – holding
- p. 61 – trainees, big data, trainee (2x), e-mail (2x)
- p. 62 – big data (2x), online, site, e-commerce, internet
- p. 64 – online (2x), snacks, chips
- p. 66 – online, e-commerce, snacks
- p. 76 – marketing
- p. 77 – banner, smarphone, check-in (2x), GPS, internet, softwares
- p. 78 – smartphone, GPS, marketing, *beacons* (3x)
- p. 80 – *beacon*, check-in
- p. 88 – software, smartphone
- p. 89 – softwares, online
- p. 90 – softwares (2x), software (3X)
- p. 101 – impeachment
- p. 105 – commodities
- p. 111 – site, megawatts
- p. 112 – sites, *crowdfunding*
- p. 114 – internet
- p. 122 – crack

ANEXO B - Capas das revistas pesquisadas seguidas pela listagem cronológica dos anglicismos - Revista Conjuntura Econômica



Edição de 09/2014 - N° de anglicismos:

p. 14 – *spread*

p. 15 – *lobbies* (2x)

p. 17 – *lobby*

p. 18 – *lobby, business, war on drugs, crowdfunding*

p. 19 – *lobby*

p. 20 – *policymakers, big data*

p. 30 – *royalties*

p. 31 – *commodities, hub*

p. 39 – *joint venture*

p. 44 – *know how, due diligence*

p. 45 – *greenfield*

p. 46 – *project finance*

p.49 - *workshop*

p. 64 – *commodities*

p. 65 – *commodities* (4x)

Carta do IBRE
O sistema político brasileiro
é funcional

Ponto de Vista
Europa vai suavizar ajuste de
juros nos Estados Unidos

Entrevista
Otaviano Canuto
Consultor sênior para os
Brics do Banco Mundial



CONJUNTURA ECONÔMICA

FGV IBRE Editada desde 1947 • www.conjunturaeconomica.com.br • Outubro 2014 • volume 68 • nº 10 • R\$ 13,00



Edição de 10/2014 - Nº de anglicismos: 38

- p. 5 - *boom, commodities*
- p. 7 - *boom, commodities (2x)*
- p. 8 - *impeachment, lobbies*
- p. 14 - *boom(3x), commodities(4x)*
- p. 17 - *boom, commodities, hedge*
- p. 20 - *boom, commodities (2x)*
- p. 22 - *shadow banking*
- p. 23 - *commodities*
- p. 28 - *boom, commodities*
- p. 33 - *commodities*
- p. 37 - *holdouts, commodities, shale gas*
- p. 38 - *commodities (2x)*
- p. 43 - *boom, commodities (2x)*
- p. 52 - *chairman*
- p. 57 - *rating (2x)*
- p. 64 - *project finance*
- p. 65 - *lean*

Carta da Conjuntura

O grande desafio fiscal no segundo mandato

Ponto de Vista

Por que não se devem esperar grandes mudanças na economia do segundo mandato

Entrevista**Raul Velloso**

Consultor econômico



CONJUNTURA ECONÔMICA

FGV IBRE Editada desde 1947 • www.conjunturaeconomica.com.br • Novembro 2014 • volume 68 • nº 11 • R\$ 13,00

Nos trilhos da **INCLUSÃO**

Os desafios que o Brasil terá à frente para retomar o crescimento sem comprometer as conquistas no campo social



Edição de 11/2014 - Nº de anglicismos: 23

p. 9 – “spend and tax”

p. 11 – marketing, rating, swap, swaps, credit default swaps, junk

p. 14 - commodities (2x)

p. 31 – time

p. 35 – mainstream

p. 36 - catch up, commodities

p. 39 – call centers

p. 50 – tax-welfare churn

p. 54 – web page , boom, commodities

p. 55 – dumping, boom, commodities

p. 58 – ranking

p. 60 – iceberg

Carta da Conjuntura

É baixo o risco da perda do grau de investimento no curto prazo

Ponto de Vista

Por que não deve haver nova virada heterodoxa

Entrevista

Alicia Bárcena
Secretária-executiva
da Cepal



CONJUNTURA ECONÔMICA

FGV IBRE Editada desde 1947 • www.conjunturaeconomica.com.br • Dezembro 2014 • volume 68 • nº 12 • R\$ 13,00

Metrópoles em marcha lenta

Atraso em obras e
falta de planejamento
comprometem a
mobilidade e custam
caro aos principais
centros urbanos
brasileiros



Edição de 12/2014 - Nº de anglicismos: 29

p. 3 - *rating*

p. 5 - *rating*

p. 6 - *rating* (2x)

p. 7 - *rating* (5x), *defaults*, “*broad money*”

p. 8 - *rating* (4x), *default*

p. 13 - *commodities*

p. 27 - *best seller*

p. 31 - *commodities*

p. 35 - *offshore*, *onshore*

p. 40 - BRT

p. 41 - BRT (4x), BRTs

p. 42 - BRT

p. 43 - *trade offs*

Carta da Conjuntura

Reforma das pensões é passo importante na sustentabilidade fiscal

Ponto de Vista

Presidencialismo de coalizão ou de cooptação?

Entrevista

Armando Castelar
Coordenador de Economia
Aplicada da FGV/IBRE



CONJUNTURA ECONÔMICA

FGV IBRE Editada desde 1947 • www.conjunturaeconomica.com.br • Janeiro 2015 • volume 69 • nº 01 • R\$ 14,00

**BATALHA PELO
EQUILÍBRIO**

Com o imperativo de ajustes econômicos e um contexto político incerto, 2015 promete ser árduo para o Brasil



Edição de 01/2015 - Nº de anglicismos: 33

- p. 13 – *commodities* (4x)
- p. 15 - *commodities*
- p. 16 – *commodities* (2x), *commodity*
- p. 17 – *commodities, swaps*
- p. 18 - *best seller*
- p. 23 – *driver, private equity*
- p. 28 – *joint ventures*
- p. 29 - *joint ventures*
- p. 36 - *boom de commodities*
- p. 38 – *spread*
- p. 46 – *layoffs*
- p. 48 - *commodities* (3x)
- p. 49 - *commodities* (2x)
- p. 51 – *quantitative easing, policy makers, tradables* (2x), *no tradables*
- p. 55 - *royalties*
- p. 56 – *royalties* (3x)
- p. 59 - *ranking*
- p. 61 – *ranking*

Carta da Conjuntura

O complexo mapeamento das causas da desaceleração do governo Dilma

Ponto de Vista

A Petrobras e o custo da nova matriz econômica

Entrevista

Samuel Pessoa
Pesquisador associado da FGV/IBRE



CONJUNTURA ECONÔMICA

FGV IBRE Editada desde 1947 • www.conjunturaeconomica.com.br • Fevereiro 2015 • volume 69 • nº 02 • R\$ 14,00

Jogo truncado

Crise elétrica ressalta a importância da definição do papel do gás natural na matriz energética do país



Edição de 02/2015 - Nº de anglicismos: 30

- p. 5 – *front, commodities*
- p. 14 – *overshooting*
- p. 15 – *call centers*
- p. 20 – *quantitative easing, commodities (3x), rating*
- p. 24 – *spreads, spread (2x)*
- p. 26 – *spreads*
- p. 27 – *framework*
- p. 31 – *ranking*
- p. 32 – *hubs*
- P. 37 – *shale gas*
- p. 38 – *offshore*
- p. 39 – *swaps, shale gas*
- p. 41 – *onshore*
- p. 42 – *overhead*
- p. 48 – *boom (2x), commodities (5x)*
- p. 49 – *commodities*

Carta da Conjuntura

O desafio é aumentar a poupança doméstica

Ponto de Vista

Ajuste completo só com overshooting cambial

Entrevista**Paulo Stark**

Presidente da Siemens do Brasil



CONJUNTURA ECONÔMICA

FGV IBRE Editada desde 1947 • www.conjunturaeconomica.com.br • Março 2015 • volume 69 • nº 03 • R\$ 14,00



Efeito *commodities*

Concentração da pauta de exportações brasileiras no complexo da soja, em minério de ferro e petróleo bruto reduzirá capacidade de gerar superávit comercial em 2015



Edição de 03/2015 - Nº de anglicismos: 78

- Capa – *commodities*
p. 3 – *commodities* (3x), *overshooting*
p. 5 – *commodities*
p.7 – *boom*
p. 9 – *funding, commodities*
p. 10 – *overshooting, tradables* (2x), *non tradables* (3x)
p. 11 – *overshooting, tradables*
p. 12 – *commodities*
p. 13 – *quantitative easing*
p. 14 – *insights* (compreensão) , *easing*
p. 15 – *business case, compliance* (2x), *compliant* (2x)
p. 16 – *compliance, compliant, top ten countries, smart grids*
p. 19 – *rally*
p. 21 - *commodities*
p. 32 – *rent seekers*
p. 33 – *baselines*
p. 35 – *commodities, link, Web*
p. 36 – *commodities* (3x)
p. 37 - *commodities* (2x), *ranking*
p. 38 - *commodities* (4x)
p. 39 - *commodities*
p. 40 – *commodity, commodities*
p. 41 - *commodities* (3x)
p. 44 - *commodities* (9x)
p. 45 - *commodities* (2x)
p. 46 - *commodities* (2x)
p. 47 - *commodities* (4x)
p. 48 - *commodities* (5x), *non tradable*
p. 49 – *commodities, boom*

Carta da Conjuntura
Responsabilidade social e fiscal
devem andar juntas

Ponto de Vista
Erros dos anos recentes são trava
ao crescimento pós-ajuste

Entrevista
Pedro Passos
Presidente do Iedi



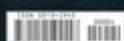
CONJUNTURA ECONÔMICA

FGV IBRE Editada desde 1947 • www.conjunturaeconomica.com.br • Abril 2015 • volume 69 • nº 04 • R\$ 14,00

LANÇAMENTO DO LIVRO
Essays and Conversations
on Monetary Policy

Em busca de fôlego

Brasil enfrenta teste de estresse para
afastar o risco de rebaixamento,
que aumentaria a pressão sobre
o investimento e a capacidade
de financiamento das
empresas brasileiras



Edição de 04/2015 - Nº de anglicismos: 86

- p. 7 – *rating*
- p. 8 – *rating*
- p. 13 – *spread, lay off*
- p. 16 – *backlog*
- p. 20 – *rating, downgrade*
- p. 21 – *rating (4x), downgrade (2x), commodities*
- p. 22 – *rating (4x), downgrade (2x)*
- p. 23 – *downgrade (5x), downgrades (4x), investment grade, junk grade, upgrade, upgrades (6x)*
- p. 24 – *bonds, commodities, spreads, credit default swaps*
- p. 25 – *commodities*
- p. 26 – *rating*
- p. 27 – *rating (2x), hedge*
- p. 31 – *DFA (Deposit Facility Agreement), MYDFA (Multyear Deposit Facility Agreement)*
- p. 33 – *spreads*
- p. 39 – *commodity, commodities (2x), overshooting*
- p. 41 – *commodities (3x), passthrough*
- p. 44 – *quantitative easing*
- p. 45 - *commodities*
- p. 46 - *quantitative easing*
- p. 47 – *commodities, tradables (2x), non tradables (2x)*
- p. 48 - *tradables (2x), non tradables (2x), swaps*
- p. 50 - *tradables, non tradables, easing*
- p. 51 – *commodities, overnight*
- p. 53 – *commodity*
- p. 55 – *onshore, commodity*
- p. 58 – *clusters*
- p. 59 - *ranking*
- p. 62 – *commodities (2x)*
- p. 63 – *commodities (3x)*
- p. 64 – *commodities*

Carta da Conjuntura

Aumento recente da rigidez da conta-corrente impacta câmbio de equilíbrio

Ponto de Vista

Distribuição: mudar tudo para ficar tudo do mesmo jeito, ou até piorar

Entrevista

Elizabeth Farina
Diretora presidente da Unica



CONJUNTURA ECONÔMICA

FGV IBRE Editada desde 1947 • www.conjunturaeconomica.com.br • Maio 2015 • volume 69 • nº 03 • R\$ 14,00

Como ser eficiente?

Retomada do crescimento brasileiro dependerá de correções de rumo para melhorar a produtividade



Edição de 05/2015 - Nº de anglicismos: 28

- p. 8 – swaps (2x)
- p. 9 - *tradables, non tradables, commodities* (5x)
- p. 10 - *commodities*
- p. 20 – *shareholder, stakeholder*
- p. 23 – *proxy*
- p. 41 – *catch up, boom*
- p. 52 – *smart grids*
- p. 53 – *price cap* (2x), *revenue cap* (2x)
- p. 54 – *trade-off* (2x)
- p. 60 – *shadow banking*
- p. 61 – *default, credit crunch*
- p. 62 – *commodities*
- p. 63 - *commodities*
- p. 66 – *on-line*

Carta da Conjuntura
A causa da perda de ritmo da economia vem de longe

Ponto de Vista
As MPS 664 e 665 sob a ótica do contrato social

Entrevista
James Ferrer Jr.
Diretor do Centro para Assuntos da América Latina



CONJUNTURA ECONÔMICA

FGV IBRE Editada desde 1947 • www.conjunturaeconomica.com.br • Junho 2015 • volume 69 • nº 06 • R\$ 14,00

LANÇAMENTO DO LIVRO
Política de Salário Mínimo para 2015-2018: Avaliações de Impacto Econômico e Social



Acesso restrito

Escassez hídrica mobiliza empresas e governos em busca de eficiência no uso da água e na gestão do saneamento básico



Edição de 06/2015 - Nº de anglicismos: 19

- p. 10 - *commodities*
- p. 13 – *commodities, boom*
- p. 17 – *boom de commodities*
- p. 28 – *commodities*
- p. 42 – *on-line*
- p. 48 – *hedge, performance*
- p. 54 – *rent-seeking, rents*
- p. 55 - *ranking*
- p. 56 – *upstream, royalties (2x)*
- p. 57 – *farmout, joint ventures*
- p. 58 – *commodities (2x)*
- p. 66 – *on-line*

Carta da Conjuntura

As três frentes de atuação para
impulsionar o setor viário

Serviços

O fôlego terminou

Entrevista

Luiza Helena Trajano
Presidente do Magazine
Luiza e do IDV



CONJUNTURA ECONÔMICA

FGV IBRE Editada desde 1947 • www.conjunturaeconomica.com.br • Julho 2015 • volume 69 • nº 07 • R\$ 14,00

Uma agenda para o crescimento

Economistas debatem como tornar a economia
mais eficiente e ganhar pontos na corrida
por uma expansão sustentável

Publicação mensal
100% PNECDA

Edição de 07/2015 - Nº de anglicismos: 32

- p. 7 – *sunk costs* (2x)
- p. 11 – *trade off* (2x), *paper*
- p. 14 – *notebook*, *smartphone*
- p. 15 – *bottom line*, *on-line*
- p. 16 – *marketing*
- p. 25 – *commodities*, *second best*, “*cold turkey*”
- p. 31 - *commodities*
- p. 36 – *bonds*, *commodities*
- p. 40 – *standards*, *accountability* (2x)
- p. 41 – *accountability*
- p. 44 - *site*
- p. 54 - *commodities*
- p. 57 - *shadow banking*
- p. 58 – *commodities* (3x)
- p. 59 - *commodities* (2x), *traid not aid*, *workshop*
- p. 62 - *commodities*
- p. 66 – *on-line*

Carta da Conjuntura

O Banco Central deve manter o seu plano de voo

Ponto de Vista

O neodesenvolvimentismo e a omissão da economia política

Entrevista

Amos Genish
Presidente da Vivo



CONJUNTURA ECONÔMICA

FGV IBRE Editada desde 1947 • www.conjunturaeconomica.com.br • Agosto 2015 • volume 69 • nº 08 • R\$ 14,00

LANÇAMENTO DO LIVRO

Mobilidade urbana: desafios e perspectivas para as cidades brasileiras

A caminho do equilíbrio?

Déficit em transações correntes brasileiro desacelera, mas disposição do mundo em nos financiar traz dúvidas para o futuro



COMPRADO ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

Edição de 08/2015 - Nº de anglicismos: 66

- p. 5 – *front*
- p. 15 – *tradables* (7x), *non tradables* ((2x)
- p. 16 – *e-mail*
- p. 17 – *triple play*
- p. 18 – *quadruple play, triple play, mobile data*
- p. 25 – *funding*
- p. 26 – *funding*
- p. 33 – *commodities* (2x)
- p. 34 – *swap, commodities*
- p. 36 – *tradable, non tradable*
- p. 37 – *commodities* (3x), *tradables*
- p. 38 – *commodities* (2x), *commodity*
- p. 39 – *swaps, hedge, rating*
- p. 41 – *merchanting, commodities*
- p. 44 - *commodities* (3x)
- p. 46 - *commodities* (5x)
- p. 47 - *commodities* (3x)
- p. 48 - *commodities* (3x)
- p. 49 – *clusters* (2x), *royalty, ranking*
- p. 56 – *baby-boom, baby-boomers*
- p. 58 – *DES (delivered ex-ship), city-gate, spot* (2x)
- p. 59 - *spot* (2x), *cost plus, commodity*
- p. 62 – *boom, commodities*
- p. 66 – *on-line*